

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA BRASILEIRA

LIGIA RIVELLO BARANDA KIMORI

**OS MESTRES NO PASSADO:  
MÁRIO DE ANDRADE LÊ OS PARNASIANOS  
BRASILEIROS**

São Paulo  
2014

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA BRASILEIRA

**OS MESTRES NO PASSADO:  
MÁRIO DE ANDRADE LÊ OS PARNASIANOS  
BRASILEIROS**

Ligia Rivello Baranda Kimori  
Bolsista FAPESP

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira, do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculos da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Therezinha A. Porto Ancona Lopez

São Paulo  
2014

## **AGRADECIMENTOS**

“E aprendi que se depende sempre  
De tanta, muita, diferente gente  
Toda pessoa sempre é as marcas  
Das lições diárias de outras tantas pessoas

“E é tão bonito quando a gente entende  
Que a gente é tanta gente onde quer que a gente vá  
E é tão bonito quando a gente sente  
Que nunca está sozinho por mais que pense estar”  
(Gonzaguinha)

À minha querida ‘mestre do presente’, Prof.<sup>a</sup> Telê Ancona Lopez, pela cumplicidade, o incentivo à pesquisa e a orientação tão dedicada. Obrigada por me fazer descobrir os parnasianos, os manuscritos e a poesia junto de Mário. Apropriei-me de cada lição...

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), pela bolsa de mestrado, que viabilizou minha dedicação à pesquisa.

Aos colegas da Equipe Mário de Andrade, pela acolhida tão atenta e por estarem sempre dispostos a ajudar; trocar informações: Ângela, Marina, Leandro, Aline, Prof. Marcos Moraes, Prof.<sup>a</sup> Flávia Toni – Obrigada!

À amiga Prof.<sup>a</sup> Ligia Ferreira, responsável por despertar meu interesse pela pesquisa e apontar – sempre! – bons caminhos. Seu estímulo e acolhida me inspiram.

À Prof.<sup>a</sup> Maria Aparecida Bento, pela longa tarde embalada por Mário e a música. Agradeço as sugestões e indicações tão valiosas.

Aos funcionários da Biblioteca e dos Setores de Arquivos, Informática e Digitalização do Instituto de Estudos Brasileiros pela colaboração em cada uma das etapas do trabalho.

Às bibliotecárias Fátima Zampiero Ramos e Célia Regina Longobardo pelo auxílio em minha visita à Biblioteca Municipal Mário de Andrade, em Araraquara. Agradeço pelos materiais fornecidos, as histórias contadas e a disponibilidade no acompanhamento da pesquisa.

Aos meus pais que, desde a época de gibis e *Reinações de Narizinho*, instigam a leitura, o estudo e, sobretudo, a curiosidade. Obrigada pela confiança de todas as horas e o amor inestimável que me impulsiona!

Ao Willian, verdadeiro companheiro nessa ‘fase de mestrado’. Sua paciência e seu amor acalmaram meu trajeto. Ter você ao meu lado torna a vida mais acolhedora e, com certeza, bem mais feliz. Obrigada!

Aos maninhos Lú e Mauro, pelo carinho e disponibilidade em todos os momentos, tentando resolver cada obstáculo junto comigo. Obrigada por estarem ao meu lado, sempre.

À minha querida e divertida família, tão doces no afeto, tão preocupados com meu percurso: Valéria, Nelson, Victor, Gracinda, Ivo, Neusa, Marisa, Luis, Helena, Carlos... sou grata a cada um de vocês!

Aos amigos que acompanharam a longa caminhada da pesquisa e ouviram, pacientemente, tudo o que eu precisava dividir sobre o trabalho: Andressa, Felipe, Ricardo (pelos encontros que me alegram, dão força e divertem demais!... e os socorros de última hora!), Paulo (pela poesia e as angústias partilhadas desde o início do percurso: dúvidas trocadas, anseios divididos!), Isabela, Stella, Zaine (por estarem perto a cada passo dessa pesquisa... pelas dicas, leituras... pela preocupação de vocês!), Marcelo, Michelle (pelo companheirismo de sempre, sempre!), Lúcia, Luiz Antonio, Mary Rose e Pe. Celso (pelas orações!).

Muito obrigada!

“Por muitos anos procurei-me a mim mesmo. Achei. Agora não me digam que ando à procura da originalidade, porque já descobri onde ela estava, pertence-me, é minha.”

Mário de Andrade, “Prefácio Interessantíssimo”

## RESUMO

A dissertação focaliza Mário de Andrade leitor dos parnasianos brasileiros a partir de sua marginália nos autores e obras com os quais ele dialoga, em sua biblioteca particular, na segunda metade do decênio de 1910 e antes de 1921, quando o *Jornal do Comércio* estampa a série de sete artigos, “Mestres do passado”, em que ele se posiciona como modernista. Aos doze títulos vinculados à abordagem dos poetas parnasianos Francisca Júlia, Raimundo Corrêa, Alberto de Oliveira, Olavo Bilac e Vicente de Carvalho, nos artigos referidos, circunscreve-se a exploração das anotações autógrafas que preservam instâncias do processo criativo do crítico e de Mário de Andrade poeta em formação, na primeira parte deste mestrado. A recuperação integral dessa marginália, mediante transcrição e classificação acompanhada de notas da pesquisa esclarecendo determinados aspectos e traçando correlações com obras do escritor, compõe a segunda parte da dissertação, parte que constitui também um rigoroso instrumento de trabalho para os estudos sobre o escritor e sobre o parnasianismo no Brasil.

**Palavras-chave:** Mário de Andrade crítico e poeta; parnasianismo no Brasil; marginália e bibliotecas de escritores.

## ABSTRACT

The dissertation focuses on Mario de Andrade reader of brazilian parnassians from his margin notes in the authors and works with whom he dialogues, in his private library in the second half of the decennary of 1910 and before 1921, when the *Jornal do Comércio* stamp a series of seven articles, "Mestres do passado", in wich he stands as modernist. To the twelve titles linked to the approach of the parnassian poets Francisca Julia, Raimundo Corrêa, Alberto de Oliveira, Olavo Bilac and Vicente de Carvalho, in the articles referred, is limited to exploitation of handwritten notes that preserve instances of the creative process and critical of Mário de Andrade poet in training, in the first part of this master's degree. The full recovery of his margin notes, by transcription and classification accompanied by notes explaining certain aspects of the research and plotting correlations with works of the writer composes the second part of the dissertation, which is also part of a rigorous working tool for studies on the writer and on the parnassianism in Brazil.

**Keywords:** Mário de Andrade critic and poet; parnassianism in Brazil; margin notes and writers libraries.

## **SUMÁRIO**

Preâmbulo .....	p. 8
-----------------	------

### **PARTE I**

Gota a gota: os parnasianos na formação de um poeta.....	p. 10
Mestres na biblioteca .....	p. 28
O crítico e o poeta nas páginas parnasianas.....	p. 55

### **PARTE II**

Os “Mestres do passado” na marginália de Mário de Andrade: transcrição, classificação e notas da pesquisa.....	p. 85
Imagens facsimiladas da marginália de Mário de Andrade nos livros dos parnasianos brasileiros .....	p. 420

### **COMPLEMENTO**

Mestres doados.....	p. 425
Relação de livros doados por Mário de Andrade a Araraquara.....	p. 428

<b>BIBLIOGRAFIA.....</b>	<b>p. 444</b>
--------------------------	---------------

## PREÂMBULO

Considerando a existência de importante marginália nos volumes parnasianos pertencentes a Mário de Andrade, parcela de sua biblioteca particular, hoje no IEB-USP, o projeto para esta dissertação de mestrado teve como objetivo primeiro recuperar e estudar as anotações presentes nos autores e obras que fundamentam a série “Mestres do passado”, composta de sete artigos publicados no *Jornal do Comércio*, em São Paulo, nos dias 2, 12, 15, 16, 20, 23 de agosto e 1º de setembro, 1921. Esse conjunto que perfaz, em verdade, um ensaio, conforme outras séries da lavra do escritor, antes e depois de 1921<sup>1</sup>, posiciona as ideias do novel modernista a respeito da poesia de representantes brasileiros da estética nascida na França em meados do século XIX, e ainda vigente no início do século XX, no Brasil. Esse objetivo foi todavia ampliado, no intuito de compreender aspectos da ligação das referidas leituras com a formação do poeta modernista e com os primórdios de um lúcido crítico da nossa literatura.

As notas que espelham, em seu conjunto, o movimento dialético de valorizar e refutar, ou seja, aderir e censurar, não se restringem, pois, às análises que o leitor e crítico materializa no correr do seu lápis nas páginas de Francisca Júlia, Raimundo Corrêa, Alberto de Oliveira, Olavo Bilac e Vicente de Carvalho, mas exibem, nesse mesmo espaço, marcas do poeta leitor. O propósito de captar, organizar, analisar e divulgar essa marginália, em ambas as vertentes observadas, norteou, portanto, esta dissertação nomeada *Os mestres no passado: Mário de Andrade lê os parnasianos brasileiros*, dividida em duas partes.

A primeira dedica-se à exploração das ligações de Mário de Andrade com o parnasianismo brasileiro em sua biblioteca, ao focalizar a leitura realizada pelo jovem culto provavelmente na segunda metade da década de 1910 e no momento que antecedeu a redação de sua série de artigos, conhecida no *Jornal do Comércio*, em 1921. A dissertação aborda, então, na marginália, questões no diálogo intertextual relativas à criação em *Há uma gota de sangue em cada poema*, livro lançado com o pseudônimo Mário Sobral em 1917; a intervenções de co-autor diretamente sobre os

---

<sup>1</sup> Lembro a série “A arte religiosa no Brasil” na *Revista do Brasil*, em 1920 (São Paulo, n° 49- 50, 52, 54, em janeiro, fevereiro, abril e junho) e muitas outras no *Diário Nacional*, de São Paulo, como a “A linguagem”, dividida em três artigos, ali estampada em 16-17, 28 de abril, 1929.

textos impressos, bem como ao surgimento de um poema de feição parnasiana na folha de falso rosto de sua matriz, *Versos da mocidade*, de Vicente de Carvalho. Ocupa-se, também, da criação do crítico que se define modernista nas cinco crônicas componentes da série “De São Paulo”, na revista carioca *Ilustração Brasileira*, entre novembro de 1920 e março de 1921, assim como nos citados artigos “Mestres do passado”. Do crítico cujos passos e interesses são detectados nas anotações que se configuram manuscritos fragmentários ou notas de trabalho.

A segunda parte apresenta as relações de Mário de Andrade leitor crítico e leitor poeta com os parnasianos, diretamente de suas notas de leitura. Levantados nas estantes, os doze títulos dos poetas Francisca Júlia, Raimundo Corrêa, Alberto de Oliveira, Olavo Bilac e Vicente de Carvalho, que constituem o eixo da pesquisa, foram providenciadas cópias facsimiladas das obras, via escâner para, cumprindo a metodologia estabelecida, proceder à transcrição, à análise e à classificação das anotações de leitura (Nota MA), e alcançar também o sentido de um instrumento de trabalho.

## PARTE I

### Gota a gota: os parnasianos na formação de um poeta

“E desculpe-me por estar tão atrasado dos movimentos artísticos atuais. Sou passadista, confesso. Ninguém pode se libertar duma só vez das teorias-avós que bebeu.”<sup>2</sup>

Mário de Andrade

Ao receber o livro de Mário de Andrade (1893-1945) *Há uma gota de sangue em cada poema*, publicado em 1917 sob o pseudônimo Mário Sobral, Júlia Cortines (1863-1948)<sup>3</sup>, poeta sóbria e cultora da forma perfeita, assim se dirige ao estreante, em 13 de agosto de 1919:

“Agradeço-lhe, penhorada, a dedicatória dos lindos versos que teve a gentileza de me enviar por intermédio de Gilberto. Faço votos para que continue a enriquecer a nossa literatura com as produções do seu belo talento. Julia Cortines.”<sup>4</sup>

Admirada pelos parnasianos e certamente por Mário, embora ausente dos títulos que hoje integram a biblioteca do escritor, onde a leitura do parnasianismo brasileiro se afirma em edições da década de 1910<sup>5</sup>, a professora Julia Cortines publicara duas obras

---

<sup>2</sup> ANDRADE, Mário de. “Prefácio interessantíssimo”. In: *Pauliceia desvairada*. In: *Poesias completas*. Edição preparada por Tatiana Longo Figueiredo e Telê Ancona Lopez. São Paulo: Nova Fronteira, 2013, p. 59.

<sup>3</sup> Contemporânea das escritoras Narcisa Amália, Adelina Vieira, Maria Vilhena, Presciliana Duarte e Júlia de Almeida Lopes, Julia Cortines afasta-se da poesia feminina da época. Colaborou em periódicos, como o jornal *O País* e as revistas *A semana* e *A mensageira*, que marcavam o espaço das mulheres escritoras no final do século XIX. (V. CORTINES, Júlia. *Versos, Vibrações*. Edição preparada por Gilberto Araújo. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2010. Obra na íntegra em: <http://www.academia.org.br/abl/media/CAA-032-Poesias%20Reunidas-Julia%20Cortines-MIOLO-PARA%20INTERNET.pdf> )

<sup>4</sup> CORTINES, Júlia. Bilhete a MA. São Paulo, 13 ago. 1919; autógrafo tinta preta em cartão branco (5,7 x 9,5). Série Correspondência – Arquivo Mário de Andrade: MA-C-CP 2313 – IEB/ USP. No prosseguimento da pesquisa das relações de MA com o parnasianismo, pretendo buscar o espólio de Júlia Cortines, na esperança de descobrir a dedicatória do poeta estreante.

<sup>5</sup> A biblioteca do escritor divide-se em duas parcelas. A primeira é a que possui 17.624 volumes, e conforma, ao lado do arquivo e da coleção de arte erudita e de peças populares, o acervo Mário de Andrade, no patrimônio do IEB-USP desde 1968; acervo tombado pelo IPHAN. Esta biblioteca acolhe as principais obras parnasianas brasileiras. A outra reúne os 441 títulos que hoje restam da doação feita por MA à Biblioteca Pública de Araraquara, em 1943, doação que incluía os parnasianos franceses (V. listagem no “Complemento”, na presente dissertação). Biblioteca circulante, atentou tardiamente para o valor dos livros oferecidos por MA. A marginalia de MA mostra-se em ambas as parcelas.

bem recebidas pelo público e pela crítica. São elas: *Versos*, em 1894, onde predominam decassílabos com certos traços simbolistas, e *Vibrações*, em 1905, de estruturas fixas, sobretudo versos alexandrinos, retomando a estética parnasiana.

E Julia Cortines endereça a Mário de Andrade outro bilhete, dessa vez sem data, ainda em 1919, talvez:

“Acabo de ler o seu livro. Belo livro, na verdade: elevado na ideia, puro no sentimento, artístico na forma. É mais do que uma promessa, é a afirmação dum talento. Muito grata pela dedicatória, aperto-lhe a mão. Julia Cortines.”<sup>6</sup>

Depois, nada mais. É instigante pensar 1919 como a data da interlocução (se é que se pode assim chamar) de Júlia Cortines com o autor do livro que lhe foi oferecido. Trata-se de agradecimento e leitura atrasados, ou da remessa tardia do volume decorrente da continuação das leituras nas plagas parnasianas? A resposta está na biblioteca de Mário de Andrade: o exemplar de *Tarde*, de Olavo Bilac, na edição de 1919 (Rio de Janeiro/ São Paulo/ Belo Horizonte: Livraria Francisco Alves), crivado de anotações, entre as quais está a marca da releitura, em 1925. Ali, à p. 157, o modernista que, em 1922, se esquivara dos seus mestres do passado, conceitua “*Salutaris porta*”: “É um dos mais belos sonetos do mundo./ 20-XI-925”.

Em verdade, a poeta fluminense vai mais longe do que a crítica nos jornais, a qual, no ano da publicação de *Há uma gota de sangue em cada poema*, saúda os nobres sentimentos do autor, assustando-se, contudo, com os traços de renovação, como logo se verá.

Este preâmbulo a uma apresentação mais detalhada do livro de Mário Sobral, publicado em 1917, pretende dizer que as leituras parnasianas do poeta Mário de Andrade coexistem com o esforço de renovação, evidente nessa obra, desde a capa completamente distante do *art nouveau* dos volumes de poesia, na época. Brochura simples, *Há uma gota de sangue em cada poema* estampa uma gota vermelho escuro na capa e na página de abertura de cada um dos seus treze títulos; cumpre o projeto do autor que custeia a impressão nas oficinas de Pocai & Comp. Obra de cunho pacifista, vem à luz durante a Grande Guerra que se estende, na Europa, de 1914 a 1918, e que toca a sensibilidade do moço educado no colégio marista N. Sra. do Carmo. O gosto pela leitura e interesse pelas artes o levava a frequentar como ouvinte, em 1910, o 1º ano

---

<sup>6</sup> CORTINES, Júlia. Bilhete a MA. São Paulo, s.d.; autógrafo tinta preta em cartão branco (5,7 x 9,5). Série Correspondência – Arquivo Mário de Andrade: MA-C-CP 2314 – IEB/ USP.

da Faculdade de Filosofia e Letras de São Paulo, vinculada à Universidade de Louvain, no Mosteiro de São Bento. Ali, aluno de Monseigneur Sentroul, passara pelas páginas da poesia unanimista de Jules Romais e por Verhaeren, aprendendo a repudiar as guerras<sup>7</sup>. É importante lembrar que Mário de Andrade, católico praticante e congregado mariano nesse momento de sua vida, encontra, nessas leituras, ampliação para o sentido da caridade cristã, ao fundi-lo a um certo socialismo utópico à Saint-Simon<sup>8</sup>.

A Guerra, iniciada em junho de 1914 por força do expansionismo germânico, é repelida pelo poeta jovem que expressa, no eu lírico, sua compaixão, sua revolta diante do sofrimento humano, francês/belga ou alemão, sem tomar partido, mas que condena, com veemência, o imperador Guilherme II. O Brasil havia se declarado neutro no conflito, em agosto de 1914. Cabe ao poeta solidário transfigurar, também graficamente, o sacrifício das vidas e a própria dor, ao imprimir a gota de sangue na capa e nas páginas do livro. Mário de Andrade ilustrador do *seu* livro de Mário Sobral confere duas feições a essa gota: o sangue pingado e a forma estilizada de uma pena de caneta<sup>9</sup>. Pode-se então pensar que o leitor de “Le vase brisé”, do francês Sully Prudhomme, transpõe para o campo social e filosófico o sofrimento de amor do indivíduo, trabalhado nessa metáfora da morte no magistral poema parnasiano, onde está o verso “Son eau fraîche a fui goutte à goutte,”<sup>10</sup>.

Todavia, os acontecimentos impellem o Brasil a se unir aos aliados – França, Rússia, Império Britânico, Itália e Estados Unidos – quando, em 5 de abril de 1917, o

---

<sup>7</sup> ANCONA LOPEZ, Telê. “Uma estreia retomada”. In: ANDRADE, Mário de. *Obra imatura*. Ed. coordenada pela mesma e texto estabelecido por Aline Nogueira Marques. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009, p. 63-78.

<sup>8</sup> IDEM, *ibidem*, p. 70.

<sup>9</sup> IDEM, *ibidem*, p. 63.

<sup>10</sup> Transcrevo o poema de *Stances et Poèmes* (1865), livro enviado por Mário à Biblioteca Pública de Araraquara, conforme a lista de sua doação, mas atualmente ausente da coleção. PRUDHOMME, Sully. “Le vase brisé”. In: *Poesies* (1865-1866), v. 1. Paris: Alphonse Lemerre Éditeur, s/d. Eis o texto:

“Le vase où meurt cette verveine  
D'un coup d'éventail fut fêlé;  
Le coup dut l'effleur à peine:  
Aucun bruit ne l'a révélé.

“Mais la légère meurtrissure,  
Mordant le cristal chaque jour,  
D'une marche invisible et sûre,  
En a fait lentement le tour.

“Son eau fraîche a fui goutte à goutte,  
Le suc des fleurs s'est épuisé ;  
Personne encore ne s'en doute,  
N'y touchez pas, il est brisé.

“Souvent aussi la main qu'on aime,  
Effleurant le cœur, le meurtrit;  
Puis le cœur se fend de lui-même,  
La fleur de son amour périt;

“Toujours intact aux yeux du monde,  
Il sent croître et pleurer tout bas  
Sa blessure fine et profonde;  
Il est brisé, n'y touchez pas.”

navio mercante *Paraná* é torpedeado por um submarino alemão. Consequentemente, o poeta obriga-se a esclarecer sua posição, e a lançar seu livro com uma folha apensa onde se lê:

“O autor crê necessária esta pequena explicação. Estes poemas foram compostos todos em abril; e desde logo o autor quis dar-lhes a vitalidade de livro – antes de ter o desvario dos idólatras atingido o nosso Brasil.

“Hoje não há mais o ontem em que fomos espectadores. Hoje também os versos seriam muito outros e mostrariam um coração que sangra e estua.

“O autor nunca foi aliado. Chorava pela França que o educara e pela Bélgica que se impusera à admiração do universo. E permitia a cada um sua opinião... Agora, porém, ele se envergonha pelos brasileiros que, tendo sido germanófilos um dia, mesmo após o insulto, continuam de o ser.

“Nem todas as nuvens de todos os tempos, reunidas em nosso céu, propagariam uma treva igual à que lhes solapa a inteligência e o infeliz amor da pátria”<sup>11</sup>

### Um poeta diferente

*Há uma gota de sangue em cada poema* carrega traços da estética parnasiana, ao mesmo tempo em que busca outras sonoridades e soluções inovadoras, como na primeira estrofe do poema “Inverno”:

“O vento reza um cantochão...  
Meio-dia. Um crepúsculo indeciso  
Gira, desde manhã, na paisagem funesta...  
De noite tempestuou  
Chuva de neve e granizo...  
Agora, calma e paz. Somente o vento  
Continua com seu oou...”<sup>12</sup>

O uso de frases curtas imprime ritmo compassado e dá agilidade aos versos. O poeta “se exercita nas frases soltas, vibrando ao sabor das reticências, musicalmente”, de certo modo antecipando seu verso harmônico em *Pauliceia desvairada*, em 1922<sup>13</sup>; e

<sup>11</sup> ANDRADE, Mário de. “Explicação”. In: *Há uma gota de sangue em cada poema*. In: *Obra imatura*. Ed. cit., p. 29.

<sup>12</sup> IDEM, ibidem, p. 38.

<sup>13</sup> ANCONA LOPEZ, Telê. “Mário de Andrade cronista do modernismo: 1920-21”. In: ANDRADE, Mário de. *De São Paulo: cinco crônicas de Mário de Andrade*. Edição preparada por Telê Ancona Lopez. São Paulo: Editora SENAC, 2004, p. 27.

provoca os aficionados do parnasianismo ao rimar “tempestuou” com a onomatopeia “ouu”. É, naturalmente, reprovado pela crítica conservadora, avessa também a versos livres e sinestesias:

“Infelizmente, não se trata de um gênio, como nô-lo esclareceram logo as primeiras páginas da obrinha. No prefácio, diz o autor que ‘maio se escancara’; em seguida, que a paz é a ‘geratriz do riso’; depois, que ‘o crepúsculo gira’. Há ainda, nessas primeiras folhas, ‘pios que voam mudos e frios’, ‘perfume vermelho’ e um ‘ferido assobiando entre seus lábios brancos’. Enfim, outras muitas impropriedades e exageros, sem se falar em versos frouxos e rimas defeituosas, que afeiam, por toda a parte, as estrofes e que são a melhor prova de que o menestrel as compôs à pressa.”<sup>14</sup>

As impropriedades apontadas pelo crítico sublinham a tentativa de renovar por parte do poeta que, embora mantendo características parnasianas na construção de muitos versos ou no excesso de adjetivos, ousa acrescentar um elemento da paisagem brasileira – a árvore guarantã da nossa mata –, quando, em uma comparação, se afasta do espaço hibernal europeu:

“Perdão. – Também, no mato, se depara  
guarantã que tombou, no último esmaio,  
porque, vencido à chuva, o estraçalhara  
– Pollice verso! – o gládio irial do raio...”<sup>15</sup>

É interessante lembrar que a sentença de morte em latim, imposta aos gladiadores pelo público, no circo romano, “– Pollice verso!” (“– Polegar virado [para o peito]!”<sup>16</sup>), não fica ao alcance de todos os leitores; e que a palavra “verso”, a olhos desavisados, poderia circunscrever-se ao universo da versificação... Suscita perguntas sem resposta: citação plausível em uma época em que se estudava o latim no ginásio ou segunda intenção jocosa do poeta?

O que a crítica extravasa, no momento da publicação, é, de fato, a frustração da expectativa de ler o já conhecido e apreciado, refletindo a opinião de leitores nada afeitos a experiências ou a quebra de padrões. Opinião de leitores como Pio Lourenço Corrêa, parente e amigo dileto que, em 21 de agosto de 1917, escreve a Mário de

---

<sup>14</sup> HÁ UMA GOTA DE SANGUE EM CADA POEMA, POR MÁRIO SOBRAL. Recorte de jornal no arquivo do escritor IEB/ USP, sem indicação do autor e periódico [São Paulo, 1917?].

<sup>15</sup> ANDRADE, Mário de. “Prefácio”. In: *Há uma gota de sangue em cada poema*. In: *Obra imatura*. Ed. cit., p. 33.

<sup>16</sup> RÔNAI, Paulo. *Não perca o seu latim*. 2ª. ed. revista por Aurélio Buarque de Holanda. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980, p. 140.

Andrade de Araraquara, onde vive. Fazendeiro e homem culto, linguista abalizado com quem o escritor mantém pontual discussão, Pio frisa sua dificuldade, depois de elogiar o livro: “O metro... eu não percebo nada de metro; outras técnicas de verso... eu não percebo nada disso”<sup>17</sup>.

*Há uma gota de sangue em cada poema*, obra de transição, é parnasiano, mas se permite tentar outros rumos: prenuncia soluções que se afirmariam modernistas em *Pauliceia desvairada*, 1922, em termos de estilo e fundamentos estéticos. Mário da Silva Brito, historiador pioneiro do modernismo no Brasil, assim conclui sobre esse momento em que a poesia de Mário de Andrade/ Sobral se lança, em 1917: “por enquanto são o simbolismo e o parnasianismo desmanchando-se”, ou cedendo lugar, melhor dizendo<sup>18</sup>. O desejo de renovação atinge um passado – muito mais histórico do que literário – com o qual é preciso romper.

#### Em 1917, dois encontros importantes

No ano de 1917, no qual, em São Paulo, a primeira greve geral dos trabalhadores da indústria e do comércio surpreende o país, ano do seu livro de estreia, Mário de Andrade defronta-se pela primeira vez com Oswald de Andrade que se fizera conhecido na cidade pelo jornal literário e político, trabalhado com humor ácido, *O Pirralho*, por ele fundado em 1911. Em 1917, esse semanário não está mais sob sua direção<sup>19</sup> e Oswald é repórter do *Jornal do Comércio*. O encontro ocorre no Conservatório Dramático e Musical, em 21 de novembro, na segunda série de “conferências patrióticas” em apoio à entrada do Brasil na guerra, organizada pelo Secretário da Justiça e da Segurança Pública do Estado, Eloy Chaves. Ali, o Professor Mário, ao saudar o conferencista, proclama a importância do amor à pátria – engrandecida pelo povo e pelo compromisso das novas gerações:

“Pátria é a saíra que singra o azul de São Paulo; é a onda esbatendo-se contra os rochedos da Guanabara; é a carnaúba flamulando ao vento

---

<sup>17</sup> ANDRADE, Mário de; CORRÊA, Pio Lourenço. *Pio & Mário – Diálogo da vida inteira*. Traços biográficos: Antonio Candido; introdução: Gilda de Mello e Souza; estabelecimento de texto e notas: Denise Guaranha; estabelecimento do texto, das datas e revisão ortográfica: Tatiana Longo Figueiredo. Rio de Janeiro/ São Paulo: Ouro Sobre Azul / Edições SESC-SP, 2009, p. 34.

<sup>18</sup> BRITO, Mário da Silva. *História do modernismo brasileiro. I - Antecedentes da Semana de Arte Moderna*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/INL-MEC, 1971, p. 89.

<sup>19</sup> V. apresentação do periódico na Biblioteca Digital Brasileira: <http://hemerotecadigital.bn.br/artigos/o-pirralho>.

nas restingas adustas do Ceará! Pátria é a Gurara para o Norte, Curupaiti no Sul! São essas grandes matas – movimentos verdes – onde os Pais Leme deixaram as suas ossadas junto às pedras de luz viva! É a conjugação de três raças tristes donde saiu esta nacionalidade inda em botão – forte e dura – vencedora de tantas intempéries diversas!”<sup>20</sup>

Oswald de Andrade reconhece o valor literário do texto e o solicita ao autor. Na manhã seguinte, o diário publica o discurso, na íntegra. Dois nomes fundamentais do modernismo nascente se aproximam, então. Oswald, no afã de arregimentar renovadores, será lembrado em *Pauliceia desvairada*, marco do modernismo literário em 1922, nestes versos de Mário:

“– Abade Liszt da minha filha monja,  
na Cadillac mansa e glauca da ilusão,  
passa o Oswald de Andrade  
mariscando gênios entre a multidão!...”<sup>21</sup>

O segundo e fundamental encontro de Mário de Andrade acontece um mês depois, em dezembro: é com Anita Malfatti e o expressionismo. A exposição de pintura da artista que estudara na Europa e nos Estados Unidos choca a São Paulo provinciana e deslumbra o poeta visitante que, em 1941, na sua análise da renovação, “O movimento modernista”, destacará o acontecimento:

“De primeiro foi um fenômeno estritamente sentimental, uma intuição divinatória, um... estado de poesia. Com efeito: educados na plástica ‘histórica’, sabendo quando muito da existência dos impressionistas principais, ignorando Cézanne, o que nos levou a aderir incondicionalmente à exposição de Anita Malfatti, que em plena guerra vinha nos mostrar quadros expressionistas e cubistas? Parece absurdo, mas aqueles quadros foram a revelação. E ilhados na enchente de escândalo que tomara a cidade, nós, três ou quatro, delirávamos de êxtase diante de quadros que se chamavam *O homem amarelo*, *A estudante russa*, *A mulher de cabelos verdes*. E a esse mesmo *Homem amarelo* de formas tão inéditas então, eu dedicava um soneto de forma parnasianíssima... Éramos assim.”<sup>22</sup>

---

<sup>20</sup> ANDRADE, Mário de. Discurso publicado no *Jornal do Comércio*, São Paulo, em 22 de novembro de 1917. Cito trecho transcrito por GONÇALVES, Marcos Augusto. *1922: a semana que não terminou*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 131. Eduardo Sato, mestrando da área de Música do IEB-USP e bolsista da FAPESP, levantou a matéria completa no *Correio Paulistano* de 22 de novembro de 1917, “PELA DEFESA NACIONAL”. Compõe-se da notícia, do resumo da conferência de Eloy Chaves e do texto integral do discurso de MA.

<sup>21</sup> ANDRADE, Mário de. “A caçada”. In: *Pauliceia desvairada*. In: *Poesias completas*, v. 1. Ed. cit., p. 95.

<sup>22</sup> IDEM. “O movimento modernista”. In: *Aspectos da literatura brasileira*. São Paulo: Martins, s.d., p.232. Em sua entrevista à *Folha da Manhã* de 24 de agosto de 1944, citada por Mário da Silva Brito,

Na exposição de Anita, os jovens ansiosos por mudanças se encontram: Oswald de Andrade, Mário, Guilherme de Almeida e o irmão dele, Tácito. Apoiam a defesa da pintora escrita por Oswald, refutando as acusações de Monteiro Lobato em “Paranóia ou mistificação?”<sup>23</sup>. O grupo logo aumenta com Ribeiro Couto, poeta, e Di Cavalcanti, artista plástico.

#### Mário de Andrade na vida cultural da Pauliceia

Em 1917, na São Paulo que se industrializa e esboça feições de metrópole, o Conservatório Dramático e Musical, o Teatro Municipal e a Sociedade de Cultura Artística distinguem-se na vida cultural da cidade, mas ainda não se mostram como entidades atualizadas; não se interessam especialmente pela renovação nas artes e nas letras, introduzida pelas vanguardas do século XX. Nessa direção, as leituras acima referidas, que a Faculdade de Filosofia e Letras, no Mosteiro de São Bento, propaga, representam um avanço, embora não ligado a tendências literárias mais recentes. É nesse meio que se afirma gradativamente, no decênio de 1910, Mário de Andrade poeta, crítico musical, cronista e contista, colaborador de jornais e revistas paulistanos, desde a sua primeira crítica, “No Conservatório: Sociedade de Concertos Clássicos”, no *Jornal do Comércio*, em 11 de setembro de 1915. Mostra-se em plena atividade intelectual, em termos de produção e leituras, como sua biblioteca e seu arquivo bem o testemunham. Em 1917, forma-se em piano e dicção no Conservatório, onde já leciona; é assíduo nos programas de música da cidade e nas conferências da Sociedade de Cultura Artística que trazem escritores renomados – Olavo Bilac, Amadeu Amaral, Afonso Arinos, Júlia Lopes de Almeida, Coelho Neto. Tem lastro suficiente para compreender a importância da exposição de Anita Malfatti, como se viu.

Em 1919, Mário frequenta o salão da Vila Kyrial, regido pelo mecenas Freitas Vale, que é também o poeta simbolista Jacques d’Avray<sup>24</sup>, e que fora o patrocinador, em

---

MA relembra as obras da “colorista magistral” (V. BRITO, Mário da Silva. *História do modernismo brasileiro*. Ed. cit., p. 63).

<sup>23</sup> V. BRITO. Mário da Silva. Op. cit., p. 52-62 que transcreve: MONTEIRO LOBATO. “Paranóia ou mistificação?”. *O Estado de S. Paulo* em 20 de dezembro de 1917; e ANDRADE, Oswald de. “A exposição de Anita Malfatti”. *Jornal do Comércio*. São Paulo, 11 de janeiro de 1918, seção Notas de arte.

<sup>24</sup> O gaúcho José de Freitas Vale, nascido em 1870, é lente de Francês e Literatura Francesa no Ginásio do Estado da capital paulista. Participara, em 1906, da fundação da Pinacoteca do Estado de São Paulo e, em 1911, da comissão organizadora da Primeira Exposição Brasileira de Belas-Artes. Desde esse ano,

1913, da exposição de Lasar Segall, a primeira no Brasil. Nesse ano de 1919, ao lado de Paulo Prado, com apoio do consulado da França, Freitas Vale organiza a exposição de pinturas impressionistas e esculturas de Bourdelle, Rodin e Laurens, no átrio do Teatro Municipal. Apesar de impregnada de estilo europeizado e da mentalidade de uma geração ligada aos moldes acadêmicos, a Vila Kyrial permite que em seu espaço fermentem outros conceitos estéticos. Em 1919, a presença do poeta pacifista no salão da Vila Kyrial, aberto às várias linhas das artes em São Paulo, revela-se no presente recebido de Martim Damy, genro do anfitrião<sup>25</sup>. É *Le spleen de Paris* de Baudelaire, com a dedicatória: “Ao mais bizarro/ e encantador espírito/ dos moços que eu conheço./ Natal de 1919./ Damy”<sup>26</sup>. Miniatura encadernada em tecido (Paris, Payot & Cie, s.d.) e corte das folhas em ouro, o livro confirma o leitor do poeta *flâneur*, e mais: conversas, discussões em torno de leituras desse quilate. Os passos de Mário de Andrade no salão da Vila Kyrial adentram a década seguinte como frequentador, conferencista e cronista. Em 26 de fevereiro de 1920, ele é o destinatário do mesmo Damy que o chama, em nome do mecenas, para uma reunião de “talentos magníficos, como os de Guilherme de Almeida, Martins Fontes, Felipe de Oliveira... Mário Sobral, em companhia de outros artistas-pintores e músicos.”<sup>27</sup>

É justamente nesse 1920 que lhe chega o convite para desempenhar, como cronista, o papel de correspondente da bela revista mensal carioca, *Ilustração Brasileira*. Na série *De São Paulo*, então, entre novembro de 1920 e maio de 1921, cinco crônicas com sabor de cartas, assinadas “Mário de Andrade”, encarregam-se de analisar a vida cultural da cidade. Serão objeto de menção exclusiva, no presente estudo que, por ora, vale separar este trecho relativo à Vila Kyrial, na quinta crônica:

“E não há salões em São Paulo.  
“Há um. E, como contrapeso a tanta indigência, é magnífico.  
Vila Kyrial!...  
“É o único salão organizado, o único oásis a que a gente se

---

seu nome está na comissão que seleciona candidatos ao Pensionato Artístico do Estado de São Paulo, que confere bolsas de estudos nas áreas de pintura, escultura, música e do canto, para jovens estagiarem na Europa. Em 1912 estivera entre os fundadores da Sociedade de Cultura Artística.

<sup>25</sup> Martim Damy era sobrinho de Antonieta de Sousa Aranha, mulher de Freitas Vale; casou-se com Margarida, filha do mecenas e da governanta Olympia Bon. (V. CAMARGOS, Márcia. *Villa Kyrial: crônica da Belle Époque paulistana*. São Paulo: SENAC, 2001, p. 93-94).

<sup>26</sup> ANCONA LOPEZ, Telê. “Mário de Andrade cronista do modernismo: 1920-21”. In: ANDRADE, Mário de. *De São Paulo: cinco crônicas de Mário de Andrade*. Ed. cit., p.49. A encadernação miniatura de *Le spleen de Paris* (Paris, Payot & Cie, s.d.) acha-se na biblioteca de MA, no IEB-USP.

<sup>27</sup> A carta está no papel timbrado do Secretário do Ginásio da Capital do Estado, cargo ocupado por Martim Damy. (Correspondência passiva; Arquivo Mário de Andrade - IEB-USP)

recolha semanalmente, livrando-se das falcatruas da vida chã. Pode muito bem ser que a ele afluam, junto conosco, pessoas cujos ideais artísticos discordem do nosso – e mesmo na Vila Kyrial há de todas as raças de arte: ultraístas extremados, com os dois pés no futuro e passadistas-múmias –; mas é um salão, é um oásis; o que significa dizer que há sempre nele água límpida para os sedentos e tâmaras alimentares.”<sup>28</sup>

Freitas Vale também promove ciclos de conferências em seu salão, nos meses de maio e junho. São cinco, em 1914, 1921, 1922, 1923 e 1924. A partir do segundo ciclo, a contribuição de Mário de Andrade não falha. Em 1921, o novel modernista fala sobre “Debussy e o impressionismo”; no ano seguinte, expõe questões acerca da Semana de Arte Moderna; em 1923, aborda os amores de Dante e Beethoven e, no último ciclo, discute as ideias do cubismo.

#### “De São Paulo” ou a transição para o modernismo

No ano de 1920, significativo para os rumos do modernismo em termos de propaganda e arregimentação, os jovens que tinham aplaudido Anita Malfatti já formam um grupo que se dispõe a renovar em suas obras e ações. Menotti Del Picchia, famoso pelo seu poema regionalista *Juca Mulato*, vem viver em São Paulo e no jornalismo, assim como Oswald de Andrade, batalha pelas novas ideias. Em maio tem início a revista *Papel e Tinta* e lá estão, de certo modo capitaneados por Menotti, Mário, Oswald de Andrade, Guilherme de Almeida, até então autor aplaudido pela sua poesia penumbrista. O grande trunfo da *Papel e Tinta*, periódico que mescla penumbrismo, *art nouveau* e reprodução de pinturas acadêmicas ao modernismo nascente, é a defesa da obra do escultor moderno Brecheret, recém descoberto em São Paulo. Os moços denominados por Menotti Del Picchia “avanguardistas” pretendem que o *Monumento às bandeiras*, concebido por Brecheret, seja também, na cidade, uma escultura pública de assunto paulista no centenário da Independência a ser comemorado em 1922, e não a obra já escolhida, a do escultor acadêmico Ximenes. Mário de Andrade, em novembro de 1920, logo na sua primeira crônica de correspondente, ao tomar como assunto essa reivindicação, entra firme como modernista na *Ilustração Brasileira*, de distribuição nacional. De modo sarcástico classifica a escultura acadêmica: “O ilustre Sr. Ximenes,

---

<sup>28</sup> Trecho da quinta crônica “De São Paulo”, na *Ilustração Brasileira*, a. 8, nº 9. Rio de Janeiro, maio de 1921. V. ANDRADE, Mário. *De São Paulo: cinco crônicas de Mário de Andrade*. Ed. cit., p. 112.

que de longe veio, infelicitará a colina do Ipiranga com seu colossal centro-de-mesa de porcelana de Sèvres.”<sup>29</sup>

O arrojo, que põe em prática o ideário modernizador em seus começos, não se objetiva, contudo, num estilo inteiramente renovado: o parnasianismo ainda vigora no vocabulário e em determinadas construções do cronista. A série que louva São Paulo metrópole denuncia também as contradições da Pauliceia, num bate-papo bem humorado, em textos longos marcados pela ironia. O olhar do cronista focaliza, sem amarras, a cidade que capta em sua subjetividade, sem descrevê-la em minúcias; traduz em impressões o que percebe.

Crítico, Mário de Andrade comenta a própria escritura em digressões como esta em que ironiza a capacidade de se dirigir a adeptos e adversários: “escrevo no estilo do Padre Delille para que ninguém se ofenda, aliás sem razão”<sup>30</sup>. Expondo bastidores da escritura, dá acesso à construção de seu discurso (encena a criação?): “Devo muito levemente para não cansar, explicar um pouco o que entendo por hábito social”<sup>31</sup>. O recurso confere tom de oralidade às crônicas. A estratégia ganha força quando o cronista se dirige diretamente aos leitores e ratifica a casualidade da conversa: “eu me perdi novamente. Estava a dizer que”<sup>32</sup>, solução que emprega repetidas vezes. Atento ao ritmo, apraz-lhe cultivar aliteraões, traço simbolista que adota para conferir musicalidade à frase, como quando se detém na poesia de Menotti del Picchia, na crônica dedicada ao banquete em homenagem a ele, pela edição ilustrada de *As máscaras*. Nesse banquete no Trianon, em 9 de janeiro, 1921, Oswald de Andrade discursa, lançando oficialmente o modernismo. E Mário de Andrade poeta modernista ataca com sutileza, na crônica, a marca ainda parnasiana do poema em forma de peça teatral, então festejado. Escreve valorizando a sonoridade, com desenvoltura:

“É um Euclides menos retumbante e erudito. Sai-lhe a frase em melodia flexuosa. Coroa-a de finais que se espriam largos, lentos, lânguidos como as maretas nas marés mortas de Janeiro... E um ritmo

---

<sup>29</sup> Trecho da primeira crônica “De São Paulo”, na *Ilustração Brasileira*, a. 8, nº 3. Rio de Janeiro, novembro de 1920. V. IDEM, *ibidem*, p. 74.

<sup>30</sup> Trecho da segunda crônica “De São Paulo”, na *Ilustração Brasileira*, a. 8, nº 4. Rio de Janeiro, dezembro de 1920. V. IDEM, *ibidem*, p. 82. Jacques Delille (1738-1813), poeta e tradutor das *Geórgicas* e da *Eneida* de Virgílio, vinculado aos salões da aristocracia, conseguiu continuar escrevendo, após a Revolução Francesa, sem atacar a nova ordem.

<sup>31</sup> Trecho da quinta crônica “De São Paulo”, na *Ilustração Brasileira*, a. 8, nº 9. Rio de Janeiro, maio de 1921. V. IDEM, *ibidem*, p. 109.

<sup>32</sup> Trecho da terceira crônica “De São Paulo”, na *Ilustração Brasileira*, a. 8, nº 6. Rio de Janeiro, fevereiro de 1921. V. IDEM, *ibidem*, p. 95.

estonteante, sempre vário, sempre original... É na sua prosa que Menotti cantou os seus melhores versos — aqueles que a sua poética não permitiu ainda, enclausurada na prisão das regras alexandrinas.”<sup>33</sup>

O uso da anáfora, estrutura de sons paralelos que, pela repetição intencional de uma palavra, dá ênfase ao assunto, serve-lhe para ritmar a frase:

“Na verdade se em edifícios públicos o Rio poderá levar a palma a São Paulo, e certamente a leva... no número, a edificação particular é incontestavelmente mais perfeita, mais bela e mais adiantada na Paulicéia que em Guanabara.”<sup>34</sup>

“[...]no salão que Freitas Vale preside com a sua doce piedade de Mecenaz e a ânsia curiosa de sincero artista, há vida, há lutas, há discussões, há estímulos e rivalidades.”<sup>35</sup>

A repetição inerente ao texto oral organiza a fala, evidencia ideias, mantém o eixo do discurso, deixando-o mais compreensível. Na escrita, porém, evita-se a repetição no emprego de termos substitutos ou reelaborando frases em busca de maior fluidez. Como figura de linguagem, a anáfora, na escritura, soma cadência. Na palavra reiterada, a sonoridade ecoa, provendo de ritmo e oralidade o texto — saída adotada pelos modernistas na costura de versos com feição de trova, canto popular. Como faz Manuel Bandeira, em “Boi morto”:

“Boi morto, boi morto, boi morto.

“Boi morto, boi descomedido,  
Boi espantosamente, boi  
Morto, sem forma ou sentido  
Ou significado. O que foi  
Ninguém sabe. Agora é boi morto,

“Boi morto, boi morto, boi morto”<sup>36</sup>

Os versos, no papel, ganham o som da língua falada, resgatam traços populares. Os modernistas, além da musicalidade, exploram modos de dizer, cantos, falares do

<sup>33</sup> Trecho da quarta crônica “De São Paulo”, na *Ilustração Brasileira*, a. 8, nº 7. Rio de Janeiro, março de 1921. V. IDEM, *ibidem*, p. 105.

<sup>34</sup> Trecho da terceira crônica “De São Paulo”, na *Ilustração Brasileira*, a. 8, nº 6. Rio de Janeiro, fevereiro de 1921. V. IDEM, *ibidem*, p. 95.

<sup>35</sup> Trecho da quinta crônica “De São Paulo”, na *Ilustração Brasileira*, a. 8, nº 9. Rio de Janeiro, maio de 1921. V. IDEM, *ibidem*, p. 112.

<sup>36</sup> BANDEIRA, Manuel. “Boi morto”. In: *Opus 10*. In: *Antologia poética*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1977, p. 145.

povo. Mário cronista recorre à oralidade também no uso de expressões coloquiais, corriqueiras: “uma frase bonita, bem acabadinha”<sup>37</sup> ou “outras coisinhas ‘mas’”<sup>38</sup>.

Resquícios de leituras parnasianas ressoam na estrutura dessas crônicas, reflexo de um período de transição. Diversas passagens apresentam-se carregadas de termos preciosos: *esto, cruciante, estípite, abrolhou, psalmodiar...* O trabalho de recolher vocabulário raro, o leitor Mário o iniciara quando sublinhava palavras em trechos de obras parnasianas, recorrendo a dicionários para, num estudo atento, registrar sinônimos e significados. As páginas anotadas dos poetas parnasianos, na biblioteca do cronista, apontam edições desde 1910, sem que essa e outras datas de publicação no princípio da década de 1910 assegurem a leitura no mesmo ano. A realidade é que o estudioso leitor não se permite ignorar o sentido das palavras na poesia sobre a qual se debruça. Um exemplo está na sua leitura do poema “Um átomo” de Alberto de Oliveira, no qual, ao encalhar no termo “*raudaes*”, no verso 78, página 35, grifa e vai ao dicionário, suprimindo sua carência na margem:

P. 35: “Um átomo”

Nota MA: termo sublinhado: “Deste sangue em *raudaes* na diluída aurora!”<sup>39</sup> e sinônimo acrescentado: “*torrente de água ou outro líquido, / grande porção*”

Vêm da leitura dos parnasianos não só os vocábulos raros, preciosos, mas também o uso dos advérbios de modo, como os que estão no terceiro soneto de Bilac, em *Via Láctea*. Lá, o leitor observa a musicalidade da frase, marca o compasso. E encontra muitos advérbios:

P. 41: “III-Tantos esparsos vi profusamente”

Notas MA:

- Acréscimo de andamento acima dos v. 1, 5,;
- Intensidade sonora indicada nos v.1 (*pp*), 5 (*mf*), 7 (*pp*);
- Variação de intensidade destacada nos v. 2-3, 4:

---

<sup>37</sup> Trecho da terceira crônica “De São Paulo”, na *Ilustração Brasileira*, a. 8, nº 6. Rio de Janeiro, fevereiro de 1921. V. ANDRADE, Mário. *De São Paulo: cinco crônicas de Mário de Andrade*. Ed. cit., p. 94.

<sup>38</sup> Trecho da quarta crônica “De São Paulo”, na *Ilustração Brasileira*, a. 8, nº 7. Rio de Janeiro, março de 1921. V. IDEM, Ibidem, p. 102.

<sup>39</sup> OLIVEIRA, Alberto de. “Um átomo”. In: *Poesias (Segunda série)*. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1912, p. 35.

Allegreto  
 pp Tantos esparsos vi profusamente  
 Pelo caminho que, a chorar, trilhava!  
 < >  
 Tantos havia, tantos! E eu passava  
 Por todos elles frio e indifferente...  
 rall.. ..

crescendo mf  
 “Emfim! emfim! pude com a mão tremente  
 Achar na treva aquelle que buscava...  
 (pp) Porque fugias, quando eu te chamava,  
 Cego e triste, tacteando, anciosamente?”<sup>40</sup>

O cronista incorpora ao seu texto advérbios como esses, vocábulos de muitas sílabas. Emprega cinco num mesmo parágrafo da quinta crônica: *alegremente*, *intimamente*, *realmente* e *geralmente*<sup>41</sup>, mais de uma vez. Há ainda em *De São Paulo* superlativos repetidos nos adjetivos – “imponentíssimo”, “educadíssima”, “brilhamtíssimos”. O superlativo, numeroso nos versos parnasianos, ganha destaque do leitor, por exemplo, no soneto XXXV do mesmo livro de Bilac: “D’estes versos puríssimos e santos”<sup>42</sup>. Tais recursos conferem tonalidade grandiloquente, altissonante aos textos, solução para elevar o discurso, como faziam esses mestres, no passado.

O uso dos adjetivos chama a atenção, particularmente. Nas crônicas, Mário repisa, com frequência, a fórmula adjetivo-substantivo: “rendilhadas janelas com possantes colunas”<sup>43</sup> ou “a áspera rota do platônico namorado”<sup>44</sup>. Construção cara aos portugueses, adotada pelos parnasianos, a inversão atribui artificialidade à frase, questionada, tempos depois por Mário em *O Turista Aprendiz* quando, no encalço da fala brasileira, registra essa particularidade nossa<sup>45</sup>. E quando, em sua *Gramatiquinha da fala brasileira*, obra inacabada, também reflete sobre a inversão:

<sup>40</sup> BILAC, Olavo. “III-Tantos esparsos vi profusamente”. In: *Via Láctea*. In: *Poesias*. Rio de Janeiro/ São Paulo/ Belo Horizonte: Livraria Francisco Alves, 1909, p. 41.

<sup>41</sup> Trecho da quinta crônica “De São Paulo”, na *Ilustração Brasileira*, a. 8, nº 9. Rio de Janeiro, maio de 1921. V. ANDRADE, Mário. *De São Paulo: cinco crônicas de Mário de Andrade*. Ed. cit., p. 111.

<sup>42</sup> MA sublinha os adjetivos em “XXXV - Pouco me peza que mofeis sorrindo”, de Olavo Bilac (*Via Láctea*. In: *Poesias*. Ed. cit., p.73).

<sup>43</sup> Trecho da terceira crônica “De São Paulo”, na *Ilustração Brasileira*, a. 8, nº 6. Rio de Janeiro, fevereiro de 1921. V. ANDRADE, Mário. *De São Paulo: cinco crônicas de Mário de Andrade*. Ed. cit., p. 92.

<sup>44</sup> Trecho da quinta crônica “De São Paulo”, na *Ilustração Brasileira*, a. 8, nº 9. Rio de Janeiro, maio de 1921. V. IDEM, ibidem, p. 114.

<sup>45</sup> O diário de Mário de Andrade é resultado de viagens realizadas em dois momentos distintos: para a Amazônia, em 1927, de 8 de maio a 15 de agosto, e para o nordeste, entre 27 de novembro de 1928 e 5 de fevereiro de 1929. Em seu caderninho, o Turista não se furtava a qualquer nota. V. ANDRADE, Mário de. *O Turista Aprendiz*. Introdução e notas Telê Ancona Lopez. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1983.

“Em nossa fala (na fala da nossa gente) o qualificativo vem quase sempre depois do substantivo. Isso se dá porque na nossa língua (com exceção dos cultos e semicultos) quando a gente fala as palavras inda possuem valor real e não puramente literário, sonoro, artístico, isto é de enfeite quer rítmico (artistificando o cadenciar da fala) quer sonoro (artistificando a melodia da fala) quer luminoso (artistificando o colorido da fala)”<sup>46</sup>

No entanto, Mário, ainda moço, percebe certo abuso no uso de adjetivos e caçoa dos parnasianos, quando elogia, na margem, o poema “Delenda Carthago!”, em que Bilac escapa dos padrões criticados pelo leitor perspicaz: “É um soneto perfeito, duma perfeição admirável. Não se lhe encontra o rebuscado da rima nem os qualificativos trombetas do parnasianismo”<sup>47</sup>

O cronista, contudo explora, à exaustão, os qualificativos duplos, utilizados de forma quase sistemática, nítida nesta amostra: “bela e apreciada”, “agressiva e misteriosa”, “esquipática e bisonha” (primeira crônica, p.71); “larga e livre”, “irônico e brutal” (segunda crônica, p.83-84); “malfeitos e abertos”, “único e monótono”; “grandioso e italiano”, “frio e exagerado” (terceira crônica, p.91-92); “ultramoderno e donairoso”; “querida e úmida” (quarta crônica, p.102); “leveza e argúcia”; “longínquo e longo” (quinta crônica, p.114-115).

O recurso empregado por Mário nos conduz, uma vez mais, à sua biblioteca, onde ele pesquisa essa mesma estrutura. No *Tratado de versificação*<sup>48</sup>, de 1910, referência sua para o estudo da poética parnasiana, Olavo Bilac e Guimarães Passos analisam construções formais a partir de exemplos. O lápis do leitor atento insere colchetes em versos mencionados no capítulo “Gêneros poéticos”, no qual os dois autores selecionam sonetos para elucidar a variante de rimas admissíveis em formas fixas:

P.175:

Nota MA: colchetes destacando pares de adjetivos no soneto de Luiz Guimarães:

---

<sup>46</sup> A edição genética desta obra inacabada, *A gramatiquinha da fala brasileira*, de Mário de Andrade, foi objeto da dissertação de mestrado de Aline Novais de Almeida, em 2013, no Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira da FFLCH-USP. O mestrado vinculou-se, ao projeto temático FAPESP/IEB/FFLCH-USP, *Estudo do processo de criação de Mário de Andrade nos manuscritos de seu arquivo, em sua correspondência, em sua marginália e em suas leituras*, coordenado pela Profª. Telê Ancona Lopez. O trecho citado está à p. 935.

<sup>47</sup> Comentário crítico de MA ao soneto “Delenda Carthago”, de Olavo Bilac. (*Poesias*. Ed. cit., p.42).

<sup>48</sup> BILAC, Olavo e PASSOS, Guimarães. *Tratado de versificação*. Rio de Janeiro/ São Paulo/ Belo Horizonte: Livraria Francisco Alves, 1910.

“Meu amor! meu amor! [hirta, gelada],  
Dormes o somno que [amedronta e aterra]:  
Oh meu franzino bogary da serra!  
Oh minha rosa [pálida e magoada]!”

P.178:

Nota MA: colchetes destacando pares de adjetivos no soneto de Valentim Magalhães:

“E do alvo collo, [amargurado e exangue]”

Nota MA: colchetes destacando pares de adjetivos no soneto de Medeiros e Albuquerque:

“Dos seus mais [simples e banaes] acenos!”

O leitor marca a grafite o padrão nos versos que lê: colhe adjetivos duplos, apreende a construção. O cronista se apropria de um estilo e o reproduz. Vemos Mário experimentando formas parnasianas. Misturadas a esses ensaios de estilo, entre esboços de períodos longos e a busca de adjetivos, ganham força frases curtas, diretas, com imagens modernas. E a postura sarcástica do cronista, que capta as contradições da cidade e enxerga questões paradoxais na arte, surge em meio a laivos parnasianos.

Mário de Andrade, leitor desses poetas, ao que se supõe, desde os anos de 1910, lê também obras modernas. As referências a que recorre na série *De São Paulo* refletem o arsenal adquirido nas páginas dos livros – leituras carregadas de notas de margem – somado à imersão na vida cultural paulistana com “músicos de todos os sons, pintores de todas as tintas ou poetas de todas as águas” <sup>49</sup>. Coexistem discursos nesse tempo de passagem onde traços formais parnasianos, aprendidos no diálogo com os mestres, em sua biblioteca, cruzam anseios de renovar a arte brasileira.

### Um poeta futurista?!

Em 27 de maio, 1921, após a última crônica da série *De São Paulo*, um artigo publicado por Oswald de Andrade no *Jornal do Comércio*, lança ostensivamente Mário de Andrade e sua poesia. Em “O meu poeta futurista”, Oswald anuncia novo caminho para arte; destaca a necessidade de outras perspectivas diante das mudanças evidentes

---

<sup>49</sup> CAMARGOS, Márcia. Op. cit., p. 83.

na cidade e no mundo. O novo poeta, ponte para o futuro, é apresentado numa descrição minuciosa, sem menção ao nome, mas deixando clara a solução da charada:

“Esse lívido e longo Persifal bem-educado é conhecido pelo seu saber crítico. Publica-se no armário bem fornido da *Revista do Brasil*, escreve no *Jornal de Debates*, faz parte relevante de *Papel e tinta*, leciona com rara honestidade de erudição no nosso Conservatório.”<sup>50</sup>

De *Pauliceia desvairada*, livro que será publicado por Mário em 1922, Oswald seleciona o poema “Tu” e, elogiando os versos que define como futuristas, provoca os leitores afeiçoados ao estilo parnasiano: “Acharam estranho o ritmo, nova a forma, arrojada a frase? Graças a Deus!”<sup>51</sup>.

O artigo causa alvoroço, os versos são recebidos com surpresa, estranhamento. O Professor Mário colhe o mesmo tipo de reação indignada que Anita Malfatti recebera em 1917, pela sua pintura expressionista. O poeta sai do anonimato: paródias e comentários de desaprovação circulam pela cidade; afetam sua vida particular e profissional. Na tentativa de minimizar as consequências, ele publica dez dias depois, no mesmo jornal, um artigo-resposta, réplica em que recusa o rótulo de futurista, referindo-se à própria evolução:

“Conhece-se a paridade que existe entre mim e o meu amigo, ‘o poeta-futurista’; sabe-se, portanto, que as minhas ideias, aqui lançadas, são exatissimamente as mesmas do infeliz autor de *Pauliceia desvairada*. Ele é bem infeliz, asseguro, não porque a vida lhe seja inimiga e inóspito o chão do Brasil, mas porque no trato continuado das teorias estéticas ainda não achou a base, para ele verdadeira, onde se assentasse e porque o apuam dúvidas sobre o critério da arte e a concepção da beleza.

“O pobre anda pelas ruas crucificado numa interrogação!... Muito já tem escrito: já se influenciou em todas as escolas poéticas e debateu-se nas grades de ouro do parnasianismo como se afogou no gás asfixiante do simbolismo; largou o verso, odiou a estrofe; usou a prosa escrevendo histórias de caipiras e novelas fantásticas... Mais tarde voltou ao verso; lia, e estudava, longe do tango da corte, longe do canção dos bailes prostituídos, longe de passeios, longe da alegria... [...] E classificam-no de futurista, e agrilhoam o meu pobre Prometeu, às artes ou artimanhas de Marinetti ou de Boccioni!!! Futurista por quê?”<sup>52</sup>

<sup>50</sup> ANDRADE, Oswald. “O meu poeta futurista”. *Jornal do Comércio*, São Paulo, 27/5/1921. In: BRITO, Mário da Silva. Op. cit., p. 229.

<sup>51</sup> ANDRADE, Oswald. “O meu poeta futurista”. V. IDEM, ibidem, p. 230.

<sup>52</sup> ANDRADE, Mário de. “Futurista?!”. *Jornal do Comércio*, São Paulo, 6/6/1921. In: BRITO, Mário da Silva. Op. cit., p. 234-235.

Fazendo uso da terceira pessoa, Mário refere-se ao poeta apartado de escolas literárias, aquele que garimpa ritmos novos e se apropria de soluções variadas. Lista os motivos que o afastam do futurismo, mencionando um artigo próprio, publicado no *Jornal de Debates*, onde analisa o movimento. Contesta o adjetivo atribuído pelo amigo e pede “que o deixem na paz das ossadas”<sup>53</sup>.

Em 12 de junho, Oswald encerra o debate com a publicação de “Literatura contemporânea”, tréplica à manifestação de Mário. Uma vez mais, reafirma a existência de um futurismo paulista: “não precisarei jurar que, em relação ao acanhamento da estética e ao embrutecimento tradicional do nosso país em coisas d’arte, os versos de *Pauliceia desvairada* são do mais chocante, do mais estuporante e, para mim, do mais abençoado futurismo”<sup>54</sup>. Sinônimo de ousadia na criação e de literatura renovada, o futurismo, segundo Oswald, teria, em Mário, estímulo para avançar e instituir novas bases; construir, de fato, arte contemporânea.

---

<sup>53</sup> ANDRADE, Mário de. “Futurista?!”. V. IDEM, *ibidem*, p. 238.

<sup>54</sup> ANDRADE, Oswald. “Literatura contemporânea”. *Jornal do Comércio*, São Paulo, 12/6/1921. In: BRITO, Mário da Silva. Op. cit., p. 239.

## Mestres na biblioteca

“A necessidade da contradição alheia, da ideia de outrem, do estímulo e do exemplo, do comentário e da conversação... É a utilização do olhar amigo, para que o nosso se ilumine; duma segunda voz, para que a nossa cante; duma inteligência estranha, para que a nossa germine”<sup>55</sup>  
Mário de Andrade

“Tous les poètes sont des pillards [...],  
mais tous les pillards ne sont pas des poètes, hélas !”<sup>56</sup>  
Max Jacob

### Uma revisão crítica

Mário de Andrade, leitor dos parnasianos possivelmente desde 1910, é o crítico severo desses poetas em 1921, quando em 2, 12, 15, 16, 20, 23 de agosto e 1º de setembro publica em São Paulo, no *Jornal do Comércio*, a série “Mestres do passado”, composta de “I-Glorificação”, “II-Francisca Júlia”, “III-Raimundo Correa”, “IV-Alberto de Oliveira”, “V-Olavo Bilac”, “VI-Vicente de Carvalho”, “VII-Prelúdio, Coral e Fuga”.<sup>57</sup> Os sete artigos, onde desponta um ideário modernista, valem como um núcleo para se compreender a acepção de arte e cultura do crítico (e do artista), e como decorrência da análise dos poetas parnasianos, por ele desenvolvida nas margens dos livros dos mesmos, existentes em sua biblioteca; isto é, na coleção hoje conservada no IEB-USP. No primeiro texto, de título irônico, “Glorificação”, o analista evoca leituras de sua juventude, retomadas, assim como as notas de seu punho, confiadas a essas páginas:

“Assim: reli cuidadoso toda essa coleção de livros magníficos – projetores de luz sobre a minha infância de estudos literários. Que lindos, posto que envelhecessem! Conservam-se belos, não porque sejam arte, mas porque são belos. Além disso, muitos do versos parecem conservar a frescura proveniente da sinceridade, do carinho, da ilusão que os ditou.

“Porém é claro: não me pus a reler essas obras parnasianas com a alma vária, pueril e fantástica, correspondente ao meu tempo, mas fui buscar, dentre as minhas muitas almas, aquela que construí para entender a geração parnasiana. Todo homem afeiçoado a leituras diversíssimas, acostumado a viajar, cheio de simpatia e desejo de

<sup>55</sup> Trecho da quinta crônica “De São Paulo”, na *Ilustração Brasileira*, a. 8, nº 9. Rio de Janeiro, maio de 1921. V. ANDRADE, Mário. *De São Paulo: cinco crônicas de Mário de Andrade*. Ed. cit., p. 109.

<sup>56</sup> JACOB, Max. Apud ANDRADE, Mário de. Trecho no segundo artigo da série “Mestres do passado”: “II-Francisca Júlia”, no *Jornal do Comércio*, São Paulo, 12/ 8/ 1921; artigo transcrito por BRITO, Mário da Silva. Op. cit., p. 261.

<sup>57</sup> Reproduzidos na íntegra por Mário da Silva Brito em Op. cit., p. 254-309.

aprender, pelos vários climas literários, crente infantil da sinceridade dos poetas, cria dentro de si um corimbo de almas diferentes, das quais se serve à medida que passa de um a outro autor de tendências dessemelhantes. Só a visão estreita, a escravização ignóbil dos que se ilharam numa escola permite a ignorância infecunda dos que tem uma alma só, paupérrima e impiedosa.”<sup>58</sup>

O escritor que, em 1929, assim se definirá enquanto poeta – “Eu sou trezentos, sou trezentos-e-cinquenta,”<sup>59</sup> –, ao se declarar dono de um “corimbo de almas diferentes”, vinca sua capacidade de reconhecer a beleza nas obras do parnasianismo, ao mesmo tempo em que, moderno, aventura-se, como crítico, em outros “climas literários”. Pode, então, analisar com liberdade os seus mestres do passado.

O ano de 1921, para Mário da Silva Brito “fermento da Semana de Arte Moderna”<sup>60</sup>, projeta-se, na história do nosso modernismo, como a ofensiva desencadeada na imprensa, sobretudo nas crônicas de Menotti Del Picchia, sob o pseudônimo Helios, no *Correio Paulistano*. Já existe um grupo modernista, e a série assinada por Mário no *Jornal do Comércio* realiza uma análise circunstanciada do parnasianismo, no contraste com a nova arte. Detém-se na construção dos poemas parnasianos – métrica, rimas, temas, possibilidades restritas aos moldes exigidos –, sem esquecer o valor desses poetas, no que tange a “padrões ideais que somente podiam ser imitados, quando muito igualados, mas nunca superados, e, menos ainda, objeto de reparos e restrições críticas”<sup>61</sup>. Mário se debruça sobre a estética parnasiana sem reservas, diretamente, assumindo aspectos ausentes em outros estudos, na época. O título “Mestres do passado” carrega o sentido irônico do texto que elimina a sacralização da escola, nega o *magister dixit*, quebrando a autoridade inquestionável atribuída àqueles poetas. O crítico sugere mudanças, escudado na leitura aguçada e, em observações sarcásticas, situa a arte passadista:

“Ó Mestres do Passado, eu vos saúdo! Venho depor a minha coroa de gratidões votivas e de entusiasmo varonil sobre a tumba onde dormis o sono merecido! Sim: sobre a vossa tumba, porque vós todos estais mortos!”<sup>62</sup>

<sup>58</sup> ANDRADE, Mário de. Trecho do primeiro artigo na série “Mestres do passado”: “I-Glorificação”, no *Jornal do Comércio*, São Paulo, 2/ 8/ 1921; artigo transcrito por BRITO, Mário da Silva. Op. cit., p. 256.

<sup>59</sup> IDEM. “Eu sou trezentos...”. In: “Remate de males”. In: *Poesias completas*, v. 1. Ed. cit., p. 295.

<sup>60</sup> BRITO, Mário da Silva. Op. cit., p. 253.

<sup>61</sup> IDEM, ibidem, p. 310.

<sup>62</sup> ANDRADE, Mário de. Trecho do primeiro artigo na série “Mestres do passado”: “I-Glorificação”, no *Jornal do Comércio*, São Paulo, 2/ 8/ 1921; artigo transcrito por BRITO, Mário da Silva. Op. cit., p. 257.

Em 17 de agosto desse 1921, n' *A Gazeta*, Carlos da Maia traduz a repercussão das ideias expostas por Mário de Andrade, no público e na crítica conservadora, ao reproduzir a opinião de um frequentador do Teatro Municipal:

“Quando esse moço escreveu há dias um artigo-prefácio à série de ‘estudos’ críticos no ‘Jornal’, eu julguei que íamos ler – nós, os pobres homens rançosos e velhos já para os últimos novos – a crítica mais larga e ampla que se tem feito do parnasianismo brasileiro, um estudo de análise literária vista através do tal ‘futurismo paulista’, em que sobrariam ideias e acima de tudo, trabalho absolutamente inédito, revelador e moderníssimo...”

“As primeiras palavras do Sr. Andrade deixavam antever isso. Ao menos, se não nos promettesse o corifeu do futurismo ideias e notabilidade intelectual nos tais projetados ‘estudos’, uma coisa, entretanto, era de se esperar: – Novidade!...[...] No entanto, que escreveu o Sr. Andrade?... Somente coisas velhas. Comentou e repisou coisas velhas, tudo uma ruína tão velha e desmoronada, que chegou mesmo a cheirar ao ranço do ‘tucano empalhado’ do Zé Veríssimo de 1901!!!”<sup>63</sup>

Nesse primeiro artigo, contudo, o crítico conversa, interage com os leitores: apresenta seu método de pesquisa, explica seu percurso. Frases altissonantes parodiam, com galhofa, a grandiloquência dos parnasianos. Repete a invocação “Ó, Mestres”, invertendo o sentido solene da súplica aos deuses ou às musas das epopeias e, nessa mesma direção, apodera-se de elementos do universo católico – Hosana, Deus, Glória, “A paz esteja convosco!” – para saudar os poetas (con)sagrados. Multiplica reticências e exclamações. O tom de *blague* e a plethora de referências para falar de arte – em diferentes planos – lembram o “Prefácio interessantíssimo” de *Pauliceia desvairada*, no qual, em 1922, aforismos, fragmentos, conjuntos de ideias num arranjo de certo modo dadaísta, sem unidade aparente, criariam uma poética.

A introdução – “I-Glorificação” – tanto exalta, com ironia, os poetas parnasianos, como lhes prenuncia o fim. Os quatro artigos seguintes apontam, no título, o poeta a ser estudado; nos textos, o crítico esmiúça o perfil de cada parnasiano, ao longo da análise da obra, identificando estilos. O sexto, dedicado a Vicente de Carvalho, serve de pretexto para uma longa meditação sobre “arte”. No último, Mário de Andrade apropria-se da estrutura de composição do belga César Franck, *Prelúdio, coral e fuga*,

---

<sup>63</sup> MAIA, Carlos da. “Nos corredores do Municipal: um dilúvio de cartas – Retificações e esclarecimentos – A cultura artística – porque não restaura as conferências literárias? – Talentos oratórios que se estão perdendo – O “futurismo” do Sr. Mário de Andrade – O conde de Gouvarinho e o conselheiro Accacio”. *A Gazeta*, s/nº, São Paulo, 17 ago. 1921, s/p – Arquivo IEB/ USP – Série: Recortes MA, Álbum R13.

no gesto moderno de entrelaçar as artes, ponto importante no projeto renovador que começa a constituir. Adotando novamente a solução apoiada na música, Mário moldará, em 1922, “As enfiaturas do Ipiranga”, em *Pauliceia desvairada*. Nesse oratório profano, o personagem Minha Loucura, alegoria que figura a consciência desperta, nega as formas desgastadas na literatura e na sociedade, e busca transformar o mundo.

Cada um dos artigos em “Mestres do passado” traz uma epígrafe. As citações, com exceção de um anônimo do século XV, não identificado<sup>64</sup> –, são de autores estrangeiros contemporâneos de Mário. Transcritas no original francês, inglês e italiano provêm de livros editados entre 1917 e 1921, todos na biblioteca desse especial leitor, cujo lápis destacou, no exemplar, unicamente os fragmentos tirados de Apollinaire e de Swinburne. Em um momento de propaganda modernista acentua-se o sentido de padrinho dos textos, convalidado pelas epígrafes; neste caso, padrinhos de relevo no mundo da poesia, especialmente das vanguardas.

Para cancelar suas análises e jogar um contraponto, o crítico lança mão de epígrafes em seus artigos. Corpo estranho ao texto, conforme Antoine Compagnon, as epígrafes, fragmentos que não pertencem ao autor, exprimem a tentativa dele de justificar seu ponto de vista, adiantar o assunto tratado, ao se apropriar do discurso alheio.<sup>65</sup> Assim, para o primeiro artigo, Mário de Andrade escolhe um trecho de *La fin du monde*, do poeta franco-suíço Blaise Cendrars, nesse livro de capa bem moderna, em cores vibrantes e 22 ilustrações de Fernand Léger: “Puis tout se fige. Les glaces s’étendent, les mers en sont envahies et le ciel les charrie”.<sup>66</sup>

Versos de “Sapphics”, de Swinburne, crismam “II-Francisca Júlia” e a opinião do crítico: “[...] and the land was barren,/ Full of fruitless women and music only.”<sup>67</sup>, reforçando a imagem, trabalhada no texto, de versos inférteis onde apenas a música agrada: “Há nos seus sonetos caracteristicamente parnasianos, quadras, tercetos, versos

---

<sup>64</sup> ANDRADE, Mário de. Trecho do quinto artigo na série “Mestres do passado”: “V- Olavo Bilac”, no *Jornal do Comércio*, São Paulo, 20/ 8/ 1921; artigo transcrito por BRITO, Mário da Silva. Op. cit., p. 283.

<sup>65</sup> V. COMPAGNON, Antoine. *O trabalho da citação*. Trad. Cleonice P. B. Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.

<sup>66</sup> CENDRARS, Blaise. “Cinéma accéléré et cinéma ralenti”. In: *La fin du monde*. Paris: Ed. de la Sirène, 1919, p. 32. Livro na biblioteca de MA.

<sup>67</sup> SWINBURNE, Charles. “Sapphics”. In: *Poems and ballads*. London: William Heinemann, 1918, p. 206. Livro na biblioteca de MA, com anotações de leitura a grafite, inclusive no fragmento transposto para a epígrafe que traz a palavra ‘barren’ sublinhada e tradução em francês: Nota MA: “sterile”.

iguais e mesmo preferíveis, pela sonoridade maravilhosa da nossa língua, aos melhores versos do parnasianismo parisiense”<sup>68</sup>.

Mário apoia-se em Guillaume Apollinaire – clara referência vanguardista –, por duas vezes. De *L’enchanteur pourrissant* extrai “Hélas on a oublié le pain. Cette fantaisie magique est cruelle comme la volonté. Ils ont oublié le pain.”<sup>69</sup> para a segunda epígrafe de “Francisca Júlia”; e “Cherchons l’enchanteur. Si nous avions le temps, nous célébrerions, en strophes difficiles, son destin, aux échos de la forêt résonnante.”<sup>70</sup>, para o artigo sobre Bilac<sup>71</sup>, o quinto da série.

A mescla das artes é sugerida na epígrafe “Assai spesso si è cercato in questo ultimi tempi di riconduri la pittura ai suoi stretti elementi e forse mai come ora si è traboccato nelle aberrazioni scipite dell’intellettualismo”, colhida pelo crítico em *Pittura metafísica*, do futurista Carlo Carrá<sup>72</sup>, para preceder sua análise em “III-Raimundo Correia”. Nesse livro, além de traços à margem, sublinhas e escólios, destaca-se esta importante reflexão sobre apropriação, no rodapé da página 39: Nota MA: “*Mas não há época sem estilo imitado ou próprio. Nunca totalmente sem qualquer característica própria*”.

Dois simbolistas de expressão francesa fazem as epígrafes dos artigos “IV-Alberto de Oliveira” e “VII-Prelúdio, coral e fuga”, Jules Laforgue e Jean Moréas. Na “VIII-Légende” de *Poésies*, do primeiro, Mário de Andrade encontra, para seu estudo do príncipe dos poetas brasileiros: “C’est touchant (pauvre fille)./ Et puis après?/ Oh! Regardez, là-bas, cet épilogue sous couler de couchant;/ Et puis, vrai, /Remarquez que dès l’automne,/ l’automne!”<sup>73</sup>. Em *Les stances*, de Jean Moréas, o estudioso do nosso parnasianismo seleciona “Et quoi! peut-être aussi c’était mon naturel:/ Je fus doux, étant

---

<sup>68</sup> ANDRADE, Mário de. Trecho do segundo artigo na série “Mestres do passado”: “II-Francisca Júlia”, no *Jornal do Comércio*, São Paulo, 12/ 8/ 1921; artigo transcrito por BRITO, Mário da Silva. Op. cit., p. 260.

<sup>69</sup> APOLLINAIRE, Guillaume. *L’enchanteur pourrissant*. Paris : Ed. De la nouvelle Revue française, 1921, p. 35. Livro na biblioteca de MA, com anotações de leitura; fragmento transposto para a epígrafe sublinhado a grafite.

<sup>70</sup> IDEM, ibidem, p. 16; fragmento transposto para a epígrafe sublinhado a grafite.

<sup>71</sup> ANDRADE, Mário de. Trecho do quinto artigo na série “Mestres do passado”: “V- Olavo Bilac”, no *Jornal do Comércio*, São Paulo, 20/ 8/ 1921; artigo transcrito por BRITO, Mário da Silva. Op. cit., p. 283. Livro na biblioteca de MA, com anotações de leitura, sem tocar o fragmento na epígrafe.

<sup>72</sup> CARRÀ, Carlo. *Pittura metafísica*. Firenze: Vellocchi Editore, 1919. Livro na biblioteca de MA, com anotações de leitura, sem tocar o fragmento na epígrafe.

<sup>73</sup> LAFORGUE, Jules. “VIII-Légende”. In: “ Derniers vers” ; in : *Poésies*. Paris: Mercure de France, 1919, p. 112. Livro na biblioteca de MA, com anotações de leitura, sem tocar o fragmento na epígrafe.

dur, étant sombre;/ Je voulus faire un dieu de tout ce temporel,/ Et je traîne après moi des fantômes sans nombre.”, para apadrinhar o seu texto de conclusão da série.<sup>74</sup>

A epígrafe em “VI-Vicente de Carvalho” traz Ardengo Soffici, ali considerado “ex-futurista”. O excerto “Per una occulta simpatia, anche il mio corpo, freme, sebbene in riposo”<sup>75</sup> vale para ratificar a preferência do crítico pelo autor de *Poemas e canções*, “mais poeta que todos os metrificadores da sua geração”<sup>76</sup>.

Quanto ao fragmento da poesia do anônimo do século XV – “Et sa jeunesse fut soudart/ D’honorable mondanité,/ Puis a élu la meilleur part/ Servant Dieu en humilité” –, pode-se considerá-lo, ao lado do trecho de Appolinaire, na epígrafe do artigo “V-Olavo Bilac”, como um reforço na ironia que vigora no estudo do mais festejado dos parnasianos.

### O diálogo

A discussão lançada em maio de 1921 por Oswald de Andrade em “Meu poeta futurista”, quando projeta em Mário o caminho para arte renovada, ecoa nestes artigos, publicados quase três meses depois. “Mestres do passado” surge como resposta implícita ao futurismo. Logo no primeiro artigo, “Glorificação”, Mário relembra e retoma o debate iniciado pelo amigo:

“O último escândalo literário, proveniente da publicação dumas poesias de tendência modernista por Oswald de Andrade, trouxe-me o nojo de ver a leviandade com que geralmente as penas correm sobre o papel. Diante dum ataque tão incisivo e ateu às teorias poéticas assinaladas como únicas e exatas, não só pelos nossos críticos, como pelos exemplos da geração chamada parnasiana, era natural que os herdeiros e talvez representantes dessa passada geração se erguesse; e decididos, corajosos, tentassem reconquistar essa outra Helena – a Poesia, – roubada pelos troianos da nova estética. [...] Mas esse escândalo trouxe-me um benefício: despertou-me novamente no

<sup>74</sup> MOREÁS, Jean. “Le premier livre des stances”. In: *Les stances*. Paris : Mercure de France, 1917, p.11. Livro na biblioteca de MA, com anotações de leitura, sem tocar o fragmento na epígrafe.

<sup>75</sup> Soffici está presente em seis títulos na biblioteca de Mário: *Arthur Rimbaud*, 1911; *Arlecchino*, 1918; *Statue e fantocci : scritti letterari*; *Scoperte e massacri: scritti sull'arte* e *Bif "parag zf '18 : simultaneita e chimismi lirici*, edições de 1919 – os cinco volumes sem nota de leitura. E *Primi principi di una estetica futurista*, de 1920, com diversos comentários na margem das páginas.

<sup>76</sup> Trecho do sexto artigo na série “Mestres do Passado”: “VI – Vicente de Carvalho”, no *Jornal do Comércio*, São Paulo, 23/ 8/ 1921; artigo transcrito por BRITO, Mário da Silva. Op. cit., p. 295.

espírito a ideia de escrever umas linhas sobre os poetas parnasianos do Brasil.”<sup>77</sup>

Motivado a fundamentar seus argumentos, em cada artigo o crítico agrega elementos à discussão: comparação de estruturas, exemplos futuristas colhidos em outros escritores, enumeração de reincidências nas soluções poéticas. Em “Raimundo Correia”, terceiro artigo da série, Mário firma no livro sagrado sua justificativa: “Quisera só citar futuristas e fui parar na Bíblia!... Mas a Bíblia também, sem desrespeito, é futurista”<sup>78</sup> e ainda reforça as contradições existentes na apreciação de parnasianos e poetas novos quanto ao que se supõe serem os tais traços futuristas:

“E agora para terminar, uma engraçada descoberta. Raimundo deve ser atacado como futurista. Comparações francamente absurdas! Compara os peitos da sultana a duas tôres de marfim! Havia de ser engraçadíssimo uma senhora de *costume tailleur* com duas tôres de marfim... Mas não é tudo... Demais: a comparação já vem de trás; Salomão celebrizou-a e os críticos aceitam tudo o que vem de trás e está bem catalogadinho. O mal de Oswald de Andrade, quando escreveu “braços infinitos”, foi ter empregado a palavra infinito. Se dissesse “braços de dez metros”, como no caso das árvores do Sr. Vicente de Carvalho, Ah! isso entende-se.”<sup>79</sup>

O artigo seguinte, “Alberto de Oliveira”, conserva a mesma linha. Mário tece uma comparação – implícita e com acerba ironia – entre versos do reconhecido parnasiano que patenteiam um disparate e imagem no seu poema “Tu”, que tanto alvoroço provocara, divulgado por Oswald de Andrade, em “Meu poeta futurista”. É interessante contrapor a esse trecho do artigo, o trecho do poema, onde se localiza a imagem discutida a qual, de fato, é uma alegoria, pois se trata da Pauliceia:

“Nessas mesmas *Canções românticas* há umas troças engraçadas, merecedoras de comentário. Há nelas a inconsistência, a flacidez de alma do rapazola que verseja. E o rapazola canta dos olhos da menina:

...Olhos feitos de lava  
Rolando sôbre veludo.

“Não sei se os críticos do tempo viram nisso exagero. Naturalmente não viram. O Sr. Alberto de Oliveira toma o cuidado de misturar esse futurismo coió a umas frases de preceito, douradinhas,

<sup>77</sup> ANDRADE, Mário de. Trecho do primeiro artigo na série “Mestres do passado”: “I-Glorificação”, no *Jornal do Comércio*, São Paulo, 2/ 8/ 1921; artigo transcrito por BRITO, Mário da Silva. Op. cit., p. 254-255.

<sup>78</sup> Trecho do terceiro artigo “Mestres do passado”: “III-Raimundo Correia”, no *Jornal do Comércio*, São Paulo, 15/ 8/ 1921; artigo transcrito por BRITO, Mário da Silva. Op. cit., p. 270.

<sup>79</sup> IDEM, ibidem, p. 273.

comuns... Os homens engoliram a pílula. Agora que se fale em "braços infinitos", isso não! Que o talhe esbelto da pequena traga a um poeta maluco visões afrodisíacas de torres alucinadas, isso nunca! E, por cúmulo dos cúmulos, que essas torres sejam do mosteiro de São Bento, pelo qual o lírico passava diariamente; que o poeta recorde São Bento, São Paulo, Estados Unidos do Brasil e não torres clássicas de São Marcos ou de Nossa Senhora de Paris, isso é demais!... Não podemos admitir! nós, os cérebros legítimos e batizados do senso comum e da beleza meio-térmica!”<sup>80</sup>

“Mulher mais longa  
que os pasmos alucinados  
das torres de São Bento!  
Mulher feita de asfalto e de lamas de várzea,  
toda insultos nos olhos,  
toda convites nessa boca louca de rubores!”<sup>81</sup>

O confronto dos artigos que compõem “Mestres do passado” com as anotações de leitura deixadas por Mário de Andrade nas margens e páginas em branco dos volumes parnasianos conservados em sua biblioteca descobre, à luz da crítica genética, manuscritos seus sob a forma de notas de trabalho e comentários mais extensos, ou esboços/ para-textos. A marginalia dos escritores, enquanto documento no processo criativo dos mesmos, integra o manuscrito de suas obras, mesmo fora dos dossiês de fólhos vinculados a versões, conforme estuda Telê Ancona Lopez<sup>82</sup>. Desvela, agora acompanhando o pensamento de Cecília Almeida Salles, a obra *in statu nascendi*. Neste caso da gênese de “Mestre do passado”, penso que as notas de leitura se propõem como o manuscrito remanescente dessa série de artigos a qual, em verdade, consiste em um longo ensaio, dividido em partes, dada a finalidade de divulgá-lo de imediato e com maior alcance, na chamada grande imprensa. Isto é, no *Jornal do Comércio*.

Então, o lápis de Mário de Andrade nas páginas parnasianas, pode, por exemplo, esboçar conceitos e rascunhar análises como esta, na folha de guarda do livro *Poesias (1ª série)*, de Alberto de Oliveira:

---

<sup>80</sup> Trecho do quarto artigo “Mestres do Passado”: “IV-Alberto de Oliveira”, no *Jornal do Comércio*, São Paulo, 16/ 8/ 1921; artigo transcrito por BRITO, Mário da Silva. Op. cit., p. 276.

<sup>81</sup> ANDRADE, Mário de. “Tu”. Apud ANDRADE, Oswald. “O meu poeta futurista”. *Jornal do Comércio*, São Paulo, 27/5/1921; artigo transcrito ibidem, p. 230.

<sup>82</sup> ANCONA LOPEZ, Telê. “Os manuscritos na marginália de Mário de Andrade”. In: NITRINI, Sandra (Org.). *Tessituras, interações, convergências*. São Paulo: HUCITEC/ ABRALIC, 2011, p. 409-424.

Nota MA: Comentário:

“Entremos agora nos três verdadeiros poetas que floresceram entre os artífices do verso da geração parnasiana. A inspiração do snr. A de O é constante, mas goteja. É como o produto das infiltrações calcárias produzindo através de espaços seculares a poesia das estalagmites. A de O teve uma grande infelicidade na vida: não teve que dizer. Mas foi poeta. Mas como não tinha que dizer, ~~e era~~ sentia amorzinhos, verdadesinhas e quando não sentia coisa alguma escrevia poemas parnasianos. A prolixidade sem assunto do snr A de O pelo escrever três alentadas séries de poesias para cantar suas paixõesinhas que afinal se contém num Lied de Goethe ou numa careta de Heine. É aliás uma verdade que o poeta, quando trata o amor, é duma monotonia de areão.”<sup>83</sup>

As frases ganham costura, encorpam-se e, melhor arrematadas, ingressam ao quarto artigo da série publicada no *Jornal do Comércio*:

“Palmilho agora vergel mais frutífero. Entro a conversar os três verdadeiros poetas surgidos entre os artífices do verso da geração parnasiana.

“A impressão, a impulsão lírica, o estado poético é assíduo no Sr. Alberto de Oliveira. Porém é muito débil – linfa gentil, bulhante; insuficiente ainda para dar de beber a uma povoação. Teve enchentes porém, quando foi das trovoadas do verão: de 1895 até os primeiros lampejos do século novo.

“O Sr. Alberto de Oliveira foi perseguido por uma grande infelicidade na vida: não teve que dizer. Mas era poeta. E como não tinha que dizer, sentiu os seus amorzinhos, as suas verdadezinhas... Quando não sentia coisa nenhuma, escrevia poemas parnasianos [...].

“No amor, a prolixidade sem assunto do Sr. Alberto de Oliveira fê-lo escrever a gorda parte dos seus três alentados volumes de poesia para cantar umas paixõezinhas muito bem contidas numa lágrima de Goethe e numa careta de Heine. Quando fala de Eros, o poeta é quase sempre duma monotonia de areão.”<sup>84</sup>

O comentário na folha de rosto do exemplar do livro de Alberto de Oliveira, vestígio de um processo de criação, traz rasuras e enumera ideias: é prototexto do artigo. Ali, grafado a lápis, recebe emendas, transforma-se, revela a mobilidade da escrita. Em 1921, Mário acrescenta outros termos e acerta a estrutura a fim de melhorar a fluidez do texto e ajustar suas observações iniciais.

<sup>83</sup> OLIVEIRA, Alberto de. *Poesias (Primeira série: Canções românticas, Meridionaes, Sonetos e poemas, Versos e rimas, Por amor de uma lágrima)*. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1912, p. 1.

<sup>84</sup> ANDRADE, Mário de. Trecho do quarto artigo na série “Mestres do passado”: “IV-Alberto de Oliveira”, no *Jornal do Comércio*, São Paulo, 16/ 8/ 1921; artigo transcrito por BRITO, Mário da Silva. Op. cit., p. 274.

Em *Esphinges*, de Francisca Julia, a nota do leitor ao poema “Inverno”<sup>85</sup>, p.121, nota de trabalho, rascunha o que se materializa como um trecho no segundo artigo de “Mestres do passado”:

P. 121: “Inverno”

Nota MA: Comentário:

*“Dos 5 F J será talvez a menos lírica, de raríssima suspiração. Citar quadra. É verdade que o processo é desonesto. Com uma quadra não se diz duma poesia. Certo porém jurando que o resto é o mesmo lenga-lenga repolhuda e vazia. Quão longe estamos do inverno de Verlaine que irritou a Tolstoi!”*

Mário deixa aqui um lembrete para um futuro estudo: “*Citar quadra*”, do mesmo modo como reserva esta sua descoberta nos *Versos da mocidade*, de Vicente de Carvalho:

Nota MA: comentário na folha de rosto:

*“(1) Lembrar grifo p.11 quando aconselho ao poeta não fazer mais versos. A morte esperada de mansinho não é mais a morte na luta. Esta ‘enrija o coração, da força ao braço’.”*<sup>86</sup>

Pode-se pensar que estas notas tenham sido redigidas antes da elaboração do artigo que a elas recorreu no momento azado; que a intenção de escrever sobre os parnasianos brasileiros fosse mais um projeto do jovem estudioso que, em 1919, ao regressar de sua viagem a Minas Gerais, fizera imprimir, na revista paulistana a *Cigarra* (a. 6, nº 123), em 1º de novembro, “O Triunpho eucharístico de 1733 (Trecho duma conferência a realizar-se na Congregação da I[maculada] C[onceição] de Santa Efigênia)”, paráfrase de um texto setecentista que, em janeiro do ano seguinte, republicado, abriu a série de quatro artigos “A arte religiosa no Brasil” na *Revista do Brasil*, em janeiro, fevereiro, abril e junho de 1920 (nº 49, 50, 52 e 54)<sup>87</sup>. Verdade é que o segundo texto na série “Mestres do passado” traz exatamente o mesmo trecho nas margens de *Esphinges*; vale dizer, absorve a nota de trabalho. Na série no *Jornal do Comércio* há diversas passagens que relacionam o comentário manuscrito e o texto publicado, notas que enformam o ensaio e todas as suas partes; ou seja, os artigos.

<sup>85</sup> SILVA, Francisca Julia da. “Inverno”. In: *Esphinges*. Porto: Bentley & comp., 1903, p. 121.

<sup>86</sup> CARVALHO, Vicente de. *Versos da mocidade*. Porto: Livraria Chardron, 1912, p. III, folha de rosto.

<sup>87</sup> Informações em ANCONA LOPEZ, Telê. “Mário de Andrade cronista do modernismo: 1920-21”. Loc. cit., p. 12-13.

Quando não há similaridade na redação, encontra-se, nos artigos, a menção a versos, o estudo de certas recorrências – a rima, métrica, a chave de ouro –, críticas ao estilo, análise dos títulos. Esses elementos são resgatados dos volumes parnasianos, onde Mário os deixa assinalados ao destacar soluções dos poetas. Além disso, ele ali comenta questões estéticas. Essas ocorrências são especificadas, se mostram na parte II desta dissertação, “Os ‘Mestres do passado’ na marginalia de Mário de Andrade: transcrição, classificação e notas da pesquisa”.

Um bom exemplo da marginalia como primeira etapa da redação de “Mestres do passado” está em “Paraphrase de Baudelaire”<sup>88</sup>, de Bilac, poema em que o Mário leitor grifa e destaca enumeração e os versos alexandrinos, ressaltando a sistematização evidente na estrutura. Além dos destaques, os versos recebem comentário crítico no rodapé:

P.106-108: “Paraphrase de Baudelaire”

Notas MA: Alexandrinos sublinhados nos v. 3-4, 6, 16, 22, 26, 30, 33, 36, 48, separados por barra no sextissílabo e numerados de 1-10:

“Assim! Quero sentir sobre a minha cabeça  
O peso d’essa noite embalsamada e espessa...  
1 Que suave calor./ que volúpia divina  
2 As carnes me penetra / e os nervos me domina!  
Ah! deixa-me aspirar indefinidamente  
3 Este aroma subtil. / este perfume ardente!  
Deixa-me adormecer envolto em teus cabellos!...  
Quero sentil-os, quero aspira-los, sorvel-os,  
E nelles mergulhar loucamente o meu rosto,  
Como quem vem de longe, e, ás horas do sol posto,  
Acha a um canto da estrada uma nascente pura,  
Onde mitiga ancioso a sêde que o tortura...  
Quero tel-os nas mãos, e agital-os, cantando,  
Como a um lenço, pelo ar saudades espalhando..  
Ah! se pudesses ver tudo o que neles vejo!  
4 – Meu desvairado amor!/ meu insano desejo!...  
“Teus cabellos contêm uma visão completa:  
– Largas aguas, movendo a superficie inquieta,  
Cheia de um turbilhão de velas e de mastros,  
Sob o claro docel palpitante dos astros;  
Cava-se o mar, rugindo, ao peso dos navios  
5 De todas as nações / e todos os feitos. 5  
Desenrolando no alto as flammulas ao vento,  
E recortando o azul do limpo firmamento,  
Sob o qual ha uma eterna, uma infinita calma.  
6 “E prevê meu olhar / e presente minh'alma” 6  
Longe, – onde, mais profundo e mais azul, se arqueia

---

<sup>88</sup> BILAC, Olavo. “Paraphrase de Baudelaire”. In: *Poesias*. 4ª. ed. Rio de Janeiro/ São Paulo/ Belo Horizonte: Livraria Francisco Alves, 1909, p. 106-108.

O céu, onde ha mais luz, e onde a atmospha, cheia  
 De aromas, ao repouso e ao divagar convida, –  
 7 Um paiz encantado, / uma região querida, 7  
 Fresca, sorrindo ao sol, entre fructos e flores:  
 – Terra santa da luz, do sonho e dos amores...  
 8 Terra que nunca vi, / terra que não existe, 8  
 Mas da qual, entretanto, eu, desterrado e triste,  
 Sinto no coração, ralado de anciedade,  
 9 Uma saudade eterna, / uma fatal saudade! 9  
 Minha patria ideal! Em vão estendo os braços  
 Para teu lado! Em vão para teu lado os passos  
 Movo! Em vão! Nunca mais em teu seio adorado  
 Poderei repousar meu corpo fatigado...  
 Nunca mais! nunca mais!  
 “ Sobre a minha cabeça,  
 Querida! abre essa noite embalsamada e espessa!  
 Desdobra sobre mim os teus negros cabellos!  
 Quero, sofrego e louco, aspiral-os, mordel-os,  
 E, bebedo de amor, o seu peso sentindo,  
 Nelles dormir envolto e ser feliz dormindo...  
 Ah! se pudesses ver tudo o que nelles vejo!  
 10 Meu desvairado amor! / Meu insano desejo!”

P. 108:

Nota MA: comentário:

*“O alexandrino de Bilac tem por vezes, para quem conhece os segredos da métrica e os seus artifícios de eloquência e beleza, o safado sabor de um prato quotidiano. Não é absolutamente uma regra quase geral como acontece com o impossível Guerra Junqueiro, que Bilac é mesmo muito grande; mas às vezes prejudica a nobre beleza de seus versos. Vede por exemplo os alexandrinos simetricamente divididos em dois sextissílabos nesta poesia. São dez versos exatamente iguais, numa poesia que só tem 48. A monotonia é notória.”*

Estas notas, armazém de ideias, trazem a marca do leitor atento capaz de perceber a métrica e anotar uma nova lição, a de sonoridade. A particularidade registrada transforma-se na redação do crítico, no artigo “Olavo Bilac”, o quinto na série “Mestres do passado”:

“O alexandrino presta-se ainda a uma arquitetura que, duma singular maneira, explica o seu esqueleto. É a subdivisão do verso em duas redondilhas menores absolutamente iguais na estrutura. [...] Olavo abusara já ridiculamente do processo na ‘Paráfrase de Baudelaire’. O mesmo sistema pode ser transplantado para o decassílabo naturalmente com desigualdade de metros nas partes em que se divide o verso”.<sup>89</sup>

<sup>89</sup> ANDRADE, Mário de. Trecho do quinto artigo na série “Mestres do passado”: “V-Olavo Bilac”, no *Jornal do Comércio*, São Paulo, 20/ 8/ 1921; artigo transcrito por BRITO, Mário da Silva. Op. cit., p. 291.

O confronto do esboço, manuscrito na marginália, com o artigo publicado, permite rastrear o estudo e a elaboração do crítico leitor: manifesta-se a pesquisa apurada dos versos, das formas, sons e temas, nos dados a grafite, acumulados nas margens e entrelinhas dos textos parnasianos. Mário articula suas marcas de leitura e comentários pontuais para elaborar seu artigo, crítica literária que reconhece o valor, mas destrona os parnasianos.

O período de transição, ilustrado neste elogio à ruptura que é “Mestres do passado”, mostra o escritor sarcástico, imbuído da tarefa de dimensionar o esgotamento daquele passado e abrir caminho para a nova arte. Nesse sentido, liga-se ao “Prefácio interessantíssimo”, de 1922, onde a proposta, então amadurecida, será metodizar as lições passadistas, sem repeti-las.

Em 1925, Alberto de Oliveira que, em entrevista ao jornal carioca *A Vanguarda*<sup>90</sup>, periódico sem posicionamento marcado quanto à literatura, manifestara um certo apreço pelos modernistas, recua quando procurado pela revista literária *Estética*, ligada aos modernos. Somado a essa recusa, um discurso do Príncipe dos poetas, num almoço que o homenageara, em Petrópolis, desperta no poeta da Pauliceia o interesse de redigir uma Carta-aberta, como conta ao amigo Manuel Bandeira:

*“Eu já tinha sabido do discurso do Alberto em Petrópolis e estava com muita vontade de saber mais alguma coisa sobre isso. Agora sei e acho que vou escrever uma Carta-aberta que eu quero que seja engraçada, sensata, irreverente, amiga, camarada, sem nenhum servilismo e bastante justiça.”*<sup>91</sup>

Na “Carta-aberta a Alberto de Oliveira”<sup>92</sup>, publicada na revista *Estética*, talvez no espaço antes destinado à entrevista do mestre parnasiano, o crítico analisa-lhe o comportamento e firma seu desacordo com a postura do poeta consagrado frente às conquistas modernistas.

---

<sup>90</sup> A entrevista de Alberto de Oliveira para o jornal *A Vanguarda* não foi localizada. V. ANCONA LOPEZ, Telê. “Carta-aberta a Alberto de Oliveira – resposta a Mário de Andrade”. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, nº 23. São Paulo: IEB-USP, 1981, p. 93.

<sup>91</sup> Carta de MA a Manuel Bandeira. São Paulo, 18 abr 1925. (V. MORAES, Marcos (org. e notas). *Correspondência de Mário de Andrade & Manuel Bandeira*. São Paulo: EDUSP/ IEB, 2001, 2ª ed., p. 200-201).

<sup>92</sup> Em 20 de abril de 1925, a revista carioca *Estética* (a.1, nº 3) publicou a carta-aberta que Mário de Andrade endereçara a Alberto de Oliveira. V. ANCONA LOPEZ, Telê. “Carta-aberta a Alberto de Oliveira – resposta a Mário de Andrade”. Loc. cit., p. 93-95.

Menos severa que a série de artigos “Mestres do passado”, de 1921, a Carta-aberta focaliza questões importantes: a criação poética, escolas literárias e arte nacional. Mário dirige-se ao parnasiano de maneira informal, com expressões corriqueiras, como se conversasse com um velho amigo. Pontua os erros e acertos daquela geração de modo consistente e reconhece o valor do passado numa perspectiva moderna, resgatada do livro de 1922: “Exemplo, experiência de outros é lição que a gente pode aproveitar. Porém não pra ficar nela. Observa, adapta, cria novidades, não repete.”<sup>93</sup>.

A resposta de Alberto de Oliveira, conservada pelo seu destinatário, vem na carta particular, em de 30 de outubro de 1925. Elegante, no papel, na letra e no texto, encerra o debate<sup>94</sup>.

#### Entre versejadores e artistas

No início da década de 1920, vê-se o desgaste da escola parnasiana frente a um período de mudanças despertadas pela guerra, responsável por rápidas alterações no cenário mundial. A adaptação às novas circunstâncias incita uma geração que anseia por transformações sociais e culturais.

Atento aos movimentos da arte e da cultura de seu tempo, Mário de Andrade depara-se com as vanguardas europeias na leitura de periódicos e de obras. Periódicos como *L'Esprit Nouveau* (1920-1925)<sup>95</sup> e *La Nouvelle Revue Française* (1922, 1939)<sup>96</sup> indicam-lhe, na crítica e nas resenhas atualizadas, obras teóricas, assim como a ficção e a poesia. Inovações esboçadas em seus primeiros poemas ganham novo alento no diálogo com as vanguardas, a ser acompanhado e/ou decodificado em sua biblioteca, nas matrizes e na marginália.

Dos parnasianos, a biblioteca de Mário de Andrade preserva, de modo explícito, por meio das notas do leitor, diálogos do poeta paulistano. A série “Mestres do passado” mostra a retomada que o crítico faz dessas leituras da juventude. No primeiro da série de artigos publicada em 1921, ele delimita seu objeto de análise: “não pretendo estudar todos os parnasianos; muito menos aqueles, vivos ainda e moços que, duma maneira ou

---

<sup>93</sup> ANCONA LOPEZ, Telê. “Carta-aberta a Alberto de Oliveira – resposta a Mário de Andrade”. Loc. cit, p. 96.

<sup>94</sup> IDEM, p. 93.

<sup>95</sup> Vide: ESCOREL, Lilian. *L'Esprit Nouveau nas estantes de Mário de Andrade*. São Paulo: Humanitas/FAPESP, 2012.

<sup>96</sup> MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempos de república, São Paulo (1890-1922)*. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 2008, p. 107, 109.

de outra, são os pobres herdeiros perdulários dos Mestres do passado. Serão cinco: Raimundo, Francisca Júlia, Olavo, Alberto, Vicente de Carvalho”<sup>97</sup>. A sequência dos nomes suscita a pergunta sobre o critério que a teria norteador.

A hipótese pela qual a ordenação implica uma gradação, um juízo de valor, escuda-se no trecho inicial de cada qual dos artigos, pois o crítico parte dos parnasianos que julga simples metrificadores e chega aos que somam qualidade de artista. Eis os fragmentos:

“II-Francisca Júlia”:

“De todos os cinco grandes nomes que escolhi, pertencentes à geração parnasiana, Francisca Julia foi a de menos inspiração”<sup>98</sup>

“III-Raimundo Corrêa”:

“Raimundo teve certamente um pouco mais de inspiração que Francisca Júlia, mas nem por isso prefiro-o à escritora paulista. Foi mais poeta. Mas sob o ponto de vista estritamente parnasiano, não tem poemas que se comparem como perfeição de forma impoluta ao “Dança de centauras” e ainda outros”<sup>99</sup>

“IV-Alberto de Oliveira”:

“Palmilho agora vergel mais frutífero. Entro a conversar os três verdadeiros poetas surgidos entre os artífices do verso da geração parnasiana. A impressão, a impulsão lírica, o estado poético é assíduo no Sr. Alberto de Oliveira. Porém é muito débil - linfagenital, bulhante; insuficiente ainda para dar de beber a uma povoação. Teve enchentes porém, quando foi das trovoadas do verão”<sup>100</sup>

“V-Olavo Bilac”:

“Considero Bilac um dos bons poetas brasileiros. Não há novidade nenhuma nisso? Há. É que não o considero dos maiores. Bilac entusiasmou-me; atrai-me ainda... Não me prende, porque raro me comove. Mas não sei bem porque não me comove.”<sup>101</sup>

“VI-Vicente de Carvalho”:

“Já disse, na Glorificação, que o Sr. Vicente de Carvalho tinha um parentesco assaz tênue com o parnasianismo. É verdade. O autor dos *Poemas e canções* não é legítimo parnasiano. Apenas soube aproveitar da escola poética de Bilac os grandes benefícios que trouxe, no Brasil,

---

<sup>97</sup> ANDRADE, Mário de. Trecho do primeiro artigo na série “Mestres do passado”: “I-Glorificação”, no *Jornal do Comércio*, São Paulo, 2/ 8/ 1921; artigo transcrito por BRITO, Mário da Silva. Op. cit., p. 255.

<sup>98</sup> IDEM. Trecho do segundo artigo na série “Mestres do passado”: “II-Francisca Julia”, no *Jornal do Comércio*, São Paulo, 12/ 8/ 1921; artigo transcrito ibidem, p. 259.

<sup>99</sup> IDEM. Trecho do terceiro artigo na série “Mestres do passado”: “III-Raimundo Correia”, no *Jornal do Comércio*, São Paulo, 15/ 8/ 1921; artigo transcrito ibidem, p. 266.

<sup>100</sup> IDEM. Trecho do quarto artigo na série “Mestres do passado”: “IV-Alberto de Oliveira”, no *Jornal do Comércio*, São Paulo, 16/ 8/ 1921; artigo transcrito ibidem, p. 274.

<sup>101</sup> IDEM. Trecho do quinto artigo na série “Mestres do passado”: “V-Olavo Bilac”, no *Jornal do Comércio*, São Paulo, 20/ 8/ 1921; artigo transcrito ibidem, p. 283.

para a construção do verso. Metrificação mais perfeita, adjetivação mais viva, maior variedade nas rimas...”<sup>102</sup>

Quando se debruça sobre as notas deixadas por Mário em seus volumes parnasianos, seguindo a ordem que ele estabelece em “Mestres do passado”, verifica-se que a quantidade de notas se acentua e os comentários tornam-se mais longos de acordo com o valor atribuído ao poeta e a importância daquela obra como lição, não apenas de versificação, mas de poesia. No exemplar de *Versos da mocidade*, de Vicente de Carvalho, aquele que reúne, para o crítico, as melhores qualidades, as páginas assim canceladas pelas notas autógrafas mostram-se enriquecidas com o esboço de um poema nascido ali, no envolvimento profundo do poeta leitor. Poema que será apresentado no capítulo III desta dissertação.

O recorte do crítico em “Mestres do passado” que serviu como diretriz para selecionar o *corpus* desta pesquisa foi o eixo para estabelecer a ordem na transcrição e classificação dos livros parnasianos pertencentes a Mário de Andrade<sup>103</sup>. Reuni, deste modo, cinco autores e doze obras parnasianas brasileiras, presentes em sua biblioteca, aqui arroladas pela ordem dos poetas, nos artigos:

Francisca Júlia [da Silva]: *Esphinges* (Porto: Bentley & Comp., 1903);

Raimundo Corrêa: *Poesias*, 3ª. ed. (Lisboa: Livraria Antonio Maria Pereira, 1910);

Alberto de Oliveira: *Poesias* (Primeira série: Canções românticas, Meridionaes, Sonetos e poemas, Versos e rimas, Por amor de uma lágrima). (Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1912); *Poesias* (Segunda série: Livro de Emma, Alma livre, Terra natal, Alma em flor, Flores da serra, Versos de saudade). (Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1912); *Poesias* (Terceira série: Sol de verão, Céu nocturno, Alma das cousas, Sala de baile, Rimadas varias, No seio do cosmos, Natalia). (Rio de Janeiro/ São Paulo/ Belo Horizonte: Livraria Francisco Alves e Cia, 1913) e a antologia *Páginas de ouro da poesia brasileira*. (Rio de Janeiro/ Paris: H. Garnier, 1911);

Olavo Bilac: *Poesias*, 4ª. ed. (Rio de Janeiro/ São Paulo/ Belo Horizonte: Livraria Francisco Alves, 1909) e *Tarde* (Rio de Janeiro/ São Paulo/ Belo Horizonte: Livraria Francisco Alves, 1919) e em coautoria de Guimarães Passos, sob os pseudônimos PUFF & PUCK. *Pimentões (Rimas d'O filhote)*. (São Paulo: Livraria Magalhães, 1897) e

<sup>102</sup> IDEM. Trecho do sexto artigo na série “Mestres do passado”: “VI-Vicente de Carvalho”, no *Jornal do Comércio*, São Paulo, 23/ 8/ 1921; artigo transcrito ibidem, p. 295.

<sup>103</sup> Vide parte II dessa dissertação: “Os ‘Mestres do passado’ na marginália de Mário de Andrade: transcrição, classificação e notas de pesquisa”.

*Tratado de versificação* (Rio de Janeiro/ São Paulo/ Belo Horizonte: Livraria Francisco Alves, 1910);

Vicente de Carvalho: *Versos da mocidade* (Porto: Livraria Chardron, 1912) e *Poemas e canções*, 3ª. ed. aumentada. (São Paulo: O Pensamento, 1917).

A biblioteca inclui, naturalmente, outros títulos parnasianos de: Luiz Delfino (5), Lucio de Mendonça (1), Amaro Austen (3), Alberto Ramos (5), Martins Fontes (3), Hermes Fontes (1), Raul de Leoni (1), Amadeu Amaral (2) e Machado de Assis (2), autores e leitura que devem ser estudados no prosseguimento da pesquisa das relações de Mário de Andrade com o parnasianismo.

Neste recorte – cinco poetas – há um número expressivo de notas de leitura, quase sempre a grafite. Ligam-se à análise da estrutura dos poemas; de soluções estilísticas; da versificação; da sonoridade na construção da frase, como quando sugerem inversões; ao estudo do vocabulário. As notas de leitura mostram-se como destaque ao adotar traços à margem de estrofes ou poemas inteiros, traços simples, duplos e, algumas vezes, triplos; ou sublinhas. Os comentários, que aparecem no rodapé, nas laterais dos poemas ou na margem superior das páginas, breves ou longos, alinham-se em dois grupos: os gerais, com opiniões pessoais, interjeições, apreciações jocosas; e os críticos, quando estendem a análise circunstanciada que recorre por vezes a textos e trechos lidos, a afirmações de críticos, para fundamentar um argumento, respaldar uma conclusão.

As marcas do leitor ressaltam aspectos de cada um dos poetas. Na obra *Esphinges*, de Francisca Julia, as notas não prendem um interesse específico do leitor, que circula por vários campos. Em Raimundo Correia, porém, impressiona o estudo do vocabulário: *Poesias* conserva mais de cem palavras sublinhadas, grande parte com sinônimos apontados. Já em Alberto de Oliveira, chama a atenção o grande número de títulos de poemas grifados: são mais de cinquenta em *Poesias (1ª série)*. A sublinha pode indicar interesse especial pelo poema, acompanhado ou não de um juízo de valor. Um bom exemplo se acha à página 83, de *Poesias (2ª série)*, quando o leitor grifa “Versos alheios” e conceitua ao lado: “*Extraordinário!*”. Já em Bilac, as notas do leitor são basicamente traços à margem de poemas, pesquisando, sobretudo, a sonoridade. No poeta de *Via Láctea*, além de pesquisar a musicalidade – escansão, métrica, rima, aliterações e assonâncias – o professor de música Mário de Andrade marca o compasso e o andamento dos versos, como se a página do livro se transformasse em partitura. É em Bilac também que está o maior número de comentários, quase quarenta, longos,

escritos a lápis. O estudo da construção dos poemas aparece principalmente na leitura da poesia de Vicente de Carvalho, onde numerosos traços à margem destacam a concepção, a estrutura dos versos, comumente seguidos de comentários. Em *Versos da mocidade*, o leitor, envolvido com o texto, esboça versos, elabora rimas alternativas e escreve um poema parnasiano na folha de falso rosto.

A biblioteca desse leitor conserva o caráter múltiplo que proveio de seus interesses distintos. Através das notas, acompanhamos o escritor que apura sua escrita e, crítico, formula, retoma e reformula cogitações estéticas. Em entrevista ao jornalista e pesquisador Homero Senna, o poeta narra um primeiro impulso de escrever:

"O estalo veio num desastre da Central durante um piquenique de subúrbio. Me deu de repente vontade de fazer um poema herói-cômico sobre o sucedido, e fiz. Gostei, gostaram. Então continuei. Mas isso foi o estralo apenas. Apenas já fizera algumas estrofes soltas, assim de dois em três anos; e aos dez, mais ou menos, uma poesia cantada, de espírito digamos super realista, que desgostou muito minha mãe. "— Que bobagem é essa, meu filho?" — ela vinha. Mas eu não conseguia me conter. Cantava muito aquilo. Até hoje sei essa poesia de cor, e a música também. Mas na verdade ninguém se faz escritor. Tenho a certeza de que fui escritor desde que concebido. Ou antes... Meu avô materno foi escritor de ficção. Meu pai também. Tenho uma desconfiança vaga de que refinei a raça..."<sup>104</sup>

A formação de Mário-poeta afasta-se muito deste estalo inspirado. Sua biblioteca particular possui obras de temas variados e conserva, nas margens de diversos volumes, anotações de leitura que enriquecem as páginas e denotam um leitor aplicado.

### Um colecionador de ideias

As bibliotecas de escritores, vasta fonte para pesquisas no âmbito da crítica genética e da literatura comparada, são espaços do diálogo destes especiais leitores com autores ali presentes e conservam caminhos da criação possíveis de serem recuperados. A biblioteca de Mário de Andrade permite acompanhar a leitura de um poeta iniciante, com traços que o afirmariam modernista. Nos volumes, estão concreta e virtualmente textos do escritor-leitor. As anotações de leitura fazem do texto impresso um campo de estudos, são manuscritos de várias dimensões e decodificam matrizes. Uma biblioteca,

---

<sup>104</sup> SENNA, Homero (org.). *República das Letras*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996, p. 72.

porém, não se fecha em si própria, nem é limite para a leitura, pois a esta se acresce livros emprestados, perdidos, doados, encontrados em outras bibliotecas.

Com o texto em mãos, o leitor se depara com questões, busca respostas. A atitude passiva muda no instante em que os olhos param. Algo chama a atenção: refaz, rasura, reelabora, ratifica. E só assim segue. Aquelas linhas dizem – despertam a lembrança de leituras, permitem associações, criam contradições, alimentam – algo é transformado. Até que ponto a escritura está contida no ato de ler?

As marcas deixadas nas margens pelos leitores-escritores nos dão indícios de seu trajeto e apontam para a forma de tratar determinadas questões: “os livros, jornais e recortes anotados e preservados mostram aquilo que interessa àquele artista e o modo como a informação é apreendida”<sup>105</sup>. Esses vestígios dão acesso à formação do aprendiz a ser esmiuçada através da biblioteca, memória da escritura, que deixa entrever escolhas.

O diálogo instaurado nas páginas de leitura surge de diversas formas, seja como pequenos destaques ou longos comentários que, esparsos, somam registros provocados por percepções do leitor quando capta coincidências, surpresas, contradições. Cada apontamento deixa marcada a singularidade da apreensão e estabelece uma “coexistência de discursos.”<sup>106</sup> O manuscrito presentifica a criação e o trabalho no espaço do texto impresso: os autógrafos duplicam a natureza do livro, anulando a imagem de texto pronto pela inserção de um discurso paralelo. Conduzido pelas linhas que acompanha, o leitor traça outros caminhos e reorganiza o que lê: mastiga, ruma, encontra-se consigo mesmo no livro do outro, descobre-se nas ideias e formas alheias – questões estéticas, soluções poéticas, estilo, estruturas –, recolhe elementos, seleciona trechos, assimila e se apropria na medida em que digere aquilo que estuda.

Seguimos o percurso de um leitor, levado pelo texto a divagar e deixar incursões a grafite ou à tinta nos momentos mais instigantes. As notas “conseguem flagrar e arquivar registros da percepção: são as reservas passionais do artista. Registros que refletem o modo pelo qual aquele artista percebe o mundo”<sup>107</sup> e subentendem um trabalho em processo.

---

<sup>105</sup> SALLES, Cecília Almeida. *Gesto inacabado: processo de criação artística*. São Paulo: Annablume, 2004, p. 126.

<sup>106</sup> ANCONA LOPEZ, Telê. “A biblioteca de Mário de Andrade: seara e celeiro da criação”. In: ZULAR, Roberto (Org.). *Criação em processo: Ensaio de crítica genética*. São Paulo: FAPESP/ Iluminuras/ CAPES, 2002, p. 49.

<sup>107</sup> SALLES, Cecília Almeida. *Gesto inacabado: processo de criação artística*. Ed. cit., p. 91.

Diante dos movimentos dialógicos da leitura anotada – substituir, acrescentar, comentar, esboçar, colher palavras, destacar sonoridade – observamos uma dinâmica e, na tentativa de repisar os passos do escritor-leitor, traçamos hipóteses. Observar a relação de cada nota com o todo permite sondar repetições significativas que assinalam unidade no fragmentário, pois os elementos aparentemente dispersos interligam-se. Quando os colocamos sob o prisma do trabalho criativo por meio da classificação, explicação, observação da periodicidade e estabelecemos relações sobre o porquê de determinadas marcas, somos conduzidos à tênue linha da criação, buscando compreender o que os rastros revelam.

O destaque, elemento de contato com o texto, põe em evidência estruturas e traça atalho para determinados trechos e as discussões à margem da página salientam o ponto de vista de um colecionador de ideias. As informações se hierarquizam aos olhos críticos que valorizam ou negam os escritos, justapondo, recortando e dando contornos à linearidade apresentada. Aos poucos, camadas de leituras, misturadas, apreendidas, provocam o ajuste das próprias linhas.

A marginalia de um escritor, conjunto de suas notas de leitura, apresenta a invasão do espaço do livro de outro autor e pode indicar perspectiva diversa acerca de um mesmo tema: toda marca é uma forma de responder, transcrever, discutir, estudar o material lido, refletindo a preocupação em apontar interesses:

“Nas influências reconhecidas, nas leituras declaradas, na presença de determinadas obras na biblioteca de um escritor, nas notas autógrafas à margem de suas leituras ou em folhas anexadas a volumes, em todas as formas e feições do recriar, insinuam-se matrizes, instaurando o diálogo que traz a interdisciplinaridade da criação”<sup>108</sup>.

A grande biblioteca formada por Mário de Andrade coloca-nos diante de diálogos seus com outros escritores e nos conduz às áreas transitadas por sua criação, enquanto polígrafo. Desde 1968 no patrimônio do Instituto de Estudos Brasileiros, na Universidade de São Paulo (IEB-USP), a biblioteca de Mário de Andrade conta 17.624 volumes, de acordo com o processamento ali concluído que sinaliza muitas áreas do conhecimento, como literatura, música, folclore, antropologia, artes plásticas e etnografia.

---

<sup>108</sup> ANCONA LOPEZ, Telê. “A biblioteca de Mário de Andrade: seara e celeiro da criação”. In: ZULAR, Roberto (Org.). *Criação em processo: Ensaio de crítica genética*. Ed. cit., p. 48.

O jornalista Francisco de Assis Barbosa, ao entrevistar o autor de *Macunaíma* para a revista carioca *Diretrizes*, em janeiro de 1944 (a 4, nº 184), situa a biblioteca na casa que visita:

“É uma casa simples, sem luxo. Mas está cheia de quadros, de livros, de músicas. Lhote, Picasso, Portinari, Segall. Sem falar na coleção de desenhos e gravuras, que sobem a oitocentos mais ou menos. E os livros? Há de tudo. A parte principal é sobre arte e literatura. As músicas estão embaixo, numa sala pequena, que tem o retrato de Beethoven”

As notas de margem, índice da leitura participativa de Mário pesquisador, valorizam as páginas dessas obras. Grande parte dos títulos possui anotações, “99% a lápis preto, as notas extensas ou breves, os esboços sucintos nas margens laterais, superiores e inferiores, demorados em espaços e páginas em branco de livros e revistas, os sinais mais simples como grifos, traços, cruzetas, pequenos círculos traduzem o gesto do instante”<sup>109</sup>.

Sua biblioteca, na casa da Rua Lopes Chave, possuía uma organização metódica que favorecia a tarefa de localizar obras ou estabelecer o lugar de um novo exemplar. Cada um dos livros recebeu uma etiqueta, na folha de rosto, com o nome do escritor e uma cruzeta indicando a sala (em letra maiúscula), a estante (algarismo romano), a prateleira (letra minúscula) e a posição do volume naquela estante (número cardinal). As sete salas distribuíam-se entre o hall de entrada (sala A), que conservava livros das décadas de 1910 e 1920, além de obras representando as vanguardas; a saleta de música (sala B) com piano que guardava, em sua banquetta, – móvel desenhado por Mário, inspirado nos modelos da revista expressionista *Deutsche Kunst und Dekoration*<sup>110</sup> – partituras e revistas de música; o escritório (sala C), o hall superior (sala E), onde estavam obras de etnografia e etnologia; e um estúdio, que conjugava o escritório (sala F) com passagem para seu pequeno dormitório (sala D), local de edições raras e de luxo. No porão (sala G), reunia as coleções de revistas brasileiras, inglesas e francesas, com exceção de *L'Esprit Nouveau*, coleção completa (1920-1925), armazenada na sala A<sup>111</sup>.

---

<sup>109</sup> IDEM, *ibidem*, p. 49.

<sup>110</sup> Vide: PAULA, Rosângela Asche de. *O expressionismo na biblioteca de Mário de Andrade*. Tese de doutorado. Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Telê Ancona Lopez. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2007.

<sup>111</sup> Vide: ESCOREL, Lilian. “A revista *l'Esprit Nouveau* na formação poética de Mário de Andrade”, Revista eletrônica *Marioscriptor* nº1, agosto de 2010: <http://www.ieb.usp.br/marioscriptor/congressos/a-revista-lesprit-nouveau-na-formacao-da-poetica-de-mario-de-andrade.html>.

As etiquetas historiam a disposição dos volumes no espaço original e marcam fases da estruturação dos documentos.

Além dos livros, Mário organizou um Fichário analítico, espécie de enciclopédia pessoal que possui, entre fólios e fichas, 9 634 documentos. Neste arquivo, separado em dez áreas (Obras Gerais, Música, Literatura, Artes Plásticas, Estética, Filosofia e Religiões, Ciências, Psicologia e Etnografia, Sociologia, História Universal e do Brasil) e, cada uma delas dividida em subáreas, estão matérias extraídas de periódicos (recortes), notas de trabalho e índice de assuntos anotados em fólios e fichas. O fichário estabelece uma extensa rede de relações inter-temas e torna-se repositório de leituras, conforme a análise de Tatiana Longo Figueiredo<sup>112</sup>.

Os documentos que compõem o Fichário analítico trazem a indicação das obras consultadas através de um padrão estabelecido pelo escritor, onde dois algarismos arábicos indicam, respectivamente, a obra – numeração feita a partir de seu projeto *Na pancada do ganzá*, em que elencou 837 livros para estudos do folclore – e a página do interesse. As fichas permitem tecer ligações e vincular documentos aos projetos do escritor.

Para se compreender a trajetória do polígrafo Mário de Andrade, é preciso considerar esse repositório como memória de leituras, com indicações sobre a produção e sobre discussões de em torno da obra de escritores, músicos, pintores e críticos de períodos diversos, bem como textos do próprio organizador do Fichário e da crítica sobre ele. Esse sistema de armazenamento facilitava o acesso às informações contidas na extensa coleção. É, de fato, um repertório de matrizes e integra os arquivos da criação.

O acervo de Mário de Andrade, composto de biblioteca, arquivo e coleção de arte, ressalta aspectos múltiplos pela variedade – tanto na forma, como na origem – dos documentos que o constituem. Livros de temas e procedências diversas, exemplares de trabalho, manuscritos, periódicos, recortes de jornais, fichas, correspondência, quadros, partituras, programas de concertos, fotografias, esculturas, discos marcam seu interesse multifacetado.

---

<sup>112</sup> Vide: FIGUEIREDO, Tatiana Longo. “A Crítica genética antes da Crítica genética no arquivo Mário de Andrade”, Revista eletrônica *Marioscriptor* nº 2, novembro de 2011: [http://www.ieb.usp.br/marioscriptor\\_2/escritos/critica-genetica-antes-da-critica-genetica-no-arquivo-mario-de-andrade.html](http://www.ieb.usp.br/marioscriptor_2/escritos/critica-genetica-antes-da-critica-genetica-no-arquivo-mario-de-andrade.html).

## O passado nas estantes

Na biblioteca de Mário de Andrade, o conjunto de livros de poesia estrangeira, sobretudo da Europa, já na década de 1910 ombreia-se com volumes parnasianos brasileiros, bastante anotados. Diálogos, prateleiras e horas de estudo do jovem leitor eram preenchidas por esses poetas. Vale lembrar que a leitura desses autores não apenas precedeu, mas, de certo modo coexistiu com a leitura da poesia das vanguardas europeias do século XX, também praticada pelo autor:

“Engraçado, estou me lembrando que dos milhares de versos passadistas meus que destruí muitos dos quais escritos com uma influência muito maior que a dos que reservei devia de ter muita coisa melhor do que o que ficou. Eu julgava pelo critério parnasiano e todas as liberdades todas as extravagâncias que tomava destruía porque não me parecia corresponder ao conceito exato de poesia! Foi pena não conservar, não pra publicar agora porém pra observar. [...] O que faço questão é que você não se esqueça duma expressão inefável que você empregou duas vezes em duas cartas diferentes sobre o meu passadismo: um ruim esquisito. Não posso me lembrar dessa expressão de você sem rir gostoso. É tão verdadeira! Sabe? quando releio coisas passadistas minhas, tenho a impressão do Mário de Andrade que fui na casa dos vinte. Um sujeito grandão, feio como o diabo, almofadinha usando com exagero as modas do dia, desengraçado de corpo, com olhar apagado, no princípio uma cabelama enorme que não havia meios de ficar quieta, um tipo antipático porém que tinha um certo sal, dava vontade da gente saber mesmo o que ele é, que a gente não esquece que fica irritando na memória da gente. Assim eu fui. Assim foram os meus versos.”<sup>113</sup>

Mário identifica, em sua obra, traços passadistas que o ligavam a outro conceito de poesia. Com Manuel Bandeira, discute, sobretudo, versificação – as normas rígidas, a métrica e temas repetidos – e problematiza a autoridade conferida socialmente aos parnasianos. Em 1925, recolhendo antigos poemas seus, escritos antes de 1917, envia-os ao amigo para saber se o conjunto, de algum modo, merecia divulgação. Esse conjunto, recuperado pelas pesquisadoras Tatiana Longo Figueiredo e Telê Ancona Lopez, figura no volume 2 da edição fidedigna das *Poesias completas* de Mário de Andrade, por elas publicada em 2013<sup>114</sup>. Auxilia na compreensão desta resposta de Bandeira:

---

<sup>113</sup> Carta de MA a Manuel Bandeira. São Paulo, 18 out 1925. (V. MORAES, Marcos (org. e notas). *Correspondência de Mário de Andrade & Manuel Bandeira*. Ed. cit., p. 249-250).

<sup>114</sup> V. em ANDRADE, Mário de. *Poesias completas*, v. 2, ed. cit., p. 77-103, os poemas anteriores ao modernismo, muitos deles “de índole parnasiana”, reunidos em três conjuntos por Mário de Andrade: os

“Agora está impublicável. Apesar de que, acho estes versos melhores do que *Há uma gota de sangue*. Como você era um romântico atrapalhado pelo parnaso e ainda por cima com infiltrações simbolistas está melhor neste lirismo pessoal do que no anedotário grandeguerrístico do outro livro. Você tem fundo romântico, mas esse romantismo aqui é romantismo de puberdade. A puberdade estado de alma ficou em você até depois dos 20 anos, puxa! [...] a sua evolução é a coisa mais extraordinária que eu conheço.”<sup>115</sup>

O autor de *A cinza das horas* tem razão: Mário poeta, assim como os parnasianos brasileiros que tão atentamente lera, não manifesta, de fato, preocupação extremada com a objetividade, como os franceses. Em nossos parnasianos, notam-se resquícios de sentimentalismo, o foco na primeira pessoa nos versos, além de títulos como *Canções românticas* ou *Por amor de uma lágrima*. Todavia, todos preservam a ideia do verso bem costurado e da forma trabalhada com esmero, como almeja a “Profissão de fé”, de Olavo Bilac.

Todavia, é importante lembrar que o leitor e crítico, diante do longo poema de Vicente de Carvalho, “Fugindo ao cativeiro”, em *Poemas e canções* (3ª. ed. O pensamento, 1917), avizinha, no comentário ao trecho que destaca, a sobrevivência dos versos libertários de Castro Alves ali existentes a um instante na poesia parnasiana de Sully Prud’homme. No volume em capa de couro preta, folhas ornadas de vinhetas impressas e de arabescos desenhados a grafite por Mário, apresentam-se, da mão dele, na parte III do poema, o traço e o círculo na margem dos versos 224-239 e a chamada expoente “(I)” para o rodapé, à p. 59:

P. 59: “Fugindo ao cativeiro”:

Notas MA: Círculo e traço à margem esquerda dos v. 224-239 e expoente (I), remetendo ao comentário no rodapé:

---

textos em um caderno encaminhado a Manuel Bandeira, referido apenas na carta mencionada; o grupo “Poesias anteriores a 1919 e às pesquisas modernistas”, com 14 textos que seriam entregues à *Revista acadêmica* em 1943; e os poemas oferecidos a Oneyda Alvarenga, que os publicou em 1960 como “Poesias malditas”, na *Revista do Livro* (a. 5, nº 20; São Paulo; p. 69-103).

<sup>115</sup> Carta de Manuel Bandeira a MA. Rio de Janeiro, 10 out 1925. (V. MORAES, Marcos (org. e notas). *Correspondência de Mário de Andrade & Manuel Bandeira*. Ed. cit., p. 247).

○ “Decem rindo, a cantar... Seguem, felizes,  
Sem reparar que os pés lhes vão sangrando  
Pelos espinhos e pelas raízes;  
Sem reparar que atrás, pelo caminho  
Por onde fojem como alegre bando  
De passarinhos da gaiola escapo  
– Fica um pouco de trapo em cada espinho  
E uma gota de sangue em cada trapo.

○ “Decem rindo e cantando, em vozeria  
E em confusão. Toda a floresta, cheia  
Do murmúrio das fontes, da alegria  
Deles, da voz dos passaros, gorjeia.  
Tudo é festa. Severos e calados,  
Os velhos troncos, placidos ermitas,  
Os próprios troncos velhos, remoçados,  
Riem no rizo em flor das parasitas. (1)”<sup>116</sup>

Nota MA: comentário: “*O Terre! L’homme est ton dernier né; dans les fleurs tu lui ris*” S. Prudhomme. *Sonnet sur le Tremblement de Terre de C.*”

A referência ao “Sonnet sur le tremblement de terre de Casamicciola”<sup>117</sup>, situado em *Poesies*, v. 5 (Paris: Alphonse Lemerre éditeur, s/d., p. 78), apesar de não se apoiar em nota do leitor, na página, evidencia o esforço comparativo, no estudioso do parnasianismo.

#### Doando os Mestres: descarte e semeadura

Às 12 obras parnasianas brasileiras nas estantes de Mário de Andrade, *corpus* da pesquisa para a presente dissertação, definido, como se sabe, em função da série de artigos, em 1921, intitulada “Mestres do passado”, somam-se, nessa biblioteca, hoje no IEB-USP, outros autores e obras brasileiros e franceses. Entre os primeiros, vários nomes acima citados. Entre os franceses, apenas Herédia, *Les trophées* (Alphonse Lemerre Éditeur, 18??) bastante anotado, e Leconte de Lisle. *Oeuvres: poèmes tragiques* (Alphonse Lemerre Éditeur, 18??), sem notas de margem. A esses parnasianos franceses acrescentam-se outros, conservados na Biblioteca Municipal de Araraquara, mediante doação do escritor, em 1943. Neste momento, apenas anuncio

<sup>116</sup> CARVALHO, Vicente de. “III – Fugindo ao cativeiro”. In: *Poemas e canções*, 3ª. ed. São Paulo: O pensamento, 1917, p. 59.

<sup>117</sup> PROUD’HOMME, Sully. “Sonnet sur le tremblement de terre de Casamicciola”. In: *Poesies*, v. 5. (1879-1888). Paris: Alphonso Lemerre éditeur, s/d, p. 78. Obra na parcela doada pelo escritor à Biblioteca Pública Municipal de Araraquara.

essa presença, pois considero esses autores, anotados ou não por seu especial leitor, na perspectiva de uma exploração futura completa desse setor da leitura do poeta e crítico paulistano, no final dos anos de 1910 e no início do decênio de 1920. Cabe-me constatar que essa ramificação da biblioteca de Mário advém da sua luta constante pela democratização da cultura em nosso país, valendo como uma espécie de retomada, em 1942, das ações como o Diretor do Departamento de Cultura da Municipalidade de São Paulo que, entre 1935 e 1938, aperfeiçoara a biblioteca pública central, criara a biblioteca circulante e a biblioteca itinerante.

Os laços de Mário de Andrade com Araraquara, cidade no interior paulista que o acolhia em suas férias desde menino, onde moravam parentes e onde, na chácara de seu primo e grande amigo Pio Lourenço Corrêa, escrevera *Macunaíma*, levam-no a apoiar plenamente o projeto de uma Biblioteca Pública Municipal, proposto pelo prefeito, Camilo Gavião de Souza Neves. A Biblioteca torna-se realidade em 23 de outubro de 1942. Para formar o acervo, o escritor solicita doações, conseguindo 34 obras de amigos como Manuel Bandeira, Vinicius de Moraes e Cecília Meireles, exemplares que lista e junta aos 600 títulos tirados de sua coleção particular, muitos com marginalia, e a 13 livros de sua autoria. Em dezembro de 1943, ele mesmo despacha pelo trem nove caixas cujo conteúdo logo entra em circulação, como as demais obras no acervo da instituição. Infelizmente, empréstimo aos leitores ocasionou a perda de títulos da doação Mário de Andrade, a qual hoje se restringe a 441 unidades<sup>118</sup>.

O exame da listagem dos títulos oferecidos por Mário, recebida pela biblioteca doze anos após a morte do doador, isso é, em 1957, – rol apressado transcrito no “Complemento”, nesta dissertação –, supõe dois sentidos no legado, considerada a heterogeneidade do mesmo. O primeiro é o possível descarte, tomando assuntos gerais, como as evasões da Cadeia Pública de São Paulo, o estudo dedicado a teorias da eletricidade ou *Vida intelectual nos Estados Unidos* e *O bridge ao alcance de todos*. O segundo sentido delinea-se como a partilha de interesses ligados à produção do polígrafo – obras atualizadas nas áreas de política, geografia, história e ciências sociais, especialmente etnografia. Essa partilha é mais extensa no domínio da literatura no qual, se presume, na oferta de romances, contos, teatro e poesia, o desejo de despertar

---

<sup>118</sup> Recebidos, os volumes circularam até 1997, com a devolução conferida apenas em uma listagem datilografada, enviada pela irmã de Mário, doze anos após a morte dele, sem sequência alfabética ou separação por domínios. Em 1997, a bibliotecária Fátima Aparecida Zampiero Ramos, preocupada com o valor particular daqueles livros dotados de marginalia, sugeriu à diretoria que não mais fossem emprestados ao público (V. “Complemento”, nesta dissertação).

mergulhos em autores e obras, à semelhança da entrega à leitura, vivida pelo antigo dono. E sugerir o gosto de escrever nas margens. Partilha e sementeira. Mário de Andrade doa livros e doa seu modo de ler. Os romances e contos – franceses, italianos, espanhóis, ingleses, alemães, norte-americanos – do bom e do melhor; do passado e contemporâneos – formam, de *per si*, uma pequena biblioteca. Brasileiros são bem poucos, pois um dos trunfos da biblioteca mariodeandradina na USP é justamente a nossa prosa de ficção. Quanto à poesia, a lista consigna e pude arrolar, pesquisando *in loco*, as principais obras dos consagrados parnasianos da França, Théophile Gautier, Villiers d’Isle-Adam e Sully Prud’homme, muitas portando anotações autógrafas<sup>119</sup>.

Uma rápida visada no diálogo de Mário de Andrade com os parnasianos franceses testemunha, nas notas autógrafas, a atenção às estruturas – contagem silábica, construção das frases –; à sonoridade – rimas, assonâncias, aliterações. E aos temas. Trata-se de diálogos que podem guardar matrizes, como no caso do destaque a grafite aos versos de “Stances à Pierre Corneille”, em *Poésies*, v. 5 (Paris: Alphonso Lemerre éditeur, s/d, p. 121) de Sully de Prudhomme, que põem em cena o predomínio da fraternidade:

P.121 : “Stances à Pierre Corneille”  
Nota MA : versos sublinhados :  
“Les hommes ennemis pareillement émus,  
Frères par le frisson du beau qui les rassemble,  
Pleurant les mêmes pleurs, ne se haïssent plus !”

E, demarcam uma possível matriz do tema da fraternidade, negando as guerras, no poema “Exaltação da paz”, no livro de Mário Sobral, *Há uma gota de sangue em cada poema*, em 1917:

“Se o mundo é bom, a vida boa;  
se a luz é para todos, se as campinas  
dão para todos:  
por que viver, lutando à-toa?...”<sup>120</sup>

---

<sup>119</sup> Em novembro de 2013, contando com a colaboração de Rita de Cássia Rivello Baranda, dediquei-me ao registro das obras do parnasianismo francês, coleção doada por MA a Araraquara.

<sup>120</sup> ANDRADE, Mário de. “Exaltação da paz”. In: *Há uma gota de sangue em cada poema*. In: *Obra imatura*. Ed. cit., Ed. coordenada por Telê Ancona Lopez e texto estabelecido por Aline Nogueira Marques. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009, p. 35.

Existe, de fato, um sentido de estudo e formação nas anotações do moço que se inclina sobre o *Parnasse*.

### **O crítico e o poeta nas páginas parnasianas**

“O verso livre moderno é o teu único instrumento de expressão como poeta. Terias certamente falhado, se tivesses nascido na geração de Bilac. Creio firmemente que estás vivendo a época da tua alma. Eis porque deposito tanta fé em ti.”  
Manuel Bandeira <sup>121</sup>

“O poeta é uma alma ardente conduzida por uma cabeça fria.”  
Paul Dermée <sup>122</sup>

No intuito de recuperar e analisar a valiosa marginália de Mário de Andrade nos volumes parnasianos em sua biblioteca, no IEB-USP, este projeto para a dissertação de mestrado, como já se sabe, tomou como eixo os autores e obras que embasaram os sete artigos da série “Mestres do passado”, nos quais, em 1921, durante a fase de arregimentação e propaganda de um programa renovador, o modernista analisa poetas e apresenta suas cogitações sobre adeptos da estética de Sully Prud’homme, no Brasil. Para concretizar o projeto, a pesquisa contou com os fac-símiles digitalizados das obras para, mediante a metodologia estabelecida, proceder à transcrição, a análise e a classificação das anotações de leitura (Nota MA)<sup>123</sup>. A classificação nos 12 títulos

---

<sup>121</sup> Carta de Manuel Bandeira a MA. Petrópolis, 31 maio 1923. (V. MORAES, Marcos Antonio de (org. e notas). *Correspondência de Mário de Andrade & Manuel Bandeira*. São Paulo: EDUSP/ IEB, 2001, 2ª ed., p. 94).

<sup>122</sup> DERMÉE, Paul. Apud ANDRADE, Mário de. *A escrava que não é Isaura*. In: *Obra imatura*. Ed. coordenada por Telê Ancona Lopez e texto estabelecido por Aline Nogueira Marques. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009, p. 238.

<sup>123</sup> A metodologia, estabelecida por Telê Ancona Lopez, tem instrumentado as pesquisas desenvolvidas no projeto coletivo de pesquisa por ela coordenado no IEB e na FFLCH, na USP, *Bibliotecas de escritores e a criação literária*. (V. parte II desta dissertação, “Os ‘Mestres do passado’ na marginália de Mário de Andrade: transcrição e classificação”).

componentes dessa parcela das leituras parnasianas trouxe à tona procedimentos constantes que conformam interesses e determinam uma tipologia nessas anotações. Ocupou-se também de acompanhar os apelos do escritor-leitor quando ele, nas folhas de guarda, folhas em branco ou nas margens de obras, menciona outros autores e títulos em suas estantes, nos quais se acham, na maioria das vezes, anotações complementares ou ideias não apontadas, assessorando sua análise. Nestes casos, notas da pesquisa encarregaram-se do registro do autor e do título, bem como da transcrição das notas, quando encontradas.

Estabelecidas, então, as etapas de identificação e coleta, produção de cópias facsimiladas, etapas que paralelamente combinaram leituras teóricas no âmbito de bibliotecas de escritores, da estética parnasiana e do modernismo, contando: a leitura de obras do polígrafo, na vertente da poesia, da ficção e da crítica, dediquei-me ao registro, à análise e à classificação da marginália de Mário de Andrade, nos cinco autores e doze livros referidos no capítulo anterior, cujos títulos são aqui retomados de modo sucinto:

Francisca Júlia: *Esphinges* (1903);

Raimundo Corrêa: *Poesias*, 3ª. ed. (1910);

Alberto de Oliveira: *Poesias* (Primeira e segunda séries, 1912; terceira série 1913; 3 v); e a antologia *Páginas de ouro da poesia brasileira* (1911);

Olavo Bilac: *Poesias*, 4ª. ed. (1909) e *Tarde* (1919) e em coautoria de *Guimarães Passos*, sob os pseudônimos PUFF & PUCK: *Pimentões (Rimas d'O filhote)* (1897) e *Tratado de versificação* (1910);

Vicente de Carvalho: *Versos da mocidade* (1912) e *Poemas e canções*, 3ª. ed. aumentada (1917).

Na criteriosa e diligente leitura presa à análise dos parnasianos, materializada na marginália, firma-se o estudo de estruturas, da versificação, do vocabulário, da sonoridade praticado por um poeta contestador, mas também interessado em enriquecer a própria poesia. Em seus registros multiplicam-se sublinhas e traços à margem, tanto duplos como simples, destacando nas estrofes, principalmente, elementos ligados ao versejar. As obras, muito anotadas, revelam preferências do leitor, como no segundo soneto de “Musa impassível”, em *Esphinges*, Francisca Júlia:

“Ó Musa, cujo olhar de pedra, que não chora,  
Gela o sorriso ao labio e as lágrimas estanca!  
Dá-me que eu vá contigo, em liberdade franca,  
Por esse grande espaço onde o impassível mora.”

Nota MA: comentário: “*Bilac nunca fez versos melhores do que estes. São a última palavra do parnasianismo. A primeira quadra é duma tal perfeição técnica, que nada há que a supere.*”<sup>124</sup>

O entusiasmo não prejudica a objetividade do crítico, no questionamento de recursos adotados pelos parnasianos, e no destaque de imprecisões, exageros, da reincidência de temas e do lugar-comum. Essa postura mostra-se, por exemplo, no comentário crítico na página de guarda do mesmo livro de Francisca Júlia:

Nota MA: comentário:

“*Em todo caso ainda prefiro F. Julia nos sonetos frios às poesias que os precedem. Aqui aparecem as famosas ideias poéticas: flores ao leo das águas, mergulhadores a buscar perolas e aos quais o poeta se compara... Um horror. A alma gemebunda da mulher aparece. Lambiscar – sonambular – pg 113 –*”

O aplicado leitor, nunca desavisado, toma uma espécie de aula de poesia, deixando patente, contudo, que conhece versificação e é capaz de perceber a falta de harmonia nos versos. Em seu método de estudo, prepara, estrategicamente na folha de rosto ou página de guarda de livros, um pequeno índice permitindo-lhe consultas futuras, ou melhor, franqueando-lhe o acesso ao manuscrito seu – suas notas de trabalho –, acoplado ao texto impresso. Nesse índice transcreve versos, sinaliza páginas, esboça comentários, como testemunha a folha de rosto de seu exemplar de *Versos da mocidade*, de Vicente de Carvalho:

Nota MA: comentário:

“(1) Quando falar dos versos soltos recordar que já nas *Ardentias* (*Canto de corsários*) o poeta os fazia regulares. ~~não pré~~ Ah! snr. V. de C. “E é bem melhor a morte etc pg 13”<sup>125</sup>

O leitor não é, de fato, jejuno. Quando aprecia um poema, observa-lhe a estrutura, pois conhece bem o estilo parnasiano. Tem argumentos para julgar. Discípulo bem preparado, discute em pé de igualdade com os mestres, imune aos efeitos das rimas preciosas ou das palavras grandiloquentes que tanto impressionavam os leitores brasileiros, nessa época. O exame minucioso, como demonstra sua marginalia nos parnasianos e simbolistas franceses, legara-lhe um arsenal de lições de versificação (por

<sup>124</sup> SILVA, Francisca Júlia da. “Ó Musa, cujo olhar de pedra, que não chora,”. In: *Esphinges*. Porto: Bentley Junior & Comp, 1903, p. 58.

<sup>125</sup> CARVALHO, Vicente de. *Versos da mocidade*. Porto: Livraria Chardron, 1912, p. III.

ora rapidamente visitado pela pesquisa), do mesmo modo que as obras da crítica literária citadas nas anotações. Mário de Andrade leitor não externa impressões; comporta-se como um crítico em suas observações.

Na perspectiva de traçar um perfil da leitura dos parnasianos brasileiros exercida por Mário de Andrade no decênio de 1910 e no início dos anos de 1920, a pesquisa captou interesses principais, marcados pela confluência de anotações autógrafas. Esses interesses fixam quatro aspectos ou eixos: lições de musicalidade, vocabulário, construção e apropriação.

### Musicalidade na ponta do lápis

Nas anotações de Mário leitor reside a captação de recursos rítmicos nas estrofes parnasianas, visíveis no destaque a entroncamentos, enjambement, à contagem de pés dos versos pela escansão, à acentuação das sílabas poéticas, às inversões, aliteraões e assonâncias, aos quiasmos, cacófatoss, parequemas, onomatopeias, hiatos, responsáveis pela harmonia nos poemas. Em *Poesias (1ª série)*, de Alberto de Oliveira, traços destacam o trabalho do leitor com as rimas:

P.191: “Ementário”

Nota MA: rimas sublinhadas e anotadas:

“É tudo e novamente começado: \_\_\_\_\_ *ado*  
 No mystério, na treva indefinida... \_\_\_\_\_ *ida*  
 – E esses vultos que a estão, mudos, subindo?”<sup>126</sup> \_\_\_\_\_ *indo*

Além da musicalidade das sílabas finais, percebe-se a escansão minuciosa dos versos: barras marcam a contagem das sílabas, conferindo a métrica. Quando rabiscadas, admitem o equívoco e o imediato retorno à tarefa:

P.24: “Velha canção”

Nota MA: barras escandindo o verso:

“Insinuando-se } entre a emaranhada alfombra”<sup>127</sup>

A leitura é marcada pela medida dos pés e contagens silábicas – uma leitura musical. São recorrentes as barras partindo palavras ao meio, traços que destacam a

<sup>126</sup> OLIVEIRA, Alberto de. Parte IV de “Ementário”. In: *Poesias (1ª série)*. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1912, p. 191.

<sup>127</sup> CARVALHO, Vicente de. “Velha canção”. In: *Versos da mocidade*. Ed. cit., p. 24.

acentuação tônica e a pronta classificação de versos: bons ou maus alexandrinos, de acordo com a posição das sílabas mais fortes que imprimem ritmo singular ao poema. No rodapé de “Velho tema”, de Vicente de Carvalho, o crítico faz sua análise:

P.6-7: “Velho tema”

Nota MA: decassílabo sublinhado; traço duplo sob as sílabas 4ª. e 7ª; expoente (1):

“O teu mesquinho, o teu unico bem”<sup>128</sup> (1)

Nota MA: comentário:

“(1) Aqui V. acentua o verso nas 4ª e 7ª sílabas, a não ser que se queira acentuar desmesuradamente o segundo teu, deslocando a acentuação natural da frase. Concordo porem com o verso do A[utor], nem sou daquelles que reconhecem apenas os ritmos preestabelecidos por larga usança, senão creio que ha, e deve procurar-se, ritmos novos ou em desuso, susceptíveis de trazer maior variedade e um novo esplendor á arte dos versos.”

Transparece a preocupação com o som, com o valor conferido ao ritmo e com a questão da musicalidade dos poemas no leitor que afirma conhecer mais ritmos do que aqueles “preestabelecidos por larga usança”. E que parece, assim, desejar a variedade sonora a qual, aliás, chega a lhe impregnar o discurso crítico. Assim acontece no ritmado comentário do leitor de “A torrente”<sup>129</sup> quando traduz o mergulho percuciente de sua análise na cadência dos versos de Alberto de Oliveira:

P.131: “A torrente”

Nota MA: comparação sublinhada:

“Pois, como a Idea, as águas da montanha  
Querem ser livres para ser fecundas”

Nota MA: comentário:

“Esta poesia, extraordinariamente viva é, por assim dizer, uma onomatopeia da torrente. A frase fluente, corre, serpea, enrosca-se e livre pelo enjambement da fim abrigado, transversa de verso ~~em~~ a verso, de estrofe ~~em~~ a estrofe. Como estamos longe da precisão métrica dos clássicos!... mas também quão mais viva, quantos rithmos elegantes tem a poesia moderna pois como as águas da montanha as ideias querem ser livres para ser fecundas!”

A onomatopeia atribuída ao parnasiano contamina a enumeração construída pelo crítico “A frase fluente, corre, serpea, enrosca-se”, embalada pelo ritmo ligeiro; a

<sup>128</sup> IDEM. Parte VI de “Velho tema”. In: *Poemas e canções*. São Paulo: O Pensamento, 1917, p. 6-7.

<sup>129</sup> OLIVEIRA, Alberto de. “A torrente”. In: *Poesias (1ª série)*. Ed. cit., p. 131.

gradação e a aliteração garantem a melodia da frase – “transversa de verso a verso, de estrofe a estrofe”. A atenção particular à sonoridade e ao ritmo repete-se na nota à Parte IV do célebre poema “O caçador de esmeraldas”, de Bilac, quando Mário de Andrade analisa os versos 55, 57, depois de sublinhá-los:

P.271: “O caçador de esmeraldas”

Nota MA: sublinhas e comentário:

“Cala-se a estranha voz. Dorme de novo tudo

Agora, a deslizar pelo arvoredado mudo,

Como um choro de prata algente o luar escorre”<sup>130</sup>

*“Que silêncio! Que escuridão nesta frase sem vogais claras! Notar a onomatopeia desta frase”*

O estudo da sonoridade é, de fato, pontual. Nos livros de Olavo Bilac, poeta com o maior número de anotações referentes à sua musicalidade – e o parnasiano mais citado no “Prefácio interessantíssimo” –, os exemplos apontam para um jovem leitor atento a determinadas estruturas. Em *Tarde*, Mário grifa inúmeras construções da sonoridade. A nota ao poema “Benedicte!”, à p. 72, revela o cuidado com o sentido das palavras, com a adequação semântica:

P.72: “Benedicte!”

Notas MA: rima grifada e comentário: “!!”

“Bemdito o que, na terra, o fogo fez, e o tecto;

E o que uniu a charrua ao boi paciente e amigo;

E o que encontrou a enxada; e o que, do chão abjecto !!

Fez, aos beijos do sol, o ouro brotar do trigo;”<sup>131</sup>

O adjetivo “abjecto” grifado no v. 3 e a inserção de dois pontos de exclamação demarcam a condenação irônica da rima forçada para “tecto”; o leitor questiona certas saídas empregadas pelos parnasianos.

Nesse mesmo livro de Bilac, no soneto “Crepúsculo da mata”, parece significativo ao leitor realçar a aliteração: “– Tudo vozeia e estala em estos de plethora”<sup>132</sup>, assim como, em “A esphinge”: “Fluido filtro, estillando um perfido veneno”<sup>133</sup>. Sua atenção à sonoridade é evidente nesse tipo de marca, espelhando a

<sup>130</sup> BILAC, Olavo. Parte IV de “O caçador de esmeraldas”. In: *Poesias*. Rio de Janeiro/ São Paulo/ Belo Horizonte: Livraria Francisco Alves, 1909, p. 271.

<sup>131</sup> IDEM. “Benedicte!”. In: *Tarde*. Rio de Janeiro/ São Paulo/ Belo Horizonte: Livraria Francisco Alves, 1919, p. 72.

<sup>132</sup> IDEM. “Crepúsculo da mata”. In: *Tarde*. Ed. cit., p. 50.

<sup>133</sup> IDEM. “A esphinge”. In: *Tarde*. Ed. cit., p. 96.

preocupação em armazenar recursos e possibilidades. O livro torna-se, para ele, arquivo de descobertas, sujeitas a aplausos ou a censuras e, assim sendo, as marcas autógrafas constituem formas de dialogar com a matéria impressa, autorizadas a expor deslizos e inconveniências. Um exemplo dessa abordagem livre está no livro *Poesias*, também de Bilac, quando o leitor-poeta traça um colchete à margem direita dos versos de “Beijo eterno”, dispõe exclamações de ironia e insere um expoente ao final da estrofe, encaminhando ao comentário no rodapé, onde a denúncia da falta recorre ao sarcasmo, na alusão à “Profissão de fê” do consagrado parnasiano: “Torçe, aprimora, alteia, lima/ A frase; e, enfim,/ No verso de ouro engasta a rima,/ Como um rubim.”:

P.116: “Beijo eterno”

Nota MA: colchete, exclamações e expoente (1):

“Succeda a treva á luz!

Vele a noite de crepe a curva do horizonte;

Em véos de opala a madrugada aponte

Nos céos azues (1) ”<sup>134</sup>

!!!

Nota MA: comentário:

“(1) Bilac rimar luz com azues é falta e grave falta; Saiu-lhe desta vez o rubi falso.”

O leitor sagaz que empunha o lápis estranha a construção, quando a notação musical foge à estrutura costumeira e quebra a melodia.

O estudo da sonoridade nos poemas cresce e chama a atenção quando Mário de Andrade investiga variações de entonação na leitura, requeridas pelos próprios versos. Faz suas anotações como um compositor e, nos sonetos de Bilac, prepara uma espécie de partitura na qual é o professor de música que pauta o andamento dos versos, a intensidade musical das estrofes e a variação sonora de palavras, adotando elementos da dinâmica musical. A classificação registrada à margem das estrofes, ou mesmo nas entrelinhas, estabelece a cadência dos versos; desvela o conhecimento técnico no uso de terminologia específica; assim faz em duas etapas – a lápis-tinta e a grafite:

<sup>134</sup> IDEM. “Beijo eterno”. In: *Poesias*. Ed. cit., p. 116.

P.43: “Dizem todos: “Outr’ora como as aves”

Notas MA:

-lápis-tinta:

1. Traço duplo à margem esquerda do texto;

- grafite:

1. Ligadura no final do v. 6;

2. Fermata marcada no v.7;

3. Expressão sublinhada com acréscimo de exclamação e expoente (1) no v. 8, remetendo ao comentário no rodapé;

4. Acréscimo de forma aos v.1, 9, 12: *familiar, aspero, enfático*.

5. Intensidade sonora indicada nos v. 1 (p), 12 (f):

*familiar*

p “Dizem todos: “Outr’ora como as aves  
Inquieta, como as aves tagarela,  
E hoje... que tens? Que sisudez revela  
Teu ar! que idéas e que modos graves!

“Que tens, para que em pranto os olhos laves?  
Sê mais risonha, que serás mais bella!” )

Dizem. Mas no silêncio e na cautela  
Ficas firme e trancada a sete chaves...(1) !

*Aspero*

“E um diz: “Tolices, nada mais!” Murmura  
Outro: “Caprichos de mulher faceira!”  
E todos elles afinal: “Loucura!”

*Enfático*

f “Cegos que vos canções a interrogar-a!  
Vel-a bastava; que a paixão primeira  
Não pela voz, mas pelos olhos fala.”<sup>135</sup>

Na página 55 de *Poesias*, o leitor interdisciplinar anota sua fonte teórica: Hugo Riemann, com doze títulos em sua biblioteca, fartamente anotados: dicionários, obras teóricas e compêndios de história da música, em alemão, francês, italiano e português.

Mário de Andrade pensa musicalmente; pauta a escrita dos poetas para a declamação. Os sinais musicais precisam a duração e o volume sonoro das palavras. Com as anotações de dinâmica, ensina a ler os versos, apontando para o embrião de música que reside na poesia. A intensidade musical (p[iano], f[orte]) indica qual altura de som ideal, enquanto o andamento (allegretto, rall[entando], lento) registra a velocidade de leitura dos versos. Sugere, por vezes, a junção ou afastamento de palavras

<sup>135</sup> IDEM. “V. Dizem todos: “Outr’ora como as aves”. In: *Poesias*. Ed. cit., p. 43.

por meio dos símbolos de ligadura (∧) e fermatta (∧) que solicitam a parada do leitor. Deixa indicações relacionadas às propriedades do som (familiar, rouco, áspero, solene): são sugestões de tom, força e timbre que auxiliam na textura de voz para a declamação, posicionadas sempre acima do verso<sup>136</sup>. Cada apontamento denota a interpretação que o leitor faz do poema:

P.40: “Tudo ouvirás, pois que, bondosa e pura,”

Notas MA:

1. Ligadura nos v. 1,5;
2. Sublinhada aliteração no v.8: “pesadelos perseguido”, estudo da sonoridade;
3. Intensidade sonora indicada no v.12: “*f*”;
4. Andamento acrescentado aos v. 1, 9, 12, 14;
5. Acréscimo de forma aos v.6, 14: *rouco*, *solene*:

*Lento*

“Tudo ouvirás, pois que, bondosa e pura,<sup>1</sup>  
Me ouves agora com melhor ouvido:  
Toda a anciedade, todo o mal soffrido  
Em silencio, na antiga desventura...

“Hoje, quero, em teus braços acolhido,<sup>1</sup>  
Revêr a estrada pavorosa e escura  
(*rouco*)

“Onde, ladeando o abysmo da loucura,  
Andei de pesadelos perseguido.

*Allegretto*

“Olha-a: torce-se toda na infinita  
Volta dos sete circulos do inferno...  
E nota aquelle vulto: as mãos eleva,

*apressar*

*f* “Tropeça, cáe, soluça, arqueja, grita,  
Buscando um coração que foge, e eterno  
*Solene* Ouvindo-o perto palpar na treva.”<sup>137</sup>

*rall.....*

Música e poesia misturam-se, completam-se. Mário de Andrade funde as artes num gesto moderno, deixando entrever ideias ainda germinais de “verso harmônico” – cadência de sons simultâneos que combinados vibram intensamente, distantes das frases gramaticais – e “polifonia poética” – superposição de versos melódicos soltos – que

<sup>136</sup> Esta análise estriba-se nos dos esclarecimentos que recebi da Prof.<sup>a</sup> Maria Aparecida Bento, coordenadora da licenciatura em Artes plásticas e Música, na Faculdade Santa Marcelina (FASM), docente da Universidade São Judas Tadeu e professora convidada do programa de mestrado *latu sensu* “Fundamentos da Cultura e das Artes” da Universidade Paulista (UNESP).

<sup>137</sup> IDEM. “II. Tudo ouvirás, pois que, bondosa e pura,”. In: *Poesias*. Ed. cit., p. 40.

encontraremos em 1922 no “Prefácio interessantíssimo”, mas já figuram em versos de *Há uma gota de sangue em cada poema*:

“Num silêncio de múmia, brancacenta,  
a noite corre... Batem doze badaladas.  
Onde estão as canções desabaladas  
Dos sinos gárrulos?... – Friorenta,  
A grande catedral emudeceu:  
E para ela a alegria dos natais,  
Toda a alegria dos natais morreu!...”<sup>138</sup>

Junto aos versos melódicos, ouvem-se acordes harmônicos de frases curtas, soando ao lado das reticências, que prolongam a vibração das palavras e criam a expectativa da sequência... que não vem. Em seu lugar, está a música, numa antecipação da polifonia poética: “a noite corre... Batem doze badaladas”.

No prefácio de *Pauliceia desvairada*, o autor sabe capitalizar as conquistas de um passado interessante e passível de ser revisitado e as descobertas no momento presente. Em relação à sonoridade, enfatiza o desejo da musicalidade libertária dos versos, que conservam resquícios das velhas lições do passado:

“Mas não desdenho baloiços dançarinos de redondilhas e decassílabos. Acontece a comoção caber neles. Entram pois às vezes no cabaré rítmico dos meus versos. Nesta questão de metros não sou aliado; sou como a Argentina: enriqueço-me.”<sup>139</sup>

Em suas notas de leitura nos volumes parnasianos, o leitor-professor do Conservatório mostra que é preciso vocalizar a poesia, numa intersecção entre texto e música. Por meio de indicações detalhadas, ensina a reconhecer a vibração das palavras, pois cada emissão de som carrega certo timbre e intensidade; permite uma altura, comporta determinada duração. A terminologia adotada precisa a leitura que faz dos poemas, aponta para a declamação enquanto sugere que música e texto poético são indissociáveis.

---

<sup>138</sup> ANDRADE, Mário de. *Obra imatura*. Ed. cit., p. 56.

<sup>139</sup> IDEM. “Prefácio interessantíssimo”. In: *Pauliceia desvairada*. In: *Poesias completas*, v. 1. Ed. Cit., p. 20.

### Palavra de mestre

Mário sinaliza vocábulos e expressões instigantes pela musicalidade nas variadas metáforas, imagens e outras construções dos poemas parnasianos. Os trechos ganham destaque no cuidado de uma leitura voltada, sobretudo, à forma, como se vê nestes *Versos da mocidade*, de Vicente de Carvalho:

Nota MA: sublinhas:

“A noute se dilue numa poeira dourada.”<sup>140</sup>

“O uivo dos matagais”<sup>141</sup>

“E em torno do botão de roza de tua boca/ Palpitava o faminto enxame dos meus beijos...”<sup>142</sup>

O leitor colhe estruturas, versos com imagens líricas, de musicalidade acentuada. Ao se deparar com palavras que desconhece ou termos raros, sublinha-os, busca-lhes o significado e, quase sempre, anota os sinônimos nas entrelinhas dos versos ou no rodapé. Amplia, assim, seu vocabulário. *Poesias*, de Raimundo Corrêa, é o livro com o maior número de marcas deste tipo:

P. 207: “Lodo e estrellas”

Notas MA:

1. Palavra sublinhada: “Sem macaréos, quieto, quieto” e anotação do significado: “*enchentes*”.
2. Palavra sublinhada: “Só venenosos tortulhos”, e anotação do significado: “*cogumelos*”.<sup>143</sup>

Nessa leitura-pesquisa, Mário destaca, define palavras e, muitas vezes, agrega elementos históricos ligados ao vocábulo – etimologia, grafias possíveis, formas de utilização –, como nestes outros versos de Raimundo Corrêa:

---

<sup>140</sup> CARVALHO, Vicente de. “Aeternum Carmen”. In: *Versos da mocidade*. Ed. cit., p. 65.

<sup>141</sup> IDEM, ibidem, p. 68.

<sup>142</sup> IDEM. Parte III de “Três amores”. In: *Versos da mocidade*. Ed. cit., p. 133.

<sup>143</sup> CORRÊA, Raimundo. “Lodo e estrellas”. In: *Poesias*. Lisboa: Livraria Antonio Maria Pereira, 1910, p. 207.

P.37: “Ode parnasiana”

Nota MA: palavra sublinhada:

“É Sileno, e na eterna babadice,

Deixa cahir no chão a taça enxuta,

E, temulento, cae...”<sup>144</sup>

Nota MA: “*ébrio*”

Nota MA: anotação do significado: “*Deus frigio que criou Baco. Silêno era considerado na mitologia grega como o Truão do Olimpo*”

Ao nome “Sileno” segue-se imediatamente o significado e a contextualização do vocábulo. Uma das fontes de consulta utilizadas por Mário fica registrada no poema de Alberto de Oliveira, “Copo d’água”, à página 233 de *Poesias (2ª série)*: o *Dicionário* do filólogo português Antonio Cândido Figueiredo, obra de larga difusão no Brasil, nessa época:

P.233: “Copo d’água”

Nota MA: palavra sublinhada e anotação do significado:

“Da restinga brava que me apparecia”

“C. Figueiredo diz que restinga é um rochedo, um escôlho, um banco de areia no alto mar; ou com o brazileirismo: joguem o matagal a margem de um ribeiro ou terreno fértil.”<sup>145</sup>

Os apontamentos ligados ao vocabulário mostram o leitor que se apura na compreensão dos textos e amplia seu conhecimento quanto ao emprego das palavras. Um leitor que também se interessa vivamente por expressões, modos de dizer populares brasileiros, como esta forma flagrada ainda em Alberto de Oliveira:

P.62: “A frescura e o sossego dos campos”

Nota MA: palavra sublinhada e expoente (1) para chamar o significado:

“A fugaz donzellinha (1) e a arisca borboleta;”

“(1) *Insecto ortóptero também conhecido por libelinha, libélula, lavadeira.*”<sup>146</sup>

<sup>144</sup> IDEM. “Ode parnasiana”. In: *Poesias*. Ed. cit., p. 37.

<sup>145</sup> OLIVEIRA, Alberto de. “Copo d’água”. In: *Poesias (2ª série)*. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1912, p. 233.

O dicionário é uma das ferramentas de seu estudo, essencial para a sua leitura dos parnasianos. O estudo pormenorizado das palavras, na busca de significados e sinônimos, prolonga-se na observação e na crítica à padronização de soluções de estilo decalcadas nos vocábulos. Por exemplo, em Raimundo Corrêa, *Poesias*, Mário de Andrade sublinha enumeração no soneto “Soror Pálida”: “Uma flôr, uma phrase, um pensamento” e marca o expoente (1) que conduz ao rodapé, onde está:

P. 91: “Soror pálida”

Nota MA: comentário:

*“(1) É curioso de notar-se a assiduidade com que R. Corrêa usa e abusa de uma serie de substantivos ou de adjetivos em um verso. E geralmente ele o faz no fim de sonetos ou de quadras. Vide páginas 87, 73, 61 (duas vezes), 27 etc. Essa usança tornou-se tão comum nos poetas modernos principalmente em alguns, que sonetos hão que se podem considerar como meras enumerações. Bilac, nos sonetos já conhecidos do seu novo livro “Tarde” abusa dessas enumerações não ~~nome~~ de substantivos só ou de adjetivos mas de frases.”*<sup>147</sup>

O comentário nos conduz às páginas onde se acham outras enumerações: “Pínel, lapis, buril, cinzel e penna” (“Versos a um artista”, p.27); “Lanceolados, rispídos e agudos...” e “Musculosos, elasticos e viris...” (“Sonho turco”, p.61); “Pequenos, microscópicos, chinezes...” (“Primaveril”, p.73); “Tenue, longínqua, branda, solitária...” (“Lembrança”, p.87). O leitor junta essa solução do poeta para compará-las ao mesmo recurso em *Tarde*, poesia de Bilac onde, na contra-capa do volume, aponta um atalho para seu trabalho de crítico, no comentário: “*fins iguais/ enumerações*”.

Os qualificativos, muito frequentes nos versos parnasianos, são estudados de maneira particular pelo leitor: acredita que sonoridade e sentido não devem se perder no exercício da metrificação e na busca de rimas raras:

P.13: “Apparição nas águas”

Nota MA: pares adjetivo-substantivo sublinhados e comentário:

“Clytia, a filha da Hellade divina,  
Jamais foi vista assim do louco amante  
No claro banho! Como a grega ondina,  
Paixão, delírio, ardente amor inspira

<sup>146</sup> IDEM. “A frescura e o sossego dos campos”. In: *Poesias (3ª série)*. São Paulo – Rio de Janeiro/ São Paulo/ Belo Horizonte: Livraria Francisco Alves e cia, 1913, p. 62.

<sup>147</sup> CORRÊA, Raimundo. “Soror palida”. In: *Poesias*. Ed. cit., p. 91.

Teu corpo fluctuante  
Sobre as aguas do mar, mansas e mansas!  
Ficam-te à flux as perfumadas tranças:  
Tal no banho aromático a hetaira.”<sup>148</sup>

“*Notar como a abundancia de qualificativos prejudica este período*”

Além de excessivos, os adjetivos sublinhados neste exemplo caracterizam os substantivos, mas não somam sentido singular nem permitem associações líricas, recurso que agregaria valor aos versos do poeta da Pauliceia, como lembra a ensaísta Nelly Novaes Coelho:

“O que predomina na poesia mariodeandradina é o *adjetivo caracterizador*, – aquele que resulta necessário ao desvendamento do ser a que se refere, aquele que resulta indispensável na comunicação da mensagem e não pode ser eliminado sem prejuízo do dizer poético (= “coração arlequinal”, “alma doente como um longo som redondo”, “entes frementes”, “corpo manso”, “calor exausto”, “Tigueras agressivas”, “Água pesada e oleosa”, “arranha-céus valentes”, “emaranhada forma humana”, etc, etc)”<sup>149</sup>

Esse uso característico de qualificativos acrescenta sentido aos versos, amplia a carga semântica de cada termo escolhido. Na leitura dos parnasianos, Mário encontra, e guarda, construções interessantes com adjetivos:

Nota MA: adjetivo sublinhado:  
“O seu jasmíneo corpo em torno expira”<sup>150</sup>

“Quanta ilusão multicôr!”<sup>151</sup>

No movimento de condenar e aprovar, apreender, estudar o vocabulário nestes poemas, o leitor, impregnado da estética parnasiana, chega a embarcar no texto, quando retoca um verso de Raimundo Corrêa, no interesse talvez de harmonizar termos raros. Em “Missa da Ressureição”, propõe substituir “barba” por “mento” (queixo), no mesmo plano de “mão nevirosada”:

<sup>148</sup> OLIVEIRA, Alberto de. Parte IV de “Apparição nas águas”. In: *Poesias (1ª série)*. Ed. cit., p. 13.

<sup>149</sup> COELHO, Nelly Novaes. *Mário de Andrade para a jovem geração*. São Paulo: Saraiva, 1970, p. 84.

<sup>150</sup> CORRÊA, Raimundo. “Luizinha”. In: *Poesias*. Ed. cit., p. 94.

<sup>151</sup> CARVALHO, Vicente de. “Folha solta”. In: *Versos da mocidade*. Ed. cit., p. 6.

P.42: “Missa da ressurreição”

Nota MA: palavra sublinhada e substituição sugerida: “*O mento*”:

“E, a barba sobre a mão nevirosada”<sup>152</sup>

Pode-se imaginar que no afã de sublinhar vocábulos raros – mais de trezentos no diálogo com esse mesmo autor, no livro *Poesias* – o feitiço tenha envolvido o feiticeiro, quando o título “Fabordão”, ali grifado<sup>153</sup>, ingressa neste verso de “Inverno”, em *Há uma gota de sangue em cada poema*: “O vento rosna um fabordão...”<sup>154</sup>.

A busca do lirismo emerge das páginas parnasianas anotadas e o interesse por novas expressões molda o trabalho artístico, pois, conforme Antonio Candido, “a poesia é, antes de mais nada, uma aventura de descobrimento. É poeta aquele homem que vai descobrindo significações novas nas coisas velhas e, principalmente, sentidos novos em coisas novas – antes dele inexploradas”<sup>155</sup>. A leitura dos parnasianos traz, para Mário de Andrade, palavras insuspeitadas e suas notas acrescentam ao livro o sentido novo de um dicionário de possibilidades.

### Estratégias, estruturas

Nas anotações, figuras de construção ganham relevo, marcadas a grafite: reiteração, polissíndeto, silepse, anáfora, inversão. No poema “Dormindo”, de Olavo Bilac, identifica-se esse trabalho, no destaque da anáfora:

P. 152: “Dormindo”

Nota MA: anáfora sublinhada:

“Dorme... Rimas febris, podeis febris voar...

Como ella, num livor de nevoas misteriosas,

Dorme o céo, campo azul semeado de rosas;

E dois anjos do céu, alvos e pequeninos,

Vêm dormir nos dois céos dos seus olhos divinos...”<sup>156</sup>

A repetição da palavra chama a atenção do leitor que sublinha a ocorrência, e usa o traço de ligação. E percebe certamente que o recurso, quando utilizado como mera

<sup>152</sup> CORRÊA, Raimundo. “Missa da ressurreição”. In: *Poesias*. Ed. cit., p. 42.

<sup>153</sup> IDEM. “Fabordão”. In: *Poesias*. Ed. cit., p. 183.

<sup>154</sup> ANDRADE, Mário de. “Inverno”. In: *Há uma gota de sangue em cada poema*. In: *Obra imatura*. Ed. cit., p. 38.

<sup>155</sup> ANTONIO CANDIDO. “Poesias”. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros* – Nº 36. São Paulo: 1994, p. 136.

<sup>156</sup> BILAC, Olavo. “Dormindo”. In: *Poesias*. Ed. cit., p. 152.

solução formal, não traz aos versos o encadeamento de ritmo e sentido, o que só acontece na relação estreita entre forma e tema como na repetição das palavras que grifa em “Pequenino morto”, de Vicente de Carvalho, poema onde destaca a harmonia entre assunto e escolhas estéticas:

P. 11: “Pequenino morto”

“Tanje o sino, tanje, numa voz de chôro,  
Nuna voz de chôro... tão desconsolado...  
No caixão dourado, como em berço de ouro,  
Pequenino, levam-te dormindo... Acorda!  
Olha que te levam para o mesmo lado  
De onde o sino tanje numa voz de chôro...  
Pequenino, acorda!”<sup>157</sup>

Nota MA: comentário na margem superior:

*“No ‘Pequenino morto’ descortina-se uma nova faceta do lirismo de Vicente. A piedade e o amor paternal que promanam desta sublime elegia são novos no estro do A[utor]. O amor em Vicente nunca é sentidamente apaixonado ou misturado de adoração, ha mesmo quasi sempre nele como que um leve fundo de ironia ou scepticismo. Outras vezes é panteísta. E com que arte ele escolhe o ritmo e distribue a decadência destas rimas palavras repetidas! É uma obra-prima inconfundível.”*

A crítica pormenorizada, fluente, reconhece o valor do bom uso da técnica de construção do verso: a repetição pode trazer cadência e embalar a ideia; quando mal empregada em nada acrescenta, incomoda. Em “Sombras”, de Alberto de Oliveira, Mário sublinha o exagero na incidência de um mesmo termo, assim como o eco; contabiliza e, ao lado da estrofe acusa, com ironia: “14!” [vezes]:

P. 52: “As sombras”

Nota MA: repetição sublinhada e quantidade da ocorrência acusada:  
“14!”

“Tudo jaz. Mas a sombra erra, a sombra não dorme,  
Sombra esguia de poste esguio, sombra enorme  
De muro enorme, sombra alongada de arbusto,  
Sombra de fronde esparsa, ou de tronco robusto  
Compacta sombra, sombra espectral que me assombra  
Sombra de solidão, sombra da propria sombra.  
E a sombra, e toda a sombra, em seu continuo moto,”<sup>158</sup> 14!

<sup>157</sup> CARVALHO, Vicente de. “Pequenino morto”. In: *Poemas e canções*. Ed. cit., p. 11.

<sup>158</sup> OLIVEIRA, Alberto. “As sombras”. In: *Poesias (3ª série)*. Ed. cit., p. 52.

O constatar da obsessão pelo tema sombra continua nas notas do leitor ao longo de “Sol de verão”, que integra *Poesia (3ª série)*. Mas, novamente, tem-se o reverso: a presença de um mestre no passado da poesia desta figura de proa do nosso modernismo. Está no soneto “Sombra”, um inédito que Mário de Andrade:

“Sombra”

“Quando com a aurora surge o dia, a casa  
Estende no terreno a sombra informe  
Que pouco a pouco diminui, conforme  
Sobe e caminha no alto o sol em brasa.

“Ao meio-dia, quando o espaço dorme,  
A sombra é nula na parede rasa;  
Depois, até que o sol no poente jaza,  
Vai crescendo e estendendo a cauda enorme.

“E avançando de rastros pela alfombra  
Penetra aos poucos o negror profundo  
Da noite, e vaga, vil, desaparece.

“Sombra na terra, sombra n’alma – mundo  
De sombras... Tudo, nesta vida, é sombra  
Que cresce, que decresce, que recresce.”<sup>159</sup>

No estudo da construção dos poemas, o leitor observa também a rigidez parnasiana, no uso de moldes inflexíveis para qualquer tema escolhido; no emprego de palavras longas, raras, na obrigação de escrever com certo tom altivo, medindo os pés dos versos, martelando, por vezes, a sonoridade. Assim se expressa, por exemplo, a respeito dos versos 18-35 em “A morte de Tapir”<sup>160</sup> de Bilac, depois de os assinalar com um traço à margem e marcar o expoente: “(1) *Todas essas ideias perdem muito da sua beleza pelo retorcido da frase*”.

Na chave da crítica aos descaminhos dos parnasianos, o leitor e jovem poeta preocupa-se com o desvio do espaço brasileiro e, nesse sentido, ataca outra vez o “Beijo eterno”:

---

<sup>159</sup> Manuscrito na parte “Poesias anteriores a 1919 e às pesquisas modernistas” no dossiê *Acadêmica* que reúne matéria para a seleta proposta ao número da *Revista Acadêmica*, do Rio de Janeiro, comemorativo dos 50 anos de MA. A homenagem articulada em 1943, não se efetivou (V. ANTELO, Raúl, org. *Cartas de Mário de Andrade a Murilo Miranda*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981, p. 155). O dossiê permaneceu no arquivo do escritor e as poesias referidas estão no v. 2 de *Poesias completas*. (Ed. cit., p. 79-103).

<sup>160</sup> BILAC, Olavo. “A morte de Tapir”. In: *Poesias*. Ed. cit., p. 10.

P. 116: “Beijo eterno”

Nota MA: expoente (2) e comentário:

“Limpo, e o sol scintillante, e a neve (2), e a chuva, e o vento?”<sup>161</sup>

“(2) *É um desastre poetas brasileiros falarem em neve... Porquê neve?*”

Incomoda-o também a incompatibilidade entre tema e forma, o que se vê em sua abordagem dos versos bucólicos de Alberto de Oliveira na margem de “As borboletas”: “Pouco próprio o alexandrino para tal assunto”<sup>162</sup>.

Além disso, Mário de Andrade leitor observa e marca versos finais singulares, fechados interessantes que lhe afiguram semelhanças. Em Olavo Bilac, *Poesias*, sublinha o último verso na quinta parte de “A morte de Tapir”: “*Nesse momento,/ Apontava o luar no curvo firmamento. (1)*”; e no rodapé, explica o destaque:

P. 14: “A morte de Tapir”

Nota MA: comentário:

“(1) *É de grandíssimo efeito o voltar, depois de um drama forte e anciado, a uma descrição calma de uma particularidade da natureza. É uma aurea chave de profundo valor estético: é necessário e bom aos espíritos o acalmar-se, após terem desenvolvido em si sentimentos enérgicos. Soa como uma benção*”<sup>163</sup>.

Destaque que vale igualmente para a estrofe final de “O sonho de Marco Antonio”, à qual após um traço lateral à esquerda, e o expoente (1), chamando para o rodapé:

P. 26: “O sonho de Marco Antonio”

Nota MA: traço à margem e comentário:

“E a noite foge. Em todo o firmamento  
Vão se fechando os olhos das estrelas:  
Só perturba a mudez do acampamento  
O passo regular das sentinellas.(1)”<sup>164</sup>

“(1) *Mesma observação que a última nota da “Morte de Tapir”*”

E a análise repete-se na parte III em “Delenda Carthago!”: o verso por ele grifado, “Era como o rumor de um pranto convulsivo...”, com o expoente (1) que conduz ao rodapé: “(1) *Mesmo ardil da ‘Morte de Tapir’ de terminar o poema com uma*

<sup>161</sup> IDEM. “Beijo eterno”. In: *Poesias*. Ed. cit., p. 116.

<sup>162</sup> OLIVEIRA, Alberto de. “As borboletas”. In: *Poesias (1ª série)*. Ed. cit., p. 137.

<sup>163</sup> BILAC, Olavo. Parte V de “A morte do Tapir”. In: *Poesias*. Ed. cit., p. 14.

<sup>164</sup> IDEM. “O sonho de Marco Antônio”. In: *Poesias*. Ed. cit., p. 26.

ligeira frase descritiva”<sup>165</sup>. E, ainda na parte XVI de “Flor do rio” em *Poesias (3ª série)*, de Alberto de Oliveira:

P. 80: “Flor do rio”

Nota MA: sublinha e comentário:

“Na bacia polida o luar scintilla” (1)

*“É de um efeito magnífico terminar um reconto qualquer doloroso com uma pequena e balsâmica frase descritiva. Bilac usa constantemente deste estratagema estilístico.”*<sup>166</sup>

Mário de Andrade reconhece, no recurso empregado por Bilac, o projeto estilístico do poeta de quebrar tensões líricas com finais prosaicos. Busca essa construção poética nos outros parnasianos: em Alberto de Oliveira sublinha os versos finais de “Alma da flor”: “– Que é isso? E eu lhe explicava/ O hymno da selva.”<sup>167</sup>; em Raimundo Corrêa grifa: “Pois, por um só prazer, mesquinho e raro,/ A desventura cobra-se tão caro,/ Que aos tristes o menor prazer assusta!”, em igual posição no poema “Temor”<sup>168</sup>. A estratégia, valorizada nos sinais e comentários deixados pelo leitor, seria adotada como desfecho característico dos modernistas, pleno de humor. No seu poema “Lembranças do losango cáqui”, publicado em *Clã do jabuti* (1927), Mário adere aos versos finais despretensiosos, com ar de prosa:

“Meu Deus como ela era branca!...  
Como era parecida com a neve...  
Porém não sei como é a neve,  
Eu nunca vi a neve,  
Eu não gosto da neve!  
*E eu não gostava dela...*”<sup>169</sup>

Além do final descritivo, adota, aqui também, a anáfora – solução sonora – e provê o trecho da oralidade, cara aos modernos. No esforço de se construir poeta, estuda com determinação as lições de versificação, escondidas nos versos parnasianos, mas reveladas pelo seu lápis do leitor que reconhece elementos fundamentais nos textos, no esforço de captar elaborações literárias e linguísticas dos parnasianos, guiado por suas marcas de leitura, que articulam interesses específicos.

<sup>165</sup> IDEM. “Delenda Carthago!”. In: *Poesias*. Ed. cit., p. 36.

<sup>166</sup> OLIVEIRA, Alberto de. “Flor do rio”. In: *Poesias (3ª série)*. Ed. cit., p. 80.

<sup>167</sup> IDEM. Canto III da “Alma em flor”. In: *Poesias (2ª série)*. Ed. cit., p. 309.

<sup>168</sup> CORRÊA, Raymundo. “Temor”. In: *Poesias*. Ed. cit., p. 121.

<sup>169</sup> ANDRADE, Mário de. “Lembranças do losango cáqui”. In: *Clã do jabuti*. In: *Poesias completas*, v. 1. Ed. cit., p. 232 [grifo meu].

### Esboço de poeta

As notas no rodapé, comentários elaborados pelo leitor arguto e dedicado, mostram-se em todos os volumes e ratificam as marcas que são correções, alterações de ordem semântica no vocabulário, pontos de exclamação de ironia para impropriedades flagradas e sínteses judicativas. Esses comentários valem como notas de trabalho ou paratextos da série “Mestres do passado”, manuscritos eleitos como tal, no momento da escritura dos artigos que, de fato, constituem um ensaio de fôlego. Mário entranha-se de tal forma no estudo dos poetas que chega a absorver o estilo e o vocabulário parnasiano, como demonstra este comentário seu à parte V do poema “Velho tema”, de Vicente de Carvalho:

#### P. 5: “Velho tema”

“Alma serena e casta, que eu persigo  
Com o meu sonho de amor e de pecado,  
Abençoado seja, abençoado  
O rigor que te salva e é meu castigo.

“Assim desvies sempre do meu lado  
Os teus olhos; nem ouças o que eu digo;  
E assim possa morrer, morrer comigo  
Este amor criminoso e condenado.

“Sê sempre pura! Eu com denodo enjeito  
Uma ventura obtida com teu dano,  
Bem meu que de teus males fosse feito”.

“Assim penso, assim quero, assim me engano...  
Como se não sentisse que em meu peito  
Pulsa o covarde coração humano.”<sup>170</sup>

#### Nota MA: comentário:

*“A forma destes admiráveis sonetos – sem que se recomende por castiça e intemerata – traz consigo um dos mais fortes encantos de tais versos. A ideia ressalta pura e limpa, sem brocados custosos e rendilhados, que as vezes por ventura mais imitam andrajos que brocados. Antes, reveste-se ela do puro brial de seda branca; e é mais bela assim.”*

---

<sup>170</sup> CARVALHO, Vicente de. “Velho tema”. In: *Poemas e canções*. Ed. cit., p. 5.

As expressões “castiça”, “intemerata”, “brocados custosos”, “andrajós”, “brial de seda”, participam do vocabulário do leitor que não abdica da poesia em suas anotações – que concede roupagem parnasiana a suas frases – e faz uso de imagens para fortalecer seus argumentos. No entanto, a admiração não trava os passos do crítico e poeta novo, frente aos versos dos consagrados vates parnasianos; ao contrário: ele questiona soluções poéticas, atento aos deslizes técnicos que, ao seu ver, precisam de alteração, como nesta crítica a versos de Raimundo Corrêa:

P. 210: “CVII”

Nota MA: barras de escansão e comentário:

“Dani|el, da caverna dos le|ões”

*“Mau verso para um parnasiano!”<sup>171</sup>*

As barras de escansão marcam o mau uso da métrica e o comentário reforça a desaprovação, deixando claro a presença de um conhecedor dos padrões de versificação dos parnasianos, com autonomia para criticá-los.

É interessante notar a erudição nas discussões, quando Mário de Andrade recorre à outras leituras e parâmetros. Menções constantes a diferentes livros embasam argumentos do leitor culto e indicam mais fontes, mais possibilidades de pesquisa. Enquanto lê, intercala saberes, como nas constantes alusões a poetas brasileiros de seu tempo, entre eles Amadeu Amaral e Osório Duque Estrada; ou estrangeiros, como o francês Sully de Prudhomme, ou os portugueses Camões e Antonio Corrêa de Oliveira. Cita ensaios críticos e conferências de Júlia Lopes de Almeida, Alfredo de Carvalho e Machado de Assis. Transita pela interdisciplinaridade, recorrendo aos estudos de música de Hugo Riemann. Menciona trechos, faz comparações, recorre tanto à crítica literária como a tratados de versificação; relaciona estilo e estrutura e outros poetas, no intuito de aprofundar a própria discussão. Nesta busca de outras fontes, Mário estabelece inter-relações com o que lê e deixa evidente seu trabalho disciplinado, sua busca de uma sólida formação.

No movimento de leitura crítica, Mário de Andrade leitor analisa recursos estéticos e questiona construções, dominando os pressupostos, apropriando-se da versificação parnasiana. Sua intenção, ao que se pode analisar, não é adequar-se ao estilo, mas apreender estruturas, compreender mecanismos.

---

<sup>171</sup> CORRÊA, Raimundo. “CVII”. In: *Poesias*. Ed. cit., p. 210.

O leitor paulistano compreende a inovação dos parnasianos, quando se opõem à escola romântica. Essa ideia está no comentário à parte II do longo poema “Delenda Carthago!” de Olavo Bilac, marcada com traço duplo na margem esquerda dos versos 1-23, nas p. 32-33 da antologia *Poesias*:

P. 32-33: “Delenda Carthago!”

Nota MA: traço duplo à margem, expoente “(I)” e comentário:

“As machinas de guerra  
Movem-se. Treme, estala, e parte-se a muralha,  
Racha de lado a lado. Ao clamor da batalha  
Estremece o arredor. Brandindo o pilum, promptas,  
5 Confundem-se as legiões. Perdido o freio, ás tontas,  
Desboccam-se os corceis. Enrijam-se, esticadas  
Nos arcos, a ringir, as cordas. Aceradas,  
Partem settas, zunindo. Os dardos, sibillando,  
Cruzam-se. Eneos broqueis amolgam-se, resoando,  
10 Aos embates brutaes dos piques arrojados.  
Loucos, afuzilando os olhos, os soldados,  
Presa a respiração, torvo e medonho o aspeito,  
Pela ferrea squammata abroquelado o peito,  
Se encrúam no furor, sacudindo os macetes.  
15 Não param, entretanto, os golpes dos arietes,  
Não cançam no trabalho os musculosos braços  
Dos guerreiros. Oscilla o muro. Os estilhaços  
Saltam das pedras. Gira, inda uma vez vibrada  
No ar, a machina bruta... E, subito, quebrada,  
20 Entre o insano clamor do exercito e o fremente  
Ruido surdo da queda, – estrepitosamente  
Rúe, desaba a muralha, e a petrea mole roda,  
Róla, remoinha, e tomba, e se esphacela toda... (I)”<sup>172</sup>

Nota MA: comentário:

*“(I) Como se está longe da linguagem meliflua dos românticos! Como se está longe dos versos cadenciados dos clássicos! A língua é outra, entraja-se de onomatopeas brilhantes, quebra-se o verso, a concordância mediata da ao alexandrino as proporções duma prosa gigantesca, sobrenatural, vindo de vez em quando descansar na cadencia perfeita duma rima nobre. Os rr...troam sem cessar e vê-se atemorizado, que: “... a pétrea mole roda,/ “Rola, remoinha e tomba, e se esfacela toda...”*

O leitor realça justamente o que foge à estrutura convencional parnasiana: capta a forma de expressão diferenciada – “A língua é outra” –; seleciona atalhos para outros vãos. Logo depois, na p. 42, tendo apostado aos versos, nas entrelinhas, marcação de

<sup>172</sup> BILAC, Olavo. “Delenda Carthago!”. In: *Poesias*. Ed. cit., p. 32-33.

intensidade musical, e outras observações, faz sua análise do soneto “Como a floresta secular, sombria,”:

P. 42: “Como a floresta secular, sombria,”

Notas MA:

- Traço duplo à margem esquerda do texto;
- Ligadura no final do v. 2;
- Correção: acréscimo de vírgula no v. 14, isto é, de pausa;
- marca da variação de intensidade nos v. 4-5;
- Construção sublinhada no v. 6;
- Acréscimo de forma aos v.1, 9/ apropriação:  
“*solene irônico, claro, solene, mais rouco;*”
- Acréscimo de andamento sobre os v.5, 12,14;
- Sonoridade sublinhada nos v.13-14;
- Intensidade sonora indicada no v.14: “*ff*”

*Solene ironico*

“Como a floresta secular, sombria,  
Virgem do passo humano e do machado,  
Onde apenas, horrendo, echôa o brado  
Do tigre, e cuja agreste ramaria

*cresc*

“Não atravessa nunca a luz do dia,  
Assim tambem, da luz do amor privado,  
Tinhas o coração ermo e fechado,  
Como a floresta secular, sombria...

*Claro Solene mais rouco*

“Hoje, entre os ramos, a canção sonora  
Soltam festivamente os passarinhos.  
Tinge o cimo das arvores a aurora...

*Allegro*

“Palpitam flores, estremecem ninhos...  
E o sol do amor, que não entrava outr’ora,  
Entra , dourando a areia dos caminhos.”<sup>173</sup>

*Extatico ff .....*

Nota MA: comentário:

“É um soneto perfeito, duma perfeição admirável. Não se lhe encontra o rebuscado da rima nem os qualificativos trombetas do parnasianismo: tudo é simples, tudo é delicado, tudo é sentimento; e a frase corredia brilha como um arroio mais poético sem dúvida que todos os amazonas... O primeiro e o oitavo verso são o mesmo. Este artifício da ao soneto uma graça particular; erigido em sistema cansaria em breve, mas usado com discrição, nos sonetos mais líricos e delicados produz sempre uma graça extraordinária. É um leit-motif empolgante”

<sup>173</sup> IDEM. “Como a floresta secular, sombria”. In: *Poesias*. Ed. cit., p. 42.

A nota do leitor, impregnada de musicalidade e imagens, justifica e recolhe estratégias originais no texto: é preciso criar uma forma nova – estilo – sem provocar a exaustão dos sentidos e esvaziar o impacto nos leitores, repisando fórmulas e sistematizando ideias. Mário aprecia elementos técnicos, mas evita valorizá-los enquanto norma, como ressalta Nelly Novaes Coelho: “A gratuidade da técnica pela técnica é que o que reprovava, denunciando a estereotipação daquilo que fora inicialmente um achado criador”<sup>174</sup>.

À medida que a leitura avança, as escolhas do leitor-poeta vão ganhando contornos mais definidos, críticos, evidenciando aspirações estéticas mais concretas. Propõem modificações que representam, em verdade, apropriação, por parte do poeta que se debruça sobre o parnasianismo e ali, dialogando com os textos alheios impressos, experimenta sua versão, sua construção, como no momento em que, lendo o do poema “Velha canção”, de Vicente de Carvalho, sublinha o verso 28 – “Um suspiro atravez das rozaz de um sorriso” – e inventa para ele, na margem, outra redação: “Na tentação do diabo ... entreabriram-se as rosas de um sorriso”<sup>175</sup>. Enquanto lê poesia, é também poeta e se deixando impregnar; toma posse e intervém no espaço do outro, então, como co-autor. Em Vicente de Carvalho, a intervenção de certa forma modernizante, por meio da ironia, acusa a rejeição ao verso romântico.

A recepção dialógica evidencia-se no instante no qual o escritor interfere em trechos de seu interesse, condizentes com seu estudo, em processo. À medida que a pesquisa resgata sua marginália, irrompem suas preferências, permitindo que imagine suas intenções. A originalidade de Mário de Andrade leitor está em sua maneira crítica de modificar o que lê, dando nova dimensão ao apreendido. Ele próprio resume, aliás, apropriação:

“Os poetas geralmente nascem como um Ford. Cada livro, outro poeta passado que lêem é um operário que lhes ajeita uma roda, carburador, molas. Afinal, mais um irmão bota a gasolina. Então o poeta sai andando, fom-fom! E escreve poemas seus”<sup>176</sup>.

O amálgama de leituras, contextos e contatos define os contornos de um escritor, que integra inevitavelmente à criação suas experiências de vida e literatura. Mário

---

<sup>174</sup> COELHO, Nelly Novaes. *Mário de Andrade para a jovem geração*. Ed. cit., p. 23.

<sup>175</sup> CARVALHO, Vicente de. “Velha canção”. In: *Versos da mocidade*. Ed. cit., p. 25.

<sup>176</sup> ANDRADE, Mário de. Apud ANCONA LOPEZ, Telê (Org.). *Manuel Bandeira: verso e reverso*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1987, p. 75.

sempre reconheceu a importância das leituras em sua formação intelectual, parte fundamental na criação:

“Como tenho péssima memória, sofro muitas influências. Pior: tenho imitado, repetido, reproduzido, sem querer. Tenho também plagiado muitas vezes, mas com altivez. Sem subserviência. Uso de um direito tradicional da inteligência. Além do conceito jurídico de plágio, e neste nunca fui culpado, outros conceitos há, mais sutis e nobres, de que tenho me servido sinceramente e sem o menor remorso.”<sup>177</sup>

A consciência crítica da apropriação revela uma instância da criação do escritor que, curiosamente, é aludida por Mário já nas margens dos parnasianos, ainda no início do século XX, em comentário à parte II do poema “Velho tema”, onde Vicente de Carvalho tem a apropriação apontada pelo leitor sagaz, que nos surpreende com o uso do termo naquele momento:

P. 2: “Velho tema”

Nota MA: comentário:

*“(1) Vicente esculpa-se no fim do livro, em nota apenas, do apropriar-se do verso de Camões; e pune-se do delito transcrevendo o soneto célebre... Mas para os poetas da envergadura do A[utor] não ha tal precisão de muletas. Bastassem-lhe as pernas válidas.”*<sup>178</sup>

Referir-se ao recurso usado pelo vate parnasiano como o ato de “apropriar-se” deixa entrever o crítico que enxerga a questão da escrita de maneira ampla e percebe os meandros da criação. Mário de Andrade, em suas pesquisas, descobre veios dos poemas parnasianos, valoriza inovações no verso, admira-se com aliteraões e assonâncias bem colocadas – dimensão atingida por olhos prenhes de crítica. Fica nítido o quanto o leitor se prepara via estudos da versificação: usufrui do prazer de procurar todos os sentidos da poesia. Impregnado das lições de poetas consagrados, esboça um poema seu na folha de falso-rostro do livro *Versos da mocidade*, de Vicente de Carvalho:

Nota MA: esboço de poema:

*“Estes meus versos sem valor sem brilho  
São meus versos enfim, nada me acalma  
mais do que lê-los no viver que trilho  
São o reflexo ardente de minha alma*

<sup>177</sup> IDEM. “1940 – Falam os escritores: Mário de Andrade”, por Silveira Peixoto. ANCONA LOPEZ, Telê (Org.). *Mário de Andrade: entrevistas e depoimentos*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1983, p. 82.

<sup>178</sup> Comentário MA à parte II de “Velho tema”, poema de Vicente de Carvalho. *Versos da mocidade*. Ed. cit., p. 2.

*Estes meus versos sem valor sem brilho  
São pálidos, embora... eu os adoro  
São maus, mas são um bálsamo um conforto  
Quando neles transponho no papel a dor que choram!  
Um pedaço da vida que eu transporto  
São pálidos embora... eu os adoro  
Deixe oh mundo que eu ria e sonhe em verso  
As ilusões que a vida não suporta  
E enquanto eu percorrer-te o teu trilho adverso  
São eles maus, não pálidos que importa!  
Deixe oh mundo que eu ria e sonhe em versos  
Os sonhos dourado que eu tracei na terra  
Foram-se uns após outros pouco a pouco sem cessar”<sup>179</sup>*

Aos moldes parnasianos, com a sonoridade cadente e a harmonia das rimas intercaladas, ele apresenta a criação suscitada pelos versos lidos, entrando no livro de seu mestre numa tentativa de criar seu próprio poema parnasiano. O jovem escritor trabalha no espaço do autor e por meio da experimentação está na trilha da construção almejada: degustar formas variadas deu-lhe acesso a possibilidades plurais.

No decurso da escritura, testemunha-se o poeta-leitor entranhar-se nos versos, selecionar palavras e ritmos, colhendo da poesia sabores renovados em meio à tradição parnasiana, imprescindível fonte de estudo e formação. As lições do passado apreendidas fomentam seus ideais modernos.

Nessa busca, flagra metáforas e manipula o arranjo das palavras, eliminando a linearidade e explorando possibilidades da língua portuguesa, enxergando mais longe. Afasta amarras, repudia frases feitas, repetições aleatórias, foge das redundâncias porque aspira sentidos renovados. De fato, nota-se em sua biblioteca que “o processo de formação de um pensamento moderno e o exercício incansável da escritura deixaram marcas explícitas”<sup>180</sup>. O leitor-escritor identifica os lugares comuns, como em “Nuvem branca” de Raimundo Corrêa:

<sup>179</sup> Publicado em “Poema na marginalia e em dossiês de manuscritos”. In: ANDRADE, Mário de. *Poesias completas*, v. 2. Ed. cit., p. 221.

<sup>180</sup> ANCONA LOPEZ, Telê. “A biblioteca de Mário de Andrade: seara e celeiro da criação”. In: ZULAR, Roberto (Org.). *Criação em processo: Ensaio de crítica genética*. São Paulo: FAPESP/ Iluminuras/ CAPES, 2002, p. 48.

P. 49: “Nuvem branca”

Nota MA: comentário:

*“Raymundo abusa um pouco de lugares-comuns noiva casta e pura, virginal capela, doce olhar, semblante gentil, louco amante, olhar ancioso, astro radioso... não é preciso ser Raimundo Correa para dizer-se banalidades destas.”*<sup>181</sup>

Nas anotações que materializam o diálogo com os parnasianos nasce um poeta que elege o soneto como forma que lhe serve, tanto em sua criação nesse momento, como durante toda a sua obra. Valoriza-o mesmo quando o apresenta como exemplo da própria criação no passado, no “Prefácio interessantíssimo” de *Paulicéia desvairada*, em 1922. Ali, mostra um soneto de finíssima elaboração parnasiana:

“Perto de dez anos metrifiquei, rimei. Exemplo?”

ARTISTA

“O meu desejo é ser pintor – Lionardo,  
cujo ideal em piedades se acrisola;  
fazendo abrir-se ao mundo a ampla corola  
do sonho ilustre que em meu peito guardo...”

“Meu anseio é, trazendo ao fundo pardo  
da vida, a cor da veneziana escola,  
dar tons de rosa e de ouro, por esmola,  
a quanto houver de penedia ou cardo.

“Quando encontrar o manancial das tintas  
e os pincéis exaltados com que pintas,  
Veronese! teus quadros e teus frisos,

“irei morar onde as Desgraças moram;  
e viverei de colorir sorrisos  
nos lábios dos que imprecam ou que choram!”<sup>182</sup>

Na poesia da maturidade, Mário de Andrade torna-se, sem dúvida, um mestre do soneto não mais parnasiano. Escreve vários, dentre os quais destaco este de 1937, com versos decassílabos e rimas intercaladas:

---

<sup>181</sup> CORRÊA, Raimundo. “Nuvem branca”. In: *Poesias*. Ed. cit., p. 49.

<sup>182</sup> ANDRADE, Mário de. “Prefácio interessantíssimo”. In: *Pauliceia desvairada*. In: *Poesias completas*. Ed. cit., p. 61.

### “Soneto”

“Aceitarás o amor como eu o encaro?...  
...Azul bem leve, um nimbo, suavemente  
Guarda-te a imagem, como um anteparo  
Contra estes móveis de banal presente.

“Tudo o que há de melhor e de mais raro  
Vive em teu corpo nú de adolescente,  
A perna assim jogada e o braço, o claro  
Olhar preso no meu, perdidamente.

“Não exijas mais nada. Não desejo  
Também mais nada, só te olhar, enquanto  
A realidade é simples, e isto apenas.

“Que grandeza... A evasão total do pejo  
Que nasce das imperfeições. O encanto  
Que nasce das adorações serenas.”<sup>183</sup>

Mário modernista alimenta-se das ricas estruturas parnasianas que suas anotações de leitura tanto valorizam como contestam; essa marginália sua desvenda o quanto lhe era essencial e determinante “esquematizar, metodizar as lições do passado”<sup>184</sup>. Mas, em 1921, quando escreve “Mestres do passado”, privilegia a parcela da denúncia, engajado na luta modernista iniciada no ano anterior. Aliás, nesse ano, ele mesmo relata, cronista aguerrido, o panorama da propaganda na Pauliceia, em uma de suas “cartas” estampadas na revista *Ilustração Brasileira*: “Sente-se o ofego bíblico da criação. Os palácios de mármore dos parnasianos como os fossos de carne dos realistas ruem sob o alaúde vertiginoso da mocidade alegre e triunfal.”<sup>185</sup> Essa visão negativa exacerbada do parnasianismo continua no grupo modernista de São Paulo até 1928, 1929, na chamada fase heroica do nosso modernismo.

Ao que se sabe, depois de “Mestres do passado”, Mário não volverá a suas anotações. Recolhe o saldo que lhe interessa. Sua visão crítica e sua erudição aplicam-se em sua contemporaneidade que lhe apresenta nova voz, outros estilos, imagens ligadas ao cenário imediato que se desenha diante de seus olhos: rápido, diferente, inquisidor. Propõe e engaja-se no nacionalismo crítico: há que descobrir o Brasil longe de idealizações. Mário da Silva Brito focaliza com sagacidade essa virada:

<sup>183</sup> IDEM. “Soneto”. In: *A costela do Grã Cão*. In: *Poesias completas*, v. 1. Ed. cit., p. 442-443.

<sup>184</sup> IDEM. “Prefácio Interessantíssimo”. In: *Pauliceia desvairada*. In: *Poesias completas*, v. 1. Ed. cit., p. 26.

<sup>185</sup> IDEM. *De São Paulo*. Ed. cit., p. 87. Trecho extraído da segunda crônica da série “De São Paulo”, publicada por MA na *Ilustração Brasileira*, a.8, nº4. Rio de Janeiro, dezembro de 1920.

“Os campos estão claramente divididos, já em 1920: de um lado, as forças do futuro, a defesa dos anseios dos tempos novos e, do outro, os conservadores, os saudosistas de uma época ultrapassada. Estão em conflito, enfim, o velho e o novo. À inércia opõe-se o dinamismo, ao passado o porvir, à tradição a renovação (ou talvez a revolução), ao ontem o hoje. É, numa palavra, a ruptura.”<sup>186</sup>

Nos anos 1920, o espírito desagregador, a apreensão da realidade caótica e a compreensão, por vezes sectária, do impulso de libertação proposto pelas vanguardas afastam o passado numa recusa do tempo e da história que de certo modo, contribuíram para os ideais modernistas. O estudo minucioso dos parnasianos, que Mário realiza em seus exemplares dessa poesia, afunila-se na série de artigos que serve à ruptura. Nosso modernismo deseja apagar o próprio passado; Márcia Camargos conclui:

“A Villa Kyrial não escapa à zona de sombra que a crítica consagradora e a eficientíssima propaganda do movimento modernista projetaram sobre a produção cultural anterior à Semana de 22”<sup>187</sup>

O período de transição, substrato para as transformações, continua encoberto pela euforia da ruptura. A cisão, necessária para o estabelecimento de nova ordem, definiu o ponto de partida na história da literatura moderna, reforçando o senso comum de que o modernismo surge do nada, como tabula rasa. Esferas culturais, como o Conservatório Dramático e Musical de São Paulo ou o salão da Villa Kyrial, junto das leituras que circulavam – de formação, vanguardistas ou contemporâneas –, põem em cheque noções modernas que precisam ser revisitadas.

Encobertos pela adoção de outros paradigmas literários, os parnasianos ecoam na glosa moderna de sonetos, nas aliteraões e assonâncias retomadas com outras perspectivas. Mário de Andrade, “tupi tangendo o alaúde”<sup>188</sup>, canta um passado assimilado, manifesto pouco a pouco nas notas deixadas durante a leitura dos mestres parnasianos, parte de sua formação. “Não me convenço de que se deva apagar o antigo. Não há necessidade disso para continuar para frente. Demais: o antigo é de grande

---

<sup>186</sup> BRITO, Mário da Silva. *História do modernismo brasileiro. I - Antecedentes da Semana de Arte Moderna*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/INL-MEC, 1971, p. 136.

<sup>187</sup> CAMARGOS, Márcia. *Villa Kyrial: crônica da Belle Époque paulistana*. São Paulo: SENAC, 2001, p. 18.

<sup>188</sup> ANDRADE, Mário de. “O trovador”. In: *Pauliceia desvairada*. In: *Poesias completas*, v. 1. Ed. cit., p. 78.

utilidade”, declara ele n’ “A escrava que não é Isaura”, poética escrita em 1922 e publicada em 1926<sup>189</sup>.

Na marginalia nos livros parnasianos, surge o diálogo do crítico que dimensiona uma estética no seu passado próximo, vale dizer, também no seu passado de poeta moderno. Essa perspectiva afasta, quanto à sua obra, a conclusão conforme o senso comum de que a modernidade lhe veio como erupção espontânea, quando, na verdade, foi apreendida gradativamente, parte de uma rede de apropriação de signos, que tem início nos primeiros passos imaturos do poeta.

---

<sup>189</sup> IDEM. *A Escrava que não é Isaura*. In: *Obra imatura*. Ed. cit., p. 255-256.

## PARTE II

### “Mestres do passado” na marginália de Mário de Andrade: transcrição, classificação e notas da pesquisa

As anotações de leitura de Mário de Andrade no conjunto de obras parnasianas brasileiras pertencentes à sua biblioteca são manuscritos do jovem crítico que põe em prática conhecimentos técnicos de quem palmilhou tratados de versificação, sabe bastante a respeito de estilo<sup>190</sup> e é capaz a comparar autores e textos. Mas, o estudo dessa marginália não se depara unicamente com criação do crítico, porque criação do artista ali se impõe quando ele se apropria de versos, sugerindo modificações, e quando a poesia do outro, enquanto matriz, o faz poetar. Este é caso do belo poema de feição parnasiana que o lápis do leitor deixa na página de rosto dos *Versos da mocidade* de Vicente de Carvalho, transcritos aqui à p. 296 e no capítulo 3 “O crítico e o poeta nas páginas parnasianas”, desta dissertação.

Gota a gota, esse leitor recolhe elementos que dão subsídios à sua formação de crítico e poeta: os volumes parnasianos brasileiros em sua biblioteca que, desde 1968 está no patrimônio do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, onde foi classificada com rigor, portam, a maior parte, a etiqueta original referente à Sala A, isto é, ao vestíbulo da casa em que Mário de Andrade viveu, à rua Lopes Chaves, na Barra Funda. Ali ficavam curiosamente junto de títulos das vanguardas europeias do século XX.

A pesquisa para a presente dissertação de mestrado *Os mestres no passado: Mário de Andrade lê os parnasianos brasileiros* circunscreveu-se à coleta e à classificação da marginália existente nas obras dos autores analisados pelo escritor em uma leitura anterior à redação de sua série de artigos “Mestres do passado”, no *Jornal do Comércio* em 2, 12, 15, 16, 20, 23 de agosto e 1º de setembro de 1921. Essa leitura cobre o período 1897 a 1919, e exhibe, nas notas marginais, um aplicado observador de temas, estilo, vocabulário e versificação. Suas anotações, a grafite ou a lápis-tinta, mostram-se em todos os volumes. Com exceção da identificação dos pseudônimos Puff e Puck como Guimarães Passos e Olavo Bilac, autores de *Pimentões: Rimas d’O Filhote* (São

---

<sup>190</sup> MA leu certamente Antoine Albalat, *Le travail du style* (1903), obra por ele doada em 1943 à Biblioteca Pública Municipal de Araraquara, junto de *A formação do estilo* e *A arte de escrever* (traduzidos para o português na década de 1910), atualmente ausentes da coleção. Não restou nenhum livro de Albalat na biblioteca MA guardada no IEB.

Paulo: Livraria Magalhães, 1897), as notas autógrafas materializam diálogos do leitor com os textos impressos. Firmam-se nas margens (sobretudo no rodapé das páginas), entrelinhas, folhas de guarda, assim como de rosto e falso rosto; algumas vezes precisam ser decifradas porque vieram do momento fugaz da redação de descobertas: mostram palavras mal traçadas, apertadas e mesmo falta de sílabas. As notas, enquanto cristalizam destaques de fragmentos, por meio de traços à margem, sublinhas ou pequenos círculos, apontam aspectos do exame crítico que se estende, com frequência, nos comentários no rodapé, geralmente chamados pelos expoentes “(1)” e “(2)”. Esses comentários, do mesmo modo que outros, mais sucintos, *in loco* ao lado de determinados versos, como exclamações de ironia ou sínteses judicativas, correspondem manuscritos, ou seja, notas de trabalho ou paratextos da série “Mestres do passado”. Mário de Andrade leitor grifa, confere a escansão, sublinha, faz correções e acréscimos, destaca versos e estrofes, avalia recursos dos poetas, colhe vocabulário e busca sinônimos.

Instrumentada pela metodologia desenvolvida pela Prof.<sup>a</sup> Telê Ancona Lopez, a pesquisa ocupou-se da transcrição diplomática das anotações marginais e da classificação das mesmas, considerando-as, à luz da crítica genética, momentos da criação do leitor que espelham sua formação de crítico e poeta e que precederam a redação da série de artigos referida. A classificação obedeceu a padrões articulados à metodologia, procurando atender as necessidades das situações identificadas. Assim, anotações de Mário de Andrade são descritas e classificadas nas Notas MA; e analisadas nas Notas da pesquisa sempre que se julgou necessário.

A ordenação da transcrição pautou-se pela sequência na qual o crítico concretiza sua série de artigos, configurando uma gradação, como se estudou no segundo capítulo desta dissertação, “Mestres na biblioteca”. A sequência – Francisca Júlia, Raimundo Correa, Alberto de Oliveira, Olavo Bilac, Vicente de Carvalho – parte dos poetas por ele considerados simples versejadores, ainda que, por vezes, apresentem boas soluções poéticas, para chegar aos verdadeiros artistas. Na marginalia, conforme o valor atribuído ao poeta, o número de marcas se acentua e os comentários se alongam. Quando um autor possui mais de um título, optou-se pela cronologia da publicação:

## Índice

	Página
- Francisca Julia. <i>Esphinges</i> (1903).....	88
- Raimundo Correia. <i>Poesias</i> (1910).....	98
- Alberto de Oliveira. <i>Páginas de ouro</i> (1910).....	133
- _____. <i>Poesias 1ª série</i> (1912).....	166
- _____. <i>Poesias 2ª série</i> . (1912).....	216
- _____. <i>Poesias 3ª série</i> . (1913).....	264
- Puck e Puff [Guimarães Passos e Olavo Bilac]. <i>Pimentões</i> . (1897).....	304
- Olavo Bilac. <i>Poesias</i> . (1909).....	305
- Olavo Bilac e Guimarães Passos. <i>Tratado de versificação</i> . (1910).....	372
- Olavo Bilac. <i>Tarde</i> . (1919).....	374
- Vicente de Carvalho. <i>Versos da mocidade</i> (1912).....	380
- _____. <i>Poemas e canções</i> . (1917).....	399

FRANCISCA JÚLIA [da Silva]  
*Esphinges*. Porto: Bentley & comp., 1903.  
[Poesia]

Bibl. MA [A/II/d/71]

IEB: MA 869.9149S5863e

Notas MA a grafite.  
Brochura encapada com papel de seda

### P.I-XVIII

Prefácio por João Ribeiro; Rio de Janeiro, 1º de janeiro de 1895.

#### Página de guarda:

Nota MA: comentário na margem superior:

*“Em todo caso ainda prefiro F. Julia/ nos sonetos frios às poesias que os prece-/dem. Aqui aparecem as famosas ideas poéticas: flores ao leo das águas, mergulha-/dores a buscar perolas e aos quais/ o poeta se compara... Um horror. A alma/ gemebunda da mulher aparece./ Lambiscar – sonambular - pg 113 –”*

#### P.19-20:

VIII – CREPÚSCULO (soneto)

#### P.20:

Nota MA: imagem sublinhada nos v. 13-14:

“Avulta e cresce dentro de mim essa remota  
Sombra da minha Dor e da minha Saudade...”

\*

#### P.21-22:

IX – A ONDINA (soneto)

#### P.21:

Notas MA:

1. Repetição sublinhada, ligada por traço e expoente (1), remetendo ao comentário no rodapé:

“Rente ao mar, que soluça e lambe a praia, a Ondina,  
Solto, às brizas da noite, o aureo cabelo, nua,  
Pela praia(1) passeia. A opalica neblina”

“(1) Único, aliás leve senão do soneto”

\*

#### P.27-28:

XII – SONHO AFRICANO (soneto)

P. 27:

Nota MA: palavra sublinhada v. 7: “Na bocca, nessa meia escuridão de limbo”, estudo do vocabulário parnasiano.

\*

P.31-32:

XIV – RAINHA DAS AGUAS (soneto)

P.31:

Nota MA: marca ao final do v.3:

“Corta a planura ao mar, que se desdobra inteira” /

P.32:

Notas MA:

1. Repetição sublinhada no v.9 e expoente (1), remetendo ao comentário no rodapé:

“Vão cantando, a compasso as piérides em coro.  
Crespas, cantando(1) em torno, as vagas, em surdina”

“(1) *Há já, e infelizmente, um cantando no verso/ anterior*”

\*

P.45-46:

XXI – AURORA (soneto)

P.46:

Nota MA: metáforas sublinhadas nos v. 9-10, 13-14:

“Vara o diaphano véo da alvissima neblina  
Uma setta de sol. E a floresta, a campina”  
[...]  
“Cheias do riso bom da natureza em festa,  
Palpitam sob a luz fecundante do sol”

Nota da pesquisa: Metáforas sublinhadas por serem lugares-comuns e, possivelmente, marcada a apropriação do 4º verso do poema “A pátria”, de Olavo Bilac, que está em *Poesias Infantis*, à p. 339:

“Ama, com fê e orgulho, a terra em que nasceste!  
Criança! não verás nenhum país como este!  
Olha que céu! que mar! que rios! que floresta!  
A Natureza, aqui, perpetuamente em festa.”

*Obras reunidas.* Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996.

\*

P. 47-48:

XXII – A UM POETA (soneto)

P.47:

Nota MA: imagens sublinhadas nos v.7-10 e 13-14:

“Ora a magna que habita em tua alma, - guarida  
Onde a negra legião das maguas se agglomera...  
Não ha nos versos teus um sentimento alheio  
A’ dor; nelles se encontra a aspereza das fraguas”

[...]

“Leio os teus versos; e, em minh’alma, quando os leio,  
Vae gemendo, em surdina, a musica das maguas...”

\*

P.49-50:

XXIII – À NOITE (soneto)

P.49:

Nota MA: metáfora sublinhada nos v. 5-8:

“No alto uma estrella triste as palpebras descerra,  
Lançando, noite dentro, o claro olhar piedoso.  
A alma das sombras dorme; e pelos ares erra  
Um morbido languor de calma e de repouso...”

P.50:

Notas MA:

1. Quiasmo sublinhado no v.11:

“A alma cheia de dor, a dor tão cheia de alma...”

2. Traço à margem esquerda do v. 14:

“É que a alma se abandona ao sabor dos enganos,  
Antegosando já chimeras presentidas  
Que, mais tarde, hão – de vir com o decorrer dos annos.”

\*

P.51-52:

XXIV – NATUREZA (soneto)

“Um continuo voejar de moscas e de abelhas  
Agita os ares de um rumor de asas medrosas;  
A Natureza ri pelas boccas vermelhas  
Tanto das flores más como das boas rosas.

“Por contraste, has-de ouvir em noites tenebrosas  
O grito dos chacaes e o pranto das ovelhas;  
Brados de desespero e phrases amorosas  
Pronunciadas, a medo, á concha das orelhas...

“Ó Natureza, ó Mãe pérfida! tu, que crias,  
Na longa successão das noites e dos dias,  
Tanto aborto, que se transforma e se renova,

“Quando meu pobre corpo estiver sepultado,  
Mãe! transforma-o tambem num chorão recurvado  
Para dar sombra fresca á minha propria cova.”

P.52:

Nota MA: Comentário no rodapé:

*“Um soneto indigno do livro. É este um/ defeito de muitos artista de, após terem/ atingido uma certa perfeição, crerem que/ tudo que lhes sai do pincel, da pena/ é de valor./O 4º verso do 1º quarteto é absolutamente/ ridículo. Aliás os dois quartetos estão/ no soneto porque... era preciso haver/ dois quartetos, pois não formam corpo/ com a idea principal que por si/ também nada vale. Os versos cons-/truíram-se pesadamente a custa de/ hemistíquios martelados e de ~~ideas~~ lugares-comuns; ex.: 3º e 4º versos da/ primeira quadra, 2º e 3º da segunda./ O 1º verso dos tercetos é simplesmente/ medonho, como sonoridade e ritmo”*

\*

P.53-54:

XXV – ANGELUS (soneto)

P.54:

Nota MA: Estranhamento da rima sublinhado no v.12, seguido por interrogação e exclamação, estudo da sonoridade:

“Desejo ser a noite, ebria e douda ? !  
De trevas, o silencio, a nuvem que esvoaça,  
Ou fundir-me na luz e desfazer-me toda”

\*

P.55-56:

XXVI – A UM ARTISTA (soneto)

P.55:

Notas MA:

1. Título sublinhado por traço duplo:

“A um artista”

2. Traço duplo à margem esquerda dos v.1-4:

“Mergulha o teu olhae de fino colorista  
No azul; medita um pouco, e escreve; um nada quase;  
Um trecho só de prosa, uma estrophe, uma phrase  
Que patenteie a mão de um requintado artista”

P. 56:

Nota MA: Aliteração sublinhada por traço duplo no v. 14; estudo da sonoridade:

“Espumeja em cachões uma cachoeira em baixo...”

\*

P.57-59:

XXVII – MUSA IMPASSÍVEL

P.57-58

I – “MUSA! UM GESTO SEQUER DE DOR OU DE SINCERO” (soneto)

P.57:

Nota MA: traços à margem esquerda dos v.1-4:

“Lucto jamais te afeie o Candido semblante!  
Deante de um Job, conserva o mesmo orgulho; deante  
De um morto, o mesmo olhar e sobreceño austero”

P.58-59

II – “O’ MUSA, CUJO OLHAR DE PEDRA, QUE NÃO CHORA” (soneto)

“Ó Musa, cujo olhar de pedra, que não chora,  
Gela o sorriso ao labio e as lagrimas estanca!  
Dá-me que eu vá contigo, em liberdade franca,  
Por esse grande espaço onde o impassivel mora.

“Leva-me longe, ó Musa impassivel e branca!  
Longe, acima do mundo, immensidade em fóra,  
Onde, chamma lançando ao cortejo da aurora,  
O aureo plaustro do sol nas nuvens solavanca.

“Transporta-me de vez, numa ascensão ardente,  
A’ deliciosa paz dos Olympicos-Lares  
Onde os Deuses pagãos vivem eternamente;

“E onde, num longo olhar, eu possa ver contigo,  
Passarem, através das brumas seculares,  
Os Poetas e os Heroes do grande mundo antigo.”

P.59:

Nota MA: Comentário no rodapé:

*“Bilac nunca fez versos milhores do que/ êstes. São a última palavra do parnasianis-  
/mo. A primeira quadra é duma tal per-/feição técnica, que nada há que a supere.”*

\*

P.85-86

INCONSOLAVEIS (5 estrofes)

P.85:

Nota MA: cruzeta do lado esquerdo do título:

X “Inconsolaveis”

P.86:

Notas MA:

1. Imagem sublinhada nos v.13-14 e expoente (1), remetendo ao comentário no rodapé:

“Mas não, almas! Soltae a vossa queixa triste;  
Contae ao mundo inteiro a vossa magua justa” (1)

*“(1) Bem mostra que F. Julia mu-/dara de ideal. Estes dois versos/ desfazem os versos  
orgulhosos/ e desumanos de Musa Impas-/sivel”*

\*

P.89-91

DE JOELHOS (9 estrofes)

P.89:

Nota MA: cruzeta do lado esquerdo do título:

X “De joelhos”

P.90:

Nota MA: Imagem sublinhada nos v.10-12, 23-24:

“O olhar choroso e profundo,  
Parece estar no Outro-Mundo  
De outros mysterios e de outras vidas...”

[...]  
“A morte, para repouso,  
Para socego, para descanso”

\*

P.93-95

DE VOLTA DA GUERRA (10 estrofes)

P.94:

Notas MA:

1. Tema sublinhado nos v.15-16:

“Quando fui para a guerra, o sol nascia;  
Fiquei com os olhos humidos de pranto;  
Minha esposa, meus filhos nesse dia  
Choraram tanto!”

2. Comentário sob o v. 16:  
“*As tais ideas que comovem*”

\*

P.99-101

A PRIMAVERA (9 estrofes)

P.99:

Nota MA: traço às margens esquerda e direita dos v. 1-4:

“Desponta clara manhã; Os passarinhos em bando Cortam os ares, cantando Numa alegria louçã”
--

\*

P.105-107

MUDEZ (5 ESTROFES)

P.105:

Nota MA: cruzeta do lado esquerdo do título:

X “Mudez”

P.105-107:

Notas MA:

1. Imagem sublinhada nos v. 9-14;
2. Oxímoro sublinhado no v.17:

“Já rumores não ha; não ha; calou-se  
Tudo. Um silencio deleitoso e morno  
Vae-se espalhando em torno  
A’s folhagens tranquilladas do pomar.

“Torna-se o vento cada vez mais doce...  
Silencio... Ouve-se apenas o gemido  
De um pequenino passaro perdido  
Que inda espaneja as suas azas no ar.

“Ouve-me, amiga, este é o silencio, o grande  
Silencio, o rei das trevas e da calma,  
Onde, ás vezes, noss’alma,  
Penetrada de maguas e de dor,  
Se dilata, se expande,  
E seus segredos intimos mergulha...  
Prolonga-se a mudez: nenhuma bulha;  
Já se não ouve o minimo rumor.

“Esta é a mudez, esta é a mudez que falla  
(Não aos ouvidos, não, porque os ouvidos  
Não conseguem ouvir esses gemidos  
Que ella derrama, á noite, sobre nós)  
    Á alma de quem se embala  
Numa saudade mystica e tranquillada...  
Nossa alma apenas é que póde ouvil-a,  
E que consegue perceber-lhe a voz.

“Escuta a queixa tacita e celeste  
Que este silencio falla a ti, tão triste...  
E has-de lembrar o dia em que tu viste  
Perto de ti, pela primeira vez,  
    Alguem a quem disseste  
Uma phrase de amor, de amor... ó louca!  
E que, no emtanto, só mostrou na bocca  
A mais brutal e ironica mudez!”

P.107:

Nota MA: Comentário no rodapé:

*“Um dos poemas mais belos do/ Brasil”*

\*

P.109-110

PRANTO DE LUAR (5 estrofes)

P. 109:

Nota MA: Imagem sublinhada no v.1:

“No longo espasmo do silencio, alegre e franca”

P.110:

Nota MA: traço às margens esquerda e direita dos v.9-10:

| “Mas uma noite, o espaço todo ornado em festa, |  
| Teu esposo partiu, emfim... (Quanto desgosto!)” |

\*

P.111-113

NOITE DE INVERNO (7 estrofes)

P.112:

Nota MA: traço à margem esquerda dos v. 13-20:

| “Ai! Que pungente pensar que um bando  
De pobresinhas creanças nuas, corre nest’hora ruas e ruas  
Choramingando.

| “E eu tenho leitos, boas flanellas,  
Fogão acceso, carne em tressalhos:  
Ai! Se eu pudesse dar agasalhos  
A todas ellas!”

P.113:

Notas MA:

1. Palavra sublinhada no v. 28: “Somnambulando”, estudo do vocabulário parnasiano.

2. Comentário no rodapé:

*“A poesia é boa. Tem um ritmo amedrontador/ de Dies Irae. Mas aquelas duas estrofes/ dum João-de-Deusismo inefável! Oh!/ Não quero por ridícula a caridade e tenho/ dó dos pobres mas as caridades poéticas/ são como os dós... de peito, horripilam”*

Notas da pesquisa:

a) A locução *Dies Irae* (“Dia da Ira”) sinaliza a evocação do Juízo Final, tema constante de poetas e compositores.

b) Referência a João de Deus de Nogueira Ramos (1830-1896). Em sua biblioteca, MA possui do poeta português: *Flores do Campo* (Porto: Livraria Universal, 1876 MA 869.161 R175f 2ª Ed) e dois exemplares de *Folhas soltas* (Porto: Magalhães e Moniz, 1870 MA 869.161 R175o, 1876 MA 869. 161 R175fo). Os livros possuem muitas notas de leitura, ligadas, sobretudo, ao estudo da sonoridade (aliteração, assonância, rimas).

\*

P.117-118

VIDA (soneto)

P.117:

Notas MA:

1. Metáfora sublinhada no v.1:

“Genero triste de comedia, a Vida:”

2. Traço à margem esquerda dos v. 5-8:

“Feliz daquelle que na mão erguida  
Mostra do goso os sazoados pomos:  
Desses não fui, não foste e nunca fomos...  
Pobre de mim, pobre de nós, querida!

\*

P.119-121

INVERNO (9 estrofes)

P.121:

Notas MA:

1. Traço à margem esquerda dos v. 29-32:

“De neve tudo coberto;  
Os ventos correm, ás doudas;  
Das quatro estações, de todas,  
O inverno é a peor de certo”

2. Comentário no rodapé:

*“Dos 5 F J será talvez a menos lírica, de/ raríssima suspiração. Citar quadra. É verda- / de que o processo é desonesto. Com uma quadra/ não se diz duma poesia. Certo porém jurando/ que o resto é o mesmo lenga-lenga repo-/lhuda e vazia. Quão lonje estamos do/ inverno de Verlaine que irritou a Tolstoi!”*

Nota da pesquisa: O comentário assemelha-se a um rascunho, pois MA deixa um lembrete para si mesmo: “Citar quadra”. Pode-se pensar que esta nota tenha sido redigida no período de elaboração do artigo “Francisca Julia”, que integra a parte II da série *Mestres do Passado*, publicado em 12 de agosto de 1921 no Jornal do Comércio. No artigo de Mário, a introdução traz elementos desta anotação: “De todos os cinco grandes nomes que escolhi, pertencentes à geração parnasiana, Francisca Júlia foi a de menos inspiração.” (In: BRITO, Mário da Silva. *História do modernismo brasileiro: antecedentes da Semana de Arte Moderna*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1971, p. 259).

\*\*\*\*\*

CORRÊA, Raymundo

*Poesias*. 3ª. edição. Lisboa: Livraria Antonio Maria Pereira, 1910.

[Poesia]

Bibl. MA [A/II/d/41]

IEB: MA 869.914710824p

Notas MA a grafite.

Nota MA a tinta preta: p. 142

Capa em couro preto

#### P.1-4

“Traços biográficos de Raymundo Corrêa”, por José de Paiva Soares Diniz; Lisboa, 16 de setembro de 1911.

#### P.5-11

Prólogo da 1ª edição, por João da Camara.

#### Notas da pesquisa:

1. Edição datada de 1910, na p. de rosto inclui fotografia do poeta, com a legenda referente ao falecimento: “Dr. Raymundo Corrêa/ + 16 de setembro de 1911”.
2. Neste exemplar da 3ª ed. *Poesias*, as anotações marginais de MA suscitam duas hipóteses quanto à época em que se configuraram:
  - a) 1914, ou logo depois, considerando-se o comentário na margem do soneto “Vae se a primeira pomba”, que recupera trecho da conferência RAYMUNDO CORRÊA de Amadeu Amaral, presente na coletânea *Conferências, 1912-1913*, da Sociedade de Cultura Artística (São Paulo: Off. Cardozo Filho & C., 1914, p.31). A obra na biblioteca do poeta-leitor não apresenta nota marginal (MA 869.904S678c 1912-3);
  - b) 1917, pensando-se que MA baseia sua comparação do poema LUIZINHA de Raimundo Correa com MIMI de Vicente de Carvalho, este em *Poemas e canções*, obra na 3ª. ed. , em sua biblioteca (São Paulo: O Pensamento, 1917), não se exclui que ele tenha tido acesso à 1ª. (1908) e à 2ª. edição (1909). De todo modo, leitura e notas autógrafas pertencem, ao que tudo indica, ao decênio de 1910.

MA anotou fartamente duas obras de Vicente de Carvalho – *Versos da mocidade* (1912) e *Poemas e canções* (1917). Sua crônica “Amadeu Amaral”, no *Diário de São Paulo*, em 30 de outubro de 1929, relata sua frustração de leitor e jovem poeta que, em 1916, enviara uma carta “de idolatria e servidão” a Vicente de Carvalho, acompanhando quinze sonetos de sua lavra. A carta fora entregue, mas nunca lhe chegara resposta. Na crônica, MA relembra também o dia em que Amadeu Amaral se interessara em conhecê-lo, ao ver na gráfica Pocai & Comp. as provas de *Há uma gota de sangue em cada poema*, livro seu que sairia naquele ano de 1917. Mário, no entanto, preferira “a

glória saborosa de afirmar que não queria conhecer Amadeu Amaral, vingando-me de Vicente de Carvalho”.<sup>191</sup>

Na carta de 21 de março de 1935, Mário de Andrade atende as questões que Rosário Fusco lhe aventara, em um pedido de entrevista. Escrevendo ao amigo, em 12 de fevereiro daquele mesmo ano, com *post scriptum* do dia 26, o poeta de Cataguases, então morando na Capital Federal, desejava apresentar “uma coisa absolutamente livre”, concernente a idéias, método de trabalho, anedotas da vida literária. Entre outros casos curiosos, Mário conta-lhe, em sua resposta, a “anedota de desprestígio” que sai, com as mesmas palavras, na matéria que o Fusco assina como Haroldo Mauro, n’ *O Jornal*, do Rio de Janeiro, em 5 de maio de 1935, “Convidando uma geração a depor – Mário de Andrade faz confissões surpreendentes”:

“Quando principiei fazendo versos, reuni os meus melhores sonetos, o que eu achava de melhor, e mandei em carta a Vicente de Carvalho pedindo opinião. Ainda não publicara coisa nenhuma, a não ser alguns sonetos em revistecos sem importância. Vicente nunca me respondeu. Cheguei a ir à casa dele pra tirar a limpo si ele morava lá, si estava em S. Paulo, estava. Deve ter recebido a carta registrada e... sei que não respondeu. Como gosto muito da poesia dele, até hoje sofro disso.”<sup>192</sup>

P. em branco:

Nota MA: comentário na margem superior:

*“Em Luisinha:/ ‘E’ como num dialogo o Futuro/ junto ao passado encanecido, é como/ uma violeta ao pé dum velho muro’ ora/ V. de Carvalho disse depois, mais ou menos:/ ‘sobre essa ruína uma rozeira em flor’”*

Nota da pesquisa: MA transcreve, fielmente, os v. 22-24 do poema LUIZINHA, à p. 94, comparando-os com v. 21 de MIMI, à p.92 de *Poemas e canções* (São Paulo: O Pensamento, 1917), obra em sua biblioteca, sem notas de leitura nesse texto. Engana-se ao citar o verso de Vicente de Carvalho que, de fato, é: “Sobre um muro em ruína uma rozeira em flor”

P.16:

III – “VAE-SE A PRIMEIRA POMBA DESPERTADA...” (SONETO)

Nota MA: comentário na margem superior:

---

<sup>191</sup> “Amadeu Amaral” integra o livro *O empalhador de passarinhos*, de 1946 (São Paulo: Martins), que reúne críticas de Mário de Andrade. Em seu projeto para o Mestrado, a pesquisadora Marina Damasceno de Sá preparou a edição de texto fiel e anotado desta obra.

<sup>192</sup> A anedota está na carta endereçada ao poeta de Cataguases, Rosário Fusco, em 21 mar. 1935, no IEB-USP. A entrevista é “Convidando uma geração a depor – Mário de Andrade faz confissões surpreendentes”. In: LOPEZ, Telê Ancona (org.). *Mário de Andrade: entrevistas e depoimentos*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1983, p.50.

*“A ideia das Pombas não é de Raimundo, senão de/ Gautier: “Desperta uma pomba e parte; parte outra; dezenas/ de pombas partem do pombal ao raiar da madrugada./ À tarde, quando o vento norte sopra, elas voltam alegres/ ao pombal, em bando. Assim do nosso coração partem/ os sonhos; voam, fogem. Mas as pombas voltam ao/ columbario de onde saíram, e os sonhos não tornam/ mais ao coração.” Diz A. Amaral: “É de Gautier esta famosa/ ideia! Mas porquê não será também de todo o mundo? Qual/ de nos, sem ser aquele nababo da imaginação, não estaria no/ risco iminente de lançar esta ideia, julgando-a sua, por uma/ forma ou por outra, numa cartinha ~~sentimental~~ de amor, numa/ conversa sentimental, num soneto? O que bem poucos poderiam/ fazer, era pegar essa larva informe e fazer dela uma borboleta/ admirável, mimo de policromia radiosa, encanto aéreo, obra/ prima da eterna poesia aliada á forma perfeita.”*

Nota da pesquisa: O trecho da conferência de Amadeu Amaral (realizada em 26 de setembro de 1912) transcrito por MA está à p. 31 de *Conferências, 1912-1913*, obra organizada pela Sociedade de Cultura Artística que faz parte de sua biblioteca (São Paulo: Off. Cardozo Filho & C., 1914; MA 869.904S678c 1912-3). O livro reúne conferências de Amadeu Amaral (“Raymundo Corrêa”), Armando Prado (“Alvares de Azevedo”), Garcia Redondo (“Arthur Azevedo”), Pedro Lessa (“João F. Lisboa”), Oliveira Lima (“A nossa diplomacia”) e não apresenta notas marginais.

\*

#### P.18-19

V – “O DIA ACORDA! DEUS POR UMA FRESTA” (6 estrofes)

#### P.19:

Notas MA:

1. Metáfora sublinhada no v. 21:

“Nauseas de fogo de canhões sangrentos”

2. Palavra sublinhada no v.33; estudo do vocabulário parnasiano e expoente (1), remetendo ao comentário no rodapé:

“O vau (1) de lanças e clarins repleto...”

*“(1) Vau. Lugar no rio ou no mar em que se pode tran-/sitar a pe. Baixio, parcel. Não parece ter Raimundo/ querido empregar vau nêsses sentidos restritos, se/ não no sentido mais lato de estrito de Lepanto”*

Nota da pesquisa: O estremo de Lepanto liga o Golfo de Patras ao de Corinto; o dado histórico prende-se, talvez, para MA, à pintura de Veronese, em 1571, *A batalha de Lepanto*.

\*

P. 22

VIII – EVITERNO AMOR (soneto)

P. 22:

Nota MA: palavra sublinhada no v. 6 “Eva, eil-os avexados, ante o iroso,” e anotação do significado: “*envergonhados*”, estudo do vocabulário parnasiano.

\*

P.24

X – O JURAMENTO (4 estrofes)

P.24:

Nota MA: palavra sublinhada no v.10 “Em beijos, afelear” e anotação do significado: “*Dar o sabor de fel*”, estudo do vocabulário parnasiano.

\*

P.27-33

XII – VERSOS A UM ARTISTA (35 estrofes)

Nota da pesquisa: poema dedicado a Olavo Bilac.

P.29:

Notas MA:

1. Palavra sublinhada no v. 42 “Abra nessa, onde fulge, aspera costra,” e anotação do significado: “*mesmo que crosta*”, estudo do vocabulário parnasiano.
2. Metáfora sublinhada no v. 43:

“Nem leve brecha ao menos  
Abra nessa, onde fulge, aspera costra,  
Como a perola – lagrima de Venus –]  
Rútila dentro de uma casca de ostra...”

P.30:

Nota MA: metáfora sublinhada nos v. 71-72:

“A’ esmeralda do Egeu volvendo os olhos,  
– Dois humidos abysmos de esmeralda –”

P. 31:

Notas MA: estudo do vocabulário parnasiano:

1. Palavra sublinhada no v.86 “Abra em capellas mádidas, cheirosas” e anotação do significado: “*orvalhadas*”.
2. Palavra sublinhada no v. 99 “E, buindo o deserto incandescente” e anotação do significado: “*alisar, gastar, polir*”.

P.32:

Notas MA: estudo do vocabulário parnasiano:

1. Palavra sublinhada no v. 109 “Relampadeje emfim... Mas sem que tisne”.
2. Palavra sublinhada no v. 122 “A égide adamantina, érea, inteiriça” e anotação do significado: “*escudo*”.

P.33:

Notas MA:

1. Metáfora sublinhada no v. 135-136:

“Perlustrar do seu corpo: mappa-mundi  
Da suprema Belleza”

2. Palavra sublinhada no v. 138 “Pinta-a, ideando-a só: o heril recacho,” e anotação do significado: “*Postura afetado ou elegante/aprumo*”, estudo do vocabulário parnasiano.

\*

P.34

XI – CYTHERA (soneto)

P.34:

Nota MA:

1. Palavra sublinhada no v. 4 “As cardeas conchas da alvacenta ourela.”, estudo do vocabulário parnasiano.
2. Inversão sublinhada no v. 7-8:

“Estremecem de amor. Bate aos pés d’Ella  
O coração das águas satisfeito...”

\*

P.35-39

XIV – ODE PARNASIANA (16 estrofes)

P. 35:

Nota MA:

1. Anotação do significado em palavra do v. 6 “As pristinas grandezas patenteia”, estudo do vocabulário parnasiano: “*prisco – relativo às eras passadas*”
2. Palavra sublinhada no v.13 “Em rapto audaz, nas rémiges possantes” e anotação do significado: “*Penas grandes das azas, aqui/ por exetensão [sig.:] azas*”, estudo do vocabulário parnasiano.

P.36:

Notas MA: estudo do vocabulário parnasiano:

1. Palavra sublinhada no v. 21: “A’s margens do Permessos!”
2. Palavra sublinhada no v.25 “E múrice orna o olympico painel”, e anotação do significado: “*púrpura*”;
3. Palavra sublinhada no v.. 26 “A harpa acrisola só no amor; e, em leves”, e anotação do significado: “*acendrar – purificar*”.
4. Palavra sublinhada no v.30 “Fazendo que, sem amarujentos travos” e anotação do significado: “*amargosos*”.
5. Palavras sublinhadas no v.39 “Pulsar, em marcio, horrisono arrabil”e anotação dos significados: “*marcial*”/ “*antigo instrumento musical/ de uma ou 2 cordas.*”.
6. Palavras sublinhadas no v. 41 “A ti, de Erato coube a lyra insonte”e anotação dos significados “*Musa da elegia*”/ “*inofensivo, inócuo*”.

P.37:

Notas MA:

1. Palavra sublinhada no v. 43 “Fuge a cruenta pompa”; estudo do vocabulário parnasiano.
2. Aliteração sublinhada nos v.45 “Trôe e retrôe a trompa” e v.48 “O atro tambor em roucos rufos rompa...”, seguidas das observações: “*Bela onomatopéia*”/ “*Belissima onomatopea*”; estudo da sonoridade.
3. Expoente (1) nos v. 45-46, remetendo ao comentário na margem superior; estudo da sonoridade:

(1) 

“ <u>Trôe e retrôe a trompa</u> Bellicosa; num som rispido e agudo,”
---

“(1) Nestes dois versos o enjambement é mal feito./ Parecem estar assim dispostos:/ Troe e retroe a trompa belicosa;/ num som rispido e agudo!”

4. Palavra sublinhada no v.61: “Cuja uberrima falda bróslam flores;” e anotação do significado “*bordam*”; estudo do vocabulário parnasiano.
5. Assonância sublinhada no v.66: “Estralam gargalhadas no ar, escuta.”; estudo do vocabulário parnasiano; comentário à margem esquerda: “*Notar a sucessão/ dos a a onomato-/ paicos*”
6. Palavras sublinhadas nos v. 68 “É Sileno, e na eterna babadice,” e v.70 “E, temulento, cae...” e anotação do significado: “*Deus frigio que criou Baco. Silêno era considerado/ na mitologia grega como o Truão do Olimpo*”/ “*ébrio*”; estudo do vocabulário parnasiano.

P. 38:

Notas MA: estudo do vocabulário parnasiano:

1. Palavra sublinhada no v. 73 “Thyrso todo enramado” e anotação do significado: “*bastão terminando em forma de pinha*”.
2. Palavras sublinhadas no v.86 “Templo de Paphos, onde o culto é menos” e anotação do significado “*Cidade da ilha de Chipre. O célebre templo dedicado a Venus*”.
3. Palavras sublinhadas no v.88 “Que esse, que a Ceres tributara Eleusis” e anotação do significado “*Burgo na Ática*”.
4. Palavras e expressão sublinhadas nos v. 90-91:  
“Desnúa o lácteo collo delicioso,  
- Branco manjar dos deuses.”
5. Palavra sublinhada no v. 94 “Lembre-te um corço a alipede Atalanta” e anotação do significado “*Filha do rei de Sciros:/célebre pela sua agili/dade*”.

P. 39:

Nota MA: palavras sublinhadas nos v. 101: “Canta; e, em perlas accesos” e v.108: “Sobre a qual cuspo o meu desdém profundo”; estudo do vocabulário parnasiano.

\*

P. 40

XV – BEIJOS DO CÉU (soneto)

“Sonhei-te assim, ó minha amante, um dia:  
— Vi-te no ceu; e, enamoradamente,  
De beijos, a phalange resplendente  
Dos seraphins, teu corpo inteiro ungia...

“Santos e anjos beijavam-te... Eu bem via  
Beijavam todos o teu labio ardente;  
E, beijando-te, o proprio Omnipotente,  
O proprio Deus nos braços te cingia!

“Nisto, o ciume — fera que eu não domo —  
Despertou-me do sonho, repentino  
Vi-te a dormir tão placida a meu lado...

“E beijei-te tambem, beijei-te... e, ai! como  
Achei doce o teu labio purpurino.  
Tantas vezes assim no ceu beijado!”

Nota MA: Comentário na margem superior:

“Este soneto é — apesar da perfeição do acabado e da pureza dos versos — sumariamente desagradável. A ideia/ que nele mora é tola e ridícula. Além disso: o imaginá-lo Deus, que por nós é idealizado como a própria/ grandeza, aos abraços e aos beijos, cingindo um corpo/ quente de mulher, da ao nosso espírito a/ situação

*angustiosa de desequilíbrio e da insita-/bilidade. É chocante e principalmente ridículo.”*

Nota da Pesquisa: entre as p.40-41 localizado um cartão branco (12,5 cm X 7,5 cm) com furo na margem inferior e registro a máquina: “[Vivante, Armando] ed./ Pub”.

\*

P. 41-47

XVI – MISSA DA RESURREIÇÃO (12 ESTROFES)

P.41:

Notas MA:

1. Temporalidade sublinhada no v. 6: “No sábado, na véspera, em segredo” e comentário na margem esquerda: “*Se era na véspera, naturalmente devia ser sábado e, se era sábado naturalmente era o da véspera...*”
2. Sublinhada discrepância entre os tempos verbais nos v. 9-10, seguida do comentário: “*Desequilíbrio de tempo*”:

“Ella distante meia légua esteja  
Do feliz sitio onde morava a gente”

P.42:

Notas MA:

1. Adjetivos sublinhados no v. 28:  
“Vi-te, pallida e bella”
2. Palavra sublinhada no v. 31: “E, a barba sobre a mão nevirosada”; substituição sugerida: “*O mento*”.
3. Traço à margem esquerda dos v. 32-42:

“Fitavas o horizonte...  
Além, aos poucos, humida e cheirosa,  
De um pelago de fogo e sangue ardente  
Onde uns restos da noite, tibiamamente,  
Boiavam inda, em turbidos novellos  
Erguia a madrugada,  
Cheia de virginal, candido alvor,  
A alabastrina fronte  
A que adornava só, como uma rosa,  
Como uma rosa branca nos cabellos,  
A estrella do Pastor!”

P. 43:

Nota MA: expressão sublinhada no v.53:

“Dois olhos de azeviche, enamorados”

P.44:

Notas MA:

1. Adjetivos sublinhados nos v. 86-87: “Era uma fresca e linda/ E amena madrugada” e comentário à margem direita: “É!!”
2. Qualificativo ligados por traço no v. 93:  
“Pela cerula abobada anilada”
3. Cacófato sublinhado no v. 97:  
“As metálicas azas a vibrar”

P.45:

Notas MA: estudo do vocabulário parnasiano:

1. Palavra sublinhada no v. 112: “E enlaçavam-se, em róridas capellas”.
2. Palavra sublinhada no v. 118: “A tribu azul seu pabulo procura...” e anotação do significado: “*sustento*”.

Notas MA:

3. Palavra sublinhada no v. 119 e correção:  
“Qua~~ndo~~ suave aroma”
4. Traço duplo à margem esquerda dos v. 124-128:

|| “Para quebrar essa monotonia  
|| Da côr, às vezes, um morango ria  
|| Vermelho, entre a folhagem,  
|| Como em tunica verde de velludo  
|| Um botão de rubim...”

5. Palavra sublinhada e expoente (1) no v. 132, remetendo ao comentário no rodapé:  
(1)  
“Onde pavões garridos pompeavam”

“(1) *Em que terra teria sido essa missa? Terra/ não conheço em que cresçam na doce harmo-/ nia dum mesmo clima: annuns, pavões/ pintassilgos..!...*”

Nota da pesquisa: entre as p. 44-45 encontrada cédula eleitoral (papel jornal, 12,5 cm x 7,5 cm): “PARA SENADOR/ BRASÍLIO MACHADO NETO/ PARA SUPLENTE/ CHRISTIANO ALTENFELDER SILVA”; documento inserido pelo cunhado de MA, Eduardo Ribeiro dos Santos Camargo que, após a morte do escritor, encarregou-se de desinfestar de insetos a biblioteca. Recorria a líquido que ele próprio preparava; as

cédulas eram usadas para marcar os volumes já trabalhados. Informações da Profª Telê Ancona Lopez.

P. 47:

Nota MA: palavra sublinhada no v.181 “E tardonhos, ao toque dos pampilhos” e anotação do significado: “*Vara comprida terminada em agulhão*”, estudo do vocabulário parnasiano.

\*

P. 48-49

XVII – NUVEM BRANCA (6 estrofes)

P.49:

Notas MA:

1. Palavra sublinhada no v.19:

“Nas cherubicas azas transparentes”

2. Comentário no rodapé:

*“Raymundo abusa um pouco de lugares-/comuns noiva casta e pura, virginal capela,/ doce olhar, semblante gentil, louco amante,/ olhar ancioso, astro radioso... não é preciso/ ser Raimundo Correa para dizer-se banali-/dades destas.”*

\*

P.51

XIX – PLENA NUDEZ (soneto)

P. 51:

Nota MA: Comentário no rodapé:

*“R. Correa, num magistral soneto, voltava-/se com uma volúpia helenica para/ a beleza pagan de formas inteiramente/ nuas’ Alberto de Oliveira”*

Nota da pesquisa: MA transcreve trecho da palestra de Alberto de Oliveira, realizada em 10 de novembro de 1915, que está à p. 123 de *Conferências, 1914-1915*, obra organizada pela Sociedade de Cultura Artística, presente na biblioteca MA (São Paulo: Typographia Levi, 1916; MA 869.904 S678c 1914-5), sem notas de margem. Reúne conferências de Antonio Piccarolo (“O romantismo no Brasil”), Ricardo Severo (“A arte tradicional no Brasil”), Plínio Barreto (“Gregório de Mattos”), Adalgiso Pereira (“O meigo idioma”), Alberto Seabra (“Tobias Barreto”), Graça Aranha (“A mocidade heroica de Joaquim Nabuco”), Alcides Maya (“Don Juan”) e Alberto de Oliveira (“Culto à forma na poesia brasileira”).

\*

P.52

XX – IXION (soneto)

P.52 :

Notas MA :

1. Palavra sublinhada no v. 9 “Que lindos olhos! Que venusto e lindo” e anotação do significado: “*Formoso, gracioso*”, estudo do vocabulário parnasiano;
2. Ideia sublinhada no v. 14:

“Quem me assegura que eu não sonho? Eu sonho!”

\*

P.53

XXI – CONCHITA (soneto)

P.53:

Notas MA:

1. Imagem sublinhada nos v. 9,10:

“A esses, que em ondas se levantam, seios  
Do mais cheiroso jambo; a esses quebrados”

3. Palavra sublinhada no v.12 “A esses lábios, enfim, de nácar vivo” e expoente (I), remetendo ao comentário no rodapé:

“(1) R. Corrêa muda a tônica nesta palavra a seu/ bel-prazer; ora nácar como aqui ora nacár como/ nos “Versos a um artista”. Tenho visto alguns poetas/ dizerem também indiferentemente: murmúrio/ e murmurio.”

\*

P. 55

XXIII – ZULMIRA (soneto)

P.55:

Nota MA: palavra sublinhada v.7 “Que embellece a mulher, mesmo na idade”, estudo do vocabulário parnasiano.

\*

P. 56

XXIV – TRISTEZA DE MOMO (soneto)

P. 56:

Nota MA: palavra sublinhada no v.9 “Fauno o indigita; a Náíade o caçôa” e anotação do significado: “*indicar, mostrar com o dedo*”, estudo do vocabulário parnasiano.

\*

P.57

XXV – ANIMA CHLORIDIS (soneto)

P.57:

Nota MA: palavra sublinhada no v.8 “Abre o alvíssimo lírio, redolente...” e anotação do significado: “*aromático*”, estudo do vocabulário parnasiano.

\*

P.58-62

XXVI – SONHO TURCO (18 estrofes)

P.58:

Nota MA: Comentário na margem superior:

“... o sonho Turco, joia de ouro e brilhante em qual-/ quer literatura do mundo’ M. Alencar”

Nota da pesquisa: O trecho citado está à p.241 do *Almanaque Brasileiro Garnier*, publicado no Rio de Janeiro entre 1903 e 1914 pela Livraria Garnier do Brasil. Mário de Alencar discute a obra de Raimundo Corrêa (p. 239-241). MA não possui este volume em sua biblioteca.

P. 59:

Notas MA:

1. Sinal positivo na margem direita dos v. 13-24:

“Queres thesoiros mais? – A’s tuas plantas,  
Todo o oriente gemmifero fulgura.  
Querea sceptro e diadema? Cinge-os. Queres  
Luxo e volúpias? – Eil-as taes e tantas:  
Mulheres e cavallos, com fartura,  
Bons cavallos e esplendidas mulheres.

+

“Queres mais? – Dou-te prodiga, a mãos cheias,  
Beryllos e rubis; dou-te o thesoiro  
Do pérsio golfo: perolas, corões...  
Oiro fluido percorra as tuas veias;  
Seja oiro tudo o que tocares: oiro  
Duro – em montanhas, liquido – em caudaes.”

+

2. Palavra sublinhada no v.27 “Sol, de áureas cores tinge e de sinopla?” e anotação do significado: “*cor verde dos escudos*”, estudo do vocabulário parnasiano.

3. Palavra sublinhada no v.39 “Nedias parellhas de possantes urcos...” e anotação do significado: “*Cavalo forte e corpulento/ também conhecido por frisão*”, estudo do vocabulário parnasiano.

P.60:

Nota MA: Sinal positivo na margem direita dos v. 49-60:

“Entra; é só delle este serralho inteiro;  
Guardam-no eunuchos mil de fronte baça,  
E alfanjas mil a dardejar faiscas...  
Entra, e acolhe-o um sussurro lisongeiro,’ +  
Lisongeiro sussurro que perpassa  
Numa nuvem de flôres e odaliscas.

Uma é da Armenia; com desleixo, estende  
A negligente perna em molle e brando  
Coxim... Olhos saudosos de Erivan; +  
Olhos castanhos que a paixão accende;  
Languidos olhos humidos, boiando  
Em luz, gêmeos da estrells da manhan...”

P.61:

Nota MA: Sinal positivo na margem direita dos v. 67-72:

“Outra é filha de Bósnia: arfa radiante;  
Ou vingança, ou ciúme, lhe garantece  
De lindas garras côr de rosa a mão;  
Desde o entono do collo a roçante +  
Cauda, rainha triumphal parece:  
Collo de cysne, cauda de pavão...”

\*

P.67-72

XXXI – MUSA ALDEAN (20 estrofes)

P.69:

Nota MA: palavra sublinhada no v.54 “Negros torçaes” e anotação do significado: “*cordão de seda. Emprega-se também no sentido de cabrêsto*”, estudo do vocabulário parnasiano.

\*

P. 74

XXXIII – CHUVA E SOL (soneto)

P. 74:

Nota MA: palavra sublinhada no v.4 “Do sol pelos venabulos radiantes...” e anotação do significado “*lanças, raios*”, estudo do vocabulário parnasiano.

\*

P.75

XXXIV – NOITES DE INVERNO (soneto)

“Emquanto a chuva cáe, grossa e torrencial,  
Lá fóra; e emquanto, ó bella!  
A lufada glacial  
Tamborila a bater nos vidros da janella;

“Dentro, esse aureo torçal  
Do cabelo que, rico, em ondas se encapella,  
Deslaça; e o alvor ideal  
Do teu corpo á avidez do meu olhar revela;

“Porque, á avidez do olhar  
Do amante, é grato, ao menos,  
Destas noites no longo e monotono curso,

“— Claro como o luar —  
Ver um busto de Venus  
Surgir nu dentre as lans e dentre as pelles de urso.”

P.75:

Nota MA: Comentário no rodapé:

*“A sensualidade ora franca, ora meio en-/vergonhada se escondendo numa ironia ou num/ sorriso, ora mesmo como aqui requintada, a/ sensualidade é uma das características mais/ fortes da poesia de Raymundo.”*

\*

P.76

XXXV – ARIA NOCTURNA (soneto)

P.76:

Nota MA: palavra sublinhada no v.11: “Tresuam molle e pérvido quebranto”, estudo do vocabulário parnasiano.

\*

P.83

XL – SÓSINHA (soneto)

P. 83:

Notas MA:

“E' tarde, e eles não vêem! O dia finda,  
E, extinto anchote, tomba o sol . . . A' estrada  
Lança os olhos, anciosa, e não vê nada!  
Recolhe-se á cabana, e espera ainda...

“Cerra-se a noite em toda a curva infinda  
Dos céus... E elles não voltam da caçada!  
E ela tão só! . . . Já pende fatigada,  
Cheia de somno, a sua fronte linda.

“Dorme. Alta noite acorda. Os cães latiam  
Fóra, e julgou ouvir, confusamente,  
Como um tropel, na solitaria rua...

“Antojou-se-lhe logo que seriam  
Elles, e a porta abriu... Ninguém! Sómente,  
Por trás da serra, ia-se erguendo a lua...”

1. Comentário na margem superior:

“*O seu soneto Sosinha, cujo valor, puramente emotivo, é tão leve/ e tão melindroso, que se esvairia com certeza, na manipulação/ da forma, dentre mãos que não fossem tão ágeis, tão brandas,/ tão sensíveis como as dêsse maravilhoso artifice*’. A. Amaral”

Nota da pesquisa: MA copia trecho de *Conferências, 1912-1913* (São Paulo: Off. Cardozo Filho & C., 1914; MA 869.904S678c 1912-3) que traz a palestra de Amadeu Amaral (realizada em 26 de setembro de 1912). O volume reúne conferências de Amadeu Amaral (“Raymundo Corrêa”), Armando Prado (“Alvares de Azevedo”), Garcia Redondo (“Arthur Azevedo”), Pedro Lessa (“João F. Lisboa”), Oliveira Lima (“A nossa diplomacia”). O trecho anotado está na p. 37 e não apresenta nota marginal. Em nota ao livro *Poesias* (1909), de Olavo Bilac, MA recorre a este mesmo trecho de *Conferências*.

2. Palavra sublinhada no v.12 “Antojou-se-lhe logo que seriam” e anotação do significado: “*Por-se a vista,/Figurou-se-lhe*”, estudo do vocabulário parnasiano.

\*

P. 84

XLI – A CAVALGADA (soneto)

“A lua banha a solitaria estrada...  
Silêncio!... Mas além, confuso e brando,  
O som longiquo vem-se aproximando  
Do galopar de extranha cavalgada.

“São fidalgos que voltam da caçada;  
Vêm alegres, vêm rindo, vêm cantando.  
E as trompas a soar vão agitando  
O remanso da noite embalsamada...

“E o bosque estala, move se, estremece...  
Da cavalgada o estrepito que aumenta  
Perde-se após no centro da montanha...

“E o silencio outra vez soturno desce...  
E limpida, sem macula, alvacenta  
A lua e a estrada solitaria banha...”

P.84:

Nota MA: Comentário na margem superior:

*“Raimundo é inimitável nessas impressões/ ligeiras e delicadas. Descreve admiravelmente.”*

\*

P.87

XLIV – LEMBRANÇA (soneto)

P. 87:

Notas MA:

1. Cacófato sublinhado no v.10:

“Que, qual musica vaga e imaginaria”

2. Sonoridade sublinhada no v. 12

“Inda me soa, como flébil aria”

3. Adjetivos sublinhados no v. 14 “Tenue, longínqua, branda, solitária...”, seguidos por comentário: “*Vide pg 91*”

\*

P. 88

XLV – NO OUTOMNO (soneto)

P.88:

Notas MA:

1. Metáfora sublinhada no v.7:

“Ar, humidas do choro do sereno”

2. Palavra sublinhada no v. 11 “Hispido manto dos penedos brutos” e anotação do significado: *hirsuto*, estudo do vocabulário parnasiano.

\*

P. 89

VLVI – FASCINAÇÃO (soneto)

P. 89:

Notas MA:

1. Título sublinhado;
2. Traço à margem esquerda do texto;
3. Traços à margem direita destacando os v. 1-2, 9;
4. Anotação na margem direita; estudo da sonoridade:

### FASCINAÇÃO

“Todo o teu ser contemplo agora; e é quando  
Só para o contemplar até prescindo  
Do meu; e enquanto o meu vai sumindo,  
Vai o teu aos meus olhos avultando...

“Assim quem vai o píncaro galgando  
De uma alta serra, do horizonte infindo,  
Nota que, à proporção que vai subindo,  
Se vai em torno o círculo ampliando...

“E, ínfimo em face da amplidão tão grande,  
Fosco, a pupila com pavor expande...  
Abaixo mares vê, selvas, cidades,

“Montanhas... E até onde o olhar atinge,  
À imensidade esplêndida que o cinge,  
Vê ligarem-se mais imensidades...”

ando

indo

\*

P. 91

XLVIII – SOROR PALLIDA (soneto)

P.91:

Notas MA:

1. Substantivos sublinhados no v. 14 e expoente (*I*), remetendo ao comentário no rodapé:

“Uma flôr, uma phrase, um pensamento”(I)

2. Comentário no rodapé:

*“(1) É curioso de notar-se a assiduidade com que R. Corrêa/ usa e abusa de uma série de substantivos ou de adjetivos/ em um verso. E geralmente ele o faz no fim de sonetos/ ou de quadras. Vide páginas 87, 73, 61 (duas vezes), 27 etc./ Essa usança tornou-se tão comum nos poetas modernos/ principalmente em alguns que sonetos hão que se podem/ considerar como meras enumerações. Bilac, nos sonetos/ já conhecidos do seu novo livro “Tarde” abusa dessas/ enumerações não ~~nome~~ de substantivos só ou de adjetivos mas de frases.”*

Nota da pesquisa: MA faz referência às seguintes enumerações:

- ✓ “Versos a um artista”: p.27, v.8 – “Pincel, lapis, buril, cinzel e penna”
- ✓ “Sonho turco”: p.61, v.78 – “Lanceolados, ríspidos e agudos...”  
v. 84 – “Musculosos, elasticos e viris...”
- ✓ “Primaveril”: P.73, v.14 – “Pequenos, microscópicos, chineses...”
- ✓ “Lembrança”: p.87, v.14 – “Tenue, longínqua, branda, solitária...”

\*

P. 92

XLIX – PEREGRINAS (soneto)

P.92:

Nota MA: palavra sublinhada no v. 6: “Doce, a guzla das aves, em radiosas”, estudo do vocabulário parnasiano.

\*

P. 93-99

L – LUIZINHA (51 estrofes)

P. 93:

Notas MA:

1. Imagem sublinhada nos v.5-6:

“Como que, louco, um rouxinol não cessa  
De gorgear-lhe dentro da garganta”

2. Palavra sublinhada no v.9: “As faces, lourecendo-lhe a cabeça”, estudo do vocabulário parnasiano.

P.94:

Nota MA:

1. Escansão marcada no v.18:

“Ao valle azul de uma poesia casta”

2. Adjetivo sublinhado no v.29: “O seu jasmineo corpo em torno expira”; estudo do vocabulário parnasiano:
3. Colocação do pronome sublinhada no v.35:

“Lhe ascendo, pelos raios da pupilla”

P. 95:

Notas MA:

1. Imagem sublinhada nos v.44-45:

“E é cada beijo seu, para os sedentos,  
Como um límpido copo de água fresca”

2. Verbo sublinhado no v.51: “Papeia, e, sem parar, arfa e moureja”; estudo do vocabulário parnasiano.

P.96:

Nota MA: cacófato sublinhado no v.70:

“Da tua filha, amigo, a debil aza”

P.98:

Notas MA:

1. Palavra sublinhada no v.123 “Turturinos, puríssimos e ledos...” e anotação do significado: “*Que turturinam/ Que arrulham*”, estudo do vocabulário parnasiano.
2. Comentário na margem direita: “*Vide observação pg 91*”
3. Acréscimo da letra “E” antes do v.128:

*E* “tudo isso no nosso jaz occulto,”

P.99:

Nota MA: traço à margem esquerda dos v.139-144:

“Mas o heroe indomavel, se uma filha  
Tem, cujo olhar no fundo de su'alma,  
Como no fundo de um sacrario, brilha,

“Domado está, que a pequenina palma  
Da mão d’essa Dalila pequenina  
Lhe tolhe os pulsos e o furor lhe acalma.”

\*

P. 103

LIII – CLOTILDE (4 estrofes)

P. 103:

Nota MA: palavra sublinhada no v.14: “Ao meu plectro humilde, e, então,” estudo do vocabulário parnasiano.

\*

P.107

LVII – VULNUS (soneto)

P.107:

Notas MA:

1. Exponente (I) no título, remetendo ao comentário no rodapé:

“Vulnus”(I)

*“(I) R. Correa não escreve sonetos em alexandrinos. Este é uma exceção singularíssima”*

2. Ideia sublinhada no v.1:

“Com bons olhos, quem ama, em torno tudo vê”

3. Barra marcando escansão do alexandrino no v. 5:

“Eu também attingi / esse supremo grau”

4. Conclusão sublinhada no v.14:

“Amei: nem uma só de vós me compreendeu!”

\*

P.109-111

LIX – PLENILUNIO (12 estrofes)

P.110:

Notas MA:

1. Palavra sublinhada no v.21: “Exposta aos euros a fronte nua”, estudo do vocabulário parnasiano.

2. Imagem sublinhada no v.23:

“Banhos de lua que fazem mal”

\*

P.112-114

LX – OS CIGANOS (6 estrofes)

P. 112:

Nota MA: palavra sublinhada no v.6: “Tres farrapados, míseros ciganos”, estudo do vocabulário parnasiano.

\*

P.115

LXI – PELAGO INVISÍVEL (soneto)

P.115:

Notas MA:

1. Ideia sublinhada nos v.3-4:

“Ah! Ninguém vê, mas todo o mundo sente  
Dentro, n’alma, um Atlantico infinito...”

2. Repetição sublinhada nos v. 7-8:

“Verto ahi, muita vez, meu pranto ardente;  
Muita vez, clamo; muita vez, medito...”

3. Palavra sublinhada no v. 9 “E elle, ora, inchado, estoira e arqueja e nuta” e anotação do significado: “*Oscilar, vacilar*”, estudo do vocabulário parnasiano.

\*

P. 117-118

LXIII – TRES ESTANCIAS (3 estrofes)

P. 117:

Nota MA: título sublinhado:

“Tres estancias”

\*

P.119

LXIV – MAL SECRETO (soneto)

“Se a colera que espuma, a dôr que mora  
N'alma, e destróe cada illusão que nasce,  
Tudo o que punge, tudo o que devora  
O coração, no rosto se estampasse;

“Se se pudesse, o espirito que chora,  
Vêr através da mascara da face,  
Quanta gente, talvez, que inveja agora  
Nos causa, então piedade nos causasse!

“Quanta gente que ri, talvez, comsigo  
Guarda um atroz, recondito inimigo,  
Como invisível chaga cancerosa!

“Quanta gente que ri, talvez existe,  
Cuja a ventura única consiste  
Em parecer aos outros venturosa!”

P.119:

Nota MA: Comentário na margem superior:

*“A ideia inteira dêste soneto pertence a Metastasio :/’Se a ciascun l’interno affanno/ si leggesse in fronte scritto/ quanti mai che invidia fanno/ ci farebbero pietà! ...’/ Diz A. Amaral no seu discurso sobre Raimundo: ‘...com o/ Mal secreto, onde vemos duas quadrinhas inofensivas e/ sensatas, de um feitio pe-dagógico e fradesco, desenvolverem-se/ num soneto magistral, desdobrarem-se, irizarem-se, vibrarem/ como azas largas e fortes, na tormenta da vida, no esplendor e/ na volúpia da arte’”*

Nota da pesquisa: MA marca a apropriação que Raimundo Correa fez da estrofe de "L'Apparenza", do poeta italiano Pietro Metastasio:

“Se a ciascun l'interno affano  
Se legesse in fronte scritto,  
Quanti mai che invidia fanno,  
Ci farebbero pietà!

Se vedria che i lor nemici  
Hanno in seno; e si reduce  
Nel parere a noi felice  
Ogni lor felicità.”

(Se se pudesse ler, escrita na frente de cada um, a sua íntima aflição, quantos, que ora nos causam inveja, nos despertariam piedade!

Ver-se-ia que eles levam no seio os seus próprios inimigos, e que toda a sua felicidade consiste em nos parecer felizes).

FILHO, Cruz. *O soneto*. Rio de Janeiro: Elos, 196.

MA faz novamente referência à obra *Conferências, 1912-1913* (São Paulo: Off. Cardozo Filho & C., 1914; MA 869.904S678c 1912-3) da qual faz parte a palestra RAIMUNDO CORREA, de Amadeu Amaral. O trecho citado está à p.32 e não possui notas marginais.

\*

P.120

LXV – HORACIO FLACCO (soneto)

P.120:

Nota MA: desfecho sublinhado nos v.12-14:

“Dentro em ti mesmo, achares essa pura  
Paz de espírito e essa íntima alegria,  
Que debalde entre os homens se procura”

\*

P. 121

LXVI – O MISANTHROPO (soneto)

P.121:

Nota MA: palavra sublinhada no v.6 “Vejo tanta dobrez, ludibrio tanto!” e anotação do significado: “*Falta de sinceridade, fingimento*”, estudo do vocabulário parnasiano.

\*

P. 122-123

LXVII – TEMOR (2 estrofes)

P. 123:

Notas MA:

1. Palavra sublinhada no v.14: “Emquanto a dôr sopita não desperta”, estudo do vocabulário parnasiano.

2. Desfecho sublinhado no v. 22-24:

“Pois, por um só prazer, mesquinho e raro,  
A desventura cobra-se tão caro,  
Que aos tristes o menor prazer assusta!”

\*

P. 124

LXVIII – OS ARGONAUTAS (soneto)

P.124:

Notas MA:

1. Palavra sublinhada no v.2 “Os gerifaltos vão... – em chusmas, audaciosos,” e anotação do significado: “*espécie de falcão*”, estudo do vocabulário parnasiano.

2. Comentário no rodapé:

*Segundo soneto em alexandrinos*

\*

P.127-129

LXXI – “BACCHO, QUANDO PEQUENO,” (2 estrofes)

P.127:

Nota MA: palavra sublinhada no v.2: “Pelo chorudo semi-deus Sileno”, estudo do vocabulário parnasiano.

P.128:

Nota MA: palavra sublinhada no v.43: “Bella cabeça pampinosa, ornada”, estudo do vocabulário parnasiano.

\*

P.135

LXXV – BANZO (soneto)

P.135:

Nota MA: termo sublinhado no v.3: “Collea, basilisco de ouro, ondeando”, estudo do vocabulário parnasiano.

\*

P.139-141

LXXVIII – JOB (13 estrofes)

P.140:

Nota MA: palavra sublinhada no v.26 “Rôto andrajo, onde a lepra horrível que lhe prúe” e anotação do significado: “*Pruir o mesmo que prurir/ causar comichões*”, estudo do vocabulário parnasiano.

\*

P.142

LXXIX – \*\*\* (soneto)

P.142:

Nota MA: título sublinhado:

“\*\*\*”

\*

P. 143-144

LXXX – NIRVANA (1 estrofe)

P. 143:

Nota MA: palavra sublinhada no v. 15 “A pyramide, a saxea Esphinge, o Mausoleu” e anotação do significado: “*Que é feito de pedra*”, estudo do vocabulário parnasiano.

P.144:

Nota MA: palavra sublinhada no v.38 “Absorve; e eil-o inda ao vacuo uivando famulento!” e anotação do significado: “*faminto*”, estudo do vocabulário parnasiano.

\*

P.146-147

LXXXII – IMAGEM DA DOR (8 estrofes)

P. 147:

Nota MA: palavra sublinhada no v. 22: “Nos céus sorri; e a mesma feral mão”, estudo do vocabulário parnasiano.

\*

P.149-157

LXXXIV – HARMONIAS DE UMA NOITE DE VERÃO (diálogo)

P.150:

Notas MA: estudo do vocabulário parnasiano:

1. Palavra sublinhada no v. 24 “E eu do throno das nevoas, do cimmério” e anotação do significado: “*Que esta em uma cimeira*”.
2. Palavra sublinhada no v. 32: “Da lua crescentigera e chanfrada”.

P.150-151:

Nota MA: traço à margem esquerda dos v.34-60:

O POETA

“Em vão de trevas todo o espaço inundas!  
Povôam-no luciferos insectos;  
São terrestres estrellas vagabundas;  
São pequeninas lampadas errantes;  
São de um rôto collar de fogo, iriantes  
A'scuas soltas; são vividos e inquietos  
Carbunculos alados;  
São accesas saphiras; são diamantes  
Da grinalda dos sóes desengastados...  
Basta á minha pupilla  
O fanal d'essas almas luminosas;

E eu, nas tuas entranhas tenebrosas,  
 Como uma sonda os olhos aprofundo,  
     — O' tectrica e tranquilla  
 Noite!— e sinto em cada atomo invisivel  
 Latejar novo, ardente e occulto mundo;  
     E o idioma confuso,  
 O hymno sem echo, o hosanna intraduzivel  
 Do ser, o mais rudimentar, traduzo.  
 Neste de trevas pavoroso oceano,  
     Onde o espirito immerso,  
 Se debate arquejante, escuto, ancioso,  
 Toda a orchestra das vozes do Universo;  
 Desde as dos astros musicas supernas,  
 Até o psalmo obscuro e mysterioso,  
 Que escapa, como um monstro diluviano,  
 Pela estúpida bocca das cavernas...”

P.154:

Notas MA:

1. Palavra sublinhada no v.121: “O anhelito de um anjo adormecido”, estudo do vocabulário parnasiano.
2. Construção sublinhada nos v.123-124 “Insaciavel! Essa, que além vejo./ Ilusão fugitiva” e anotação na margem direita: “(Notar como são frequentes/ estas construções no poeta)/Só nesta poesia umas/ três ou 4 vezes já”
3. Palavra sublinhada no v. 130: “Luz irisada, (1) acatasola e tinge”, estudo do vocabulário parnasiano: e expoente (1), remetendo ao comentário no rodapé:

“(1) *Catasol (le-se catassol) Cambiante*”

4. Traço marcando contagem silábica no v.140:

“Alma jamais contente! Alma de poeta!”

P.155-156:

Nota MA: traço à margem esquerda dos v.172-177:

	“Cada illusão é como uma esperança De um bem que tarda e que afinal se alcança, De um bem, que, um dia, ha de afinal chegar ; Enquanto este não chega e dura aquella, Gósa-se mais com ella, Do que com o proprio bem se ha de gosar.”
--	---

P. 156:

Nota MA: correção no v. 196:

o | “A’ mulher culta/ dás? Desdenha-te a mulher.”

P.157:

Nota MA:

1. Barra marcando escansão e expoente (1) no v.210, remetendo ao comentário no rodapé:

“Po/eta (1)! Eu te reservo, alma que aneia e soffre,”

“(1) R. Correa canta indiferentemente poeta com um/ e dois pes”

\*

P.158-168

LXXXV – MEDITAÇÕES (55 estrofes)

P.158:

Nota MA: correção no v.7

ri / “Toda içada ao sol; e, a perseguil-a”

P.159:

Notas MA:

1. Palavra sublinhada no v.19: “Mas desse altar thuricremo esvahida”, estudo do vocabulário parnasiano.
2. Metáfora sublinhada no v.22-23, estudo do vocabulário parnasiano:  
“O meio-dia da existência é que arde.  
Esplendido, e o combate pela vida”
3. Palavra sublinhada no v. 29: “Bulhando em turbilhões de lama e de ouro”, estudo do vocabulário parnasiano.

P.160:

Nota MA: ideia sublinhada nos v.50-51:

“Quem faz o vencedor, quem o vencido  
Faz, és tu sempre, ó lei vital da Força!”

P.161:

Nota MA:

1. Palavra sublinhada no v. 63 “Cérceos, cortando braços e cabeças...” e anotação de significado: “*Que corta pela raiz*”, estudo do vocabulário parnasiano.
2. Traço à margem esquerda dos v.72-75:

“E é teu gladio mortífero, que gyra  
No ar, em torno a estender rubra hecatombe;  
Qual foge; qual resiste, até que tombe;  
Qual tomba; qual, mordendo o solo, expira...”

3. Palavra sublinhada no v.77: “No chão, beijando as plantas que os sopeiam...”, estudo do vocabulário parnasiano.

4. Construção sublinhada no v. 80:

“Lei cruel! Dura lei! Quem, sobrehumano,”

P.162:

Nota MA: palavra sublinhada no v.87 “A fera é – carniçal, o homem – verdugo!”, estudo do vocabulário parnasiano.

P. 163:

Nota MA: estudo do vocabulário parnasiano:

1. Palavra sublinhada no v.120 “E a falcifera Peste assombra, fere” e anotação do significado: “*Armada de foice*”.
2. Palavra sublinhada no v.127: “No bruno seio empedernido a terra!”.

P.164:

Nota MA: palavra sublinhada no v.134 “A esta vegetação de almas refeces” e anotação de significado: “*Infame, miserável, que/ tem maus sentimentos*”, estudo do vocabulário parnasiano.

P.165:

Notas MA:

1. Sequência sublinhada no v. 159 “Mordendo-se, extorcendo-se, estoirando...” e anotação na margem direita: “*Vide abreviação pg. 91*”

Nota da pesquisa: MA refere-se à nota na p. 91:

“(1) É curioso de notar-se a assiduidade com que R. Corrêa/ usa e abusa de uma serie de substantivos ou de adjetivos/ em um verso. E geralmente ele o faz no fim de sonetos/ ou de quadras. Vide páginas 87, 73, 61 (duas vezes), 27 etc./ Essa usança tornou-se tão comum nos poetas modernos/ principalmente em alguns que sonetos hão que se podem/ considerar como meras enumerações. Bilac, nos sonetos/ já conhecidos do seu novo livro “Tarde” abusa dessas/ enumerações não ~~nome~~ de substantivos só ou de adjetivos mas de frases.”

2. Palavras sublinhadas nos v.165: “— Lucivéu da razão, que a ennoita e cega—e v.167: “Rasga e enlameia a túnica inconsutil,” e anotação do significado do termo do v. 167: “*inteiriço, sem costuras*”, estudo do vocabulário parnasiano.

3. Palavra sublinhada no v. 172: “Misto de pompas e farraparias”, estudo do vocabulário parnasiano.

4. Interrogação ao final do v.175:

“E desde o Pantheon às Gemonias...” ?

P.166:

Notas MA:

1. Palavra sublinhada no v. 184 “Esgalracho tenaz, cujas raízes” e anotação do significado: *Graminia cujas raízes se distendem muito, danificando/ as sementeiras; diz-se também esgalracho*, estudo do vocabulário parnasiano.

2. Palavra sublinhada nos v.191 “Seu cíngulo de auroras arrebetam” e anotação de significado: “*cinta*”, estudo do vocabulário parnasiano.

3. Construção sublinhada por traço duplo no v.200:

“Ó sciencia do viver, como és amarga!”

4. Traço à margem esquerda dos v. 201-204:

“Emigra o riso – esse hóspede constante  
Da sua bocca – como o passarinho,  
Que, abandonando o profano ninho,  
Vae fazer outro ninho mais distante...”

P.168:

Nota MA: Comentário no rodapé:

*“A idéia, a imaginação não vulgar desta/ poesia é de uma grandíssima belêza e mesmo/ esta beleza seria inteiriça se não fora essa/ [ilegível] tirada social de estopante mau gôsto.”*

\*

P.169

LXXXVI – LUBICUS ANGUIS (soneto)

P. 169:

Nota MA: palavra sublinhada no v.5 “Mas a língua trisulca que na treva” e anotação de significado: “*Ou tribido; dividido em três.*”, estudo do vocabulário parnasiano.

\*

P.170

LXXXVII – NUA E CRUA (soneto)

P.170:

Nota MA: sublinhada incompatibilidade dos tempos verbais nos v.3-4, destacados por um arco:

“Quiz vel-a nua um dia; e, ousadamente  
Do aureo manto despoja a divindade”

\*

P.171- 173

LXXXVIII – DESILLUDIDO (14 estrofes)

P.172:

Notas MA:

1. Palavra sublinhada no v. 26: “Desgastaste na sciencia esteril; as manhans”, estudo do vocabulário parnasiano.

2. Ideia sublinhada nos v.31-32:

“Porque quizeste, emfim, para todas as cousas,  
Não como poeta já, mas como sábio, olhar?”

P.173:

Notas MA:

1. Traço à margem esquerda dos v.45-48:

“Falta-te a crença que é, para uma alma sombria,  
Como o ar para o som, como a luz para a côr!...  
Nem um vislumbre tens dessa ingenua alegria,  
Que é, na bocca – o sorriso, e que é, no ramo – a flôr!”

2. Ideia sublinhada nos v.55-56:

“Perdendo as illusões, também perdeste a vida,  
Pois deixar de illudir-se é deixar de viver!”

\*

P.175-176

XC – DEUS IMPASSIVEL (9 estrofes)

P.176:

Notas MA:

1. Imagem sublinhada nos v.23-24:

“Teu coração que – horrível cachoeira  
De soluços e lagrymas – referve?!”

2. Acréscimo de vírgula no v. 32 :

“Acima, além , do ethereo azul ignoto,”

3. Palavra sublinhada no v.33 “Do esparavel dos astros infinito” e anotação de significado: “*Dœél dossel.*”, estudo do vocabulário parnasiano.

\*

P.177

XCI – VAE VICTIS (soneto)

P.177:

Nota MA: comparação sublinhada no v. 6:

“A alma – esponja de lagrymas e fel –.”

\*

P.178-181

XCII – DIALOGOS (2 partes)

P. 179:

Nota MA: palavra sublinhada no v. 17 “Meus gonfalões de seda oscillam, triumphaes” e anotação de significado: “*bandeira*”, estudo do vocabulário parnasiano.

P.180:

Nota MA: palavra sublinhada no v.51 “Sob o infecundo sol, a inópia te consome” e anotação do significado “*penúria*”, estudo do vocabulário parnasiano.

\*

P.183-186

XCIV – FABORDÃO (17 estrofes)

P. 183:

Notas MA:

1. Título sublinhado:  
“Fabordão”

Nota da pesquisa: No poema “Inverno”, de *Há uma gota de sangue em cada poema*, MA fará uso deste vocábulo: “O vento rosna um fabordão...” (*Obra Imatura*. Rio de Janeiro: Agir, 2009, p. 38-39)

2. Palavra sublinhada no v.13 “D’elle a suspeita vesana” e anotação de significado: “*Insensata – demente*”, estudo do vocabulário parnasiano.

P.184:

Nota MA: palavra sublinhada no v. 28: “Dos chichisbéos que extasia”, estudo do vocabulário parnasiano.

P.185:

Nota MA: palavra sublinhada no v. 45: “E a boquejar em D. Anna”, estudo do vocabulário parnasiano.

\*

P.187-188

XCV – PAZ ENTRE OS HOMENS (5 estrofes)

P.188:

Nota MA: palavra sublinhada no v.18 “No doce phalansterio das colmeias” e anotação de significado: “*Habitação societária*”, estudo do vocabulário parnasiano.

\*

P.191-193

XCVII – HYMNO À CÓLERA (10 estrofes)

P.192:

Nota MA: palavras sublinhadas nos v.18, 30, estudo do vocabulário parnasiano: “Desencadeia e encarapella os mares!”, “O olhar accende e as cordoveias incha!”.

P.193:

Notas MA:

1. Imagem sublinhada nos v.47-48:

“Tombe, como Saul, amortalhado  
Na túnica real do próprio sangue!”

2. Construção sublinhada nos v.50-51 e expoente (*I*), remetendo ao comentário no rodapé:

“Essa, cujo esplendor o offusca e cega,  
Colera horrenda (*I*), embriaguez divina!”

“*Como estamos longe do/ tempo d’ “As pombas!”.../ (I)Vide observação pg 154*”

Nota da pesquisa: o soneto “As pombas”, de Raimundo Correa, foi publicado em 1879 no livro *Primeiros sonhos* (São Paulo: Typ. da tribuna liberal). MA não possui esse volume em sua coleção. A anotação ao fim do verso faz referência à nota da p. 154: “(Notar como são frequentes/ estas construções no poeta)/Só nesta poesia umas/ três ou 4 vezes já”

3. Palavra sublinhada no v. 54 “Partindo-se-lhe a espada colubrina” e anotação de significado “*espada antiga de lamina sinuosa*”, estudo do vocabulário parnasiano:

\*

P.194-196

XCVIII – A SOMBRA DA MORTE (8 estrofes)

P.194:

Nota MA: palavra sublinhada no v.10: “Ó céus! – depréca num soluço rouco”, estudo do vocabulário parnasiano.

P.195:

Nota MA:

1. Imagem sublinhada nos v.17-18:

“O que deplora e sente,  
Não é morrer, porém... deixar a Vida”

2. Palavras sublinhadas nos v. 26: “Não sou. Não sou o espectro que, ominoso” e v.32: “Em niveo toro, ambigua, aerea e vaga”; estudo do vocabulário parnasiano.

\*

P.197

XCIX – “ÓDIO E AMOR. EIS AS DUAS SENTINELLAS” (2 estrofes)

P.197:

Nota MA: traço à margem esquerda do texto:

“Ódio e Amor. Eis as duas sentinellas  
Da minha vida. Quando, outr’ora, eu tive  
A alma povoada de illusões singellas,  
Morre !—dizia-me a primeira d’ellas ;  
Mas a segunda me dizia : – Vive !

“Hoje estão ambas mudas. Ah ! Se, um dia,  
Não me corresse as veias, como corre,  
Sangue honrado, mas lama e cobardia ;  
Vive ! — O Ódio então, com jubilo diria;  
E o Amor a soluçar diria: – Morre !”

\*

P.198-200

C – ONDAS... (10 estrofes)

P.199:

Nota MA: palavras sublinhadas nos v. 28: “Despindo a crusta vil, onde” e v.32: “De gerifaltos voando”; estudo do vocabulário parnasiano.

P.200:

Nota MA: palavra sublinhada no v.50: “Vem já, decumana e altiva”; estudo do vocabulário parnasiano.

\*

P.202-203

CII – AMEN (6 estrofes)

P.203:

Nota MA: palavra sublinhada no v.13: “E a voz que hymnifera o abençoa”, estudo do vocabulário parnasiano.

\*

P.205

CIV – HOROSCOPO

P.205:

Nota MA: Comentário no rodapé:

*“Quão distantes estamos do tempo em que Raimundo/ escrevera “As Pombas”!...”*

\*

P. 207-209

CVI – LODO E ESTRELLAS (12 estrofes)

P.207:

Notas MA: estudo do vocabulário parnasiano:

3. Palavra sublinhada no v.2 “Sem macaréos, quieto, quieto” e anotação do significado: “*enchentes*”.
4. Palavra sublinhada no v. 4 “Só venenosos tortulhos”, e anotação do significado: “*cogumelos*”.
5. Palavras sublinhadas no v.8: “Do carbúnculo e das febres”.

P.208:

Notas MA: estudo do vocabulário parnasiano:

1. Palavra sublinhada v. 14 “Vibriões, filhos da lama,” e anotação do significado: “*Infusorios de/ movimento vibratorio*”.
2. Palavra sublinhada no v 16: “Dos farroupas nauseabundos”.

P.209:

Nota MA: palavra sublinhada no v.38 “Na escura e tabida vasa” e anotação do significado “*saniôso, pútrido*”, estudo do vocabulário parnasiano.

\*

P.210

CVII – “JUNCTO A ESTA CRUZ OS OSSOS DUM ASCETA” (soneto)

P.210:

Nota MA: barras marcando escansão do v.8 “Daniel, da caverna dos leões” e comentário na margem direita: “*Mau verso para um par/nasiano!*”

\*

P.211

CVIII – “NADA! ESTA SÓ PALAVRA EM SI RESUME TUDO” (2 estrofes)

P. 211:

Notas MA:

1. Palavra sublinhada no v.3: “Obras de que é a traça o bibliognosta (1) mudo” e expoente (1), remetendo à definição no rodapé:

“(1) *Que/ conhece acima de tudo os livros/ (3585)*”

\*\*\*\*\*

OLIVEIRA, Alberto de (org.)

Bibl. MA [A/II/c/57]

*Páginas de ouro da poesia brasileira*. Rio de Janeiro/ Paris: H. Garner, 1911.

[Poesia]

IEB: MA 869.9108P136

Notas MA a grafite.

Capa em couro marrom e título gravado em ouro.

Página de guarda:

Nota MA: anotação de números de páginas, destacando poemas:

“pg 397-pg 27-/ 29/ 361”

Nota da pesquisa: os poemas registrados são:

- ✓ P.27 – LYRA XXVI, de Thomaz Gonzaga, que traz palavras sublinhadas nos v. 6, 8, indicando estudo do vocabulário parnasiano: “Do pesado esmeril a grossa areia/ E já brilharão os granetes de ouro/No fundo da batêa.”
- ✓ P.29 – LYRA XXXII, do mesmo autor, sem notas de leitura.
- ✓ P.361 – À MINHA NOIVA, de Arthur Azevedo, tem palavra sublinhada no v. 23: “Eu sou no amor o gardingo.”, apontando para o estudo do vocabulário parnasiano.
- ✓ P.397 – BARCAROLA, de Guimarães Passos, traço à margem esquerda dos v. 33-40 e anotação lateral:

Sem	“Embora tudo!... Bemdigo Esta ditosa lembrança, Que, sem me dar esperança, Une-me ainda contigo... Bemdigo a casa da serra, Bemdigo as horas fagueiras, Bemdigo aquelas palmeiras, Querida, da tua terra!”
-----	---

Página de guarda:

Nota MA: esboço de poema na margem superior e inferior:

*“Alma errante gaivota perdida  
Pelo espaço da vida  
Por que se abrem p’ra ti os amores  
Resplendores*

*Ouviru-se no canindé  
Um ribombo de infanta  
Foi o beijo que a Teffé  
Imiscuiu no marecha[l]”*

Nota da pesquisa: Nair de Teffé (1886-1981), filha do barão de Teffé, casou-se em 1913 com o presidente do Brasil, Marechal Hermes da Fonseca. Como primeira-dama promovia saraus. Fonte: [http://www.apcl.com.br/noticias/coluna\\_nairteffe.htm](http://www.apcl.com.br/noticias/coluna_nairteffe.htm) (Academia Petropolitana de Letras) e LUSTOSA, Isabel. *Histórias de presidentes: a República no Catete*. Rio de Janeiro: Agir, 2008.

\*\*\*

P.1-5:

FR. JOSÉ DE SANTA RITA DURÃO (1717... 1720-1784)

P.1:

Nota MA: esboço de verso na margem esquerda:

*“pedindo/ Com os olhos cheios d’água um pouco d’água”*

P.3-5:

CARAMURU – A MORTE DE MOEMA (CANTO VI) (7 estrofes)

P.3:

Nota MA: construção sublinhada no v. 14:

“Não vinha menos bella, do que irada:”

P. 4:

Nota MA: construção sublinhada no v. 28:

“Que é favor, dado a tempo, um desengano:”

\*\*\*

P.7-13:

CLAUDIO MANOEL DA COSTA (1729-1789)

P.9-13

SONETOS

P.10-11:

NISE? NISE? ONDE ESTÁS? AONDE ESPERA (soneto)

Notas MA:

1. Traço duplo à margem esquerda do texto;
2. Traços e sublinhas à direita dos v. 7-9 destacando a rima variada, estudo da sonoridade:

||“Nise? Nise? onde estás? Aonde espera  
||Achar-te uma alma, que por ti suspira;  
||Se quanto a vista se dilata, e gira,  
||Tanto mais de encontrar-te desespera!

“Ah! se ao menos teu nome ouvir pudéra  
 Entre esta aura suave, que respira!  
 Nise, cuido que diz; mas é mentira.  
 Nise, cuidei que ouvia; e tal não era.  
  
 “Grutas, troncos, penhascos da espessura,  
 Se o meu bem, se a minh’alma em vós se esconde,  
 Mostrae, mostrae-me a sua formosura.  
  
 “Nem ao menos o écho me responde!  
 Ah! como é certa a minha desventura!  
 Nise? Nise? onde estás? aonde? aonde?”

\*

P.11:

NÃO VÊS, NISE, ESTE VENTO DESABRIDO (soneto)

Notas MA:

1. Sublinhada inversão e a rima nos v. 2-3;
2. Expoente (1) remetendo ao comentário no rodapé:

“Não vês, Nise, este vento desabrido,  
 Que arranca os duros troncos? Não vês esta, (1)  
 Que vem cobrindo o céu, sombra funesta,”

(1) *Forma clássica de de se [sic]apossou entre/ os modernos Raymundo Correa e de/ que fez tão belo uso*

\*

P.11-12:

AI! NIZE AMADA! SE ESTE MEU TORMENTO (soneto)

Nota MA: traço à margem esquerda do texto:

“Ai! Nize amada! Se este meu tormento,  
 Se estes meus sentidíssimos gemidos  
 Lá no teu peito, lá nos teus ouvidos  
 Achar pudessem brando acolhimento;  
  
 “Como alegre em servir-te, como attento,  
 Meus votos tributára agradecidos!  
 Por seculos de males bem soffridos  
 Trocára todo o meu contentamento.  
  
 “Mas se na incontrastavel pedra dura  
 De teu rigor não ha correspondencia  
 Para os doces affectos de ternura;

“Cesse de meus suspiros a vehemencia;  
Que é fazer mais soberba a formosura  
Adorar o rigor da resistencia.”

\*

P.13:

CAMPOS, QUE AO RESPIRAR MEU TRISTE PEITO (soneto)

Notas MA:

1. Traço à margem esquerda do texto:

“Campos, que ao respirar meu triste peito,  
Murcha e sêca tornaes vossa verdura,  
Não vos assuste a pallida figura,  
Com que o meu rosto vêdes tão desfeito.

“Vós me vistes um dia o doce effeito  
Cantar do Deus de Amor e da ventura;  
Isso já se acabou; nada já dura;  
Que tudo á vil desgraça está sujeito.

“Tudo se muda emfim: nada ha, que seja  
De tão nobre, tão firme segurança,  
Que não encontre o fado, o tempo, a inveja.

“Esta ordem natural a tudo alcança;  
E se alguém um prodigio vêr deseja,  
Veja meu mal, que só não tem mudança.”

2. Comentário no rodapé:

*“A ideia deste soneto não pertence/ a Claudio, senão a Camões. Na/ pagina 92, o soneto CLXV se refere/ a essa mesma ideia: /“Eu só não posso ver meu mal mudado”*

Nota da pesquisa: MA aponta a apropriação do v. 14 de “CLXV - Diversos casos, vários pensamentos”, da série de Sonetos Apócrifos, de Camões:

“Diversos casos, vários pensamentos  
me trazem tão confuso o entendimento  
que em nada vejo já contentamento  
senão quando se vão contentamentos.

“Em vários casos, vários sentimentos  
sucedem, por mostrar ao fundamento  
que é o que se deseja tudo vento,  
pois pinta haver descanso em vãos intentos.

“Vê-se em grandes discursos os desejos,  
quando as ocasiões os tempos mudam,  
não há coisa impossível a um cuidado.

“O injusto com o justo é já trocado;  
os duros montes seus assentos mudam:  
eu só não posso ver meu mal mudado.”

\*\*

P. 15-24

JOSÉ BASILIO DA GAMA (1740-1795)

P.17-24

O URAGUAY

P.20-21

AO LONGO DO RIO (CANTO III)

P.20:

Nota MA: construção sublinhada no v. 11:

“Com estranha cultura entrega ao fogo”

P.22-24:

A MORTE DE LINDOYA (CANTO IV)

P.22:

Nota MA: palavra sublinhada no v. 17: “Onde ao pé de uma lapa cavernosa”; estudo do vocabulário parnasiano.

P.24:

Notas MA:

1. Inversão sublinhada nos v. 54-55:

“Os olhos, em que amor reinava, um dia,  
Cheios de morte; e muda aquella língua,”

2. Imagem sublinhada no v. 68

“Tanto era bella no seu rosto a morte!”

\*\*

P.25-31

THOMAZ ANTONIO GONZAGA (1744-1807)

P.27-28

LYRA XXVI (PARTE I) (8 estrofes)

P.27:

Nota MA: palavras sublinhadas nos v. 6, 8: “Do pesado esmeril a grossa areia,/ E já brilharão os granetes de ouro/ No fundo da batêa.”; estudo do vocabulário parnasiano.

Nota da pesquisa: Esta Lira faz parte do poema “Marília de Dirceu”, de Thomaz Antonio Gonzaga, composto por duas partes.

\*\*

P.33-39

IGNACIO JOSÉ DE ALVARENGA PEIXOTO (1744-1793)

P.35

ESTELLA E NIZE (soneto)

P.35:

Nota MA: traço duplo à margem esquerda do texto:

“Eu vi a linda Estella, e namorado  
Fiz logo eterno voto de querel-a;  
Mas vi depois a Nize, e a achei tão bella,  
Que merece igualmente o meu cuidado.

“A qual escolherei, se neste estado  
Não posso distinguir Nize de Estella?  
Se Nize vir aqui, morro por ella;  
Se Estella agora vir, fico abrasado.

“Mas, ah! que aquella me despreza amante,  
Pois sabe que estou preso em outros braços,  
E esta não me quer por inconstante.

“Vem, Cupido, soltar-me destes laços;  
Ou faz de dois semblantes um semblante,  
Ou divide o meu peito em dois pedaços!”

\*\*

P.41-47

MANOEL IGNACIO DA SILVA ALVARENGA (1749-1814)

P.43-45

GLAURA DORMINDO (RONDÓ XXVII)

P.43 :

Nota MA: título assinalado por traço horizontal:

“Glaura Dormindo”

\*\*

P.49-56

JOSÉ BONIFÁCIO DE ANDRADA E SILVA (AMERICO ELYSIO) (1765-1838)

P.51-56

ODE AOS BAHIANOS (34 estrofes)

P.52:

Nota MA: Ideia sublinhada no v. 23:

“Quem a morte não teme, nada teme;”

P.54:

Nota MA: palavra sublinhada no v. 62: “Gallicana donzella, lacrimosa,”; estudo do vocabulário parnasiano.

P.55:

Nota MA: palavra sublinhada no v. 92: “Tanto aulico perverso. Em França, amigo,” ; estudo do vocabulário parnasiano.

P.56:

Nota MA: palavra sublinhada no v. 111, formação de vocabulário:

“Em torno espalham mil sabéos perfumes,”

\*\*

P.61-65:

DOMINGOS BORGES DE BARROS (VISCONDE DA PEDRA BRANCA) (1779-1855)

P.63-65:

O BEIJO (15 estrofes)

P.63-64:

Notas MA:

1. Traço duplo à margem esquerda da estrofe 4;
2. Traços simples nas estrofes 5-6, 9, 11:

“Nunca te pedi um beijo;  
Pedido, que gosto tem?  
Do amor o que não é dado,  
E’ frio, não sabe bem.

“O coração leve aos olhos  
A expressão do desejo;  
Os labios aos labios levem  
Toda a delicia do beijo.

“E’ nessa muda linguagem  
De intelligencia amorosa,  
Que de amor vive escondida  
A parte mais saborosa.

[...]

“Se o beijo é signal de paz,  
Como póde ser de amor?  
Amar é viver em guerra,  
Entre delirios e dôr.

[...]

“O beijo ,dado escondido,  
Toma do crime a feição;  
Póde faltar o desejo,  
Mas não farta o coração.”

\*\*

P.67-69

CANDIDO JOSÉ DE ARAUJO VIANNA (MARQUEZ DE SAPUCAHY) (1793-1875)

P.69

VIOLETAS (4 estrofes)

P.69:

Nota MA: sinal de destaque sob o título:

“Violetas”  
/

\*\*

P.71-73

ANTONIO PEREGRINO MACIEL MONTEIRO (1804-1868)

P.73:

FORMOSA, QUAL PINCEL EM TELA FINA (soneto)

P.73:

Nota MA: traço à margem esquerda do texto:

“Formosa, qual pincel em téla fina  
Debuxar jámais pôde, ou nunca ousara;  
Formosa, qual jámais desabrochara  
Na primavera a rosa purpurina...

“Formosa, qual se a propria mão divina  
Lhe alinhara o contorno e a fórma rara;  
Formosa, qual no céo jámais brilhara  
Astro gentil, estrella peregrina;

“Formosa, qual se a natureza, e a arte,  
Dando as mãos em seus dons e em seus labores,  
Jámais pôde imitar no todo ou parte;

“Mulher celeste, ó anjo de primores!  
Quem póde ver-te, sem querer amar-te?  
Quem póde amar-te, sem morrer de amores?!”

\*\*\*

P.75-86

MANOEL DE ARAUJO PORTO-ALEGRE (1806-1879)

P.77-81

A DESTRUIÇÃO DAS FLORESTAS

P.77- 8

A QUEIMADA (canto II) (13 estrofes)

P.77:

Nota MA: palavras sublinhadas nos v. 10: “Mephítico vapor, que o rosto innunda”; v.12: “E ao afro escravo dá vigor aos membros” e v.14: “Igneo suão da Lybia abrasadora.”; estudo do vocabulário parnasiano.

P.78:

Nota MA: palavra sublinhada no v. 36: “E de grossas vergontes a robora,”; estudo do vocabulário parnasiano.

P.79:

Nota MA: palavra sublinhada no v. 73: “Em tripudio satanico os escravos!”; estudo do vocabulário parnasiano.

P.80:

Nota MA: palavra sublinhada no v. 85: “Que se alarga, progressa, trovejando,”; estudo do vocabulário parnasiano.

P.81:

Nota MA: palavra sublinhada no v. 124: “E no exicio medonho expiram todas,”; estudo do vocabulário parnasiano.

\*

P.82-86

COLOMBO

P.82-86

EXPEDIÇÃO ÀS TERRAS DO KAN. – O TABACO (canto XXX) (4 estrofes)

P. 83:

Nota MA: palavra sublinhada no v. 25: “Nesta mora, de ourada expectativa,”; estudo do vocabulário parnasiano.

P.84

Nota MA: palavra sublinhada no v. 70: “O ferro açacalado, enquanto o outro”; estudo do vocabulário parnasiano.

P.85:

Nota MA: palavra sublinhada no v. 94: “Que lanhavam as carnes, como serras,”; estudo do vocabulário parnasiano.

\*\*

P.87-94

DOMINGOS JOSÉ GONÇALVES DE MAGALHÃES (VISCONDE DE ARAGUAYA) (1811-1882)

P.89-94

NAPOLEÃO EM WATERLOO (15 estrofes)

P.90:

Nota MA: acréscimo de letra “o” no último vocábulo do v. 25; correção tipográfica:

“Esse heróe, que com a ponta de seu gladi o ”

P.91:

Notas MA:

1. Palavra sublinhada no v. 57: “Roncavam pelos ares os pelouros,”; estudo do vocabulário parnasiano.
2. Marcada a diferença de escansão do possessivo nos v.73-74, estudo da sonoridade:

“Tua força em mim está; tens completado  
|Tua augusta missão! – E’s homem. – Pára!”

P.92:

Notas MA:

1. Palavra sublinhada no v. 98: “O sol do Egypto ardente assoberbaram,”; estudo do vocabulário parnasiano.
2. Construção sublinhada no v. 101:

“Poucos, que se não rendem, mas que morrem!”

P.93:

Notas MA:

1. Métrica sublinhada no v.120, estudo da sonoridade:

“Que mutilam sua obra gigantesca”

2. Acréscimo de vírgulas no v. 121:

“Como do Macedonio , outrora , o imperio”

3. Construção sublinhada no v.124:

“Lhe salpica o semblante de piedade.”

4. Imagem sublinhada nos v. 133-134:

“Mas firme era sua alma como o marmore,  
Onde o raio batia e recuava!”

P.94:

Notas MA:

1. Expoente (I) no final do v. 144, remetendo ao comentário no rodapé:

“Nós um bem lhe devemos, que gosamos; (I)

*“(I) Sim; porquê se não fosse o rebento/ napoleónico que invadiu Portugal ao/ comando de Junot, D. João VI não teria/ se abrigado ao Brasil. E quanto bem/ não somos nós devedores dessa mi-/gração extraordinária?...”*

\*\*

P.95-98

JOSÉ MARIA DO AMARAL (1813-1885)

P.97-98

PASSASTE COMO A ESTRELLA MATUTINA (soneto)

P.97:

Nota MA: traço à margem esquerda do texto:

“Passaste, como a estrella matutina,  
Que se some na luz pura da aurora;  
Da vida só viveste aquella hora  
Em que a existencia em flôr luz sem neblina.

“Vêr-te e perder-te! De tão triste sina  
Não passa a magoa em mim, antes peiôra;  
Sem vêr-te já, minh’alma inda te adora,  
Em triste culto que a saudade ensina.

“Não vivo aqui; a vida em ti só ponho,  
Na fé, de Christo filha, a dôr abrigo,  
Futuro em ti no céu vejo risonho!

“Neste mundo, meu mundo é teu jazigo;  
Dizem que a vida é triste e falaz sonho,  
Se é sonho a vida, sonharei contigo.”

\*

P.98

UMA POR UMA, DA EXISTENCIA AS FLORES (soneto)

P.98:

Nota MA: palavra sublinhada no v.10: “Ao noitejar da idade, em amargura,”; estudo do vocabulário parnasiano.

\*\*

P.99-127

ANTONIO GONÇALVES DIAS (1823-1864)

P. 99:

Nota MA: esboço de verso na margem superior:

*“Choram os anjos no [ilegível] se a mãe contente”*

P.101-118  
Y-JUCA-PYRAMA

P.101-103  
PARTE I (8 estrofes)

P.102:

Nota MA: palavras sublinhadas nos v. 20: “Onde ora se aduna o concílio guerreiro” e v.43: “Em tanto as mulheres com leda trigança.”; estudo do vocabulário parnasiano.

\*

P.105-108  
PARTE IV (12 estrofes)

P.106:

Nota MA: palavra sublinhada no v. 19: “Nas ondas mendaces”; estudo do vocabulário parnasiano.

P.109-110  
PARTE V (2 estrofes)

P.110:

Nota MA: palavra sublinhada no v. 32: “Sobresteve o Tupi: arfando em ondas”; estudo do vocabulário parnasiano.

\*

P.110-113  
PARTE VI (4 estrofes)

P.110:

Nota MA: palavra sublinhada no v. 11: “Reaviei-me e tornei; mas urge o tempo;”; estudo do vocabulário parnasiano.

P.111:

Nota MA: palavra sublinhada no v. 43: “Daquelle exicio grande a imagem viva”; estudo do vocabulário parnasiano.

\*

P.114-116  
PARTE VIII (6 estrofes)

P.115:

Nota MA: palavras sublinhadas nos v. 19: “E entre as larvas da noite sombria” e v.28: “Mais te accenda o vesano furor;”; estudo do vocabulário parnasiano.

\*

P.119-121

SE SE MORRE DE AMOR! (6 estrofes)

P.119:

Nota MA: síntese sublinhada no v. 19:

“Amor é vida; é ter constantemente”

P.120:

Notas MA:

1. Ideia sublinhada no v. 33:

“Isso é amor, e desse amor se morre!”

2. Comentário na margem inferior, modificando v.50:

“Em reciproco affecto; e unidas, uma,”  
(*em uma só*)

P.121:

Notas MA:

1. Construção sublinhada no v. 53:

“Juntas – em puro céu de extasis puros;”

2. Traço duplo à margem esquerda dos v. 59-69:

“Póde o raio num pincaro caindo,  
Tornal-o dois, e o mar correr entre ambos;  
Póde rachar o tronco levantado  
E dois cimos depois verem-se erguidos,  
Signaes mostrando da alliança antiga;  
Dois corações porém, que juntos batem,  
Que juntos vivem, — se os separam, morrem  
Ou se entre o proprio estrago inda vegetam,  
Se apparencia de vida, em mal, conservam,  
Ancias crúas resumem do proscripto,  
Que busca achar no berço a sepultura!”

3. Inversão sublinhada nos v. 76-78:

“Esse, que á dor tamanha não succumbe,  
Inveja a quem na sepultura encontra  
Dos males seus o desejado termo!”

\*\*

P.129-135

BERNARDO JOAQUIM DA SILVA GUIMARÃES (1827-1884)

P.131-135

HYMNO Á TARDE (4 estrofes)

P.131:

Nota MA: palavras sublinhadas no v. 12: “Pelas odoras veigas”; estudo do vocabulário parnasiano.

P.132:

Nota MA: palavra sublinhada no v. 51: “Me ia embalando com sonoras dulias”; estudo do vocabulário parnasiano.

\*\*

P.137-142

FRANCISCO OCTAVIANO DE ALMEIDA ROSA (1825-1889)

P.139

MORRER... DORMIR... (soneto)

P.139:

Nota MA: traço duplo à margem esquerda do texto:

“Morrer... dormir... não mais! Termina a vida  
E com ella terminam nossas dôres:  
Um punhado de terra, algumas flôres,  
E ás vezes uma lagrima fingida!  
“Sim! minha morte não será sentida;  
Não deixo amigos, e nem tive amores!  
Ou, se os tive, mostraram-se traidores,  
Algozes vis de uma alma consumida.  
“Tudo é podre no mundo. Que me importa  
Que elle amanhã se esb’rôe e que desabe,  
Se a natureza para mim é morta!  
“E’ tempo já que o meu exilio acabe...  
Vem, pois, ó Morte, ao Nada me transporta!  
Morrer... dormir... talvez sonhar... quem sabe?”

\*

P.140-141

RECORDAÇÕES (3 estrofes)

P. 140:

Nota MA: sinal de destaque sob o título:

“Recordações”



\*

P.142

ILLUSÕES DA VIDA (1 estrofe)

P.142:

Nota MA: parte do título sublinhada:

“Illusões da vida”

\*\*

P.143-155

LAURINDO JOSÉ DA SILVA RABELLO (1826-1864)

P.143:

Nota MA: acréscimo de parênteses:

“Laurindo ( José da Silva ) Rabello”

\*

P.145-147

DOIS IMPOSSÍVEIS (15 estrofes)

P.145 :

Nota MA: sinal de destaque sob o título:

Dois impossíveis



P.147:

Nota MA: traço à margem esquerda dos v. 49-52:

“Porém amar-te desse amor latente,  
Raio de luz celeste e sempre puro,  
Que tem no seu passado o seu presente,  
E tem no seu presente o seu futuro;”

\*

P.150-155

ADEUS AO MUNDO

P.154-155

PARTE VI (7 estrofes)

P.154:

Nota MA: traço à margem esquerda os v.9-12; comentário na margem esquerda:

<i>Adeus</i>	“Vamos. Adeus, ó mãe, irmãos e amigos! Adeus, terra, adeus, mares, adeus, céos!... Adeus, que vou viagem de finados... Adeus... adeus... adeus!”
--------------	---

P.155:

Nota MA: traço à margem esquerda dos v. 13-16, 21-28:

	“Adeus, ó sol que, amigo illuminaste Meu pobre berço com os raios teus... Illumina-me agora a sepultura: Adeus, meu sol, adeus!”
--	---

[...]

	“Vós, cujo canto tanto me encantava, Da madrugada aligeros orpheus, Uma nenia cantae-me ao pôr da tarde: Passarinhos, adeus!”
--	--

	“Vamos. Adeus, ó mãe, irmãos, e amigos! Adeus, terra, adeus, mares, adeus, céos!... Adeus: que vou viagem de finados!... Adeus!... adeus!... adeus!”
--	---

\*\*

P.165-172

AURELIANO JOSÉ LESSA (1828-1861)

P.165:

Nota MA: parte do nome destacado:

Aureliand|José| Lessa

P.167-170

A TARDE

P.168

PARTE II (1 estrofe)

P.168:

Notas MA:

1. Traço à margem direita dos versos 4-5, 7 destacando as rimas sublinhadas; estudo da sonoridade:

— “Talvez são ellas encantadas manes  
De nossos paes, que errando pelos ares,  
Vêm segredar com a nossa consciencia  
Dubios emblemas de celestes phrases...”

2. Construção sublinhada no v. 18:

“Té de mim proprio sinto um vago olvido,”

\*

P.168-169

PARTE III

P.168-169:

Nota MA: traço duplo à margem esquerda dos v. 1-29:

“Salve, filha dos raios e das trevas,  
Melancolica irmã das noites pallidas!  
Quem te não ama?... A natureza toda  
Murmura ao teu passar mysticas vozes  
Repassadas de uncção: — todos os olhos  
Passeiam tuas tépidas campinas  
Bafejadas de nuvens, — té parece  
Que a terra, suspendendo o gyro, escuta  
O adeus que o sol te envia além dos montes.  
— Limpa o suor o peregrino errante,  
E arrimado ao bordão, mudo contempla-te,  
Esquecido do pouso: — sobre o cabo  
Da rude enxada recostado scisma  
Nos africanos céos o pobre escravo,  
Que exausto de fadiga te abençoa  
Do fundo d'alma em barbara linguagem.  
Mensageira de amor, tu annuncias  
A hora propicia aos sofregos amantes  
Da nocturna entrevista, e a donzella  
Erma de amor te acolhe pensativa,  
Fantasiando quadros de ventura,  
Que o vasio do coração lhe suppram.

— Talvez agora na floresta annosa,  
 Proscripto errante, o indio americano  
 Pára, e eleva-te um cantico selvagem,  
 Nunca ouvido dos troncos que o circumdam.  
 — Fadem os Deuses pouso ao peregrino,  
 Liberdade ao escravo, amor á virgem  
 E tardes, como esta, ao triste bardo!”

\*

P.171-172

AMARGURA (5 estrofes)

P.171:

Notas MA:

1. Título sublinhado:

“Amargura”

2. Traço à margem esquerda dos v. 1-8:

“Oh! não me pergunteis porque motivo  
 Pende-me a fronte ao peso da amargura,  
 Quando um suspiro tremulo, afflictivo,  
 Sobre os meus labios pallidos murmura.

“Quando ao fundo do lago a pedra desce,  
 Globo de espuma á flôr do lago estala;  
 Assim é o suspiro: elle apparece,  
 Porque no coração cae dôr que o rala.”

3. Palavra sublinhada no v.10: “No fundo a vista não divisa o ceno:”; anotação do significado: *nateiro/ lodaçal/ atoleiro*; estudo do vocabulário parnasiano.

P.172:

Nota MA: traço à margem esquerda dos v. 17-20:

“Não choro, não! – de angustias flagellado,  
 Um queixume sequer eu não profiro;  
 Descae-me a fronte, penso no meu fado...  
 Oh! não me pergunteis porque suspiro!...”

\*\*

P.173-185

MANOEL ANTONIO ALVARES DE AZEVEDO (1831-1852)

P.182-185

PEDRO IVO (15 estrofes)

P.184:

Nota MA: palavra sublinhada no v. 73: “Onde essa turba corvejou, cevou-se!”; estudo do vocabulário parnasiano.

P.185:

Nota MA: ideia sublinhada nos v. 101-103 sublinhados:

“– Lava-se o polluir de um leito impuro,  
Lava-se a pallidez do vicio escuro,  
Mas não se lava um crime!”

\*\*

P.201-205

JOSÉ ALEXANDRE TEIXEIRA DE MELLO (1833-1907)

P.203-205

ESQUECIMENTO (15 estrofes)

P.205:

Nota MA: palavra sublinhada no v. 45: “Que noite vou passar – amadornado”; estudo do vocabulário parnasiano.

\*\*

P.207-218

LUIZ DELFINO DO SANTOS (1834-1910)

P.210

FARWELL (soneto)

P.210:

Notas MA:

1. Palavra sublinhada no v. 6; estudo do vocabulário parnasiano;
2. Expoente (*I*), remetendo à definição no rodapé:

“Ó nebulosas, quem vos róra (*I*) ao vento?”  
“Rorar?... *por rorejar: destilar orvalho, borrifar e/ melhor ainda neste caso: espalhar gota a/ gota.*”

\*\*

P.247-253

TOBIAS BARRETO DE MENEZES (1839-1889)

P.249-251

O BEIJA-FLOR (10 estrofes)

P.250:

Nota MA: traço à margem esquerda dos v. 19-24:

“E a fresca rosa orvalhada,  
Que contrasta descorada  
De seu rosto a nivea tez,  
Beijando as mãozinhas suas,  
Parece que diz: nós duas!...  
E a brisa emenda: nós tres!...”

\*

P.253

IGNORABIMUS (soneto)

P.253:

Nota MA: traço à margem esquerda do texto:

“Quanta illusão!... O céu mostra-se esquivo  
E surdo ao brado do universo inteiro...  
De duvidas crueis prisioneiro,  
Tomba por terra o pensamento altivo.

“Dizem que o Christo, o filho de Deus vivo,  
A quem chamam também deus verdadeiro,  
Veio ao mundo remir do captiveiro,  
E eu vejo o mundo ainda tão captivo!

“Se os reis são sempre os reis, se o povo ignavo  
Não deixou de provar o duro freio,  
Da tyrannia e da miseria o travo,

“Se é sempre o mesmo engodo e falso enleio,  
Se o homem chora e continúa escravo,  
De que foi que Jesus salvar-nos veio?...”

\*\*

P.265-283

LUIZ NICOLÃO FAGUNDES VARELLA (1841-1875)

P.271-277

CANTICO DO CALVÁRIO (12 estrofes)

P.271:

Nota MA: traço à margem esquerda dos v. 1-12:

“Eras na vida a pomba predilecta,  
Que sobre um mar de angustias conduzia  
O ramo da esperança! eras a estrella,  
Que entre as nevoas do inverno scintillava  
Apontando o caminho ao pegureiro!  
Eras a messe de um dourado estio!  
Eras o idyllio de um amor sublime!  
Eras a gloria, a inspiração, a patria,  
O porvir de teu pai! – Mas ah! no emtanto,  
Pomba – varou-te a flecha do destino!  
Astro – engoliu-te o temporal do norte!  
Tecto – caiste!- Crença, já não vives!”

P.272:

Nota MA: palavra sublinhada no v. 48: “Ainda um threno! e o vendaval sem freio”; estudo do vocabulário parnasiano.

P.274:

Nota MA: construção sublinhada no v. 95:

“Cegou-me tanta luz! Errei, fui homem!”

P.276:

Nota MA: construção sublinhada no v. 157:

“As illusões que murcham-se contigo!”

\*\*\*

P.289-296

JOÃO NEPOMUCENO KUBITSCHKE (1845-1899)

P.291-296

EURICO (20 estrofes)

P.296:

Nota MA: palavra sublinhada no v. 134: “Troquei a strynge sagrada,”; estudo do vocabulário parnasiano.

\*\*

P.297-309

LUIZ CAETANO PEREIRA GUIMARÃES JUNIOR (1847-1898)

P.299

O CORAÇÃO QUE BATE NESTE PEITO (soneto)

P.299:

Nota MA: traço à margem esquerda do texto:

“O coração que bate neste peito  
E que bate por ti unicamente,  
O coração, outrora independente,  
Hoje humilde, captivo e satisfeito;

“Quando eu cair, enfim, morto e desfeito,  
Quando a hora soar lugubrememente  
Do repouso final, – tranqüillo e crente  
Irá sonhar no derradeiro leito.

“E quando um dia fôres commovida  
– Branca visão que entre os sepulcros erra, –  
Visitar minha funebre guarida,

“O coração, que toda em si te encerra,  
Sentindo-te chegar, mulher querida,  
Palpitará de amor dentro da terra.”

\*

P.300

HORA DE AMOR (soneto)

P.300:

Nota MA: traço à margem esquerda do texto:

“Reunimo-nos todos no terraço:  
A fria lua sobre nós pairava;  
Rescendendo á baunilha, suspirava  
A aragem, quente ainda do mormaço.

“E Ella pousou o alabastrino braço  
Nú sobre o marmor. Seu olhar brilhava  
Como a opala ao luar, – e procurava  
Os mudos olhos meus, de espaço a espaço.

“Uma orchestra, invisível e saudosa,

Cuja harmonia os echos repetiam,  
Lançava á noite os ais de Cimarosa:

“E quando os mais a musica applaudiam,  
Eu, ó madona minha silenciosa,  
Ouvia o que os teus olhos me diziam.”

\*

P.301

A PRIMEIRA ENTREVISTA (soneto)

P.301:

Nota MA: traço à margem esquerda do texto:

“Ella não tarda. Disse-me que vinha:  
Mas quem sabe! Se acaso acontecesse  
Qualquer cousa imprevista, e não viesse!  
Oh! Deus do céu! que situação a minha!

“E este relógio vil que não caminha!  
E o tempo! – uma hora apenas e parece  
Noite fechada já! Ah! se chovesse!...  
Mas, não: alguém tocou a campainha,

“Alguem subiu veloz a minha escada:  
Ouço um rumor de seda machucada  
E uns miudinhos, uns nervosos passos...

“Duvido ainda! Espreito delirante:  
Abro a tremer – e toda palpitante  
Ella cae a sorrir entre os meus braços.”

\*

P.302

VISITA Á CASA PATERNA (soneto)

P.302:

Nota MA: traço duplo à margem esquerda do texto:

“Como a ave que volta ao ninho antigo,  
Depois de um longo e tenebroso inverno,  
Eu quiz também rever o lar paterno,  
O meu primeiro e virginal abrigo.

“Entrei. Um genio carinhoso e amigo,

O fantasma, talvez, do amor materno,  
Tomou-me as mãos, olhou-me grave e terno,  
E passo a passo caminhou commigo.

“Era esta a sala... (Oh! se me lembro, e quanto!)  
Em que, da luz nocturna á claridade,  
Minhas irmãs e minha mãe... O pranto

“Jorrou-me em ondas... Resistir quem hade?  
Uma illusão gemia em cada canto,  
Chorava em cada canto uma saudade.”

\*

### P. 303

A ESCRAVA (soneto)

### P.303:

#### Notas MA:

1. Traço à margem esquerda do texto;
2. Palavra sublinhada no v. 3; estudo do vocabulário parnasiano:

“Emquanto os outros negros companheiros  
Bailam em frente á lugubre senzala,  
E da fausta vivenda a rica sala  
Percorre a dança em giros feiticeiros;

“Emquanto a noite com seus ais fagueiros  
Como um segredo tropical se exhala,  
E a quente aragem que a palmeira embala,  
Treme na leve rama dos coqueiros;

“Emquanto a festa vivida, inclemente,  
Louca de febre e graças soberanas,  
Prende o senhor e o escravo juntamente:

“Ella, fugindo ás emoções tyrannas,  
Recorda tristemente, tristemente,  
A solidão das noites africanas.”

\*

### P.305-309

A SERTANEJA (18 estrofes)

### P.306:

Nota MA: cacófato sublinhado no v.40:

“Por cada infeliz que chora”

P.307:

Nota MA: traço duplo à margem esquerda dos v. 52-54:

|| “No meu cabelo selvagem  
|| Sente-se a morna bafagem  
|| Das mattas virgens em flôr.”

\*\*

P.335-339

MANOEL RAMOS DA COSTA (1849-1872)

P.337-339

SYLVINA (14 estrofes)

P.337:

Notas MA:

1. Sinal de destaque sob o título:

“Sylvina”

2. Traço à margem esquerda dos v. 1-5:

| “Meu Deus, como passou tão repentina  
| De nossos sonhos a estação ridente?!  
| E da su’alma candida e divina  
| A chimera dourada, alvinitente,  
| Meu Deus, como passou tão repentina?!”

\*\*

P.347-353

LUCIO DRUMOND FURTADO DE MENDONÇA (1854-1909)

P.347:

Nota MA: parte do nome destacado:

“Lucio Drumond Furtado | de Mendonça”

\*

P.352-353

FLOR DE IPÊ (5 estrofes)

P.352-353:

Nota MA: traço à margem esquerda dos v.1-8, 17-24, 33-40:

“Na clara estação gorgeiada,  
Em flôr o ipê se desata;  
O’ bella arvore dourada!  
O’ loura filha da matta!  
O tronco, o pae, se revê,  
Todo ufano, todo zelos,  
Nesses teus aureos cabellos,  
Que o sol beija, ó flôr de ipê!

[...]

“Mas, ai! tanta formosura,  
Tão festejada e querida,  
Pouco tempo vive e dura,  
Logo cae a flôr sem vida;  
E sombrio e nú se vê,  
Mudo, tragico, isolado,  
Como um pae desamparado,  
O velho tronco do ipê.

[...]

“Sonhos de que te cobriste,  
Coração em primavera,  
Cairam todos, ai, triste!  
Quanta dourada chimera!  
Eis-te da sorte á mercê,  
Já sem viço, já sem flôres...  
Aquelles pobres amores  
Foram como a flôr do ipê!”

\*\*

P.355-357

FRANCISCO ANTONIO DE CARVALHO JUNIOR (1855-1879)

P.357

LUSCO-FUSCO (soneto)

P.357:

Nota MA: acréscimo de acento e interrogação no v. 5:

“Era como um *sabbát* ? phantastico e nefando!”

\*\*

P.359-369

ARTHUR NABANTINO GONÇALVES AZEVEDO (1855-1908)

P.361-362

À MINHA NOIVA (4 estrofes)

P.362:

Nota MA: palavra sublinhada no v. 23: “Eu sou no amor o gardingo.”; estudo do vocabulário parnasiano.

\*

P.363

NO DIA EM QUE NA TERRA TE SUMIRAM (soneto)

P.363:

Nota MA: traço à margem esquerda do texto:

“No dia em que na terra te sumiram,  
Eu fui ver-te defunta sobre a eça,  
Fechados para sempre, oh! sorte avessa!  
Aquelles olhos que me seduziram.  
“A’ luz do sol, uma janella abriram,  
E o jardim avistei onde, ó condessa,  
Uma noite perdemos a cabeça,  
E as estatuas de marmore sorriram.  
“Saiste por aquella mesma porta  
Onde outrora os teus beijos me esperavam,  
Cheios do amor que ainda me conforta.  
“Quando o jardim saudoso atravessavam  
Seis homens com o esquife em que ias morta,  
As estatuas de marmore choravam.”

\*

P.365

ARRUFOS (soneto)

P.365:

Nota MA: traço duplo à margem esquerda do texto:

“Não ha no mundo quem amantes visse  
Que se quizessem como nos queremos...  
Um dia uma questiuncula tivemos  
Por um simples capricho, uma tolice.

“— "Acabemos com isto!" ela me disse,  
 E eu respondi-lhe assim — "Pois acabemos!"  
 E fiz o que se faz em taes extremos:  
 Tomei do meu chapéo com fanfarrice,  
 “E, tendo um gesto de desdem profundo,  
 Sai, cantarolando... (Está bem visto  
 Que a fôrma, ahi, contrafazia o fundo)  
  
 “Escreveu-me... Voltei. Nem Deus, nem Christo,  
 Nem minha mãe volvendo agora ao mundo,  
 Eram capazes de acabar com isto!”

\*

#### P.366-369

NÃO MORRAS (soneto)

#### P.366:

Nota MA: traço à margem esquerda do texto:

“Muitas vezes sorrindo me perguntas:  
 Se eu morrer hoje, meu querido amigo,  
 Fazes-me uns versos, fazes-me um artigo?  
 E eu te respondo: – As duas cousas juntas.  
  
 “No emtanto fel ao meu peccado ajuntas  
 Se assim te pões a gracejar commigo.  
 Não poderia ver o teu jazigo,  
 Como o jazigo vi de mil defuntas!  
  
 “Ai! não, não morras, pallida formosa,  
 Porque a morte inimiga, escura e fria,  
 Fôra indscreta, fôra temerosa!  
  
 “Se tu morresses, eu tambem morria,  
 E a minha dôr, acerba e escandalosa,  
 O teu cadaver comprometteria!”

\*\*

#### P.371-377

THEOPHILO DIAS DE MESQUITA (1857-1889)

#### P.375

SAUDADE (soneto)

#### P.375:

Nota MA: palavras sublinhadas nos v. 9: “ – Entranha-se, invetera-se, – de jeito” e v.12: “O ligneo carcer, que o retém captivo,”; estudo do vocabulário parnasiano.

\*\*

P.379-385

ADELINO FONTOURA (1859-1884)

P.381

CELESTE (soneto)

P.381:

Nota MA: traço à margem esquerda do texto:

“E’ tão divina a apparencia,  
E a graça que illumina o rosto della,  
Que eu concebera o typo da innocencia  
Nessa criança immaculada e bella.

“Peregrina do céu, pallida estrella,  
Exilada da etherea transparencia,  
Sua origem não póde ser aquella  
Da nossa triste e misera existencia.

“Tem a celeste e ingenua formosura  
E a luminosa aureola sacrosanta  
De uma visão do céu, candida e pura;

“E quando os olhos para o céu levanta,  
Inundados de mystica doçura,  
Nem parece mulher, – parece santa.”

\*

P.382

BEATRIZ (soneto)

P.382:

Nota MA: traço à margem esquerda do texto:

“Beatriz! Beatriz! sombra querida,  
Branca visão que em toda parte vejo,  
E’s a ventura única que almejo,  
Que outra igual me não fôra concedida.

“Meu amor, minha crença e minha vida,

Todo bem com que sonho e que antevejo,  
Tudo que aspiro e tudo que desejo,  
A ti te devo, ó alma commovida!

“Do meu amor não saibas, todavia,  
Pois que se igual amor te não mereço,  
Antes quero cuidar que o merecia.

“Succumbirei á dor de que padeço;  
Se tal fraqueza chamam cobardia,  
Eu serei um cobarde por tal preço!”

\*

P.383

DESPEDIDA (soneto)

P.383:

Nota MA: traço à margem esquerda dos v.5-14:

“Venho ensopar de lagrimas o lenço  
No tristissimo adeus da despedida;  
Em breve a patria vou deixar perdida  
Além, na curva do horizonte immenso.

“Em breve, sobre o mar profundo e extenso,  
Adejará minh’alma dolorida,  
Como a gaivota errante e foragida  
Sem ter um ninho onde pousar, suspenso.

“Então, senhora, hei de pensar tristonho,  
Revedo a vossa angelica bondade,  
Neste ninho de amor, calmo e risonho.

“E triste, sobre a triste immensidade,  
Como quem despertou de um ledô sonho,  
Hei de chorar o pranto da saudade.”

\*

P.384

FRUCTO PROHIBIDO (soneto)

P.384:

Nota MA: traço à margem esquerda do texto:

“Escravo dessa angelica meiguice  
Por uma lei fatal, como um castigo,  
Não abrigara tanta dôr commigo,  
Se este affecto que sinto não sentisse.

“Que te não dôa emtanto isto que digo,  
Nem as magua das falas que te disse;  
Não t'as dissera nunca, se não visse  
Que, com dizel-as, minha dôr mitigo.

“Longe de ti, sereno e resoluto,  
Irei morrer, miserrimo, esquecido.  
Mas hei de amar-te sempre, anjo impolluto.

“E's para mim o fructo prohibido;  
Não pousarei meus lábios nesse fructo,  
Mas morrerei, sem nunca ter vivido!”

\*

P.385

ATTRAÇÃO E REPULSÃO (soneto)

P.385:

Nota MA: traço duplo à margem esquerda do texto:

“Eu nada mais sonhava nem queria  
Que de ti não viesse ou não falasse;  
E como a ti te amei, que alguém te amasse  
Cousa incrível até me parecia.

“Uma estrella mais lucida eu não via  
Que nesta vida os passos me guiasse,  
E tinha fé, cuidando que encontrasse,  
Após tanta amargura, uma alegria.

“Mas tão cedo extinguiste este risonho,  
Este encantado e deleitoso engano,  
Que o bem que achar suppuz, já não supponho.

“Vejo, emfim, que és um peito deshumano;  
Se fui té junto a ti de sonho em sonho,  
Voltei de desengano em desengano.”

\*\*

P.387-394

ANTONIO VALENTIM DA COSTA MAGALHÃES (1859-1903)

P.389-391

VISITA A UM TUMULO (12 estrofes)

P.389:

Nota MA: sinal de destaque sob o título:

“Visita a um tumulto”

P.392-394

DOLOROSA (12 estrofes)

P.393:

Nota MA: traço à margem direita dos v.37-40:

“Soffrem as mães, aos filhos dando vida,  
E estes compartem do soffrer materno;  
Se o prazer pouco dura, a dôr, querida,  
Cada breve minuto torna eterno.”

\*\*\*

P.395-399:

SEBASTIÃO CICERO DE GUIMARÃES PASSOS (1867-1909)

P.397

BARCAROLA (5 estrofes)

P.398:

Nota MA: traço à margem esquerda dos v. 33-40 e anotação lateral:

Sem | “Embora tudo!... Bemdigo  
Esta ditosa lembrança,  
Que, sem me dar esperança,  
Une-me ainda contigo...  
Bemdigo a casa da serra,  
Bemdigo as horas fagueiras,  
Bemdigo aquellas palmeiras,  
Querida, da tua terra!”

\*

P. 420:

Nota MA: esboço de verso na vertical:

“Que os teus cabelos brancos são as linhas/ Do comprido romance que  
[ilegível]”

\*\*\*\*\*

OLIVEIRA, Alberto de

Bibl. MA [A/II/c/46]

*Poesias (Primeira série: Canções românticas, Meridionaes, Sonetos e poemas, Versos e rimas, Por amor de uma lágrima)*. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1912.

[Poesia]

IEB: MA 869.9146O481p

Notas MA a grafite.

Capa dura encadernada com tecido marrom

Nota da pesquisa: Em 20 de abril de 1925, a revista carioca *Estética* (a.1, nº 3) publicou a carta-aberta que Mário de Andrade endereçara a Alberto de Oliveira. O Príncipe dos Poetas que, em entrevista ao jornal *Vanguarda*, do Rio de Janeiro, manifestara um certo apreço pelos modernistas, recuou quando procurado pela revista *Estética*. Mário de Andrade, então, ocupou-se da análise do comportamento do confrade, na mesma revista dos modernistas cariocas. Menos ácida que a série de artigos “Mestres do passado” (1921), a carta-aberta focaliza questões importantes: a criação poética, escolas literárias e arte nacional. A resposta, conservada pelo remetente, data de 30 de outubro, 1925. (V. LOPEZ, Telê Ancona. “Carta-aberta a Alberto de Oliveira – resposta a Mário de Andrade. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, nº 23. São Paulo: IEB-USP, 1981, p. 93-95).

Folha de rosto:

Nota MA: Comentário crítico:

P.1-3:

*“Entremos agora nos tres verdadeiros/ poetas que floresceram entre os/ artifices do verso da geração/ parnasiana. A inspiração do snr./ A de O é constante, mas goteja. É como/ o produto das infiltrações calcareas/ produzindo através de espaços se-/culares a poesia das estalagmites./ A de O teve uma grande infelicidade/ na vida: não teve que dizer. Mas foi/ poeta. Mas como não tinha que dizer,/ e-~~era~~ sentia amorezinhos, verdadesinhas/ e quando não sentia coisa alguma escrevia/ poemas parnasianos./A proximidade sem assunto do snr A de/ O pelo escrever três alentadas series de/ poesias para cantar suas paixõesinhas/ que afinal se contêm num lied de/ Goethe ou numa careta de Heine. É aliás/ uma verdade que o poeta, quando trata o amor, é duma/ monotonia de areão. Raramente o/ milagre dum sentimento mais curioso/ mais original. Areão de oasis raros e de miragens raríssimas. Aliás o snr A de O não tem culpa de ser mono/tono no amor. Culpe-se lhe a alma, o coração/ que já trouxe de traz e não comprou. Porquê o poeta do/ Livro de Ema, salvo raras exceções, faz versos de amor/ bem sentidos, bem vividos. Conhecer as Canções Românticas é conhecer/ o que o poeta repetira pela vida/ inteira afinada um pouco mais a/ viola trovadoresca, em outras tonalida-/ des mais variadas. O eterno amor que/ não vai nem vem, os temas convencionais do passado, a língua pura, rebusca-/da as vezes até a sandice, outras vezes toada/ sonora e agradável de modinha.../A poesia dedicada a umas iniciais/ romanticamente misteriosas já prova/ bem que o pretendente ao Parnaso é/ poeta deveras. Há sentimento, alma e/ humanidade naqueles versos./E neste amar que me enche....etc./ Nessas mesmas Canções Românticas/ o poeta tem umas trovas engraçadas/ que merecem comentário. Há nelas/ toda a inconsistencia da alma do/ rapazola que verseja. Diz ele falan-/do dos olhos da menina/Olhos feitos de lavas/ Rolando sobre veludo/ Os tais críticos não vêem nisso exagêro.../ Pudera! Alberto toma o cuidado de mis-/turar esse futurismo com umas frases de/ preceito doiradinhas, comuns, ... e os*

homens/ engoliram a pilula. Agora que se fale/ em braços infinitos, isso não é que o talhe/ esbelto da pequena traga a um pobre/ poeta maluco visões afrodisíacas de/ Torres em alucinação pasmada e que/ essas torres sejam de São Bento, S Paulo,/ Brasil e não torres classicas de Santa/ Sofia ou de Notre Dame de Paris, isso/ é demais!... não podemos admitir nos/ nos cerberos legitimos e celeberrimos/ da ~~poesia~~ senso comum e da beleza. Mas quem/ falou em senso comum e em beleza!/ Bestas !/ O mais engraçado é que alberto con-/ tinua na quadra seguinte./

*Quando essas duas turquesas (as lonas eram azuis!)/ De minh'alma ao fundo  
lanças/E tudo são esperanças/(as esperanças do poeta são azuis, quês-/tão de  
presbitismo!...)/ Já vem me lembrar tristezas/*

*Mas isso é a aurora do poeta, ape-/nas muito aurora, penetrada ainda das/ sombras inconscientes da ante-manhã./ – / Nas Meridionais já A. cita Banville. A mania das/ recordações da Grécia acentua-se com a mania/ da língua rebuscada. ~~Inver~~ São inversões ger-/mânicas pesadas, ~~arrend~~ em que a frase se/ arrasta, longa, lenta, entrecortada. Uma/ artificiosidade cansativa e pernóstica. As mulhe-/res o poeta já as vê como Amphitrites, e ~~o saber/dos~~ e procura saber do sabor das lagrimas pelos/lábios de Hermé, a grega, e as mulheres que/ ama já ama como a estatuas de mármore.../ “nada mais”. E si ao lado dessas ninharias e/ futilidades, o amor romântico persevera em lamúrias,/ e visões açucaradas, já a alma do poeta vibra mais forte ou comovendo-se com os seus próprios/ sofreres com com [sic]os males alheios. Já há lindos”*

#### Notas da pesquisa:

a) MA sublinha e cita os v.11-12 da Parte II do poema “Lua nova”, p. 58, em “Canções românticas”, o primeiro livro na reunião da obra de Alberto de Oliveira em *Poesias* (Primeira série). Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1912.

“Teus olhos feitos de lavas  
Rolando sobre velludo”

b) Estas anotações críticas de Mário de Andrade, esboço a grafite, são a primeira versão conhecida do artigo dele “Mestres do passado: IV - Alberto de Oliveira”; oferecem variantes no confronto com a versão publicada no *Jornal do Comércio*, São Paulo, 16 de agosto, 1921. (V. confronto no Dossiê, na presente dissertação de mestrado)

\*\*

#### P.1-67

“Canções românticas” (1877-1878)

Prefácio “Carta a Artur Barreiros a propósito das *Canções românticas* de Alberto de Oliveira”, por Teophilo Dias; São Paulo, 30 de novembro de 1878.

#### P.11-14

APPARIÇÃO NAS ÁGUAS (6 estrofes)

P.11:

Nota MA: título sublinhado por traço duplo:

“Apparição nas águas”

P.11-12

PARTE II

P.12:

Nota MA: metáforas sublinhadas nos v.6, 14:

“Sobre o mármore santo de teus hombros”

[...]

“A voz apocalyptica dos ventos”

\*

P.12-13

PARTE III

P.12:

Nota MA: comparações sublinhadas nos v. 3-4:

“Ah! Que as ondas, cruel, não sejam lábios,  
E que eu não seja o mar!”

\*

P.13

PARTE IV

P.13:

Notas MA:

1. Par substantivo-adjetivo sublinhado nos v. 1-8:

“Clytia, a filha da Hellade divina,  
Jamais foi vista assim do louco amante  
No claro banho! Como a grega ondina,  
Paixão, delírio, ardente amor inspira  
Teu corpo fluctuante  
Sobre as aguas do mar, mansas e mansas!  
Ficam-te à flux as perfumadas tranças:  
Tal no banho aromático a hetaira.”

2. Comentário na margem direita:

“*Notar como a abundancia de qualificativos prejudica este período*”

\*

P.13-14  
PARTE V

P.13:  
Notas MA:

1. Barras marcando escansão no v.2; estudo da sonoridade:

“E / ah! quem, como / eu, não te adorara”

2. Comentário no final do v.2:  
“*verso frouxíssimo*”

3. Construção sublinhada no v. 6:

“Todo o ferver do interno cataclysmo”

\*

P.15  
O ÍDOLO (4 estrofes)

P.15:  
Nota MA: Construções sublinhadas nos v.11-12 e rima destacada nos v. 10, 12; estudo da sonoridade:

“Cae fôra a noite – mar que se retrata  
Em outro mar – dois pélagos/azues;  
Num as ondas – alcyones de prata,  
No outro os astros – alcyones de luz”

P.16  
“...” (3 estrofes)

P. 16:  
Notas MA:  
1. Título sublinhado:

“...”

2. Traço duplo à margem do texto e palavra sublinhada no v. 11 marcando contagem silábica; estudo da sonoridade:

| “Sabes para onde vão meus pensamentos,  
| Lá quando o sol nos cerros se reclina,  
| E o coqueiral erguido na collina  
| Abre os leques dos ventos ao rumor?”

“Sabes para onde vão meus pensamentos,  
 À hora em que o crepúsculo desmaia,  
 E o mar mais triste vem gemer na praia  
 Seu abafado, incompreendido amor?  
  
 “Sabes para onde vão meus pensamentos?  
 Ah! Vão todos perdidos, vão à toa  
 Buscar a sombra de tua casa branca  
 Alevantada à beira da lagoa”

\*

### P.17-18

QUADRO ANTIGO (6 estrofes)

#### P. 18:

Nota MA: palavra sublinhada no v. 24 marcando contagem silábica; estudo da sonoridade:

“Mas que é feito de tua tribu?”

\*

### P.19-21

NA ALAMEDA (7 estrofes)

#### P.19:

Notas MA:

1. Título sublinhado:

“Na alameda”

2. Traço duplo à margem esquerda dos v. 1-16 e imagem sublinhada nos v.8-9:

“Por alameda sombreada e fresca,  
 Eu e ella, ella um tanto romanesca,  
 Com seu passinho de ave, íamos indo.  
     Estava o dia lindo,  
 E aos nossos pés, na molle humida areia,  
 Tocada de uns tons de ocre, um quase louro,  
     Do sol das cinco e meia  
Reluziam os raios derramados.  
     Como pedaços de ouro.

Uns grupos de deidades mythologicas  
 Aquém, além dispersos,  
 Quaes junto a um lago a palpitar com a aragem,  
 Quaes lá mais longe em doce paz immersos,  
 Ao nosso andar surdiam,  
 Como independentes satyros que riam,  
 Espreitando entre os claros da folhagem.”

P.21:

Nota MA: traço à margem esquerda dos v.49-52:

“Do repucho até nós chegava o choro;  
 Ia morrendo o dia,  
 E longe, longe, alfinetado de ouro,  
 Tombava o sol, como um borrão de sangue”

\*

P.22-23

À A. C. (4 estrofes)

P.22:

Notas MA:

1. Título sublinhado:

“À A. C.”

2. Construções sublinhadas nos v.9, 15-16:

“O teu mal, teu soffrer me ennoita a vida...”  
 [...]
 “Mas é que o peito, quando a dor extrema,  
Tem a rijeza do aço”

\*

P.24

\* \* \* (2 estrofes)

P. 24:

Nota MA: título sublinhado:

“\* \* \*”

\*

P.26

ONDULAÇÕES (4 estrofes)

P.26:

Notas MA:

1. Título sublinhado:

“Ondulações”

2. Traço à margem esquerda do texto e palavra sublinhada no v.3 marcando escansão; estudo da sonoridade:

“A flor da vaga, ao seu balanço inquieto oscilla  
Um barco longo e escuro, ao mar abandonado;  
Banha um luar de verão o firmamento arqueado.  
A noite é calma e ardente, a viração tranquila.

“À luz coada do céu, refervente irradia  
A ampla esteira de espuma, o sulco luminoso;  
E o navio, sem dono, a arrastar-se moroso,  
Vae na onda imprimindo a sua sombra fria.

“De onde vem? Aonde vae? Qual busca estranho porto?  
.....

“Ah! Quanta vez também, por mais illimitado,  
Como um navio, sob o paramo estrellado,  
Não boia um coração abandonado e morto!”

\*

P.27-54

TORTURAS DO IDEAL

P.33

PARTE III (4 estrofes)

P.33:

Nota MA: palavra sublinhada no v. 16 marcando escansão; estudo da sonoridade:

“Leve-me a luz do luar!”

\*

P.34-35

IV – VOZES NO AR (4 estrofes)

P.35:

Nota MA: rima marcada nos v.32, 34; estudo da sonoridade:

“- Eu sou a filha dos ermos,  
Das soledades azues!  
Deixou-me a errar pela noite  
Uma orvalhada de luz!”

\*

P.40

PARTE VII (2 estrofes)

P.40:

Nota MA: rima marcada nos v.7, 10; estudo da sonoridade:

“Depois de na estancia pura  
Gosar de uns sonhos de paz  
Tornar busca á terra escura:  
Procura a escada, procura,  
Procura... não a vê mais!”

\*

P.41

PARTE VIII

P.41:

Nota MA:

1. Título sublinhado:

“VIII”

2. Rima marcada nos v.2-3; estudo da sonoridade:

“Cortando os ares azues,  
Buscar-te as azas da luz”

\*

P.49

AO SOL POENTE (soneto)

P.49:

Nota MA: título assinalado por traço horizontal:

“Ao sol poente”  
/

\*

P.50

“ \* \* \* \* ”

P.50:

Nota MA: rima sublinhada nos v.1, 3; estudo da sonoridade:

“Do frio Danubio à flux  
Levantam-se peregrinas,  
Da lua aos beijos de luz  
Umas visões de neblinas.”

\*

P.51-52

INTERIOR (6 estrofes)

P.51:

Nota MA: sublinhada a construção dos v.8-9:

“E então a essa voz, que a toda e qualquer hora  
O coração escuta”

P.52:

Nota MA: palavra sublinhada no v. 24, marcando escansão; estudo da sonoridade:

“Aos raios de sua luz”

\*

P.53-54

O MEZ DE OUTUBRO (6 estrofes)

P.53:

Nota MA: Construções com imagens sublinhadas nos v.3, 5-6, 10-12, 18-22:

“De cardado algodão ou retalhos de cassa”  
[...]  
“Andava pelo céu, no alto, o que quer que fôsse,  
Como uma aza a fechar-se. O ether cavado e imenso”  
[...]  
“Um vinho louro e ardente  
Ia enchendo do ceo a taça transparente,  
Voltada na amplidão, com uns tons de porcellana”  
[...]  
“Depois um ciciar, uns leves murmurinhos,  
Como beijos, á sombra. Após, no descampado”

O silencio em que fica um leito abandonado,  
Na molle confusão das rendas e dos linhos.

A luz sarjava o azul de um sentimento rubro”

2. Comentário no rodapé:

*“Nesta descrição há intensi-/dades homéricas. A. de Oliveira/ está todo nela: grande e nobre./ Comparações profundas em assuntos/ superficiais; como êle ha de ser toda/ a vida, menos no fim em que ele/ se tornou mais profundo na/ escolha dos assuntos (3ª série).”*

\*

P.55-67

LUZ NOVA

P.57

PARTE I (4 estrofes)

P.57:

Nota MA: título sublinhado:

“I”

\*

P.58-59

PARTE II (5 estrofes)

P.58:

Notas MA:

1. Título sublinhado:

“II”

2. Imagem sublinhada nos v. 11-12:

“Teus olhos feitos de lavas  
Rolando sobre velludo”

\*

P.60

“NÃO AMO O LAR EM QUE MORAS” (4 estrofes)

P.60:

Nota MA: traço duplo à margem esquerda do texto:

“Não amo o lar em que moras,  
E eu sei que é lindo o teu lar.  
Pois a tua casa branca  
Tem janellas para o mar

“Temo, é que amo-te e muito !  
Temo que o monstro algum dia  
Saltando da jaula fria,  
Não queira te arrebatat.

“E's minha só, e somente  
E' em mim que deves pensar...  
Porque passeias na praia ?  
Porque contemplas o mar ?

“Não amo teu lar... Se eu fosse  
A viração, ao passar,  
Fechára aquella janella  
Que alli se abre para o mar.”

\*

P.62:

PARTE V

P.62:

Nota MA: título sublinhado:

“V”

\*

P.63

PARTE VI (3 estrofes)

P.63:

Nota MA: traço duplo à margem esquerda do texto e construção sublinhada no v. 4:

“Quando o teu olhar se embebe  
Em meu olhar, lenta, lenta,  
Ha uma fonte que rebenta  
Em o meu peito — esse Horeb!

“E todo um povo que enceia  
E que me enche o interior,  
Nessa crystallina veia  
Estanca a sede do amor.

|| Por isso te quero perto,

Pois me doe, se estás ausente,  
Das multidões no deserto.”

\*\*

P.69-152

“Meridionaes” (1879-1883)

Prefácio sem título por Machado de Assis; 14 de janeiro de 1884.

P.75-111

PRIMEIRA PARTE

P.77-79

PRELUDIO (12 estrofes)

P.77:

Nota MA: cruzetas ao lado do título:

XX “Preludio”

\*

P.84

A PRIMEIRA PAIXÃO (soneto)

P.84:

Notas MA:

1. Título sublinhado:

“A primeira paixão”

2. Inversão sublinhada nos v.2-3:

“É que interpreto e julgo: e como ao deslumbrado  
Olhar meu tudo é grande, a terra, o espaço, a aurora”

3. Palavra sublinhada no v. 9 e expoente (*I*), remetendo à definição no rodapé, estudo do vocabulário parnasiano; aliteração sublinhada no v. 11; estudo da sonoridade:

“Oh! Bemdita essa mão que a tímida carcérula (*I*)  
Onde minh’alma anciava, ora apresenta aberta,  
Como a concha do mar em que palpita a perola”

“(1) *Cada uma das cavidades dos frutos/ indeiscentes*”

\*

P. 85

O QUE SE VÊ NOS OLHOS AZUES (3 estrofes)

P.85:

Nota MA: parte do título sublinhada:

“O que se vê nos olhos azues”

\*

P.86

SABOR DAS LÁGRIMAS (soneto)

P.86:

Notas MA:

1. Palavra sublinhada no v. 14: “Bebido em grego cyatho dourado!” e anotação do significado: *vaso com asa*; estudo do vocabulário parnasiano:

2. Comentário no rodapé:

*“Começa a se acentuar mais e mais/ a mania helena de A. de Oliveira”*

\*

P.87

A VOLTA DA GALERA (soneto)

P.87:

Notas MA:

1. Cruzeta ao lado do título:

X “A volta da galera”

2. Palavra sublinhada no v.2 “Púrpureas velas de real trireme” e anotação do significado: *galera com 3 ordens de remos*, estudo do vocabulário parnasiano.

\*

P.88

À MINHA MÃE (soneto)

P.88:

Nota MA: título assinalado por traço horizontal:

“À minha mãe”

\*

P. 90

## A UMA ARTISTA (soneto)

P.90:

Notas MA:

1. Barra marcando escansão do v. 3; estudo da sonoridade; sublinha e sinais de pontuação marcando a incoerência semântica:

“Do povo, e as palmas em redemoi<sup>h</sup>nhos  
Saudando-te, mulher encantadora !” (!?)

2. Traço à margem direita destacando as rimas dos v.7, 9, 11; estudo da sonoridade:

“Parece-me que vejo, entre os caminhos  
Do mar, que a luz da velha Grécia doura,  
Amphitrite de pé na concha loura,  
Arrebatada por dragões marinhos;

Surgem tritões que aos monstros voadores  
Tomam da rédea, um turbilhão de flores  
Brotam a espuma que bufa o sorvedouro”

\*

P.92-94

APHRODITE

P.92

PARTE I (soneto)

P.92:

Nota MA: Imagem sublinhada no v.5:

“O mar, - turqueza enorme, iluminada”

\*

P.93

PARTE II (soneto)

P.93:

Notas MA:

1. Imagem sublinhada nos v.1 e 2:

“Cabello errante e louro, a pedraria  
Do olhar faiscando, o mármore luzindo”

2. Rima sublinhada nos v.12 e 13; estudo da sonoridade:

“Vêm a saudal-a todos, revoando,  
Golfinhos e tritões, em larga ronda”

\*

P.95-96

SANTA (8 estrofes)

P.95:

Nota MA:

1. Traço à margem esquerda dos v. 3-4:

“E falas e me parece  
Que a tua voz é uma prece”

2. Comentário na margem superior:

*“Foi, por sem dúvida, uma reminiscen-/cia de tais versos que permitia a V. de Car-  
valho, dizer melhor: Maria, nome tão doce,/ Nome de santa, parece/Que o digo como  
se fosse/ O resumo duma prece.”*

Nota da pesquisa: MA transcreve a 1ª estrofe da parte IV de CANTIGAS PRAIANAS, de Vicente de Carvalho, à p.122-123 de *Poemas e canções*, publicado em 1917 (São Paulo: ed. Pensamento). Em seu exemplar da obra, bastante anotado, nada marcou contudo nesse poema.

3. Comparação sublinhada no v.13:

“És doce como um exemplo”

\*

P.97

A JANELA DE JULIETA (soneto)

P.97:

Nota MA: título assinalado por traço horizontal:

“A janela de Julieta”

\*

P.98

Á LUZ DO OCCASO (soneto)

P.98:

Notas MA:

1. Palavra sublinhada no v. 4: “Da montanha fronteira, ao longe, esponteada...”; estudo do vocabulário parnasiano.

2. Ordem inversa sublinhada no v. 9 e rima marcada nos v. 9-10; estudo da sonoridade:

“Sob informe Babel de grandes nuvens de ouro  
Occultara-se o sol. Como um soturno côro”

\*

P.99

SAUDADE DA ESTATUA (soneto)

P.99:

Notas MA:

1. Título assinalado por traço horizontal:

“Saudade da estatua”

2. Rima sublinhada nos v. 1-2, v.12,14; estudo da sonoridade:

“Morreste! Mas, mulher, o que ora invade  
Meu ser inteiro, súbito ferido  
É a saudade do idolo partido  
Não a vulgar e pallida saudade”  
[...]  
“Nunca! E ainda agora o que me punge e traz  
De estranho affecto lagrimas tardias,  
É um reflexo de marmor, - nada mais.”

\*

P.100

EM CAMINHO (soneto)

P.100:

Notas MA:

1. Título assinalado por traço horizontal:

“Em caminho”

2. Traço à margem direita unindo os v. 2,8 e expoente (*l*) no v. 2, remetendo ao comentário no rodapé:

“Vae pallida de susto na viagem,  
O cavallo a reger, que salta e embrida (1)  
De quando em quando, a loura e bella Arminda;  
Sigo-a, segue-me após o lesto pagem.

Dens’umbroso sertão que a amar convida,  
Ermo retiro, incógnita paragem,  
Tudo, ao zunir do vento na ramagem,  
Cortamos, galopando a toda a brida”

*“(1) Embridar não quer dizer somente por brida/ ao animal, puxar-lhe as rédeas; mas também:/ curvar a cabeça (falando-se do cavalo) com garbo,/ inclinando o focinho para o peito”*

\*

#### P.101

CONTRASTE (soneto)

#### P.101:

Nota MA: Título assinalado por traço horizontal:

“Contraste”

\*

#### P.102

JUNTO AO MAR (soneto)

#### P.102:

Notas MA:

1. Aliteração sublinhada no v. 8; estudo da sonoridade:

“Ella, enrolando no meu braço a trança”

2. Palavra sublinhada no v.10 e expoente (1), remetendo à definição no rodapé; estudo do vocabulário parnasiano:

“Nisto, de encontro aos farelhões (1) da costa”

*“(1) Pequeno promontório. Ilhota escarpada”*

\*

#### P.103

VELHA PÁGINA (soneto)

P.103:

Notas MA:

1. Repetição sublinhada no v.14 e expoente (I), remetendo ao comentário no rodapé:

“Das saudades o bando vaporoso” (I)

*“Termina A. de Oliveira a ‘Janela de Julieta’:/ ‘Das cortinas a sombra vaporosa.’”*

Nota da pesquisa: MA refere-se a “Janela de Julieta”, poema com título sublinhado à p.97 deste volume.

\*

P.104

“QUANTO HA EM MIM DE AMOR E DE BONDADÉ” (soneto)

P.104:

Nota MA:

1. Traço à margem esquerda do texto;
2. Rimas sublinhadas nos v. 8-10, estudo da sonoridade;
3. Comentário na margem direita:

“Quanto ha em mim de amor e de bondade,  
Quanto á causa do bem me torna affeito,  
Quanto alegre me traz e satisfeito,  
Alegre e satisfeita a mocidade ;

“Quanto em minh'alma existe de verdade,  
Quanto aspiro, mulher, quanto aproveito,  
Devo-te a ti sómente, que em meu peito,  
Mais que o amor, soes infundir piedade.

“E se é dado inda ouvir-te este que ouvido    *ade*  
Tem sempre a tua voz e recordando    *ido*    **!**  
Anda sempre os teus actos commovido:    *ando*

“Fala-me ainda, archanjo venerando !  
Fala-me ainda, e o novo bem trazido  
Irei por sobre os homens derramando.”

\*

P.105

VOZ DA NOITE (soneto)

P.105:

Notas MA:

1. Rimas sublinhadas nos v. 7-9, estudo da sonoridade;
2. Comentário na margem direita:

Nestas doridas horas da calada,  
Da noite, inquieto meditando ainda  
Um velho assumpto, escuto em voz maguada  
Lá fóra um canto de ternura infinda.

Suspenso então: – Que lyra enamorada,  
Que harpa celeste ou cythara bem vinda  
Anjos vibram, que em trêmula toada  
A alma arrebatada pela noite linda?

ada  
inda !

Indago. E, presto, a porta, embevecido,  
Abro. Derramo na amplidão vasia  
Olhos de espanto, aguçado o ouvido...

ido

Mas cessa o canto, e nos dormentes ares  
Vejo apenas a lua, enorme e fria,  
Calma, suspensa, dominando os mares.

3. Comentário no rodapé:

*“Comparar este magistral soneto com o outro/ não menos magistral de R. Correa: Sossinha”*

Nota da pesquisa: No soneto “Sossinha”, de Raimundo Corrêa, à p. 83 de *Poesias* (3ª ed. Lisboa: Livraria Antonio Maria Pereira, 1910), MA sublinha palavra no v.12: “Antojou-se-lhe logo que seriam” e anota o significado: “*Por-se a vista,/Figurou-se-lhe*”; estudo do vocabulário parnasiano:

“E' tarde, e eles não vêem! O dia finda,  
E, extinto anchote, tomba o sol . . . A' estrada  
Lança os olhos, anciosa, e não vê nada!  
Recolhe-se á cabana, e espera ainda...”

“Cerra-se a noite em toda a curva infinda  
Dos céus... E elles não voltam da caçada!  
E ela tão só! . . . Já pende fatigada,  
Cheia de somno, a sua fronte linda.

“Dorme. Alta noite acorda. Os cães latiam  
Fóra, e julgou ouvir, confusamente,  
Como um tropel, na solitaria rua...”

“Antojou-se-lhe logo que seriam  
Elles, e a porta abriu... Ninguém! Sómente,  
Por trás da serra, ia-se erguendo a lua...”

Na margem superior, copia trecho de *Conferências, 1912-191*: “‘O seu soneto *Sosinha*, cujo valor, puramente emotivo, é tão leve/ e tão melindroso, que se esvairia com certeza, na manipulação/ da forma, dentre mãos que não fossem tão ágeis, tão brandas,/ tão sensíveis como as dêsse maravilhoso artifice’. A. Amaral” (São Paulo: Off. Cardozo Filho & C., 1914; MA 869.904S678c 1912-3) volume que traz a palestra “Raymundo Corrêa” de Amadeu Amaral (realizada em 26 de setembro de 1912).

\*

P.107

NO MORE (soneto)

P.107:

Notas MA:

1. Parte do título sublinhada:

“No more”

2. Repetição sublinhada nos v. 2, 4:

“A praia interroguei, que a ti te amava,  
À luz do luar falei, que te encantava,  
A tudo interroguei, que te queria.”

\*

P.108

VISÃO DO TÍSICO (soneto)

P.108:

Nota MA: Título assinalado por traço horizontal:

“Visão do tísico”

\*

P.109-111

O LEQUE (13 estrofes)

P.109:

Nota MA: Anotação do significado no v. 18; estudo do vocabulário parnasiano:

“Ao plaustro illuminado”  
| *carro aberto*

P.110:

Nota MA: imagens sublinhadas nos v.28-29:

“A alma inteira: o coral da illusão, a amethysta  
Do sonho, a gloria, tudo, allucinando a vista”

\*

P.113-152

SEGUNDA PARTE

P.115-117

VIDA NOVA (12 estrofes)

P.116:

Nota MA: traço à margem esquerda dos v. 29-32:

“Tudo me arrouba, essa festa,  
O bosque, a luz da manhan;  
Deante de uma floresta  
Sinto a minh’alma pagan”

\*

P.118-119

BEIJA-FLORES (8 estrofes)

P.118:

Notas MA:

1. Título assinalado por traço horizontal:

“Beija-flores”

2. Rima sublinhada nos v. 15, 17, 19 e exclamação irônica mostrando inadequação;  
estudo da sonoridade:

“Sobem ás altas collinas,  
Descem aos valles formosos,  
E espraíam-se após ruidosos !  
Pela extensão das campinas.  
Depois, sussurrando á flux  
Dos cactos ensanguentados,  
Bailam nos prismas da luz,  
De solto pollen dourados”

\*

P.120-122

AO AR LIVRE (12 estrofes)

P.120:

Notas MA:

1. Traço marcando a metrificação no v. 1; estudo da sonoridade:

“Quando o poeta, alma a que a scisma”

2. Rima sublinhada nos v. 13, 16; estudo da sonoridade:

“A piedade Deus semeou-a  
Da estrella ao verme; da altura  
Ao baixo abysmo ha doçura,  
Tudo ama, tudo perdoa”

P.121:

Nota MA: sinónimo sobreposto no v. 17:

*enlouqueça*  
“Tudo, se há mal que dementa”

\*

P.123-124

CONSELHO (1 estrofe)

P.123:

Nota MA:

1. Título sublinhado:

“Conselho”

2. Inversão sublinhada no v. 17:

“A’ montanha, a que o sol primeiro a luz envia:”

\*

P.125

“VEM! NA LIZURA HUMEDECIDA E CLARA” (soneto)

P.125:

Nota MA: Rima sublinhada no v.4 e exclamação de ironia apontando inadequação; estudo da sonoridade:

“Vem! Na lizura humedecida e clara  
Do espelho desta lympa aqui vizinha,  
Verás que orgulho o meu por seres minha,  
Vendo o teu rosto que me anima e sara” !

\*

P.126

O RIO (soneto)

P.126:

Nota MA: Palavras sublinhadas nos v. 1, 2 e destaque das vogais; estudo da sonoridade:

“Negro, pútrido, estanque o rio imenso dorme, | o | e  
Da floresta no chão sumindo as águas, - onde” | o | e

\*

P. 130-131

A TORRENTE (1 estrofe)

P.130:

Notas MA:

1. Título sublinhado:

“A torrente”

2. Termo com expoente (*l*), remetendo à definição no rodapé; estudo do vocabulário parnasiano:

“A gottear de lisins (*l*) de esconsa pedra”

“(1) *Lisim ou lasim veio na madeira ou na pedra*”

3. Palavra sublinhada no v. 21: “A tudo investe, abala, desimplanta”, estudo do vocabulário parnasiano.

P.131:

Nota MA:

1. Aliteração sublinhada nos v. 35-36; estudo da sonoridade:

“Pois, como a Idea, as águas da montanha  
Querem ser livres para ser fecundas”

2. Comentário no rodapé:

“Esta poesia, extraordinariamente viva/ é, por assim dizer, uma onomatopéia/ da torrente. A frase fluente, corre,/ serpea, enrosca-se e livre pelo enjam/ bement da fim abrigado, transver-/ sa de verso ~~em~~ a verso, de estrofe ~~em~~ a/ estrofe. Como estamos longe da precisão/ métrica dos clássicos!... mas também/ quão mais viva, quantos ritmos/ elegantes tem a poesia moderna pois/ como as águas da montanha as ideias/ querem ser livres para ser fecundas!”

\*

P.132

MAGIA SELVAGEM (soneto)

P.132:

Nota MA: imagem sublinhada nos v.9-10:

“Passaros, flores, petalas ungidas  
De orvalho, errantes plumas coloridas”

\*

P.134-135

RAIOS DOURADOS (6 estrofes)

P.135:

Nota MA: silepse de gênero sublinhada no v. 36:

“Da azul myosotis ao penhasco mudo”

\*

P.136

AS BORBOLETAS (5 estrofes)

P.136:

Notas MA:

1. Barra marcando escansão no v. 7:

“E entrecruzar-se à luz com / as variadas côres”

2. Rimas sublinhadas nos v. 9-10; estudo da sonoridade:

“Num ligeiro rumor indistincto, cortando  
O ar, de aromas que vêm das plantas saturado”

3. Palavra sublinhada por traço duplo no v.13 e expoente (1), remetendo à definição no rodapé; estudo do vocabulário parnasiano:

“Umas rente lá vão á chromula (1) das folhas”

“(1) Ou Clorofila: substancia que da as células/ vegetais a cor verde.”

P.137:

Notas MA:

1. Verbos sublinhados nos v. 17-18; estudo do vocabulário parnasiano:

“Té que em meio de um valle onde a corrente brame  
E revolta borbulha e rodopia inquieta”

2. Comentário no rodapé:

*“Pouco próprio o alexandrino para tal assunto”*

\*

P.138-139

A UMA VIOLETA (9 estrofes)

P.138:

Nota MA: Título assinalado por traço horizontal:

“A uma violeta”

\*

P.140-141

TRECHO DE CARTA (3 estrofes)

P.141:

Nota MA: rimas sublinhadas nos v.41-42; estudo da sonoridade:

“A tudo, – a encordoada  
Lyra acaso pulsando”

\*

P.142

MANHAN DE CAÇA

P.142:

Nota MA: Título assinalado por traço horizontal:

“Manhan de caça”

\*

P.146

O PHILOSOFO (soneto)

P.146:

Notas MA:

1. Palavra sublinhada no v. 10 e expoente (1), remetendo à definição no rodapé:

“Déra o prónubo (1) anel a uma judia”

“(1) *Relativo a noiva ou noivo*”

\*

P.147-148

CONVALESCENÇA (5 estrofes)

P.147:

Notas MA:

1. Parte do título sublinhada:

“Convalescença”

2. Traço duplo à margem esquerda do poema:

“Como o argênteo cordão das aguas da montanha  
Vem da pedra que achou no caminho inclinada  
Lavar todo o pendor, e a lubrifica e banha,  
Derramando-se nella em bava prateada ;  
Assim penso hão de ser meus beijos abrasados  
Quando, depois de ao peito, apaixonadamente,  
Prender-te com calor nos braços arqueados,  
Minhna bocca roçar-te a bocca rubra e ardente.  
E como o rio vae, em músicos rumores,  
Pelo campo volvendo as aguas, abundante,  
E, succedendo achar-se ao pé de algumas flores,  
Como que se demora e as lambe palpitante ;  
Eu, depois de oscular, em sofregos desejos.  
Do teu nevado corpo as linhas uma a uma,  
Eu sentirei maior a força dos meus beijos.  
Tocando do teu seio a immaculada espuma;  
E, á lubrica expansão do meu amor selvagem,  
Hei de vêr-te vencida, extenuada, prêsa,  
Como um lirio real que se vae em viagem,  
Embalado ao sabor da fria correnteza.”

3. Comentário no rodapé:

“*Raramente A. de Oliveira é assim amoroso/ e sensual como nêstes versos magníficos.*”

\*\*

P.153-249

“Sonetos e Poemas” (1884-1886)

P.155-194

PRIMEIRA PARTE

P.157

A GALERA DE CLEOPATRA (soneto)

P.157:

Nota MA: Comentário no rodapé:

*“Heredia não no faria melhor”*

\*

P.159

VOX RERUM (soneto)

P.159:

Nota MA: traço à margem esquerda do texto:

“Por toda a noite, inquietas despertando  
Ao reflexo da lua – beijo alado,  
No alto paramo azul, de lado a lado,  
Andaram as estrellas perguntando :

“— Que ha na terra, lá embaixo?... Um som maguado  
Vem as espheras mysticas entrando...  
Trina que voz? que deus de enamorado  
Vae da harpa curva os échos derramando? »

“Ingenuos astros ! digam de uma em urna  
As ondas do oceano, a face calma  
Diga dos lagos, diga a flor, a espuma,

“Diga o rochedo, a folha, a ventania,  
E as palmeiras, abrindo palma a palma,  
De onde e por quem aquella voz se ouvia!”

\*

P.161-166

MORTOS PARA SEMPRE

P.165

PARTE V (soneto)

P.165:

Nota MA: traço à margem esquerda do texto:

“Mortos p'ra sempre!... Cala-te, e padece,  
Coração! ella o quiz : padece, e cala...  
Ella que honesta e pura te apparece,  
E, um dedo ao labio, te aconselha e fala!

“Como inda em vida arremessado à valla,  
Que a dor no esquecimento te arremesse;  
E seja a tua derradeira prece  
Teu respeito em servil-a e em veneral-a.

“Ella tambem, que a dor que te amortalha  
A ambos colhe com o golpe, cae ferida  
E o rosto a quentes lagrimas orvalha...

“Mortos p'ra sempre!... O' sombra! escuridadel  
Só, de teu seio, escutarei sem vida  
O rouxinol da ultima saudade.”

\*

P.167

A ENTRADA DA PRIMAVERA (soneto)

P.167:

Nota MA: comparação sublinhada nos v.10-11:

“Mover da aragem tremem as palmeiras,  
Como ancillas, os leques agitando.”

\*

P.169-170

AO LUAR DE VERONA

P.169

PARTE I (soneto)

P.169:

Nota MA: Metáfora sublinhada nos v.5-6:

“Da lua o claro disco humedecido  
Empinava no céu. Calado e quedo”

\*

P.170

PARTE II (soneto)

P.170:

Notas MA:

1. Palavra sublinhada e barra marcando escansão no v.4:

“Noite o perfume tropical / se evola”

2. Acréscimo de interrogação no v.10 por desconhecimento do vocábulo; estudo do vocabulário parnasiano:

“Columnaço da asotea ? alevantada”

\*

P.172

MANTO REAL (soneto)

P.172:

Notas MA:

1. Traço à margem esquerda dos v.1-4:

“Da flava Ceres falta-te ao cabelo  
A côr, que o della havia e os trigos doura ;  
Tens negra a trança e, deverei dizel-o?  
Melhor te fica que se fôsse loura.”

2. Palavra sublinhada no v.8: “De volupia infernal me imprime o sèllo”, estudo do vocabulário parnasiano.

\*

P.174

A PONTE VERMELHA (soneto)

P.174:

Notas MA:

1. Palavra sublinhada e expoente (*I*) no v.8, remetendo ao comentário no rodapé; estudo do vocabulário parnasiano:

“Olhaes (*I*) formam pintados de vermelho”

“(I) *Vão formado pelas vigas da ponte. Arcada*”

\*

P.175

“QUE VENHA O INFERNO DESFLORINDO A ENTRADA ” (soneto)

P.175:

Nota MA: palavra sublinhada no v. 5: “Erme-se o Valle, esfolhe-se a ramada”, estudo do vocabulário parnasiano.

\*

P.177

VASO CHINEZ (soneto)

P.177:

Nota MA: Título assinalado por traço horizontal:

“Vaso chinéz”

\*

P.178-180

SYRINX

P.178:

Nota MA: título sublinhado por traço duplo:

“Syrinx”

\*

P.180

PARTE III (soneto)

P.180:

Notas MA:

1. Palavra sublinhada no v.4: “Lesto, brincões, os satyros ligeiros”, estudo do vocabulário parnasiano.

2. Aliteração sublinhada no v.5; estudo da sonoridade:

“E a flébil voa da flauta, soluçada”

3. Palavra sublinhada no v.11: “Napéas saltam do olivedo, em bando” e anotação do significado: *Ninfas dos bosques*, estudo do vocabulário parnasiano.

4. Barra marcando escansão no v. 13; estudo da sonoridade:

“Syrinx pura, / as notas suspirosas”

\*

P.183

TITANIA (soneto)

P.183:

Nota MA: título sublinhado:

“Titania”

\*

P.184

SÓ (soneto)

P.184:

Nota MA: uso problemático do verbo haver nos v. 12-13:

“Ah! Talvez longe, longe, em clima estranho, ao fundo  
Do horizonte, há um deserto em que dormir tu possas”

\*

P.185

DE VOLTA DO CIRCO (soneto)

P.185:

Nota MA: palavra sublinhada no v.13: “A espada, o pique posto às mãos argivas...” e anotação do significado: *gregos*, estudo do vocabulário parnasiano.

\*

P.186

EMFIM ! (soneto)

P.186:

Notas MA:

1. Traço sob o título:

“Emfim!”

2. Palavra sublinhada no v. 6 e expoente (*l*), remetendo à definição no rodapé:

“Balsas e as leiras (*l*) humidas plantadas”

“(*l*) Sulco de terra para a sementeira geira”

3. Sublinhas e barras marcando escansão nos v. 10, 12-14:

“Saibam-n’o, saiba o céu com a esfera toda  
Que, emfim, sua mão, emfim, sua mão de leve...  
Borboletas, que pressa! andaes-me em roda”

“Auras, silêncio! Emfim, su|a mãozinha,  
Sua mão de jaspe, su|a mão de neve,  
 Sua |alva mão pude apertar na minha!”

✱

## P.187-191

# EMENTARIO

P.187:

Nota MA: título sublinhado por traço duplo:

“Ementario”

✻

P.191

## PARTE V (soneto)

P.191:

## Notas MA:

1. Título assinalado por traço horizontal:

“V”

2. Rimas sublinhadas nos v. 7-9; estudo da sonoridade:

“É tudo e novamente começado: \_\_\_\_\_ *ado*  
 No mystério, na treva indefinida... \_\_\_\_\_ *ida*  
 – E esses vultos que a estão, mudos, subindo?” \_\_\_\_\_ *indo*

✱

## P.194

ÚNICA (soneto)

P.194:

Nota MA: Título assinalado por traço horizontal:

“Única”

\*\*

P.195-250

“Segunda parte”

P.197-203

A ÁRVORE

P.197:

Nota MA: Título assinalado por traço horizontal:

“A árvore”

---

P.197-200

PARTE I (15 estrofes)

P.198:

Notas MA:

1. Barra marcando escansão no v. 37; estudo da sonoridade:

“Giganta / e mãe, alteando os ombros, quanta vida”

2. Palavra sublinhada no v. 43: “Ia-lhe caule acima, em longos cirros (1), toda” e expoente (1), remetendo à definição no rodapé: “(1) *Apêndice filiforme dalgumas plantas*”; estudo do vocabulário parnasiano.

3. Palavra sublinhada no v. 47: “As gynandrias gentis, epiphytas, e as várias” e expoente (2), remetendo à definição no rodapé: “(2) *Disse das plantas que crescem sobre outras sem/ delas tirar o alimento*; estudo do vocabulário parnasiano.

P.199:

Nota MA: palavras sublinhadas nos v. 49: “Leves, a suspender as maranhas virentes” e v.62 “Talvez, entre a expansão trichotoma e sadia” e anotação dos significados, respectivamente: *Fibras enredadas / Dividido em três*; estudo do vocabulário parnasiano.

\*

P.200-203

PARTE II (12 estrofes)

P.200:

Notas MA:

1. Palavra sublinhada no v. 2: “Teresa afiada segure. Em torno a vista crava” e anotação do significado: *Ainda segura ou segur. Machado*; estudo do vocabulário parnasiano.

2. Palavra sublinhada no v. 11: “Da corcha (*l*) P’ra fendê-la, ao braço heroico e rudo” e expoente (*l*), remetendo à definição no rodapé: “(*l*) *Cortiça. Casca de arvore.*”; estudo do vocabulário parnasiano.

\*

P.201:

Notas MA:

1. Palavra sublinhada no v.17: “A furia estona o tronco. E ha, talvez, um queixume” e anotação do significado: *Tirar a casca*; estudo do vocabulário parnasiano.

2. Palavra sublinhada no v. 19 e acréscimo de interrogação: “Mais outro esforço. No ar, como mandrão ? guerreiro”; estudo do vocabulário parnasiano.

3. Palavras sublinhadas no v. 29: “- De onde parte este grito? E os rufos leões, parando” e v. 34: “E o rio, o cedro e a rocha, o enho e a palmeira, pondo” e anotação do significado, respectivamente: *ruivo/ cria do veado*; estudo do vocabulário parnasiano.

P.202:

Notas MA:

1. Palavra sublinhada no v. 53: “Rompeu-se-lhe a medulla, e já rechina (*l*) o raio...” e expoente (*l*), remetendo à definição no rodapé: “(*l*) *Produzir som agudo. Ranger.*”; estudo do vocabulário parnasiano.

\*

P.204-205

O ANACHORETA (3 estrofes)

P.204:

Notas MA:

1. Título sublinhado:

“O anachoreta”

2. Sinal de X destacando a rima nos v. 10, 12:

“As pétalas azues! X  
Dou-te um lago de espuma  
Onde melhor fluctues!” X

\*

P.206-214

BORBOLETA AZUL

P.206-207

PARTE I (3 estrofes)

P.206:

Nota MA: metáfora sublinhada no v. 5:

“O sol na fulva lagrima de um raio”

\*

P.208-209

PARTE III (3 estrofes)

P.208-209:

Nota MA: traço à margem esquerda do texto:

	“A borboleta azul que segue fora Por esse ar, não sei bem... Della talvez me fala, onde ella mora Talvez mora também.
	“Talvez de seu cabelo em leve adejo Voasse, como uma flor, Como o laço de fita com que a vejo, Azul, da mesma côr.
	“Ella, formosa e tímida violeta Mal desabrochada à luz, / Ella o céu ama e ama a borboleta... Ambos são tão azues!” /

\*

P.209-210

PARTE IV (6 estrofes)

P.209:

Nota MA: comparação sublinhada nos v. 7-8:

“E cuja mão, se a beijo, é como um vaso  
Em que me dessedento”

\*

P.210

PARTE V (1 estrofe)

P.210:

Nota MA: traço à margem esquerda do texto:

“Sobre-manhan parti. Molhava a neve  
 Os flancos da montanha. No arvoredos  
 Próximo, as pennas a ensaiar de leve,  
     Um pássaro em segredo  
 Trinava. O som das águas derivadas  
 Da serra o chão da gruta, lento e lento,  
 Ia accordando. As folhas orvalhadas  
     Cochichavam com o vento.  
 Uma faixa de fogo no Levante  
     Subia, e humida e bella,  
 Da alva brilhava no alto a clara estrella,  
     Como um grande diamante.”

\*

### P.213

PARTE X (1 estrofe)

### P.213:

Nota MA: traço à margem esquerda do texto:

“Consta que ella, uma tarde, em que radiante  
 Das nuvens de ouro a abobada se erguia,  
 Os braços nus para a amplidão distante,  
 Em falta de azas, tremulos abria.  
 É que, aos raios do sol bailando inquietas,  
 Suspensas no ar, em dança vaporosa,  
 Um vago bando azul de borboletas  
 Vira passar na tarde luminosa”

\*

### P.215-216

MÁRMORE (1 estrofe)

### P.215:

Nota MA: título sublinhado:

“Mármore”

### P.216:

Nota MA: construção sublinhada no v. 21:

“Insano extravaragar! Insana phantasia!”

\*

### P.217-222

AS TRES FORMIGAS (38 estrofes)

P.217:

Nota MA: parte do título sublinhada:

“As três formigas”

P.220:

Notas MA:

1. Palavra sublinhada no v.82: “Espada à cinta, e escarcella...” (1) e expoente (1), remetendo à definição no rodapé: “(1) *Parte da armadura que vai da cintura ao joelho./ Também bolsa de couro que se usava à cinta.*”; estudo do vocabulário parnasiano.

\*

P.223-226

VERTUMNO

P.223-224:

PARTE I (14 estrofes)

P. 223:

Nota MA: palavra sublinhada no v. 19 e acréscimo de interrogação sobre o sinônimo; estudo do vocabulário parnasiano:

“E o corpo elando ? , os pincaros enfitá.”

P.224:

Notas MA:

1. Palavras sublinhadas nos v.20: “O estragoso calor que tudo assola” e v. 22: “Á cardea flor tímida corolla” e anotação do significado no v. 22: *Azul violáceo*; estudo do vocabulário parnasiano.

2. Palavra sublinhada no v. 23: “De eiva (1) tocado, a balançar pendente” e expoente (1), remetendo à definição no rodapé: “*Eiva* mancha na fruta quando começa a apodrecer”; estudo do vocabulário parnasiano.

\*

P.225-226

PARTE II (17 estrofes)

P.225:

Nota MA: prosopopeia sublinhada nos v. 2-3:

“Luzes da tarte, interrogando o vento,  
Balançam-se as palmeiras pensativas”

\*

P.227-232

PER TENEBRAS

P.227-230

PARTE I (17 estrofes)

P.227:

Nota MA: palavra sublinhada no v. 17: “Junto à podre albufeira” e anotação do significado: *lago formado de aguas do/ mar.*; estudo do vocabulário parnasiano.

P.229:

Nota MA: traço à margem esquerda dos v. 73-75:

“Viestes, males contidos  
No coração, sepultos  
No coração, no coração soffridos!”

P.230:

Notas MA:

1. Construção sublinhada no v. 89-90:

“Inesperada e enganosa,  
Hervado ferro me embebeste n'alma!”

2. Palavra sublinhada no v. 94: “Semianime, exangue”; estudo do vocabulário parnasiano.

\*

P.233-239

A LAGARTA

P.233-234

PARTE I (4 estrofes)

P.233:

Notas MA:

1. Título assinalado por traço horizontal:

“A lagarta”  
\_\_\_\_\_

2. Palavra sublinhada no v. 13 e acréscimo de interrogação: “Ao seu lesmoso lábio a agenoria ? princeza”; estudo do vocabulário parnasiano.

\*

P.234-235

PARTE III (1 estrofe)

P.234:

Nota MA: expressão sublinhada no v.7:

“Lesmava-a toda. Emfim, mais forte a aragem brinca”

\*

P.235

PARTE IV (3 estrofes)

P.235:

Nota MA: palavras sublinhadas no v. 4: “E azionam da cigarra os tiples argentinos” e anotação dos sinônimos, respectivamente: *Importunam/ soprano*; estudo do vocabulário parnasiano.

\*

P.235-236

PARTE V (1 estrofe)

P.235:

Nota MA: palavra sublinhada no v. 1: “Cansei-me, em vão, pedindo! Às rosas do ostro embalde” e anotação do significado: *Púrpura*; estudo do vocabulário parnasiano.

\*

P.236-237

PARTE VII (2 estrofes)

P.237:

Nota MA: palavra sublinhada no v.10: “Humida, pervia à luz, e faz depois outra aza” e anotação do significado: *Que dá passagem; em que se pode transitar; franco; patente*; estudo do vocabulário parnasiano.

\*

P.237-238

PARTE VIII (1 estrofe)

P.237:

Nota MA:

1. Palavra sublinhada no v.10: “Sonhara, ó ádyto (*I*) escuro, o impenetrado arcano” e expoente (*I*), remetendo à definição no rodapé: “(*I*) *Câmara secreta nos templos antigos*”; estudo do vocabulário parnasiano.

2. Palavras sublinhadas no v. 11-12: “Stava da tinta ideal que, em sol delida, a imensa/ ‘Sphera tinge de azul, das mãos de Deus suspensa”; estudo do vocabulário parnasiano.

P.238:

Nota MA: palavra sublinhada v. 18: “O seu césto de fogo” e anotação do significado: *Cinto*; estudo do vocabulário parnasiano.

\*

P.238-239

PARTE IX

P.238-239:

Nota MA: traço à margem direita dos v. 1-19 e à esquerda dos v. 20-39, palavras sublinhadas nos v.4, 6, 22 e anotação do significado:

“O meu jardim agora.  
Podeis florir, cecens e cravos côr da aurora !  
Fugiu com a noite, foi com a noite e o vento aquelle  
*Demonio* Incubo hediondo e vil de ascosa e immunda pelle.  
Cravos da côr do sol, cecens, flori, radiosas !  
*Enxugue* “Enxambre a luz do Oriente a túnica das rosas.  
Sus, camélias ! Mas eis, trêfega e alvoroçada,  
A nossa borboleta. Inquieta e desejada,  
Vae por tudo vibrando as suas azas loucas;  
E foi lagarta ! e andou cuspida de mil boccas !  
E foi monstro ! e rojou de ventre como as feras !  
E irritava o gramado, e nauseava as heras !  
Eil-a; que garbo agora ! Eil-a a ostentar as côres  
Das azas com que passa entre as rosciadas flores.  
Tudo a festeja e quer e é um longo aneio mudo.  
E, vêde-a, a vingativa! um beijo cede a tudo!  
Mas quem póde exclaimar, ao vêl-a assim tão bella :  
— Ella é minha ! se este ar, se todo o espaço é della !  
Ama, voa, revoa, agora beija, agora

Foge, volta de novo, e beija, e vae-se embora  
E é em vão que a roseira esparze o fino aroma,  
Em vão a flor do sol aos raios de ouro agoma, *deitar.gomos, germinar*  
A açucena na alvura em vão sua alma ostenta,  
Em vão para attrahil-a o cravo se ensanguenta,  
A papoula flammeja ! Ella é a Mimi leviana :  
Ama, e treme, e delira, e vôa, e foge, e engana.  
Sabei, lirios, sabei, dahlias, sabei, vós, quantas  
A amaes, sabei, jasmins, sabei, cheirosas plantas,  
- Myosotes cor do céu, pasmae com o caso incrível !  
Sabei todas que vós combateis o impossível,  
Querendo possuil-a ! Ó macias alfombras !  
Ó tufos de verdura ! ó verdura das sombras !  
Ó camélias sem cor ! ó lirios côr de opalas !

Ó crystaes das manhans ! manhans de eternas galas !  
Ninhos ! sons ! harmonia ! e sol ! e firmamento !  
Ella não será vossa ! Em vão é o vosso intento !  
Pois um único amor, uma paixão estranha  
Domina-a :  
a trama de ouro e o fulvo olhar da aranha.

\*

P.240-242

A ENCHENTE (13 estrofes)

P.242:

Notas MA:

1. Palavra sublinhada no v. 62: “Brota-a o charco, o sapal, a estrada, a penedia” e anotação do significado: *Brejo, mormel*; estudo do vocabulário parnasiano.
2. Palavra sublinhada no v. 67: “Da assomada do monte olha-a o coqueiro, ao vento”; estudo do vocabulário parnasiano.

\*

P.243-249

A CRUZ DA MONTANHA

P.243

PARTE I

P.243:

Nota MA: rima sublinhada no v. 5-6; estudo da sonoridade:

“A deshoras quem cruza o valle extenso em baixo,  
Vê, se acaso ergue a vista, o como arder de um facho”

P.244-245

PARTE V

P.245:

Nota MA: prosopopeia sublinhada no v.9:

“Alguém canta. Abre a noite o ouvido attento. A escarpa”

\*

P.245-246

PARTE VII

P.245:

Nota MA: barra marcando a escansão no v.2; estudo da sonoridade:

“Tardo o passo, anhelado, a | ingreme ladeira”

P.246:

Nota MA: traço à margem esquerda do texto:

“Entre o implexo palmar ha um tecto levantado.  
É um palacio. Porém somente uma janella  
Aberta empresta á noite um resplendor de estrella,  
Luz sonora, — que vem nella arrastado um hymmo.  
Triste e vasto... É o gemer, é o grito de um destino  
Doloroso. Lá dentro uma mulher ao piano  
Canta, ensinando á noite o que é o lamento humano;  
E o sonoro instrumento onde os seus dedos correm,  
Onde dos olhos seus as lagrimas escorrem,  
Geme, como se um cysne, em mágico transporte.  
Dentro delle soltasse o seu canto de morte.”

\*

P.246-247

PARTE IX

P.247:

Notas MA:

1. Construção sublinhada no v. 9; estudo da sonoridade e expoente (1), remetendo ao comentário no rodapé:

“Mas plangeu subitâneo o piano gemebundo” (1)

*“(1) Duque Estrada considera esta frase como/ uma onomatopêa. E esplendida ela é de/ facto; que tristeza, que queixa se sente nesses/ an repetidos, nessa continuidade de nn e de/ vogais escuras!”*

Nota da pesquisa: A passagem em que Duque Estrada estuda onomatopeias e usa como exemplo este verso de Alberto de Oliveira está à p. 140-141 de *A arte de fazer versos* (Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1914; prefácio de Alberto de Oliveira), conforme se verifica em exemplar digitalizado desta obra no acervo do projeto BRASILIANA USP, disponibilizado na internet:

[http://www.brasiliana.usp.br/bbd/bitstream/handle/1918/00879000/008790\\_COMPLET\\_O.pdf](http://www.brasiliana.usp.br/bbd/bitstream/handle/1918/00879000/008790_COMPLET_O.pdf) . O livro de Duque Estrada não faz parte da biblioteca de MA no patrimônio do IEB-USP; nela se localiza, do mesmo autor, *Luiz Delfino: conferência realizada em 6 de agosto de 1914*, na Associação dos Empregados no Commercio (Rio de Janeiro: Typ do Jornal do Commercio, 1915; MA 869.91092D349d), livro sem notas de leitura.

\*

P.248

PARTE XI

P.248:

Nota MA: traço duplo à margem esquerda do texto e prosopopeia sublinhada no v.3:

“E ella cantava sempre. Os passaros dormidos  
Estremecem no bosque. E o bosque é todo ouvidos.  
A agua os pés de alabastro apressa na corrente  
Para ouvil-a, e deslisa, e corre mansamente.  
Mudo, em extasi, o espesso e trémulo arvoredo  
Inclina a fronte, escuta, e é pensativo e quedo.  
Vem dos covis sahindo a procissão tardía  
Das sombras, e a bailar trepidamente, espia  
De longe, o ventre escuro a rastos. As inquietas  
Azas colhe o lampyro; o somno as borboletas  
Interrompem, vergando ao pequenino galho  
A flor que o calix volta, e deixa escoar-se o orvalho.  
Folha a folha, aza a aza, espuma a espuma, o fío  
D'agua, o insecto, o palmar, em silencio sombrío,  
Suspendem-se, e maís livre a música desata  
Sobre tal quietação as estrophes de prata...  
E o sonoro instrumento onde os seus dedos correm,  
Onde dos olhos seus as lagrimas escorrem,  
Geme, como se um cysne, em mágico transporte,  
Dentro d'elle soltasse o seu canto de morte.”

\*

P.248-249

PARTE XII

P.248:

Nota MA: ideia sublinhada nos v. 1-2:

“Traduz o piano agora um desespero immenso.  
Como que em cada nota há um coração suspenso”

P.249:

Notas MA:

1. Aliteração sublinhada nos v.3-4, estudo da sonoridade;
2. Epíteto sublinhado no v. 5-6;
3. Assonância sublinhada no v. 8:

“Que exulcerado passa e vae sangrando. Ao brado  
Da dor, violento grito, estremece o teclado,  
Tine e vae estalar. É que a loucura, — gemea

Do amor incontentado, — irrompeu na blasphemia.  
Mas num surdo — perdão — o impeto amortece,  
E a alma arrependida e supplice apparece... ”

\*\*\*

P.251-340

“Versos e rimas” (1887-1894)

Prefácio “Enthusiasmo e ternura” por Araripe Jr; Riachuelo, 27 de janeiro, 1895.

P.253-257

ENTHUSIASMO E TERNURA

P.253:

Nota MA:

“E porque não será o gênio antes o producto da accumulção ou da concentraçõ  
de esforço, numa raça, num indivíduo?”

P.254:

Nota MA:

“Em summa, que é isso que a antiguidade chamava enthusiasmo, inspiração, e  
nós hoje denominamos uma disposição phisio-psychica em erethismo? Um  
estado próximo da desordem, da decomposição, da epilepsia lavrada? Uma  
extravagância do século, é o que isso é; porque o mesmo se poderia dizer do  
systema planetário, que já foi nebulosa, apesar do que a sciencia assignala como  
leis ineluctaveis de equilíbrio. Caricaturas scientificas!”

[...]

“Neste momento abrindo eu por acaso o álbum de phototipias do afamado John  
Stoddart, caem meus olhos sobre a grande estatua de bronze de Buddha de  
Kamakura, no Japão, em cujo collo avisto três inglezez contemplativos”

\*

P.259-262

NOVA DIANA (20 estrofes)

P.259:

Nota MA: título assinalado por traço horizontal:

“Nova Diana”

P.260:

Nota MA: prosopopeia sublinhada no v. 24 e comentário abaixo do verso:

“E a água de pés de prata corre a espial-a”

*“Na poesia anterior a água tem pes de alabastro...”*

\*

P.263-264

ASPIRAÇÃO (10 estrofes)

P.263:

Nota MA: título assinalado por traço horizontal:

“Aspiração”

P.264:

Nota MA: sublinha marcando contagem silábica do alexandrino no v.31; estudo da sonoridade:

“- Poeta – bramir então à nocturna bafagem”

\*

P.265-266

ESSENCIA DAS COUSAS (4 estrofes)

P.265:

Nota MA: título assinalado por traço horizontal:

“Essencia das cousas”

\*

P.267-268

A CAMISA DE OLGA (6 estrofes)

P.267:

Nota MA: título assinalado por traço horizontal:

“A Camisa de Olga”

\*

P.269

ENTRADA DE UM LIVRO (1estrofe)

P.269:

Notas MA:

1. Verbo sublinhado no v.7; estudo do vocabulário parnasiano:

“De noite mal dormida: aqui se estrece e apaga”

2. Comparação sublinhada no v. 10:

“Da alma que em flor palpita a poesia é o perfume”

3. Metáfora sublinhada no v.18:

“Arde o festão de fogo eterno das estrelas”

\*

P.270-72

RECONDITO (9 estrofes)

P.271:

Nota MA: imagem sublinhada nos v. 40-42:

“Não, minha dor não é como as espumas  
Que o vento conglomerá flor das vagas  
E á flor das vagas lá se vão com o vento”

\*

P.276-277

A TAÇA DE HAFIZ (10 estrofes)

P.276:

Nota MA: quiasmo sublinhado nos v. 15-16:

“Hafiz, com os lábios em fogo  
Toca-lhe o fogo dos lábios”

P.278

A VINGANÇA DA PORTA (soneto)

P.278:

Nota MA: título assinalado por traço horizontal:

“A vingança da porta”

\*

P.281-284

O SONHO DE BERTHA (2 partes)

P.281:

Nota MA: título assinalado por traço horizontal:

“O sonho de Bertha”

\*

P.288-289

JOIA PERDIDA (6 estrofes)

P.288:

Nota MA: título assinalado por traço horizontal:

“Joia perdida”

P.289:

Nota MA: comparação sublinhada nos v. 23-24:

“Como lagrima accesa,  
Andar daqui p’ra alli, tonta de claridade!”

\*

P.291

EXTREMA VERBA (soneto)

P.291:

Notas MA:

1. Enumeração sublinhada nos v.1-2:

“Quero-te aqui, minha somente! Os braços  
Meus, e o collo, e a cabeça, e a bocca, e o rosto!”

2. Rima sublinhada no v.8 e comentário na margem direita; estudo da sonoridade:

“Seja dia ao nascer, seja o sol posto,  
Ou chova ou torrem calidos mormaços,  
Tu me seras repouso aos membros lassos,  
Minha sómente, meu marmoreo encosto...”

*Pôsto à mar-/telo, por necessi/dade da rima.*

\*

P.292-294

ANGELA (17 estrofes)

P.292:

Nota MA: título sublinhado:

“Angela”

\*

P.300-305

BORBOLETA MORTA

P.303-304

PARTE III (7 estrofes)

P.303:

Nota MA: comparação sublinhada nos v. 9-10:

“Mão de mulher! Mixtura extravagante  
De velludo, de rosas e de espinhos”

\*

P.306-307

O SONHO DE TITÂNIA (1 estrofe)

P.306:

Notas MA:

1. Palavra sublinhada no v.2; estudo do vocabulário parnasiano;
2. Repetição sublinhada nos v.3, 7 e traço ligando os termos:

“Lá vae, pé ante pé, de folha em folha, o alado,  
O aéreo Puck, o trasgo, o gênio endemoniado.  
Vede-o: não é mais leve, assim qual vae, tão leve,  
A plumula que o vento acaricia, a neve  
Que se desata no ar em flocculos. Cautela,  
Silencio, auras subtis! dorme Titania, a bella!  
Deixae-a assim, qual é, no somno ameno e brando,  
Dos tomilhos do bosque ao lado repousando;”

\*

P. 312-313

BILHETE (6 estrofes)

P.312:

Nota MA: traço duplo sob a inversão no v. 4:

“Sentindo contra o rosto, em frescas ondas, o ar!”

\*

P.314-317

OS DE HONTEM (20 estrofes)

P.314:

Notas MA:

1. Título sublinhado por traço duplo:

“Os de hontem”

2. Traço à margem esquerda dos v.9-12 e construção sublinhada nos v.11-12:

“Seus nomes inda falam desses annos,  
Entalhados em arvores que os viram,  
Cujos ramos, - assim como de enganos  
Se despiram seus peitos – se despiram”

\*

P.324

LEMBRANÇA (soneto)

P.324:

Nota MA: título assinalado por traço horizontal:

“Lembrança”

\*

P.325-327

A FUGA DA ESTRELLA (18 estrofes)

P. 325:

Nota MA: título assinalado por traço horizontal:

“A fuga da estrella”

P.326:

Nota MA: palavra sublinhada no v.38; estudo do vocabulário parnasiano:

“Traz o augusto conspecto em magua immerso”

\*

P.331-332

SONHO (4 estrofes)

P.331:

Nota MA: título assinalado por traço horizontal:

“Sonho”

\*

P.333-334

À CONCEIÇÃO (4 estrofes)

P.334:

Nota MA: traço à margem esquerda dos v. 31-42:

“Como eu te amo, não sei! Sei que dominas  
A minha vida, como a lua as ondas;  
Sei que onde quer que estejas ou te escondas,  
    Tu me fascinas.  
Sei que todas as horas trajam luto,  
Se te não vejo; sei que as mesmas horas  
Se arraiam de ouro e de clarões de auroras,  
    Quando te escuto.  
Sei que se falas, ouço ao Paraíso  
Os céros de anjos, e essa luz celeste  
Sinto, que as azas de esplendor lhes veste,  
    No teu sorriso.”

\*

P.338-340

CADÁVER DE EBRIO (17 estrofes)

P.338:

Nota MA: título assinalado por traço horizontal:

“Cadaver de ebrio”

\*

P. 341-368

“Por amor de uma lágrima” (1895)

P.362-363

PARTE XVII (4 estrofes)

P.362:

Nota MA: construção sublinhada nos v.16-18:

“Serena teu espírito. Em minh’alma  
Se não há bênçãos pr’a louvar teu nome,  
Odios também não há com que o maldiga”

\*\*\*\*\*

OLIVEIRA, Alberto de

Bibl. MA [A/II/c/47]

*Poesias (Segunda série: Livro de Emma, Alma livre, Terra natal, Alma em flor, Flores da serra, Versos de saudade)*. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1912.

[Poesia]

IEB: MA 869.9146O481p 2ª série

Notas MA a grafite.

Notas MA a lápis vermelho: p. 5

Capa em couro marrom

P.1-107

“Livro de Emma”

Prefácio sem título por Affonso Celso; Petrópolis, 18 de maio de 1898.

P.5:

Nota MA a lápis vermelho: traço à margem direita e esquerda dos parágrafos 14-15 e frases sublinhadas:

“*Sentimento*. Nas poesias precedentes de Al-/berto observa-se muita emoção, sem o que elle não/ seria o poeta consagrado que é. Mas uma emoção com-/ centrada, reservada, contida. Nunca uma explosão, – a/ violência, o desespero. Recordavam às vezes taes poe-/sias as camelias brancas, soberbamente formosas,/ impeccaveis, de uma symetria absoluta nas petalas,/ mas frias e sem odor. Influencia talvez da escola par-/nasiana.

“No *Livro de Emma*, não. Nada de penumbra, ou/ meia tinta. O sentimento vibra e transborda. O cora-/ção não murmura phrases veladas, escolhidas e dis-/ cretas. Fala alto, brada, expande-se livre, porque/ soffre. Dahi tornarem-se os versos palpitantes, se-/rem mais communicativos, inspirarem maior sym-/pathia. Quem os percorre não se limita a admi-/ral-os. Solta de momento a momento a exclama-/ção de Desdemona, ouvindo os labores e infortu-/nios de Othelo: *T was pitiful ‘t was wondrous/ pitiful!*”

P.7:

Nota MA: sublinhado parágrafo 21:

“Cedi ao movimento instintivo de quem grava/ rapidamente o seu nome na face de um monumento”

\*

P.11-14

ALVORADA (diálogo)

P.11:

Nota MA: palavra sublinhada no v.5: “Dos puniceos botões, enamoradas rosas” e anotação do sinônimo: *vermelho*; estudo do vocabulário parnasiano.

P.12:

Nota MA: palavra sublinhada no v. 20: “Do mar, transponha mesmo os terminos do mundo”; estudo do vocabulário parnasiano.

P.13:

Notas MA:

1. Palavra sublinhada no v. 33; estudo do vocabulário parnasiano;
2. Hiato sublinhado no v. 34 e comentário na margem superior; estudo da sonoridade:

*hiato desagradabilíssimo*

“De folhagens com o vento, e roncoss e chilradas...  
É o universo que accorda, é a bulha das florestas”

3. Correções tipográficas nos v. 39-40:

“Pompeará desfraldado o lúcidoestandarte  
Da manhan, terra e céus cobrindo... Ma sdepressa”

4. Traço marcando contagem silábica no v. 45 e expoente (1), remetendo ao comentário no rodapé; estudo da sonoridade:

“É um poeta (1), um sonhador ou louco – é indifferente”

*“A. de Oliveira toma erroneamente oe por/ ditongo. M. de Assis (que aliás não era parna-/siano) nunca se deixou cair nessa vulgaridade.”*

5. Traço marcando contagem silábica no v. 51; estudo da sonoridade:

“Inda possues, é voar e trazer sem demora”

\*

P.15-48

PRIMEIRA PARTE

P.17

ACCORDANDO (soneto)

P.17:

Nota MA: título sublinhado:

“Accordando”

\*

P.20

DOLORA (2 estrofes)

P.20:

Nota MA: título sublinhado:

“Dolora”

\*

P.24-25

CANÇÃO DE ARIEL (4 estrofes)

P.24:

Nota MA: título sublinhado por traço duplo:

“Canção de Ariel”

\*

P.26

FALANDO À PENNA (soneto)

P.26:

Notas MA:

1. Construção sublinhada no v. 8 e expoente (*l*), remetendo ao comentário no rodapé:

“Julgue, lendo-me, aquella que á poesia  
Na aza do sonho me arrebatava agora,  
Esta viva paixão que de hora em hora  
Todo me abala e por meu rosto espia” (*l*)

“(1) Verso desagradável. Calcado sobre necessidade de rima...”

3. Rima sublinhada nos v. 9 -10; estudo da sonoridade:

“Pinta... Mas não, partir-te ás mãos eu devo!  
Mal traduzes o mal que á dor me eleva!”

\*

P.27-29

ESCADA PHANTASTICA (11 estrofes)

P.28:

Nota MA: palavra sublinhada no v. 31: “- Magnolina é meu nome. A minha tez é pallida”; estudo do vocabulário parnasiano.

\*

P.30-32

VOLUBILIS (8 estrofes)

P.30:

Notas MA:

1. Título sublinhado:

“Volubilis”

2. Comentário na margem superior:

*“Esta poesia é linda. Notar as estrofes/ 2, 3, 4 e 5ª, que são verdadeiras mi-/niaturas adoráveis.”*

“Oh! Que poesia estranha  
Derrama a luz do luar nas abas da montanha!  
Lá muita vez minh'alma  
Vae buscar de um coqueiro a movediça palma;  
Ahi pousa e ouve enlevada as estrphes soturnas  
Com que o vento a gemer quebra a nocturna calma,  
Enlapado nas furnas.

“Outra vez (e imaginas  
Que captivo me tens!) acompanha as neblinas;  
Aos pincaros se atreve,  
Sobe e, aerea, a girar, phantastica, descreve  
Ronda lasciva ao luar; roda um momento, vâa,  
E vem bordar de orvalho um véu de rendas, leve,  
Aos juncos da lagoa.

“Alli, quieto, sombrio,  
Ha um bosque e dentro delle a agua de um grande rio;  
Sobre Ella o matto denso  
Tece um caramanchel, do cipoal suspenso;  
No barreiro amarello, abrindo em cada fragua,  
Brotam flores e alastra um espiral de incenso  
Á superficie d'agua.

“Ao pôr do sol, a essa hora  
Em que um toque de luz o occaso aviva e côra,  
E infinita tristeza  
Véla como de crepe a toda a natureza,  
Alli scisma minh'alma: as arvores a viram!  
Olha o rio e acompanha á flor da correnteza  
As folhas que cahíram.”

3. Traço marcando contagem silábica no v. 8; estudo da sonoridade:

“Oh! que poesia estranha”

4. Palavra sublinhada no v. 14: “Enlapado nas furnas” e anotado o sinônimo: *Escondido*; estudo do vocabulário parnasiano.

P.31:

Nota MA: Traço marcando contagem silábica no v. 38:

“Em que a poesia casta”

\*

P.33-35

UM ÁTOMO (1 estrofe)

P.34:

Nota MA: palavra sublinhada no v. 36: “Régia espada a pender de rico talabarte” e anotação do significado: *boldrié, / cinturão*; estudo do vocabulário parnasiano.

P.35:

Notas MA:

1. Introdução de travessão à margem esquerda do v. 65:

– “Ouve-o! é elle que ao rosto essas vermelhas rosas,”

Nota de pesquisa: MA faz referência a esse verso em comentário seu ao poema MORTA, à p. 46, apontando semelhanças entre os versos.

2. Palavra sublinhada no v.: “Os marfíneos botões, os levantados bicos!”; estudo do vocabulário parnasiano.

3. Palavra sublinhada no v. 78: “Deste sangue em raudaes na diluída aurora!” e anotação do significado: “*torrente de água ou outro líquido, / grande porção*”; estudo do vocabulário parnasiano.

\*

P.36-38

IMMORTAL (10 estrofes)

P.37:

Nota MA: traço à margem esquerda dos v. 34-48:

“Gosa! Estás moço! Mas um dia apenas!  
Gosa! Resuscitamos para dar-te  
Num dia apenas quanto tens vivido”  
– E as mãos erguendo, eu tactear as pennas  
Dos sonhos que espalhei por toda a parte,  
– Aves de um dia que julguei perdido;

Vêr-te e morrer cantando, em voz anciosa,  
 As syllabas de luz do poema de ouro  
 Que todos, moços, tanta vez cantamos,  
 Como ao nascer de uma manhan formosa  
 Se unem aos raios do Levante louro  
 Na mesma trova os sabiás nos ramos:

Vêr-te e morrer depois! Que mais quizer!?  
 Meu doudo sonho! Mas morrer, vibrante,  
 Tremulo ainda de paixões, de zelos!  
 Inda o cheiro a beber da primavera  
 Nos teus vestidos, inda palpitante  
 Minha bocca a sumir nos teus cabellos!”

P. 37:

Mancha de tinta à margem direita

\*

P.39-40

FIO D'ÁGUA (7 estrofes)

P.39:

Nota MA: traço triplo à margem esquerda dos v. 5-8, palavra sublinhada no v. 5 e anotação do sinônimo; estudo do vocabulário parnasiano:

||| *fenda, estilha*  
 ||| “Dentre as taliscas de uma pedra brota  
 ||| E salta, onde espinhoso o cardo medra,  
 ||| E, vivíssima prata, gotta a gotta,  
 ||| Escorre, como a lagrima da pedra.”

\*

P.41-43:

FALSOS RECEIOS (7 estrofes)

P.41:

Nota MA: palavra sublinhada no v. 20: “Um bulcão se lhe opponha” e anotação do sinônimo: *nevoeiro espêss*o/ *nuvem de fumo*; estudo do vocabulário parnasiano.

P.42:

Nota MA: palavra sublinhada no v. 33: “Há de entrajar de luz, quando alto seja”; estudo do vocabulário parnasiano.

\*

P.44:

CORAÇÃO MORIBUNDO (soneto)

P.44:

Notas MA:

1. Título sublinhado:

“Coração moribundo”

2. Hiato sublinhado no v. 3; estudo da sonoridade:

“Na angustia d’alma, o erro chorosa expia”

\*

P.45-48:

MORTA (17 estrofes)

P.45:

Notas MA: estudo do vocabulário parnasiano:

1. Palavra sublinhada no v. 8: “Ir bater do mysterio ao penetral sombrio”.

2. Imagem sublinhada nos v. 18-19: “Os vermes sentirás, no insano regosijo/ Aos cardumes ferver sobre teu peito rijo” e comentário irônico: *Cardume de vermes?!...*

P.46:

Notas MA:

1. Expoente (*I*) no final do v. 39, remetendo ao comentário no rodapé:

“E ás faces te accendi aquellas duas rosas” (*I*)

“(1) Comparar com “O átomo” pg 35 linhas/ décima e décima primeira”

Nota de pesquisa: MA faz referência aos v. 10-11 de “O átomo”:

“Ouve-o ! é elle que ao rosto essas vermelhas rosas,  
Tão vermelhas assim, te pôz e tão formosas!”

P.46-47:

Nota MA: Traço à margem esquerda dos v. 41-60:

“Como vae pouco a pouco as fibras de uma planta  
Seiva amiga estendendo, e vinga a planta e cresce,  
E árvore, um dia emfim, de todo se alevanta,  
Onde as aves juntando, a madrugada canta,  
E os raios esparzindo, o dia resplandece:

“Eu te fiz, palmo a palmo, ir crescendo... crescendo,  
Té à idade chegar onde começa o amor;  
E então que doce ouvir – a alvorada prevendo  
Em que ias despertar – teu coração batendo,  
Como o apressado ruflo inquieto de um tambor!”

“Quinze annos era um dia a tua idade apenas,  
Quando estremeces toda e sem que o saibas como!  
Razam-se os olhos d’água, arfam-te as mãos pequenas.  
Corre-te um frio suor pelas curvas morenas  
E o seio virginal incha á feição de um pomo...”

“Era eu! Vinha dizer-te: - Ama! Começa agora  
A vida! Ama e padece! A alma t’ordena – e quer!  
E amaste! E no teu sangue eu palpitei sonora,  
Eu cantei, eu rugi! E foste desde ess’hora  
A belleza sem par, a esplendida mulher!”

## 2. Construção sublinhada nos v. 71, 76:

“E assim vieste a morrer, virgem de humano tacto,”  
[...]  
“E ora... Mas com que fim dar a este corpo inerte”

### P.49-107

#### SEGUNDA PARTE

### P.51-52

#### ALVORADA (8 estrofes)

### P.51:

Nota MA: palavra sublinhada no v. 9: “Do matagal ás ramas implexas” e anotação do sinónimo na margem direita: *entretecido/ envolvido*; estudo do vocabulário parnasiano.

\*

### P.53-54

#### ESPIRAL DE FUMO (4 estrofes)

### P.53:

Nota MA: imagem sublinhada nos v. 10-11:

“Ora, subamos inda. O tecto desta casa  
Deixa passar do poeta o pensamento, o sonho...”

\*

P.55-56

(M. FLORES) (3 estrofes)

P.55:

Notas MA:

1. Título sublinhado:

“(M. Flores)”

2. Palavra sublinhada no v. 15: “Um offêgo perpassa olente e brando;”; estudo do vocabulário parnasiano.

\*

P.57-59

SOBRE A NUVEM (13 estrofes)

P.57:

Nota MA: palavra sublinhada no v. 9: “Nada, nem um adeus! Eu dessaudoso”; estudo do vocabulário parnasiano.

P.58:

Nota MA: metáfora sublinhada nos v. 39-40:

“Onde monstros errantes, de olhos de ouro,  
Passam chispando pela noite escura!”

P.59:

Notas MA:

1. Traço à margem esquerda dos v. 56-65;
2. Imagem sublinhada no v. 55-56:

“Homem, que um cego ideal traz a estes paramos,  
Soffre do erro em que estás o atroz castigo,  
E ás dores que continuo te consomem.  
Falar não faças... Nada sabe do homem,  
Nada aqui pode abrir-lhe um seio amigo. »

E eu, ouvindo estas vozes, entre o assombro  
Que ellas deixavam na minh'alma insana,  
Alli fiquei, attonito, surpreso,  
Sentindo agora, como um grande peso,  
Toda a saudade da miséria humana.”

\*

P.60-61

FLOR MORIBUNDA (5 estrofes)

P.60:

Nota MA: título sublinhado por traço duplo:

“Flor moribunda”

\*

P.64-66

FOLHAS SÊCCAS (14 estrofes)

P.64:

Nota MA: título sublinhado por traço duplo:

“Folhas sêccas”

P.65:

Notas MA:

1. Traço à margem esquerda dos v.30-34; 35-46;
2. Metáfora sublinhada nos v. 29-30:

“ – “A vida, desde o lenho duro ao vime,  
Do vime á flor, da borboleta á lesma,  
Do bicho ao homem — vegetaes, ouvi-me!  
Do homem á estrella,em toda parte é a mesma.

“Eu que impellido vou do monte aos valles,  
Que as paragens mais longes percorri,  
Com os benefícios combinando os males,  
Risos com prantos, sempre a mesma a ví

“Porque perdeis as vossas folhas, quando  
Também meu leito um pouco d’agua perde,  
Vós vos queixaes: nem sempre o sol é brando!  
Plantas do chão, nem sempre o campo é verde!

“É lei florir como ficar sem flores.  
Ora propicio, ora contrario, o céu  
Faz que haja sombras, faz que haja esplendores,  
Morra o que nasce, exsurja o que morreu”

\*

P.67-68

NO PARAHYBA (5 estrofes)

P.68:

Nota MA: ideia sublinhada no v. 11:

“Inda está longe a pensativa igreja”

\*

P.70

INTERIOR (2 estrofes)

P.70:

Nota MA: traço à margem esquerda do texto:

“É de alguns o coração  
Como espaçoso salão,  
Por onde confusamente  
Passeia a rir muita gente.

“O meu, fechado, sem luz,  
Lembra um quarto, onde uma cruz  
Negra se levanta ao centro...  
Jaz um cadáver lá dentro.”

\*

P.71

O ADEUS DOS MASTROS (soneto)

P.71:

Notas MA:

1. Título assinalado por traço horizontal:

“O adeus dos mastros”

2. Cacófato sublinhado no v. 11; estudo da sonoridade:

“Em pedra, agulhas mil de torres, hirtas no ar”

\*

P.72-73

O SOMNO DAS VÉLAS (9 estrofes)

P.72:

Nota MA: Título assinalado por traço horizontal:

“O somno das vélas”

P.74-76

A VISÃO DA TORRE (13 estrofes)

P.74:

Notas MA:

1. Título assinalado por traço horizontal:

“A visão da torre”

2. Imagens sublinhadas nos v. 2, 16:

“Scisma... E alongando o olhar de pedra fria”

[...]

“Com a corolla de bronze, em somno eterno”

P.75:

Notas MA:

1. Traço à margem esquerda dos v. 17-20:

| “E, tempo extinto! delle ouviu sonoras,  
| Noutra quadra melhor — como de um cálix  
| Sae um bando de abelhas pelos valles, —  
| Sahir cantando pelo espaço as horas.”

2. Construção sublinhada nos v. 23-24:

“Como pesa, meu Deus, mesmo cahindo  
Sobre uns hombros de pedra, o esquecimento!”

P.76:

Nota MA:

1. Imagem sublinhada no v. 48 e expoente (I), remetendo ao comentário no rodapé:

“E ella no sol o olhar de pedra (I) abysma”

“(I) No “*Hino ao sol*” – 3ª série – A. de Oliveira/ se utiliza desta mesma figura e a/ torna genial em uma daquelas estrofes/ sublimes”

Nota da pesquisa: MA engana-se quanto ao título que é “Ode ao Sol”, em *Poesias 3ª série* (São Paulo – Belo Horizonte: Livraria Francisco Alves e Cia, 1913) no qual, no v. 30, à p. 20, está a mesma imagem: “Fizeste o olhar da pedra.”, com traço duplo à margem esquerda. Nesse poema, o leitor marca também o título, sublinha palavras às

quais atribui sinônimos, marca a pontuação no v.5; estudo da pausa na oração intercalada: “Tudo, despindo a noite, a um osculo de fogo”; escande o decassílabo no v.28.

\*

P.77  
?..

P.77:  
Nota MA:

1. Título assinalado por traço horizontal:

“ ?.. ”

P. 77:  
OS CANNIÇOS

P.77:  
Nota MA: texto contornado:

OS CANNIÇOS

“Sopra mais forte, leva-nos contigo,  
Vento da tarde! parte-nos ao meio,  
E os canniços do brejo, vento amigo,  
Leva em teu seio!

“Porque existimos? porque assim vivemos,  
Assim — curvos de dor, de tanta magua,  
E a sombra nossa desolados vemos  
No espelho d'agua?

“Sopra mais forte, vento, que nos valles  
Harpa invisível tanges dolorida;  
Sopra, e leva contigo os nossos males,  
Levando a vida...”

Nota da pesquisa: Em “Momento”, de 1937, que integra *A costela do grão cão*, MA escreverá: “O vento corta os seres pelo meio” (*Poesias completas*. Edição de texto apurado, anotada e acrescida de documentos por Tatiana Longo Figueiredo e Telê Ancona Lopez. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013, p. 439), que nos remete ao 2º verso deste poema de Alberto de Oliveira.

\*

P.81-82

ULTIMA PHRASE (5 estrofes)

P.81:

Nota MA: título sublinhado por traço duplo:

“Ultima phrase”

\*

P.84-85

PAREDES NUAS (7 estrofes)

P.84:

Nota MA: traço à margem esquerda dos v. 13-16:

“Lá, mais longe, a campina — a massa informe  
Das arvores compondo um véu sombrio;  
E o rio que as estrelas olha, e dorme,  
E as estrelas banhando-se no rio.”

\*

P.86-88

O ESPELHO (1 estrofe)

P. 86:

Nota MA: palavra sublinhada no v. 16: “Pyrilampêa um só dentre os pingentes mil”; estudo do vocabulário parnasiano.

P.87:

Nota MA: inversão sublinhada no v. 36:

“Só! – E no chão, do tecto ouve cahir o pó”

\*

P.89

ESTRADA DESERTA (15 estrofes)

P.89:

Nota MA: Título assinalado por traço horizontal:

“Estrada deserta”

P.91:

Nota MA: metáforas sublinhadas nos v. 47-48, 51:

“O seu olhar e o seu sorrir tão doce  
Vão dar dois lírios p'ra enfeitar-lhe a valla.  
[...]  
Lampyros de ouro, archotes do caminho”

\*

P.92-94

SERENATA NO RIO (12 estrofes)

P.92:

Nota MA: Título assinalado por traço horizontal:

“Serenata no rio”

\*

P.95-96

NOCTURNO (5 estrofes)

P.95:

Nota MA: metáfora sublinhada no v. 8:

“Quero sonhar, ouvindo a ventania,  
– Espectro errante a soluçar-me á porta”

\*

P.98-99

ATTRACÇÃO (6 estrofes)

P.98:

Nota MA: título sublinhado:

“Attracção”

\*

P.100-101

APPARIÇÃO (11 estrofes)

P.100:

Notas MA:

1. Imagem sublinhada nos v.3,4 e expoente (*l*), remetendo ao comentário no rodapé:

“Horas já mortas, como andasse – em falta  
De um coração qualquer para entendê-las,  
A contar minhas maguas em voz alta  
A’s arvores das ruas e às estrelas” (1)

“(1) O. Bilac ter-se-ia aproveitado desta frase/ de A. de Oliveira ou seria êste o aproveitador./ Desconheço a data do Ouvir estrelas...”

Nota da pesquisa: MA interroga-se sobre a apropriação dos versos 3-4 por Olavo Bilac em “Ora (direis) ouvir estrelas!”, poema em *Poesias*, de 1888. O exemplar de MA, liga-se à 4ª edição, de 1909; nele há três traços a grafite à margem esquerda do soneto e anotações de andamento e dinâmica musical:

“Ora (direis) ouvir estrelas! Certo  
Perdeste o senso!” E eu vos direi, no entanto,  
Que, para ouvi-las, muita vez desperto  
E abro as janelas, pálido de espanto...

“E conversamos toda a noite, enquanto  
A via-láctea, como um palio aberto,  
Cintila) . E, ao vir do sol, saudoso e em pranto,  
Inda as procuro pelo céu deserto.

“Direis agora: ‘Tresloucado amigo!  
Que conversas com elas? Que sentido  
Tem o que dizem, quando estão contigo?’

“E eu vos direi: ‘Amai para entendê-las!  
Pois só quem ama pode ter ouvido  
Capaz de ouvir e de entender estrelas.’ ”

\*

#### P.104-107

28 DE ABRIL (21 estrofes)

#### P.105:

##### Notas MA:

1. Conceção sublinhada nos v. 25-28:

“Depois... (O coração nos dias de hoje  
E' diferente. A natureza, escrava  
De outras idéas, sente o amor e foge,  
Pois já não se ama como então se amava)”

2. Traço à margem esquerda dos v. 39-40:

| “Ah! Num momento quanto vive e gosa  
| Quem num momento cede à voz do amor!”

P.106:

Notas MA:

1. Traço à margem esquerda dos v. 47- 52;
2. Ideia sublinhada nos v. 49-52;
3. Inversão sublinhada nos v. 57-60;
4. Alternativa ao v. 60;
5. Acréscimo de exclamação irônica aos v. 61-62 e sublinha no v. 62 estranhando a rima:

“De rosas, derramava-se nos prados  
A cornucopia das manhãs de Abril.

“E eu lá voava a cantar pelos outeiros.  
Subia aos troncos, aos floridos ramos...  
Traduziam-me os versos os colleiros,  
Plagiavam-me a rir os gaturamos.

$$[\dots]$$

“Por nossa causa quando se juntavam.  
Como as creanças, no vernal brinquedo.  
As borboletas saracoteavam,  
Dando saráus por cima do arvored.  
*embaixo seria melhor...*

“Num concerto uma vez, e sol a pino !  
Um grillo, que ella amava com paixão. !  
Fez ouvir o seu magico violino  
E expirou no soluço da canção”

P.107:

Nota MA: Sublinha marcando contagem silábica do decassílabo no v. 82; estudo da sonoridade:

“Prêso apenas das azas da poesia”

\*\*\*

P.109-197

“Alma livre”

## P.111

### TACA DE CORAL (soneto)

P.111:

Nota MA: título sublinhado:

“Taça de coral”

\*

P.114-117

LUCILIA COESAR (19 estrofes)

P.116:

Nota MA: acréscimo de exclamação irônica nos v. 45-48:

“Certo é que muita vez, num colérico assomo,  
Me repelliste, alçando a mãozinha cruel;  
Mas eu voltava logo a andar-te em tórno, como  
A aeronave Dumont em tórno á Torre-Eiffel.”

!!

\*

P.121-122

VERSOS DO CORAÇÃO (8 estrofes)

P.121:

Nota MA: título assinalado por traço horizontal:

“Versos do coração”

P.122:

Nota MA: construção sublinhada no v. 24:

“Vibra cada hemistichio um cântico nupcial”

\*

P.124-125

M.G.R.O. (1 estrofe)

P.124:

Notas MA:

1. Correção no v. 13:

“Fazia fluir-lhe o verso e anim a peregrina”

2. Palavra sublinhada nos v. 15: “Hoje fonte melhor, mais remansada e pura”; estudo do vocabulário parnasiano.

3. Sublinha marcando a contagem silábica do alexandrino no v. 18

“A alma de clima em clima, em meu sonhar de poeta”

\*

P.126

O QUE EU LHE DIZIA (14 estrofes)

P.128:

Nota MA: Sublinha e barra marcando contagem silábica no v. 52; estudo da sonoridade:

“Já não está minha vida”

\*

P.129

PREITO (9 estrofes)

P.129:

Nota MA título assinalado por traço horizontal:

“Preito”

P.130:

Nota MA: comparação sublinhada nos v.22-25:

“E como se enche de seu deus um templo,  
Me encho de ti; e á mente ha pouco insana,  
Surge em todo esplendor, como um exemplo,

O lado bom da natureza humana.”

\*

P.131-134

DEPOIS DA MORTE (3 estrofes)

P.131:

Nota MA: título sublinhado por traço duplo:

“Depois da morte”

P.133:

Nota MA: ideia sublinhada nos v.69-71:

“Quanto a mim, dêm-me sombra e farta os arvoredos  
Que ha nas selvas da patria, e ensinem-me os segredos  
Da soidão. Rude sou, e amo a floresta rude.”

P.134:

Nota MA: traço à margem esquerda dos v.79-82:

\*

✻

✱

✱

P.141:

Nota MA: imagem sublinhada no v.8 e três exclamações de ironia na margem direita:

“Surge. Saltamos nella ao som de um berro” **!!!**

\*

P.142

O PEIOR DOS MALES (soneto)

P.142:

Nota MA: parte do título sublinhada:

“O peior dos males”

\*

P.143-148

VISIO

P.143:

Notas MA:

1. Título sublinhado e anotação na margem direita:

“Visio” *Porquê “Visio”?/ Sublime*

\*

P.143-144

PARTE I (4 estrofes)

P.143:

Nota MA: ideia sublinhada por traço duplo no v.4:

“Eu, como um deus vencido, saio em pranto”

P.144:

Nota MA: imagem sublinhada nos v. 17, 18:

“Na alma começa de cahir a neve  
Que cahíu nos cabellos”

\*

P.144-145

PARTE II (4 estrofes)

P.144:

Nota MA:

1. Metáforas sublinhadas nos v.4-6, 11,12:

“Eu te reclamo, como o agonisante  
Com a bocca em febre à hora derradeira  
Um crucifixo pede.”

[...]

“Dá-me. Eu sinto por ti no peito adusto  
A sede do deserto”

2. Palavra sublinhada no v.13: “Vem! Em redor de mim desparze em festa”; estudo do vocabulário parnasiano.

P.145:

Nota MA: inversão sublinhada no v.19:

“Prolonga o dia meu de uma hora, e basta!”

\*

P.145-146

PARTE III (4 estrofes)

P. 145:

Nota MA: traço à margem esquerda dos v. 1-12:

“Vem ! Namorando a varzea que entre a bruma  
Vê se alisar ao sol, verde e infinita,  
Por alcançá-la um dia, de repente  
Em grande impeto solta, o espaço afuma,  
Atrôa os antros e se precipita  
Da alto a caudal torrente.

Lá vae! chegou, cingiu quem via e amava!  
Aqui se encrespa como de desejos,  
Alli, como saciada, entra em repouso;  
Rojá, amorosa e humilde, como escrava,  
Ainda do beijar de tantos beijos  
Tendo a espuma do gôso”.

P.146:

Nota MA: construção sublinhada no v. 23:

“Da volúpia, que existo nos teus olhos”

\*

P.146-147

PARTE IV (5 estrofes)

P.146-147:

Nota MA: traço duplo à margem esquerda dos v. 13-18:

“A minha vida é um cântico ao teu nome,  
Uma oração como ninguém a reza,  
Nem a ouviu nunca altar na terra erguido ;  
Um extasi e um penar que me consome,  
Delicia e tratos, jubilo e tristeza,  
Um sorriso... e um gemido!

\*

P.147-148

PARTE V (5 estrofes)

P.147:

Nota MA: construção sublinhada no v. 2:

“A alma em prantos! Não vens! Em que paragem”

\*

P.149

OS AMORES DA ESTRELLA (13 estrofes)

P.149:

Notas MA:

1. Parte do título sublinhada:

“Os amores da estrella”

2. Palavras sublinhadas no v.13: “Olhava ao longo o celico declivio”; estudo do vocabulário parnasiano.

P.150:

Nota MA: traço à margem esquerda dos v.19-21:

“Um deus de fôrmas válidas adora;  
São seus cabellos ouro preto, o peito  
Veste a armadura de crystal da aurora”

\*

P. 153-154

CORAÇÃO (3 estrofes)

P.154:

Nota MA: traço duplo à margem esquerda dos v.33-40:

“Depois disto, não sei que possa mais mostrar- te  
No coração que assim me aprouve desvendar-te.  
Mas olha: do deserto a safara extensão  
Lá vem correndo agora apressada legião.  
E a caravana dos meus Sonhos; presentiram  
Que aqui estavas, e logo e aligeros partiram;  
Suppuzeram-te, crê, da distancia através,  
O oasis seductor que lhes sorri, talvez...”

\*

P.157

A UM POETA (10 estrofes)

P.157:

Notas MA:

1. Título assinalado por traço horizontal:

“A um poeta”

2. Palavra sublinhada no v.2: “Polyonimo deus, o ephebo louro, o amado” e anotação do significado: *Talvez polinômismo – que tem muitos nomes. De fato Baco é chamado de muitíssimas maneiras*; estudo do vocabulário parnasiano.

3. Palavra sublinhada no v. 6: “Parra, a modo de estemma” e anotação do sinônimo: *capela, grinalda*; estudo do vocabulário parnasiano.

P.158:

Notas MA:

1. Reformulação ao final do v.18:

“Comnosco partiremos” (*repartiremos*)

2. Palavra sublinhada no v.30: “Que em racimos palpitam” e anotação do sinônimo: *cachos de uva*; estudo do vocabulário parnasiano.

P.159:

Notas MA:

1. Sublinhas marcando contagem silábica nos v.49, 55 e acréscimo de exclamação sobre tua no v. 55; estudo da sonoridade:

“Poeta, és tu como heroe cujo prodígio narra”  
[...]  
“Anjos, sombras, visões sonhadas em tua mente”

2. Construção sublinhada nos v.58-59 e expoente (1), remetendo ao comentário no rodapé:

“Surgem... Nem outro é o dom dos que no baixo exílio  
Do mundo (1), sentem n’alma, a fremir-lhes latente”

3. Anotação no rodapé:

“(1) *A comparar com o frances bas-monde...*”

\*

P.160-162

A CARANGUEJEIRA (6 estrofes)

P.162:

Nota MA: palavra sublinhada no v.55: “Que me liava a vida inteira”; estudo do vocabulário parnasiano.

\*

P.166-167

A BOTELHA DE GOW (1 estrofe)

P.166:

Nota MA: palavra sublinhada no v.6: “Chapéu de couro sêcco, o jaquetão breado”; estudo do vocabulário parnasiano.

\*

P.168

PALEMO (soneto)

P.168:

Nota MA: título assinalado por traço horizontal:

“Palemo”

\*

P.170-178

O EXAME DE HERCILIA (41 estrofes)

P.177:

Notas MA:

1. Palavra sublinhada no v.197: “É a da graça que diadema”; estudo do vocabulário parnasiano.

2. Correção de palavra no v. 218:

“Vão saber que crês *houveste*”

\*

P.179

CONFISSÃO DOS OLHOS (2 estrofes)

P.179:

Nota MA: título assinalado por traço horizontal:

“Confissão dos olhos”

“Na sala, muita vez, junto aos que estão contigo,  
Nóto entrando que ao vêr-me, entre surpresa e enleio  
Ficas, como se acaso um soffrimento antigo  
Eu te viesse accordar lá no intimo do seio.

“Por que enleio e surpresa? Olham-te, e empallideces;  
Pões a vista no chão, fazes que desconheces  
Estar ao pé de ti quem te perturba; acaso  
Vaes distrahida; aqui tocas a flor de um vaso,  
Ali de um velho quadro atentas na gravura;  
Achegas-te á janella, olhas a tarde pura,  
Voltas. De face então vês-me e estremeces. Quasi  
Disseste o que dizer te anceia ha muito; a phrase  
Intima, breve e ardente, em teu labio purpureo  
Afflou num palpar, fez ouvir um murmurio,  
Mas refluíu... Em tôrno attentos te encararam.  
Foi quando para mim teus grandes olhos voaram,  
Voaram, vieram, assim como do firmamento  
Duas estrellas, e a alma unindo a um pensamento  
Unico, em fluido a escoar dos raios de ouro em mólhos,  
Somem-se em mudo assombro, abysmam-se em meus olhos.

“E em minh’alma, lá dentro, eu sinto então, querida,  
Que elles deixam cahir, no ardor em que me inflammo,  
Ah! e com que calor, com que sêde de vida!  
Letra a letra, a tremer, o teu segredo: Eu te amo!”

P.180:

Nota MA: comentário no rodapé:

*“Um dos trechos de mais profundo/ sentimento da poesia lírica!”*

\*

P.181

POR UM SORRISO (soneto)

P.181:

Nota MA: título assinalado por traço na diagonal:

“Por um sorriso”

\*

P.183-186

VERSOS ALHEIOS (12 estrofes)

P.183:

Notas MA:

1. Título sublinhado e comentário à margem direita:

“Versos alheios” *Extraordinário!*

2. Palavra sublinhada no v.4: “E ouvindo-lhe enarrar beleza e graças”; estudo do vocabulário parnasiano.

3. Comentário ao final do v.9:

“Que desferiu tal canto!” *Oh! que modéstia!..*

P.185:

Notas MA:

1. Ideia sublinhada nos v.61-64:

“Se isso se desse, que granito ou bronze  
Há ahi que eu não rompesse no delírio  
De me saber amado?  
Só o amos nos faz grandes.”

2. Palavra sublinhada no v.72: “Toda em ousios e impetos”:

P.186:

Nota MA: palavras sublinhadas nos v.92-93: “Zelando os cereos favos/ Que encheu de mel, ferve a abelheira e zumbe”; estudo do vocabulário parnasiano.

\*

P.187-189

PRAIA LONGÍNQUA (13 estrofes)

P.187:

Nota MA: palavra sublinhada no v.7: “Com verdes ramos que à brauna cortam” e anotação do sinônimo: *arvore*; estudo do vocabulário parnasiano.

“Entram o bosque. Sôam no arvoredos”

Nota MA: palavra sublinhada nos v.50 e 52: “Breve atendaram. Ao luzir da lua”/ “Oh! mas tão pallida! a frieze da face”; estudo do vocabulário parnasiano.



... (soneto)

Nota MA: título assinalado por traço horizontal:

“ ”  
...  
\_\_\_\_\_

**LONGE... MAIS LONGE AINDA! (6 estrofes)**

1. Título sublinhado:

“Longe... mais longe ainda!”

2. Traço marcando contagem silábica no v. 6:

“- Leva-me inda mais longe, além, mais longe, poeta!”

✱

# TEMPESTADE

Nota MA: título sublinhado com dois traços cruzados:

~~“Tempestade”~~

PARTE II (1 estrofe)

P.194:

Nota MA: palavra sublinhada com dois traços cruzados no v.5: “Chega do re-ranger dos troncos sacudidos”; estudo do vocabulário parnasiano.

\*

P.194

PARTE III (1 estrofe)

P.194:

Nota MA: palavra sublinhada no v.7: “Sôa e retreme horrendo um côncavo retumbo”; estudo do vocabulário parnasiano.

\*

P.194-195

PARTE IV (2 estrofes)

P.194:

Nota MA: inversão sublinhada nos v.3-4:

“Grato me é teu rugir, quando em solta matilha  
Os ventos, como cães, ladram furiosos no ar”

\*

P.196

PARTE VI (3 estrofes)

P.196:

Nota MA: traço à margem esquerda do texto:

“Amo-te assim, no horror com que o universo assombras  
Deusa irada do raio, ó tempestade invicta !  
Quando fazes rolar teu plaustro de ouro e sombras,  
Abalando ao passar a abobada infinita,  
Não encolhido e vil, mas com heroísmo rudo  
— Enérgica expressão de uma dôr immortal,  
De pé, sorvendo no ar teu bafo, eu te saúdo  
A marcha triumphal.

Amo-te o rebramar do cavernoso e grosso  
Coro de teus trovões, ao carro teu jungidos;  
Qualquer cousa de mim que eu exprimir não posso,  
Geme no teu gemer, ruge nos teus rugidos!  
Amo-te, ébria e possessa, a deflagrar purpúrea,  
A quanto se te oppõe, no embate formidando,  
Com Aquilão e granizo, em desatada fúria,  
Varrendo, espedaçando.

E invejo-te! Não ter para expandir- me o espaço.  
 Onde de pólo a pólo o teu soffrer derramas!  
 Não ter para raivar a tua gorja de aço,  
 Nem para blasphemar tua bocca de chammas!  
 Na soidão de meu ser pésa-me o pensamento,  
 Como parado ha pouco asphyxiava este ar;  
 Oh! tua dôr, tormenta, esvae-se em agua e vento,  
 E eu... nem posso chorar!”

\*

P.197

NAUFRÁGIO (soneto)

P.197:

Nota MA: título sublinhado por traço duplo:

“Naufrágio”

\*\*

P.199-223

“Terra Natal” (1900-1901)

P.201-205

O PARAHYBA

P.201-205

PARTE I (23 estrofes)

P.201:

Nota MA: palavra sublinhada no v.6: “Em chão de grés ou saibro, em plano, almarge ou gruta” e anotação do sinônimo: *Prado natural/ Pastagem*; estudo do vocabulário parnasiano.

P.202:

Notas MA:

1. Traço à margem esquerda dos v.9-16, 21-24:

“Traz dos sertões que andou, cânticos e perfumes,  
 Um ninho, um fructo, um ramo, um leque de palmeira.  
 E a alma errante e immortal das cousas, em queixumes.  
 Debruçada a chorar-lhe em cada ribanceira ;

Traz dos rotos grotões, cuja abobada agita,  
Retumbando-lhe dentro em impetos violentos.  
A revoada ululante, a successiva grita  
Dos echos que lá sopra a buzina dos ventos.

No amplo manto talar que undivago sofralda  
E que descose e rasga entre os penhascos duros,  
Traz das serras do Sul, tão verdes! a esmeralda,  
E o ouro dos milheiraes a apendoar maduros ;

Traz o limo e agua-pés (1) em balsas que suspende,  
E os nelumbos a abrir as corolas redondas,  
Das terras baixas, onde em plano igual se estende  
E onde põe a pastar o seu rebanho de ondas.”

2. Palavra sublinhada no v. 20: “E o ouro dos milheiraes a apendoar maduros ;” e anotação do sinônimo: *guarnecer de pendões/ embandeirar-se*; estudo do vocabulário parnasiano.
3. Palavra sublinhada no v.21: “Traz o limo e agua-pés (1) em balsas que suspende”, e expoente (1), remetendo a definição no rodapé:

“(1) Agua-pe: nome genérico das plantas que se/ criam na superfície das águas estagnadas.”

4. Traço à margem esquerda dos v.29-32:

“Ahi, talvez, a sanha e o irado aspecto esconde  
E é todo amor. Ahi crês ouvir-lhe á superfície  
Flebil chôro, a que á tarde, ao pôr do sol, responde  
O longinquo mugir dos touros na planicie.”

P.203:

Notas MA: estudo do vocabulário parnasiano:

1. Palavra sublinhada nos v.38: “Das ondas, bólha e espuma em fêrvida cascata”, e anotação do significado: *formar bolhas*.
2. Palavra sublinhada nos v.41: “Leva-as; minaz estronda, e o socavão dos montes”, e anotação do sinônimo: *ameaçador*.
3. Palavra sublinhada no v.49: “Gorgolhando, a bufar, o Mundeos, o Vermelho”.
4. Imagem sublinhada no v.51: “Cachoeira, a reflectir o azul em seu espelho” (1) e expoente (1), remetendo ao comentário no rodapé:

“(1) Frase vaga, sem característico algum... Necessidade/ de rima.”

5. Traço à margem esquerda dos v.57-60 e palavra sublinhada no v. 59; estudo do vocabulário parnasiano:

“Todos, de uma e outra borda. E em movediço bando,  
Ante o Rei do deserto, as urnas de agua cheias,  
Cantam, ora do chão nas lapas ajoelhando,  
Ora, como a chorar, debruces nas areias”

P.204:

Notas MA:

1. Palavra sublinhada no v.63: “As pareas; de um ás mãos o minerio da serra”, e anotação do significado: *Tributo – reconhecimento de vassalagem*; estudo do vocabulário parnasiano.
2. Traço duplo à margem esquerda dos v.64-84:

“Reluz ; outro sopesa estipite selvagem ;

Este de seus sertões, na costumada faina,  
Lhe traz dos gequirís as contas côr de rosa ;  
Qual as plumas do ubá, qual os floccos da paina,  
Qual a flor da canella e a madeira cheirosa )

“Ave, ó Rio gigante ! A ti viemos das trevas  
E do sol da soidão; e a ti, que undoso e forte  
Vaes, e — novo Tritão — contigo as chaves levas  
Com que as portas abrir soes do Atlântico, ao Norte,

“Rio, viemos pedir: os teus vassallos guia !  
Faltam-nos força e alento em jornada tamanha!  
Tu, só tu, bello e audaz, á praia fugidia  
Que em sonhos vemos nós, como uma pátria estranha,

“A' alva praia, onde á noite, em seu clamor obscuro,  
A chamar-nos está, quebrando, o Oceano, era cheio :  
— Rios, meu seio é bom, não pedregoso e duro.  
Água eu sou como vós; rios, vinde a meu seio I

“Tu, só tu, magno Rio, é que levar-nos pódes!  
Arrebata-nos, pois. E a correnteza tensa  
Suma em ti, como a flor da espuma que sacodes,  
Nosso immenso canção e nossa magna immensa.”

\*

P.206-207

PARTE II (5 estrofes)

P.206:

Notas MA:

1. Traço à margem esquerda dos v. 1-4:

“Darda esbraseado o sol as flechas de ouro a prumo,  
Cresta as folhas e sorve a agua aos ribeiros; arde  
A espalda da montanha, e o carro em fogo a Tarde  
Apresta com que aos céos demande em breve o rumo.”

2. Palavra marcada no v.8: “Ascuas na lisa escama o talco vítreo accende”, e anotação do sinônimo: *Brasa viva*, estudo do vocabulário parnasiano.
3. Palavra sublinhada no v.10: “Onde, ó bromélia agreste, em leito ardente abrolhas”, e anotação do sinônimo: *lançar rebentos*, estudo do vocabulário parnasiano.
4. Palavra sublinhada no v.14: “Onça a que audaz moscardo ataca, apua e zanga”, e anotação do significado: *crava o ferrão*, estudo do vocabulário parnasiano.

\*

P.211-212

PARTE V (7 estrofes)

P.212:

Nota MA: traço duplo à margem esquerda dos v.23-24 e traço simples à margem esquerda dos v. 25-28:

“Sobe por elle ao Céu, do cabeça dos montes,  
Aos sons do órgão da Tarde, a prece dos rochedos.

“Como extremosa mãe, pela vez derradeira  
Beija-o chorando a Noite; aos mortos membros talha  
No próprio manto augusto a lutuosa mortalha,  
E o Cruzeiro do Sul planta-lhe á cabeceira.”

\*

P.213-214

PARTE VI (8 estrofes)

P.213:

Notas MA:

1. Título assinalado por traço inclinado duplo:

“VI” //

2. Rima sublinhada nos v. 6-7; estudo da sonoridade:

“No ether voando, onde em luz seus vapores se enrolam,  
Chama pelas irmãs que em céos longínquos rolam”

3. Interrogação ao lado da palavra “exile”, no v.10

“Mandava, eil-as volvendo em leito exile ? e raso!”

#### P.214:

##### Notas MA:

1. Traço à margem esquerda dos v. 23-24:

“E as nuvens a chorar, erea chalamyde ao hombro,  
- Tanto póde uma dor! Soltam-se em quedas d’agua

2. Palavras sublinhadas no v.23: “E as nuvens a chorar, erea chalamyde ao hombro, e anotação do sinônimo, respectivamente: *bronzeo/ manto*, estudo do vocabulário parnasiano.

\*

#### P.215

##### PARTE VII (5 estrofes)

#### P.215:

##### Notas MA: Estudo do vocabulário parnasiano:

1. Palavra sublinhada no v.5: “Saudae-o! abram-se à luz palhoças e arribanas!” e anotação do sinônimo: *choupana*.
2. Palavra sublinhada no v.7: “Eia, arado que o chão regôas férreo e aplanas” e anotação do significado: *Arregoar, abrir rasgos*.
3. Palavra sublinhada no v.12: “Se ouve. É a água a vingar os conhos brancos e altos” e anotação do significado: *penedo insulado no meio/ de um rio*.
4. Palavra sublinhada no v.14: “Das pedras a bolhar e indo eversora, aos soltos” e anotação do sinônimo: *Destrói*.

#### P.216:

##### Nota MA: traço à margem esquerda dos v.16-19:

“Parahyba, o que és tu na inundaçāo tremenda,  
Quando infrene te vaes, a voz do povo o conte,  
Digam-no as vidas mil que tens tragado, e a lenda  
De Cecilia e Pery sumidos no horizonte...”

\*

P.217-218

PARTE VIII (10 estrofes)

P.217:

Nota MA: palavra sublinhada no v.6: “Accordando ao passar, elle desborda opimo”, estudo do vocabulário parnasiano.

P.218:

Notas MA:

1. Construção sublinhada nos v. 19-20:

“Ao ceo, por que na terra os bens lhes poupe e as vidas  
(Maior bem no perigo) e as aguas baixem, pedem.”

2. Traço à margem esquerda dos v.25-40:

“Ai ! dos campos em flor, das aves e dos ninhos !  
Que lamento lá vae! que voz de dôr levantam !  
Ai ! dos carros de bois que nas estradas cantam,  
E o eixo partido vêm, fundeados nos caminhos!

Ai! das fazendas onde a mesta voz plangente  
Se ouve a todo animal nos charcos das campinas!  
Ai ! dos torreões de pedra a assignalar usinas,  
Os quaes tudo em redor vêm afundar na enchente!

Ai ! dos cannaviaes ! lá vão com aquellas flores.  
Com aquellas balsas vão na corrente levados !  
Lá vão os milheraes com os seus pendões dourados!  
Ai ! das lavouras ! ai ! dos pobres lavradores !

Ai! Guarulhos, de ti, que tão vizinho trazes  
O monstro de aguas! Ponte, onde elle esbarra e fuma,  
E sob a qual rasgado estronda o pégo e espuma.  
Ai ! de ti ! Ai! de ti, Terra dos Goytacazes !”

\*

P.219-220

PARTE IX (10 estrofes)

P.220:

Notas MA: estudo do vocabulário parnasiano:

1. Palavra sublinhada no v.26: “Já se vêm na água andar os moveis aboindo,”.

2. Palavra sublinhada no v.27: “Vae ruir o frechal; o chão se cava e afunda” e anotação do significado: *Viga horizontal em que se levanta o frontal/ de cada pavimento viga a beira do telhado.*

\*

P.221

PARTE X (3 estrofes)

P.221:

Notas MA: estudo do vocabulário parnasiano:

1. Palavras sublinhadas no v.3: “Córta, como uma quilha, a fluctuante gigoga”.
2. Palavra sublinhada no v.4: “Cruza os lódãos em flor. Vae boiando, boiando...” e anotação do sinônimo: *Nenúfares.*

\*

P.223

PARTE XII (1 estrofe)

P.223:

Nota MA: traço à margem esquerda do texto:

“Foi milagre? talvez... indiferente, emtanto,  
Passa o rio a espumar sob a mão que o governa,  
Saudando os céos azues num formidável canto,  
Na divina embriaguez de sua força eterna.”

\*

P.226-227

COPA VERDE (1 estrofe)

P.226:

Nota MA: correção tipográfica no v.14:

*In “da assim, copa verde, inda a baquear na morte”*

P.227:

Nota MA: palavra sublinhada no v.22: “Onde virão cantar, a acazalar-se, unindo” e anotação do significado com comentário da correção ortográfica: *União de dois seres para/ formar um casal. Com ̣ e não/ com ̤.*

\*

P.228

AZAS DE NEVE (4 estrofes)

P.228:

Notas MA: estudo do vocabulário parnasiano:

1. Palavras sublinhadas nos v.10: “Dos annuns torpes com a enojosa tribu”.
2. Palavras sublinhadas nos v.11: “No ceno infecto, de onde ao bico arranca” e anotação do sinônimo: *lodaçal/ atoleiro*.
3. Palavras sublinhadas nos v.10: “O desejado cibo” e anotação do significado: *alimento, principalmente/ das aves*.

\*

P.229-231

A FESTA DAS AZAS (10 estrofes)

P.230:

Notas MA:

1. Palavra sublinhada no v.21: “Que acinge a amendoeira em flor”, estudo do vocabulário parnasiano.
2. Aliteração sublinhada nos v.28-29 e expoente (*I*), remetendo ao comentário no rodapé; estudo da sonoridade:

“E em nuvens zangãos, vermelhas  
Vespas e tavões dourados” (*I*)

*“(1) Enjambement mal feito que nos/ da a ilusão dum decassílabo perfeito./ Admira-se isso no Alberto que é ouvido/ finíssimo...”*

3. Correção a erro tipográfico no v.48:

“A pobresinha *não* vae!”

\*

P.232

O NINHO (soneto)

P.232:

Notas MA: estudo do vocabulário parnasiano.

1. Palavras sublinhadas no v.1: “O musgo mais sedoso, a usnea mais leve” e anotação do sinônimo: *penugem*

2. Palavras sublinhadas no v.6: “Colhe, e por dentro o alfombra com carinho” e anotação do significado: *Alfombrar- cobrir com alfombra; com tapete, ??? etc.*

\*

P.233-235

COPO D'ÁGUA (12 estrofes)

P.233:

Nota MA: palavra sublinhada no v.6: “Da restinga brava que me apparecia” e anotação do significado na vertical: *C. Figueiredo diz que restinga é um/ rochêdo, um escôlho, um banco de/ areia no alto mar; ou com o brasilei-/ rismo: joguem o matagal a margem de/ um ribeiro ou terreno fértil*; estudo do vocabulário parnasiano.

Nota da pesquisa: Da autoria do filólogo e escritor português Antonio Cândido Figueiredo, MA possui: *Novo dicionário da língua portuguesa* (Lisboa: Tavares Cardoso e Irmão, 1899 – MA 469.3F475n volumes 1-2), *Falar e escrever: novos estudos práticos da língua portuguesa ou consultório popular de enfermidades da linguagem* (Lisboa: Livraria clássica, 1911 – MA 469F475f volumes 1-3), *Estrangeirismos* (Lisboa: Livraria clássica, 1913 – MA 469.24F475e volume 1-2), *Que não se deve dizer: bosquejos e notas de filologia portuguesa* (Lisboa: Livraria clássica, 1916 - MA 469.83F475q volumes 1-3), *Língua portuguesa em Portugal e no Brasil (discurso acadêmico, seguido de um resumo da reforma ortográfica)* (Lisboa: Ed. Lusitana, 1923 – MA 469.798F475L).

P.234:

Nota MA: palavra sublinhada no v.35: “Sederento bebo, mas da pescadora”

\*

P.236-241

A MORTE DO FEITOR

P.236-238

PARTE I (8 estrofes)

P.236:

Notas MA: estudo do vocabulário parnasiano:

1. Palavra sublinhada no v.7: “No telhado, tetro, exagitado corre” e anotação do sinônimo: *irritado, agitado imensamente.*
2. Palavra sublinhada no v.10: “Em concerto o vento entremistura as vozes”.

P.237:

Notas MA:

1. Palavra sublinhada no v.17: “Vós que ao eito vistes tantos desgraçados” e anotação do significado: *roça onde trabalham escravos*; estudo do vocabulário parnasiano.
2. Correção tipográfica no v.24: “Não a têmeas feras pelos seus covis”
3. Palavra sublinhada no v.44: “De atasqueiro infecto aza que ahi passasse)” e anotação do sinônimo: *lamaçal, nateiro*; estudo do vocabulário parnasiano.

\*

P.239-240

PARTE V (4 estrofes)

P.239:

Nota MA: palavra sublinhada no v.1: “No telhado estriges que lá tem o ninho” e anotação do significado: *corujas, designa-se também as estrias e os vampiros*; estudo do vocabulário parnasiano.

P.240:

Nota MA: palavra sublinhada no v.22: “Nos frisões de sombras silva e estala o açoite” e anotação do significado: *Friso?... ; estudo do vocabulário parnasiano.*

\*

P.240-241

PARTE VII (2 estrofes)

P.240:

Nota MA: palavra sublinhada no v.2: “Cambetêa e roda solto e ameaçador” e anotação do significado: *Coxear, cambetar/ Diz-se daquele que é cambaio*; estudo do vocabulário parnasiano.

\*

P.242-245

HYMNO Á LUA (17 estrofes)

P.242:

Nota MA: traço à margem esquerda dos v.1-18:

“Lá vem descendo a lua cheia;  
Vem tão redonda, tão redonda...  
    Lua, no mar,  
Ouço dizer que de onda em onda,  
A tua luz, se ouve a sereia  
    A soluçar.

Ouço dizer que quando a pino  
 Te libras no ether transparente,  
                     Clara, sem véo,  
 A Yara chora na corrente,  
 Penteando as tranças de ouro fino  
                     E olhando o céu.

Ouço também dizer que a brava  
 Onça malhada, se te avista,  
                     Da matta em flor  
 Sae, e agachada sobre a crista  
 Das pedras onde as unhas crava,  
                     Uiva de amor.”

P.243:

Nota MA: traço à margem esquerda dos v.19-30 e correção no v.22:

“Certo, assombrosa é a força tua,  
 Ó astro pallido que ascendes...  
                     Também a mim  
 Com o olhar magnético a alma ~~me~~ prendes,  
 E eu fico a vêr-te absorto, ó lua,  
                     No espaço assim.

Um sentimento indefinível,  
 Intima angustia, uma anciedade,  
                     Um – não sei bem –  
 Como sonhar de eternidade,  
 Ou como sêde de impossível,  
                     Me arrasta além.”

\*

P.246

VOLUPIA (2 estrofes)

P.247:

Nota MA: palavra sublinhada no v.34: “As feras que no cio o seu antro selvagem” e anotação do significado: *Apetite sexual dos animais em certos períodos*; estudo do vocabulário parnasiano.

\*

P.248-251

NO RIBEIRÃO

P.248:

Nota MA: título sublinhado por traço duplo:

“No ribeirão”

P.249

PARTE II (5 estrofes)

P.250:

*brazza*

Nota MA: Sinônimo anotado sobre palavra no v. 13: “A vespa: é ascua viva que arde”; estudo do vocabulário parnasiano.

✻

P.262-263

### CHUVA DE POLLEN (9 estrofes)

P.262:

Nota MA: palavras sublinhadas nos v.9,10; estudo do vocabulário parnasiano:

“E hás de ouvir dispersos, rúmuros, confusos,  
Rouquejar em côro, ou trebelhar zunintes,  
Mangangás retintos, fulvos maribondos,  
Aureas abelhas.”

P.263:

Nota MA: palavra sublinhada no v.21: “São de borco ao vento a vaporar essências” e anotação do significado: *de boca para baixo*; estudo do vocabulário parnasiano.

✻

P.264-266

SAUDADE DE PETRÓPOLIS (12 estrofes)

P.264:

Nota MA: traço marcando contagem silábica no v.6; estudo da sonoridade:

“Livre expandi e o coração de poeta,”

P.265:

Nota MA: palavra sublinhada no v.37: “Por vós, luares de mármore, serenos”; estudo do vocabulário parnasiano.

\*\*\*

P.267-325

“Alma em flor” (1900)

P.269-281

PRIMEIRO CANTO

P.272

II (soneto)

P.272:

Notas MA: estudo do vocabulário parnasiano:

1. Palavra sublinhada no v.5: “Com os botões de ouro e a espatha luzidia” e anotação do sinônimo: Cálice membranoso.
2. Palavra sublinhada no v.8: “Que em corymbos, festões e luz se abria” e anotação do significado: *Conjunto de flores que se elevam a uma mesma/ altura.*

\*

P.276

VI (soneto)

P.276:

Nota MA: palavra sublinhada no v.3: “E em peraos fundos mudam-se as estradas”; estudo do vocabulário parnasiano.

\*

P.278

VIII (soneto)

P.278:

Nota MA: palavra sublinhada no v.11: “Floreae os campos, rumorae os ninhos!”; estudo do vocabulário parnasiano.

\*

P.280

X (1 estrofe)

P.280:

Notas MA:

1. Traço duplo à margem esquerda dos v.2-5;
2. Traço marcando a contagem silábica no v.5:

“Foi, talvez, nessa hora  
– Como em chão virgem nascem num só dia  
Duas flores irmãs, que, flor r flor,  
Ao tempo em que accordava para o Amor,  
Eu acordei também para a Poesia.”

\*

P.281

XI (soneto)

P.281:

Nota MA: palavra sublinhada no v.2: “Aos animais o tropear lá fora”; estudo do vocabulário parnasiano.

\*

P.283-302

SEGUNDO CANTO

P.285-286

I (4 estrofes)

P.285:

Nota MA: palavras sublinhadas nos v.16, 18-19; estudo do vocabulário parnasiano:

“No outão da casa há século plantada.  
Mas não é para ouvir como em teu seio,  
Mangueira amiga, vêm, setteando a altura,  
Atitar azulões e gaturamos”

\*

P.290-291

IV (3 estrofes)

P.290:

Nota MA: aliteração sublinhada no v.17; estudo da sonoridade:

“Fulva flammeja férvida fornalha”

\*

P.301-302

XIV (6 estrofes)

P.301:

Nota MA: concepção sublinhada no v.16:

“Não se confrontam datas quando se ama”

\*

P.303-325

TERCEIRO CANTO

P.308:

IV (1 estrofe)

P.308:

Nota MA:

1. Construção sublinhada nos v.1-2:

“Um chão de folhas sob um céu de flores,  
Eis a matta. Recebe-nos à porta”

2. Palavra sublinhada no v.17: “Uns, rofos outros, uns desempenados” e anotação do sinônimo: *Áspero*

P.309:

Nota MA: verso final descritivo sublinhado nos v.30-31:

“- Que é isso? E eu lhe explicava  
O hymno da selva”

Nota da pesquisa: Em *Poesias* (Rio de Janeiro/ São Paulo/ Belo Horizonte: Livraria Francisco Alves, 1909), de Olavo Bilac e em *Poesia – 3ª série* (São Paulo – Rio de Janeiro/ São Paulo/ Belo Horizonte: Livraria Francisco Alves e cia, 1913) de Alberto de Oliveira, MA mostra apreço pelo uso das frases descritivas ao fim do poema.

\*

P.310:

V (1 estrofe)

P.310:

Nota MA: palavra sublinhada no v.1 e acréscimo de exclamação:

“Perto demorava” !

\*

P.311

VI (1 estrofe)

P.311:

Notas MA:

1. Acréscimo de parênteses nos v.4-5:

“Dos fructos que então vejo, – ( e o chão coberto  
Delles estava, ) escôlho o que mais dôce”

2. Palavra marcada no v.10: “|Ensoado o gavião negro abate o voo” e anotação do sinônimo: *acalorado*; estudo do vocabulário parnasiano.

\*

P.312:  
VII (1 estrofe)

P.312:  
Nota MA: metáfora sublinhada no v.7:

“Das trepadeiras a sorrir-se em flores,”

\*

P.322-323:  
XV (6 estrofes)

P.322:  
Nota MA: metáfora sublinhada nos v.9-10:

“Como *doieis* sob o pó dourado  
Que o Occaso peneirava! nos sombrios”

\*\*

P.327-364:  
“Flores da serra” (1901-1902)

P.332  
III – NOITE DE MAIO (4 estrofes)

P.332:  
Nota MA: título sublinhado por traço duplo:

“Noite de maio”

\*

P.334:  
V- LOS SUENOS SUENOS SON (4 estrofes)

P.334:  
Nota MA: palavra sublinhada no v.1: “Sonhei-a: nuvem de nitente arminho” e anotação do sinônimo: *resplandecente*; estudo do vocabulário parnasiano.

\*

P.336:

VII – ARMINHO E NODOA (1 estrofe)

P.336:

Nota MA: palavra sublinhada no v.6: “Nauseados... Entretanto,”; estudo do vocabulário parnasiano.

\*

P.340-341:

XI – VISÃO DE MORTE (8 estrofes)

P.341:

Nota MA: palavra sublinhada no v.22: “Margeando a estrada, em flores se desata”; estudo do vocabulário parnasiano.

\*

P.342

XII (1 estrofe)

P.342:

Nota MA: palavra sublinhada no v.7: “Não para estancia e homizio” e anotação do significado: *esconderijo/ valhacouto*; estudo do vocabulário parnasiano.

\*

P.354:

XXII – A VOZ DAS ARVORES (1 estrofe)

P.354:

Nota MA: título sublinhado por traço duplo:

“A voz das arvores”

\*

P.357-359:

XXIV – ARVORE SECA (5 estrofes)

P.357:

Nota MA: palavra sublinhada no v.16: “Arrojou, no continuo exicio” e anotação do significado: *perdição/ ruína/ morte*; estudo do vocabulário parnasiano.

Nota MA: imagem sublinhada no v.47:

“ – Ode esmeralda e luz, a primavera”

\*\*\*

P.365-391

“Versos de saudade” (1903)

P.371-373:

### O PORTÃO DA CHÁCARA (13 estrofes)

P.371:

Nota MA: título assinalado por traço duplo inclinado:

“O portão da chácara”

P.372:

Notas MA:

1. Palavra sublinhada no v.37 e expoente (1), remetendo ao comentário no rodapé:

“Mais não disse. A mentar (1) a phrase triste e escassa”

“(1) C. Figueiredo não se refere a esse/ verbo. Menciona no entanto mentado =/ lembrado, recordado.”

✱

P.380

### A RESPOSTA DA LUA (2 estrofes)

P.380:

Nota MA: título assinalado por traço inclinado:

“A resposta da lua”

P.381-385:

HORAS DE OURO (4 estrofes)

P.383:

Notas MA: estudo do vocabulário parnasiano:

1. Palavra sublinhada no v.73: “E espesso cruor e sanie, esgarçava, esgarçava...” e anotação do sinônimo: *Pus, podridão*.

2. Palavra sublinhada no v.75: “Dardou (*I*) o sol, e como ao fim de um prélio, o estrago” e expoente (*I*), remetendo à definição no rodapé:

*“(1) Por dardejar. Também se torna no sentido/ de pungir.”*

P.386-391

ALCOVA DESERTA (diálogo)

P.389:

Nota MA: palavra sublinhada no v.74: “Vae a provida abelha o alveario trabalhando”; estudo do vocabulário parnasiano.

P.390:

Nota MA: traço à margem esquerda dos v.78-82:

“Assim, vendo-te, o meu futuro eu preparava,  
Sem jamais descançar, que o coração não cança;  
E pedra a pedra, sonho a sonho, edificava  
O santuário de amor, conforme o imaginava,  
Cantando o hymno da Fé e a canção da Esperança.”

P.391:

## Notas MA:

1 Traço marcando a contagem silábica do alexandrino no v.120:

“Em que sentiu teu beijo a friez de minha mão”

2. Concepção sublinhada no v.123:

“Oh! a saudade, poeta, é uma ressurreição!”

### 3. Anotação no rodapé:

“(6074 versos)”

\*\*\*\*\*

OLIVEIRA, Alberto de

Bibl.MA [A/II/c/48]

*Poesias (Terceira série: Sol de verão, Céu nocturno, Alma das cousas, Sala de baile, Rimas varias, No seio do cosmos, Natalia)*. São Paulo – Rio de Janeiro/ São Paulo/ Belo Horizonte: Livraria Francisco Alves e cia, 1913.

[Poesia]

IEB: MA 869.9146O481p 3ª série

Notas MA a grafite.

Página de guarda

Nota MA: anotação na margem superior da página:

“p.31/ p.35”

Nota da pesquisa: nestas páginas estão, respectivamente, IDEAL e SOLIDÃO, que trazem palavras sublinhadas referentes ao estudo do vocabulário parnasiano.

P.7-16

INTRODUÇÃO (diálogo)

P.9:

Nota MA: traço marcando contagem silábica no v. 10; estudo da sonoridade:

“Como as visões de um sonho, espectros em tua mente”

P.10:

Notas MA:

1. Traço duplo à margem esquerda dos v. 18-40;
2. Construções sublinhadas nos v.25, 30:

“Feliz o que chegou ao cimo da montanha!  
Sobranceiro à planície, a alma lhe passa e banha  
Ar puro e sol radioso. A planície é funesta.  
Que importa abram por lá flores, sorrindo, em festa?  
Entre as flores se occulta o áspide traiçoeiro.  
Se há o jardim na planície, há também o nateiro;  
Se há, de fogo a tauriar o prado, o pyrilampo,  
E a leda borboleta – alma infantil do campo,  
Há o moscardo também, há dos charcos ao fundo  
Ou na folhada a cobra, há o sapo côxo e immundo  
E a peganhenta lesma; e os peras! E os espinhos!  
E os torvelins de poeira ou a lama dos caminhos!  
A montanha é degrão do altar da immensidade,  
Varre-a vento do céu, banha-se em claridade;  
Nella ajoelha a rezar a nuvem matutina,  
Nella solta seu véo de núpcias a neblina,  
E as estrellas irmans, que só tarde se deitam,  
Almas que a vem buscar a quando e quando espreitam.

Oh! bem haja a montanha e o que a subiu! Mas perto,  
 Como um veleiro azul, o firmamento aberto  
 Aqui se estende, e acalma a todo o que o procura  
 Só com um raio de amor as afflicções sem cura!  
 Bem haja! Aqui da aurora em seu róseo levante”

P.11:

Nota MA:

1. Traço duplo à margem esquerda dos v. 41-59:

“Brilha a primeira luz; aqui do sol faiscante  
 Não queima o fogo; aqui as horas uma a uma  
 Correm serenas, como aragens sobre espuma,  
 Não as turba a paixão desassissada e tonta,  
 Nem o afflicto desejo instante a instante as conta.  
 Quando em horas de sesta acaso aqui dormires,  
 Terás das quedas de água os orvalhados Iris  
 A espanejar-se no ar, com as azas multicores,  
 Num circulo de luz, como anjos protectores.

Tudo é doçura e paz no cimo da montanha!

Deste cimo – onde em tudo indagador se entranha  
 A avidez de saber, o olhar que a tudo espraia,

Não tem praias o azul, o oceano não tem praias,  
 E sem costa, e sem ilha, onde pousar, sedento,  
 - Naufrago da amplidão, perde-se o pensamento.  
 Feliz tu, que por entre urzes e pedras vieste  
 A receber em cheio a irradiação celeste  
 - Premio o que, forte, alcança elevação tamanha!

Feliz tu, que chegaste ao cimo da montanha!

2. Rima sublinhada nos v.60-61; estudo da sonoridade:

“Era um sonho de amor! Passou . Via-me em baixo,  
 Lá em baixo ainda. Canta o serpentino riacho”

P.13:

Nota MA: comparação sublinhada nos v.109-111:

“Mais dilatado, oppõe á saudade a esperança.  
A alma é véla no oceano; eterno sôpro a agita.  
Deixa-a ir aonde vae, na jornada infinita.”

P.14:

Nota MA: palavra sublinhada no v.120: “Ao polo ermo, erma noite, á soidão indizível...”; estudo do vocabulário parnasiano.

P.15:

Nota MA: traço à margem esquerda dos v.135-144:

“Almas das cousas, alma  
Espirada em fumo, em flor expansa e em palma,  
Correndo em ventos, quieta em lagos, somnolenta  
Em pedras, meiga em luar, colérica em tormenta,  
Rindo em manhans, amando em sestras, pensativa  
Em crepúsculos, alma esparsa! Da que eu viva  
Tua vida, ao que és tu junta minh’alma! Eu te ouço  
E entendo em teu quebrar de tímido marouço  
No oceano que aos meus pés flue, reflue e se eleva!  
Alma digna da minha, a minha absorve e leva!”

P.16:

Notas MA:

1. Sublinhado v.164 e expoente (1), remetendo ao comentário no rodapé; estudo da sonoridade:

“E sómente em teu seio ha poesia eterna” (1)

“(1) Este verso tanto pode ser alexan-/ drino como decassílabo. Em qualquer/ dos casos é um mau verso.”

\*\*\*

P.17-44

“Sol de verão” (1904)

P.19-23

ODE AO SOL (20 estrofes)

P.19:

Notas MA:

1. Título assinalado por traço horizontal:

“Ode ao sol”

2. Pontuação sublinhada no v.5; estudo de pausa na oração intercalada:

“Tudo, despindo a noite, a um osculo de fogo”

3. Palavras marcadas no v.17: “Do |orégão da vertente á araucária do |viso” e anotação dos sinônimos, respectivamente: *Planta labiada/ outeiro, teso*; estudo do vocabulário parnasiano.

P.20-21:

Notas MA:

1. Traço duplo à margem esquerda dos v.25-30, 43-48;
2. Barra marcando escansão do decassílabo no v.28; estudo da sonoridade;
3. Palavra sublinhada no v.47: “Atroado de aquilões, retalhado no tronco” e anotação do significado: *Vento norte*; estudo do vocabulário parnasiano:

|| “Clareaste a pouco e pouco os recantos sombrios,  
|| Recamaste de prata as areias e os rios,  
|| E no escaldado pico, onde a cactácea medra,  
|| Para te ver tão grande em tua luz tão rica,  
|| Reflectindo-a no talco e lamina da mica,  
|| Fizeste o olhar da pedra.

[...]

|| “Que esplendor! Esta luz é o gôso da alma forte.  
|| Ama-a, torreando além suas babéis ao norte,  
|| A nuvem; a pairar em círculos – olhae-o!  
|| O altivolante abutre; o cedro enorme e bronco,  
|| Atroado de aquilões, retalhado no tronco  
|| Dos gilvazes do raio.”

P.21:

Notas MA: sonoridade sublinhada no v.68:

“E almo fogo. De ti nascem prazer e festas”

P.22-23:

Nota MA: traço duplo à margem esquerda dos v.79-84, 97-114:

|| “Ver, quando em quente estio expira ao dia o prazo,  
|| Na vasta galeria esplendida do Occaso,  
|| Os painéis que lá estão! Altas de accêsa fronte,  
|| Golfos, mares, vulcões, cascatas, submarinas  
|| Grutas, Moscows em fogo e Heliopolis em ruínas  
|| A atulhar o horizonte.”

[...]

“Vaes cahir, bello sol! findo é o teu grande dia!  
 Eis a rampa de fogo em que irás na agonia  
 Rolar! Eis embuçado o exercito crescendo  
 Das sombras que já vêm subindo a escarpa aos montes!  
 Não tarda a avermelhar teu sangue os horizontes  
 No assassino tremendo.

Vaes cahir, vaes morrer! Inda um momento, um passo,  
 E baquearás, ó Sol, no tumulto do espaço!  
 A’ pompa funeral, velada, a Natureza  
 Accorrerá em pranto, e o crepusculo, mudo,  
 As azas a estender, estenderá por tudo  
 Toda a sua tristeza.

Arrastando em tropel e em desalinho as vestes,  
 Teu cadaver buscando – aparições celestes,  
 Baixarão por te ver, desde o mais alto empyreo,  
 As nuvens; um clarão pallido, a quando e quando,  
 Entrando pela noite, arderá vasquejando  
 Ao derradeiro cirio.”

P.23:

Nota MA: concepção sublinhada no v. 118-120:

“Mostrando a quem da morte o pensamento esmaga,  
Que, qual te vaes e vens, nada se estrue e apaga,  
Tudo é renascimento!”

\*

P.24

CANTO DO SEMEADOR (soneto)

P.24:

Nota MA: traços à margem direita dos v.1-8 marcando a rima e acréscimo de interrogação irônica; estudo da sonoridade:

“Cava, enxada de ferro, o chão de ferro e pedra;  
 Semeia, mão callosa, o cereal que não medra;  
 Cahi com o meu suor, lagrimas! Sol, escalda  
 Com tua ardente luz minha acurvada espalda!

?

E hei de daqui tirar, de cada ruim semente  
 E ruim terra o com que aos meus e a mim sustente?  
 E hão de esperal-o ainda a desnudez e a fome,  
 Que sem pão que comer, aos que a padecem, come?

\*

P.25

A CIGARRA DA CHÁCARA (soneto)

P.25:

Nota MA: traço à margem esquerda dos v.1-4, 9-11:

“Volta a cantar no tronco da mangueira,  
Mais corpulenta agora e mais sombrias,  
Esta mesma cigarra cantadeira  
Que o anno passado eu tanta vez ouvia”

[...]

Canta, alma de ouro! Teu verão radiante  
Tornou, tornou teu sol glorioso e lindo;  
O meu declina, não quer mais que eu cante”

\*

P.30

DUAS SOMBRAS (soneto)

P.30:

Nota MA: traço à margem do texto:

“Estendia um sycomoro na areia  
A sombra, e della o malaventurado  
Pastor Almeno, sem pastora e gado,  
Mudo, os olhos ao céu, que azul se arquêa.

Com o pôr do sol, a entristecer a aldeia,  
Cresceu da arvore a sombra pelo prado,  
Cresceu de Almeno o mal, no olhar levado,  
Como sombra também, e mais se altêa.

Sombra e sombra – á que vae no chão de rastros,  
Parece estreito o páramo defronte,  
A’ de Almeno infeliz – estreito o mundo;

Subiu aquella da planicie ao monte,  
Esta do coração subiu aos astros,  
E chegou até a Deus, no azul profundo.

\*

P.31-32

IDEAL (7 estrofe)

P.31:

Notas MA:

1. Título assinalado por traço duplo horizontal:

“Ideal”

2. Palavras sublinhadas no v.14: “A especies nemoraes, altas, de alta folhagem” e nos v.17-18: “Vae por cedro e irapoca, a que o cipó se enlaça/ Por umbiú e angelim vae, regirando, esvoaça”; estudo do vocabulário parnasiano.

P.32:

Nota MA: palavra sublinhada no v.22: “Menêa a excelsa grimpa. Ah! rebaldada lucta!”; estudo do vocabulário parnasiano.

\*

P.35

SOLIDÃO (soneto)

P.35:

Nota MA: palavra sublinhada no v.8: “Só! E a esvair-se em sangue e a exulcerar-se enfermo!”; estudo do vocabulário parnasiano.

\*

P.36

PÉ DE VENTO (soneto)

P.36:

Nota MA: traço duplo à margem esquerda do texto:

“Não tarda lá daquela serrania  
Baixar bramindo o temporal violento.  
Cobre um velamen plumbeo o firmamento,  
O sol se obumbra, morre a luz do dia.

Róla o trovão. Colerico esfuzia,  
Batendo as azas céleres o vento,  
Como precipitado pensamento  
Que por céu torvo o norte o sul envia;

Em lesto surto sóbe monte e monte,  
Attinge longe os termos do horizonte,  
Nada o detém qual vae, nada o embaraça.

Ah! Que eu não possa, dor de intimo espinho,  
Penas que me affligis, em remoinho  
Ver-vos passar... como este vento passa!”

\*

P.37

VELHAS MANGUEIRAS (soneto)

P.37:

Nota MA: palavra sublinhada no v.2: “Como um fructo apodrido, o coração maguado”; estudo do vocabulário parnasiano.

\*

P.38-43

JARDIM DE TRISTES (21 estrofes)

P.38:

Nota MA: título assinalado por traço duplo horizontal:

“Jardim de tristes”

P.39:

Nota MA: traço à margem esquerda dos v.31-35:

“Belleza passa depressa,  
Tudo passa nesta vida!  
Na alma a cahir-me começa  
A neve, que é já cahida  
Aos fios sobre a cabeça.”

P.40:

Nota MA: traço duplo à margem esquerda dos v.51-55:

“No baile um dia encontrei-o;  
Era elle então guapo e forte,  
Eu moça e formosa. Amei-o.  
Hoje estamos desta sorte,  
Velha e feia, velho e feio.”

\*

P.44

“PODÍA AGORA, EMFIM, QUE TRANSMONTADO” (soneto)

P.44:

Notas MA:

1. Traço duplo à margem esquerda do texto:

“Podia agora, enfim, que transmontado  
E’ quase o sol no largo firmamento,  
A lyra pendurar, em que hei cantado,  
De ramo de arvore, á mercê do vento.

Mas com a sombra, que aos poucos ao meu lado  
Cresce, crescendo vae o sentimento;  
Transborda o coração. Novo e maguado  
Carme direi de mais sentido accento.

Soarão nos meus versos derradeiros  
Adeuses de saudade e dor, que abrigo,  
Pois, cantando, quem soffre, o mal espanta.

Tal na lavoura ahi fóra carro antigo  
De cereaes, que conduz aos seus celleiros,  
Quanto mais pêso tem mais alto canta.”

2. Comentário no rodapé:

*“Alberto no “Sol de verão” traz sempre/ consigo a ideia da sombra. Sombra/ lhe é o que depara e julga. Ve-mo-lo/ por tres ou quatro vezes tratar dela/ neste livro.”*

\*\*\*

P.45-84

“Céu nocturno” (1904-1905)

P.51

A UM POETA (4 estrofes)

P.51:

Nota MA: traço à margem esquerda dos v.9-16:

“Assim, posto o sol, os rios  
Não são mais como eram dantes,  
Tornam-se, em vez de brilhantes,  
Sombrios.

Mas da noite o céu, com os mundos  
Accesos, na agua a feril-os,  
Fal-os mais, sobre tranquillos,  
Profundos...”

\*

P.52-53

AS SOMBRAS (3 estrofes)

P.52-53:

Nota MA: repetição sublinhada nos v.17-23 e incidência à margem direita:

“Tudo jaz. Mas a sombra erra, a sombra não dorme,  
Sombra esguia de poste esguio, sombra enorme  
De muro enorme, sombra alongada de arbusto,  
Sombra de fronde esparsa, ou de tronco robusto  
Compacta sombra, sombra espectral que me assombra  
Sombra de solidão, sombra da propria sombra.  
E a sombra, e toda a sombra, em seu continuo moto,” 14!

P.53:

Notas MA:

1. Traço à margem esquerda dos v.35-44:

“E outra chora ou blasphema, outra réza, outra scisma.  
Por traz de um cêrro, emtanto, em fluido alvor se abysma  
Occidua a lua. Então, dando-se as mãos, fundindo  
Todos os ais num só, mas dilatado e infindo,  
Se unem as sombras, desde a que gerou a entranha  
Do abysmo, á que provém do flanco da montanha.  
  
Noite escura, alta noite escura, a dor formou-te  
E a sombra. Terra e céos enchendo, escura noite,  
Com teu lucto cerrado e tua voz gemente,  
E’s somente uma sombra e és uma dor sómente.”

2. Comentário no rodapé:

*“Continua a obsecação da sombra”*

\*

P.56

RETRATO ANTIGO (6 estrofes)

P.58:

Nota MA: traço duplo à margem esquerda dos v.41-48:

“Meia apagada embora a tua imagem,  
Como o tempo em que foste retratada,  
– Tinhas quinze annos só! meia apagada  
Embora, me sorri.  
Que hei de fazer, em casa, eu, só commigo,  
Nesta noite de céu chuvoso e ingrato,  
Tendo em frente de mim o teu retrato,  
Senão pensar em ti?”

\*

P.59-60:

O POÇO E A LUA (7 estrofes)

P.59:

Nota MA:

1. Palavra sublinhada no v.13 e expoente (*I*), remetendo à definição no rodapé; estudo do vocabulário parnasiano:

“Irisa-se a estofa (*I*) e quieta”

“(1) *Estagnado. Que não sobe nem desce/ (falando das aguas do mar)*”

\*

P.61-65:

A FRESCURA E O SOCEGO DOS CAMPOS

P.61-63:

PARTE I (11 estrofes)

P.62:

Notas MA:

1. Palavra sublinhada no v.24 e expoente (*I*), remetendo à definição no rodapé; estudo do vocabulário parnasiano:

“A fugaz donzellinha (*I*) e a arisca borboleta;”

“(1) *Insecto ortóptero também conhecido por/ libelinha, libélula, lavadeira.*”

\*

P.63-65

PARTE II (12 estrofes)

P.64:

Nota MA: traço duplo à margem esquerda dos v.13-16:

|| “Amo o grande silencio austero que ha lá fóra,  
|| Entre o céu estrellado e a terra adormecida,  
|| Silencio de que sae, fecundo e calmo, a aurora,  
|| E refeita na tregua, a energia da vida.”

\*

P.66:

MARÉ DE EQUINOXIO (A MORTE DE HAYDÉE) (soneto)

P.66:

Nota MA: traço à margem esquerda do texto:

“Não foi a agua do mar que, num descuido,  
A arrebatou no banho, em manhã fria.  
Vêde que é lua, corre em tudo um fluido,  
Reluz a praia, aviva-se a ardentia.

Foi a lama da maré que ao vel-a, cuido,  
Da caverna maritima sombria  
Sahiu, largada a trança de ouro fluido,  
E trega e linda a lhe acenar, sorria.

Foi ella que a levou; não n’a choremos!  
Não morreu, não! Vae, como em branda sesta,  
Longe, embalada em seu batel sem remos;

Sôlto o cabelo á flor da espadua nua,  
Vae á festa das aguas, vae á festa  
Que faz com as vagas no alto mar a lua.”

\*

P.68-69:

FLOR DE CARDIO (6 estrofes)

P.68:

Notas MA:

1. Palavra sublinhada no v.5: “Salpicando-o com a babugem”; estudo do vocabulário parnasiano.

2. Traço à margem esquerda dos v.13-16:

“Cae a noite. Astro erradio  
Surge e na agua se retrata,  
– Immensa aranha de prata  
Pendendo de ignoto fio.”

\*

P.70-73:

ROSCIDA LUNA

P.72:

PARTE VI (1 estrofe)

P.72:

Nota MA:

1. Palavra sublinhada no v.7 e expoente (1), remetendo à definição no rodapé:

“Fala em seus quebros (1) o ar translucido, a água fala”

“(1) *Inflexão de voz; de corpo, requebro.*”

\*

P.74

VIGILIA (7 estrofes)

P.74:

Nota MA: título sublinhado por traço duplo:

“Vigília”

\*

P.75-80:

FLOR DO RIO (LENDA DAS NEBLINAS DO PAQUEQUER)

P.75:

PARTE II (1 estrofe)

P. 75:

Nota MA: construção sublinhada no v.3:

“A trecho e trecho, á margem da corrente.”

P.77-78:

PARTE VIII (1 estrofe)

P.78:

Nota MA: palavra sublinhada no v.8: “Caudatos, a varrer o céu com as barras,”; estudo do vocabulário parnasiano.

P.80:

PARTE XVI (2 estrofes)

P.80:

Notas MA:

1. Desfecho sublinhado no v.7 e expoente (1), remetendo ao comentário no rodapé:

“Na bacia polida o luar scintilla” (1)

“*É de um efeito magnífico terminar/ um reconto qualquer doloroso com/ uma pequena e balsâmica frase/ descritiva. Bilac usa constantemente/ deste estratagema estilístico.*”

Nota da pesquisa: Em Olavo Bilac, *Poesias* (Rio de Janeiro/ São Paulo/ Belo Horizonte: Livraria Francisco Alves, 1909), MA destaca os momentos em que o autor recorre a esta solução estilística. Na parte V de A MORTE DO TAPIR, à p.14, MA sublinha o último verso “Nesse momento,/ Apontava o luar no curvo firmamento.(1)” e comenta no rodapé: (1)*É de grandíssimo efeito o voltar, depois/ de um drama forte e anciado, a uma/ descrição calma de uma particularidade/ da natureza. É uma aurea chave de profundo/ valor estético: é necessário e bom aos espíritos/ o acalmar-se, após terem desenvolvido em/ si sentimentos enérgicos. Soa como uma/ benção.* Em DELENDIA CARTHAGO! Depois de sublinhar o verso final na parte III, à p.36: “Era como o rumor de um pranto convulsivo...” (1), MA repete sua análise: (1) *Mesmo ardil da “Morte de Tapir” de terminar o poema com uma ligeira frase descritiva.*

\*

P.81-84:

OS DEUSES GREGOS (H. HEINE) (5 estrofes)

P.81:

Notas MA:

1. Traço marcando contagem silábica no v. 7; estudo da sonoridade:

“Lá em cima a palpar, no infinito profundo”

2. Construção sublinhada no v. 9 e expoente (1), remetendo ao comentário no rodapé:

“Governaram, e sem patria ou lar que os açoite” (1)

“(1) *Para Duque Estrada versos como/ tais são positivamente errados, pesar/ de estarem nos moldes da regra*”

Nota MA: em *Poesias*, de Olavo Bilac (Rio de Janeiro/ São Paulo/ Belo Horizonte: Livraria Francisco Alves, 1909.), MA cita *A arte de fazer versos*, de Duque Estrada, (Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1914) que traz, nos capítulos iniciais (“Número” e “Cesura”), regras sobre o uso dos versos alexandrinos. Esta obra não faz parte da biblioteca de MA no patrimônio do IEB-USP, onde se localiza, do mesmo autor, *Luiz Delfino: conferência realizada em 6 de agosto de 1914*, na Associação dos Empregados no Commercio (Rio de Janeiro: Typ do Jornal do Commercio, 1915; MA 869.91092D349d), exemplar sem notas de leitura.

P.82:

Notas MA:

1. Construção sublinhada no v. 22 e anotação à margem direita:

“Em que entre ephebos e nymphas, te divertias”

“*também erra[-]/ do segundo/ Duque Estrada*”

2. Construção sublinhada no v. 35 e anotação sob o verso:

“Não mais também com o teu ódio e vingança offendes”

*“observação anterior”*

3. Palavra sublinhada no v. 43: “Inda o césto possues (1) das seducções sem par”, anotação do significado: *antiga manopla, cinto*; estudo do vocabulário parnasiano. Expoente (1), remetendo ao comentário no rodapé:

*“(1) Verso a meu ver erradissimo. Possues/ não é absolutamente um agudo, nem/ sequer poeticamente contando as sílabas”*

Nota da pesquisa: apropriando-se das regras de versificação indicadas por Duque Estrada, MA crítico aponta falhas na escansão e construção do verso.

P.83-84:

Nota MA:

1. Construção sublinhada no v. 63 e anotação à margem direita:

“Os novos deuses, que vos venceram, e vistes”

*“também errado”*

2. Palavra sublinhada no v. 65: “E mãos, duros e mãos, socolor de humildade” e comentário no rodapé:

*“Alberto parece que se compraz em espalhar/ extravagâncias decadentes nesta poesia”*

\*\*\*

P.85- 141

“Alma das cousas” (1905-1906)

P.87-93:

FLOR AZUL (I-IX)

P.87-88:

PARTE II (1 estrofe)

P.88:

Nota MA: construção sublinhada no v. 14:

“Um querer, mas bem perto, o que se quer bem nosso.”

P.88:

PARTE III (1 estrofe)

P.88:

Nota MA: traço marcando escansão no v.2, estudo da sonoridade:

“E’ possível que a terra, o escuro chão, sómente  
Com humidade e calor, mimo tão puro invente?”

P.88-89:

PARTE IV (1 estrofe)

P.88-89:

Nota MA: traço à margem esquerda do texto:

“Não. Excelso poder, oculta mão de artista,  
Em seu adyto immenso, absconso a qualquer vista,  
Compraz-se muita vez, de par com o gigantesco  
E monstruoso que engendra, em lavrar o arabesco,  
Tecer a filigrana, o delicado, o leve,  
Alar em colibris, subtilizar em neve,  
Lucilar num lampyro, irisar numa pluma,  
Refranger no crystal, esvanecer na espuma.  
De usneas e musgo o chão, o lenho e a pedra borda,  
Toma uns pingos de orvalho, um fio tenso á corda  
Da tarantula, ao sol um raio, e de improviso  
Faz um collar e a um tronco enlaça-o com um sorriso”

P.89:

PARTE VI (1 estrofe)

P.89:

Notas MA:

1. Traço duplo à margem esquerda;
2. Palavra sublinhada no v. 9; estudo do vocabulário parnasiano;
3. Expoente (*l*), remetendo ao sinônimo no rodapé:

“Folhas se as vê medrar, quer das que à altura ascendem,  
Quer das que ao chão rojando, humílimas se estendem,  
Logo as recorta e ordena em modos mil; a esta  
Dá-lhe a fôrma de um chuço ou férrea lança; empresta  
À’ quella a de uma espada; a est’outra o áspero e rudo  
Couro mais do que folha, ageita em brônzeo escudo;  
Ainda outra em faixa estreita, e é cinto, é talabarte;  
Outra em piques aguça ou em settas reparte,  
Outra a recurva e alonga, e eil-a anafil (*l*) ou trompa.  
E assim do bosque em meio, entre o enredado e pompa

|| Vegetal, em recanto, onde o hórrido chocalho  
 || Retine a cascavel, e furta-côr, o orvalho  
 || Sacudindo, a voltear o beija-flor se perde,  
 || Arma um trophéo guerreiro, uma panóplia verde”

“(1) *Trombeta mourisca*”

P.90:

PARTE VII (1 estrofe)

P.90:

Notas MA:

1. Palavras sublinhadas com traço duplo no v. 3: “Entece como vime, e é berço, e a dependura” e simples no v. 4: “Numa – cestinha fofa ou canistrel (1) figura”, expoente (1) remetendo à definição no rodapé; estudo do vocabulário parnasiano:

“(1) *Ou canastrel: espécie de pequena canastra, com asa*”

2. Traço duplo à margem esquerda dos v.11-12:

|| “Ou cujo âmagô intacto aprofunda em enorme  
 || Cárcere de velludo, em que uma abelha dorme”

\*

P.90-91:

PARTE VIII (1 estrofe)

P.90:

Nota MA: traço marcando sonoridade nos v. 1-2:

“Desce ao fundo do mar. Os arrecifes sonda.  
 Calcareao pranto occulto em perola arredonda”

P.91:

Notas MA: palavras sublinhadas por traço duplo nos v.16-17: “Em ostreira (1) ou na vasa, o carangueijo immundo/ Toma, caldêa-o (2) de aço, acataphracta-o (3) todo”; e expoente remetendo à definição no rodapé; estudo do vocabulário parnasiano:

“(1) *Lugar onde se criam ostras*  
 (2) *Tornar rubro por meio de fogo; ligar, refor-/ çando as duas substâncias metálicas.*  
 (3) *Revestir de catafracto, antiga couraça revestida/ de escamas de ferro.*”

P.91

PARTE IX (1 estrofe)

P.91:

Nota MA: palavra sublinhada no v.1: “A essa mão poderosa, em labutar titaneo”; estudo do vocabulário parnasiano.

P.91-92

PARTE X (1 estrofe)

P.92:

Nota MA: palavra sublinhada no v.5: “Sempre e sempre a subir, ermos, soidões invade,”; estudo do vocabulário parnasiano.

\*

P.94-95

ALMA DA CASA (2 estrofes)

P.94:

Notas MA: estudo do vocabulário parnasiano:

1. Construção sublinhada no v.1: “Não fieis de apparencia. A dessa casa é bella,”.
2. Palavra sublinhada no v.11: “Conta de instante em instante, em alternô vaivem”.

P. 95:

Nota MA: palavra sublinhada no v.24: “Todo convulsa (1) e freme, e é contenda e furor,” e expoente (1), remetendo ao comentário no rodapé:

*“(1) Alberto emprega mal o verbo, estenden-/do-o ao significado de convulsionar./ Convulsar diz-se, em veterinária, dos/ nervos que se contráem.”*

\*

P.96

FLORESTA CONVULSA (soneto)

P.96

Notas MA:

1. Traço à margem esquerda do texto;
2. Palavra sublinhada no v. 13; estudo do vocabulário parnasiano;
3. Comentário no rodapé:

Floresta de altas árvores, escuta :  
Em minha dor vim conversar contigo,  
Como no seio do melhor amigo,  
Descanso aqui de tormentosa luta.

Troncos da solidão intacta e bruta,  
Sabei... Ah ! que, porém, como um castigo  
Vos estorceis, e o som do que vos digo  
Vai morrer longe em solitária gruta.

Que tendes, vegetais?... remorso?... crime?...  
Açoita-vos o vento, como um bando  
De fúrias e anjos maus, que nós não vemos?  
  
Mas explicai-vos ou primeiro ouvi-me,  
Que a um tempo assim braceando, assim gritando,  
Assim chorando não nos entendemos.

*“É dos versos mais perfeitos de Alberto / Notar a naturalidade dessas frases,/ tão escassa nêle a beleza desses entroncamentos”*

\*

#### P. 100-103

A PEDRA DO CAMINHO

#### P.100-101

PARTE I (3 estrofes)

#### P.100:

Nota MA: palavra sublinhada no v.15: “Perseo pede, e com a harpé decepa de Meduza”; estudo do vocabulário parnasiano.

#### P.101:

Notas MA:

1. Construção sublinhada no v.19:

“Este grita, este foge, este cáe, este morre.”

2. Palavra sublinhada no v.21: “Acravados no chão e alli se petrificam.”; estudo do vocabulário parnasiano.

#### P.102-103

PARTE IV (2 estrofes)

#### P.102:

Notas MA:

1. Construção sublinhada nos v. 4-5:

“Millenario pensar lhe retalhara a fronte  
Em negras rugas. Tinha o largo rosto e o peito  
Chamuscados do raio.”

2. Traços marcando corruptela das palavras “desde”, “até” e “solidão” nos v. 10-12:

“Nessa pedra ajoelhou rezando, dès que entrara  
O sol té que o nascente encherá com a luz clara  
O luar, – luar de soidão de valles, que suspende”

P.103:

Nota MA: palavra sublinhada no v. 28: “E’ vel-o agora vir, demissa a fronte, e o dorso,”; estudo do vocabulário parnasiano.

\*

P.104-106

NUVENS

P. 104:

Nota MA: título assinalado por traço horizontal:

“Nuvens”  
\_\_\_\_\_

\*

P.104

I – “HA UMA NUVEM NO CEO QUE É MINHA. DESCE,” (soneto)

P. 104:

Nota MA: número da parte do poema assinalado por traço duplo horizontal:

“I”  
=====

P. 106:

III – NUVENS, POR MENOS FORÇA QUE HAJA O VENTO,” (soneto)

P.106:

Notas MA:

1. Número da parte do poema assinalado por traço duplo horizontal:

“III”  
=====

2. Traço duplo à margem esquerda do poema:

|| “Nuvens, por menos força que haja o vento,  
|| E mal vos sopra, vós passaes. Escura  
|| A côr, ou clara, andando pela altura,  
|| Ou mais baixas, no eterno movimento,

“Passaes – como na vida, a lento e lento,  
Ou depressa, se vae toda a ventura,  
E a propria vida, sonho, amor, loucura!  
Pois tudo é nuvem, tudo é passamento.

“Choraes lá em cima, como aqui choramos;  
Passaes, e em marcha o vosso incerto passo  
E’ o mesmo incerto passo com que vamos.

“Brilhantes de ouro, embora, no ar profundo,  
Passaes, sem lhe deixar sequer um traço,  
Como não o deixamos neste mundo.”

\*

#### P.107-110

##### REFLEXOS

#### P. 107:

Nota MA: título sublinhado:

“Reflexos”

\*

#### P.111

A VELA (2 estrofes)

#### P.111

Nota MA: Título assinalado por traço duplo horizontal:

“A vela”

\*

#### P.120-122

O VESTIDO BRANCO

#### P.120:

Nota MA: título sublinhado:

“O vestido branco”

\*

#### P. 126-130

ROMANCE DA JANELLA

P. 126:

Nota MA: Título assinalado por traço duplo horizontal:

“Romance da janella”

\*

P.131-134

O CARVALHO DE ZEUS (14 estrofes)

P.131:

Notas MA: estudo do vocabulário parnasiano:

1. Corruptela de “movimento” sublinhada no v. 7:  
“Guarda o sacro moimento, ao pé do qual enorme”
2. Corruptela de “solidão” sublinhada no v. 13:  
“Para as vozes do céu, e na soidão selvagem”

P.133:

Nota MA: Corruptela de “solidão” sublinhada no v. 51: “E ahi, do poeta, em meio á soidão predilecta,”; estudo do vocabulário parnasiano.

\*

P. 135-141

MARGENS DE OURO E DE ESMERALDA (LENDA DO RIO-VERDE) (13 estrofes)

P.137:

Nota MA: aliteração sublinhada no v.76 e comentário à margem direita do verso; estudo da sonoridade:

“Turgido, aos roncoss, rescumava o rio.”      “*Notar a onomatopea*”

P.138:

Nota MA: rima sublinhada nos v.90-91:

“Mananciaes que as vertentes suam, bebe!

Desejavam-se assim, assim na febre”

P. 139:

Nota MA: concepção sublinhada nos v. 131-133:

“Tudo o que passa... menos a Esperança,  
– Naufraga eterna eternamente escapa  
De sinistros, quaesquer que nesta vida  
Sejam as aguas.”

\*\*

P.143-165

“Sala de baile” (1907)

P.151-156

II – VERSOS DE SILIO (20 estrofes)

P.154:

Nota MA: traço duplo à margem esquerda dos v.29-44:

“Abre de par em par estas janellas;  
Entrem luz e conforto  
Por ellas dentro, e saia o sol por ellas  
A lembrança do morto.

Despe o sombrio lucto que te afeia,  
Toma as seda flammantes,  
Orelha, cóllo, braços nús arreia  
De rubis e brilhantes.

Vae assentar-te ao piano e nota a nota  
Dedilhando o teclado  
Faze correr um scherzo ou uma gavota  
Sobre o nosso passado.

Se inda incommoda idéa a quando e quando  
Te persegue e espesinha,  
Dança, voltêa, e pisa aos pés, dançando,  
Toda lembrança minha!

P.155:

Nota MA: Corruptela de “movimento” sublinhada no v.59: “Com inutil moimento erguido em prova”; estudo do vocabulário parnasiano.

\*

P.161-165

IV – PHANTASMA IRONICO (4 estrofes)

P.164:

Nota MA: concepção sublinhada no v.49-50:

“E’ um punhado de pó cada lembrança.  
Almas á larga! e é sacudir o pó!”

P.165:

Nota MA: traços marcando a concepção nos v.55-56:

“Dançae! dançae! E’ tudo o dia de hoje!  
Fazei-o grande e claro, elle vos foge,”

\*\*

P.167-203

“Rimas Varias” (1907-1910)

P.169:

“UM CANTO AINDA, ANTES QUE A NOITE DESÇA” (soneto)

P.169:

Nota MA: traço à margem esquerda do texto:

“Um canto ainda, antes que a noite desça  
E este sol, que é o da vida, apague e suma”  
A arvore, antiga embora, inda resuma  
Cheiroso balsamo, e talvez floresça.

“Que importa já me alveje na cabeça  
Neve dos annos, como em cêrro a bruma?  
A alma me vae no canto, como a espuma  
Na vaga, até que ao sol desapareça.

“Ainda um canto! e vá no canto a vida,  
Vão os meus sonhos mortos e a perda  
Morta esperança, a fluctuar dispersos;

“Como cançado arbusto os ares olha,  
Sem mais ver primarvera, e folha a folha  
Se esfaz em folhas, – eu me esfaço em versos.”

\*

P.171

ESPIRITOS (3 estrofes)

P.171:

Nota MA: traço à margem esquerda do texto:

“Não irei á sessão de teus espíritos  
Ouvil-os nas respostas que te dão.  
Deixa-me duvidar, como duvido,  
Sem voltar a alma, sem voltar o ouvido  
Ao que é verdade ou allucinação.

“Deixa-me, como vivo, ir estes ultimos  
Dias vivendo, deixa-me acaba,  
Pouco me dando de saber se existe  
Um mundo de phantasmas, ledó ou triste,  
Póstumo e vago, a remecher-se no ar.

“Se da sobrevivencia, ao que ouço, pálido,  
Ha provas, infeliz de mim, de ti,  
De todos nós, pois, num terror estranho,  
Vem-se a saber que a vida é mal tamanho  
Que inda com a morte não termina aqui.”

\*

#### P.173

TRES PHASES (3 estrofes)

#### P.173:

Nota MA: Corruptela de “solidão” sublinhada no v. 14: “Uma quase soidão, saudades, desenganos...”; estudo do vocabulário parnasiano.

\*

#### P.174

A F.L. (2 estrofes)

#### P.174:

Nota MA: concepção sublinhada e marcada por traço duplo à margem esquerda nos v.9-12:

“O verso ha de sahir do coração, ó poeta,  
Bem cheio delle, em fel ou néctar embebido.  
Mesto – como a ilusão que se desfaz e tomba.  
Ledo – como a esperança e os seus sonhos esparsos:”

\*

#### P.175

CANARIO MORTO (soneto)

#### P.175:

Nota MA: traço à margem esquerda do texto:

“Vendo-te ao pé de um passarinho morto  
Chorar, volvendo em tua desventura  
Os olhos á estrellada immensa altura,  
Como os ergueu Jesus na sombra do Horto,

“Só respeito me infunde o desconforto,  
E desalento de tu’alma pura,  
E, ó sublime, ó piedosa creatura,  
Fico ao teu lado commovido e absorto.

“E é meu desejo, emquanto em ais infindos  
Me falas da ave extincta de aurea pluma,  
E emquanto as tuas mãos com os labios róço,

“Nesses olhos, que a dôr tornou mais lindos,  
As lagrimas beijar-te, uma por uma,  
Já que o teu coração beijar não posso.”

\*

#### P.176

OLHOS GLAUCOS (3 estrofes)

#### P.176:

Nota MA: traço duplo à margem esquerda dos v.12-15:

|| “Ao ver-vos, ao me prenderdes,  
|| Vejo bem que de mistura  
|| Tende com reflexos verdes  
|| Caligens de noite escura,”

\*

#### P.178-179

A MELLO MORAES FILHO (6 estrofes)

#### P.179:

Nota MA: marcada por traço duplo à margem esquerda nos v.17-20 e concepção sublinhada nos v.19-20:

|| “Vaes tocal-a – e se evapora!  
|| Mas torna, á tua anciedade.  
|| Não se vae de todo embora  
|| Quem fica numa saudade”

\*

P.180:

TERRA DE ESPINHOS (soneto)

P.180

Nota MA:

1. Palavra sublinhada no v. 2: “Enourica-se todo, aspero e rudo,”; estudo do vocabulário parnasiano.
2. Conceção sublinhada nos v.11-14:

“De almas sei, como tu, que entre carinhos,

“Têm a mesma feição, hostis e duras:  
Dão-se-lhes flores, dão-se-lhes venturas,  
Risos e amor... E ellas só dão espinhos.”

\*

P. 183-184

RAINHA E SANTA (3 estrofes)

P.184:

Nota MA: rima marcada por traço nos v.13, 15:

“Tinha na testa, trocou-a  
Pela que ás santas é dada  
E é mais formosa corôa.”

\*

P.186

GRAVIDADE (2 estrofes)

P.186:

Nota MA: traço à margem esquerda do texto:

“Róla daqui lá embaixo a pedra desgalgada,  
Róla a arvore, do norte á asperrima rajada,  
E a agua que o céu chorou ou das entranhas vem  
Da montanha, em caudaes vae lá rolar tambem.  
E agua, e arvore e pedra, em sucessivas luctas,  
Troando de tombo em tombo em declives e grutas,  
Vão no valle dormir e afinal descansar.

Pudesses, minha dor, também aqui rolar!

\*

P.189-190

LEMBRANÇA DE MINAS

P.190:

PARTE III (1 estrofe)

P.190:

Nota MA: inversão sublinhada no v.8:

“Saudade, o coração tu me dominas!”

\*

P.197

TEMPLO DE MARMORE (soneto)

P. 197:

Nota MA: palavra sublinhada no v. 2: “Em claro marmor por poder divino.”; estudo do vocabulário parnasiano.

\*

P.199-203

ODE AO ULTIMO SOMNO (9 estrofes)

P.200:

Nota MA: palavra sublinhada por traço duplo no v.47: “ – Carcer sem condenados,”; estudo do vocabulário parnasiano.

P. 203:

Nota MA: palavra sublinhada por traço duplo no v. 118: “E dormir sem reproche ou queixa,”; estudo do vocabulário parnasiano.

\*\*

P.205-234

“No seio do cosmos” (1909)

P.209-216

CANTO PRIMEIRO (11 estrofes)

P. 216:

Notas MA:

1. Palavra sublinhada no v.208: “Eu já te vi, boieira estrella, a face”; estudo do vocabulário parnasiano.

2. Traço marcando contagem silábica no v.216 e anotação na margem direita apontando ausência do decassílabo:

“De victoriosa paixão, que tudo espante.” 11

3. Traço à margem esquerda dos v.218-227:

“O’ Natureza! é justo o ouvido cerres  
A’ estrella que assim fala e ama e padece;  
Permittir-lhe gosar o bem que aspira,  
Fôra abalar em pavoroso embate  
O mundo sideral, rotos os laços  
Do systema dynamico celeste;  
Mas a ordem suprema do universo  
Em que a perturba o amor dos pequeninos?  
Em que perturba acaso o som de um beijo  
A harmonia solemne das espheras?”

\*

#### P.217-226

CANTO SEGUNDO (9 estrofes)

#### P. 220-221:

Nota MA: traço à margem esquerda dos v. 28-57:

Abalam-se uma vez á terra aos montes,  
Transborda o mar, despeja o céu seus raios,  
Parece que, em mistura os elementos  
Que o bem o mal produzem, formidavel  
Cataclismo subverte a natureza.  
Eram de Géa os filhos e de Uranos.  
Contra Zeus, que o vexava e os opprimia,  
Era a humana razão voltada em guerra  
Contra a injustiça do poder divino.  
Titães membrudos, da estatura de arvores  
Das mais altas da selva primitiva,  
Do Othrys, do Olympo os visos galgam, lançam,  
Desenraizando-as, mão de enormes rochas,  
Varejam-nas colericos á altura.  
Perculsa a terra treme, o céu restruge,  
E os echos da peleja até o mais fundo  
Vão das entranhas tétricas do Tartaro.  
Dura um decennio a lucta. Eil-o vencidos!  
Suam sangue os penhascos, que pisaram.  
Lá no Profundo agora o ronco extremo  
Do odio seu vingador lhes sôa e expira.  
E eram rudos Titães, filhos de deuses!  
E em seus possantes musculos fremia

Iradamente a dor de cem feridas,  
 Em que no inuominado do Universo  
 Andava retalhada a alma das cousas!  
 Ah! que tentar eu, misero, eu, minuscuro  
 Ponto animado, argueiro vagabundo,  
 Medroso até de minha propria sombra,  
 Deante da enormidade do infinito!/?

P.221:

Nota MA: palavra sublinhada no v.83: “Tagantando-as com os lividos coriscos,”; estudo do vocabulário parnasiano.

P.222:

Nota MA: palavra sublinhada no v.84: “Propellindo-as, quaes monstros, sôlta a rédea”; estudo do vocabulário parnasiano.

P. 223:

Nota MA: expoente (1) no v.123, remetendo ao comentário no rodapé:

“Boiara naufraga... (1) Era um brilho agudo”

(1) “*Afinal vem dar tudo no famoso/ monólogo do Hamlet.*”

P.224:

Nota MA: traço à margem esquerda dos v.166-174:

“Tu és bem o que eu sou, filha das ondas,  
 Habitadora de ilhas solitarias!  
 A ti ventos do mar a aza te quebram,  
 Arrojam-te do mar na praia as furias;  
 A mim não sei que turbilhão me envolve,  
 Me arrebatada no giro, e nem me deixa  
 Cingir nos braços a que os seus me estende  
 A dois passos de mim, supplico, embalde!  
 .....”

P.225:

Notas MA:

1. Traço duplo à margem esquerda dos v. 175-191:

“Vida, quem já teu véo, para de face  
 Ver-te em todo o esplendor da formosura,  
 Ou toda a hediondez de teus horrores,  
 Acaso levantou? Presumpção fatua  
 A da sciencia suppor que a ti te apalpa,  
 A’ cellula apalpando o humor que encerra,  
 Cujá estrutura é analoga á da espuma!  
 Está alli, como no grão de areia,

Ou no radio, ou no sol, mas intangível.  
 Sóbe a imaginação humana aos astros,  
 As entranhas do mar sonda e as da terra,  
 A marcha dos planetas acompanha  
 No azul, como a do sangue em nossas veias  
 Ou num tronco a da seiva; tudo explora,  
 Tudo investiga, indaga, tudo sabe!  
 Mas ah! o véo da deusa nem lhe é dado  
 Tocar de leve.... não conhece a Vida!"

2. Sublinhada repetição no v.197 e comentário à margem direita:

"Apparição da costa solitaria,"

*"Na pag antecedente:/ Habitadora de ilhas soli-/ tarias!"*

\*

P.227-234

CANTO TERCEIRO (11 estrofes)

P.229:

Nota MA: concepção sublinhada nos v.10-11:

"Como o perfume em carcere de vidro,  
Quanto mais se concentra, é mais perfume."

P.231:

Nota MA: rima marcada nos v.62, 65; estudo da sonoridade:

"De imaginar-se qual e em que consiste,  
 Gosados pelos que de nós partindo,  
 Jamais tornaram a informar qual seja,  
 Tudo me induz a crer que existe. Existe."

P.232:

Nota MA: concepção sublinhada nos v.88-90

"Bem haja o amor, sem o contacto embora.  
Dos que se amam! bem haja o amor, vencido  
Embora, no adejar das azas inuteis!"

\*\*

P.235-296

"Natalia" (1911)

P.239-251

I – CAMINHO DE SAUDADE

P.241-242

PARTE I (7 estrofes)

P.241

Nota MA: palavra sublinhada no v.11: “Com o seu bufido, com o bater pausado”; estudo do vocabulário parnasiano.

P.243-244

PARTE II (8 estrofes)

P.243:

Nota MA: palavra sublinhada no v.4: “Córto pelo caminho agro e deserto”; estudo do vocabulário parnasiano.

P.249-251

PARTE V (16 estrofes)

P.251:

Nota MA: palavra sublinhada no v.48 e expoente (*I*) remetendo ao comentário no rodapé; estudo da sonoridade:

“E guiamos (*I*) juntos para o pé da serra.”

“ (*I*) *Guiamos com 2 sílabas?!*”

\*

P.253-266

II – O RANCHO DA SERRA

P.255-256:

PARTE I (11 estrofes)

P.256:

Nota MA: palavra sublinhada no v.27: “Ella no patrio cespede ficara”; estudo do vocabulário parnasiano.

\*

P.261:

Parte IV (6 estrofes)

P.261:

Nota MA: traço marcando escansão do decassílabo no v.1 e exclamação de ironia perante o cacófato; estudo da sonoridade :

“ – ‘E a historia de tua ! vida? ‘Elle: – ‘Que importa!’”

\*

P.262-264:

PARTE V (12 estrofes)

P.262:

Notas MA:

1. Título sublinhado por traço duplo:

“V”

2. Traço duplo à margem esquerda dos v. 5-8:

“Bem vindo! Mas que procuras  
Nas ruínas do berço teu?  
Aqui só vivem saudades,  
Tudo o que amaste, morreu!”

P.263:

Nota MA: Traços duplos à margem esquerda dos v.21-36:

“Quem inda é moço não sabe  
E nem calcula o soffrer  
De quem, ao morrer-lhe os sonhos,  
Não soube também morrer.

“A’ pomba torcaz sómente  
O matto lhe ouve o gemido;  
Assim é o pranto que eu choro,  
Sómente de Deus ouvido.

“Canta a cigarra no campo  
Até seu peito estalar;  
Acabou o soffrimento  
Quando acabou de cantar.

“Estala, minha viola,  
Estala sob os meus dedos,  
Mas estalando, não deixes  
Cahir no chão meus segredos.”

P.264:

Nota MA: Traço duplo à margem esquerda dos v.41-44:

“Quando eu morrer, minha cova  
Abram cá em cima do monte,  
Para eu ver melhor a lua,  
Nascida no céu defronte.”

\*

P.265-266:  
PARTE VI

P.265:  
Notas MA:

1. Palavra sublinhada no v.3: “Quilotado cachimbo. Era já tarde.”; estudo do vocabulário parnasiano.
2. Traço marcando escansão do v.9; estudo da sonoridade:

“Natalia armara com suas mãos pequenas”

\*

P.267-277  
III- VELHA FAZENDA

P.269-270:  
PARTE I (9 estrofes)

P.269:  
Notas MA: estudo do vocabulário parnasiano:

1. Palavra sublinhada no v.3: “Montão de estroços, desabado mundo,”
2. Palavra sublinhada no v.6: “Prostrados muros. Sobre a ruinaria,”
3. Palavra sublinhada no v.7: “ – Trophéo de excídio, dominando-a toda,”
4. Palavra sublinhada no v.11: “Olhando o esbrôo. Respondeu: – ‘Daquellas’”

\*

P.273-274:  
PARTE III (14 estrofes)

P.273:  
Nota MA: Expoente (*I*) ao final do v.7 e comentário no rodapé:

“Ah! dor nenhuma, como a da lembrança (*I*)”

“ ‘... Nessun maggior dolore/ che ricordarse del tempo felice/ nella miseria.’ Dante”

Nota da pesquisa: MA cita verso citado em “Inferno”, canto V, da *Commedia*, de Dante Alighieri, obra em sua biblioteca nas edições: *Canto quinto. La Commedia: Inferno*, (Porto Alegre: Livraria Americana, 1920 – MA851.15D192cP), *Divina Commedia; com postille e cenni* (Milano: Ulrico Hoepli, 1911 – MA 851.15D192d1911 ed.min.), *La Divina Commedia di Dante Alighieri nell’arte del cinquecento* (Milano: Fratelli Treves,

1908 – MA094D192d], *L'enfer* (Paris: Hachette, 1891– MA094D192e), *La divine comédie*: l'enfer, le purgatoire, le paradis. (Paris: Flammarion, s.d. – MA851.15D192dF).

P.274:

Notas MA:

1. Ideia sublinhada no v.22 e comentário na margem esquerda:

“A flor do cafezal, filha de Outubro,”

*“A florada no cafezal dá-se em setembro e não Outubro”*

2. Palavras sublinhadas nos v.28 : “Viça o vesco faval, com o humor que encerra;”, v.29: “Os grãos amojam nas espigas de ouro;” e v. 32: “Maio agora tornado sestro agouro”; estudo do vocabulário parnasiano.

3. Construção sublinhada no v.34 e três exclamações de ironia:

“Nas terras, nas lavouras em abandono” !!!

\*

P.275-276

PARTE IV (10 estrofes)

P.275:

Notas MA: palavra sublinhada no v.12: “Todos que as fontes têm nos saxeos veios”; estudo do vocabulário parnasiano.

P.276:

Notas MA: palavra sublinhada no v.24: “Com os seus aneis a passiflora errante”; estudo do vocabulário parnasiano.

\*

P.277:

PARTE V (5 estrofes)

P.277:

Nota MA: palavra sublinhada no v.6: “De tecido cipoal os flexeis ramos”; estudo do vocabulário parnasiano.

\*

P.279-

IV- A ALMA OCEÂNICA

P.281-282:

PARTE I (8 estrofes)

P.281:

Notas MA: estudo do vocabulário parnasiano:

1. Palavra sublinhada no v.4: “Ainda a aragem dos pastios vinda”.
2. Palavra sublinhada no v.11: “Abre a flor da quaresma; o airi menêa”
3. Palavra sublinhada no v.12: “A folha adulta e a bractea em lança enrista.”
4. Palavra sublinhada no v.14: “De uniformes peris, de alegres pios”

\*

P.283-284:

PARTE II (7 estrofes)

P.283:

Notas MA: palavra sublinhada no v.6: “Cornea, curva raucisona busina”; estudo do vocabulário parnasiano.

\*

P.285-286

PARTE III (8 estrofes)

P.285:

Nota MA: palavra sublinhada no v.10: “Lia-se além a tudo uma enredica;”; estudo do vocabulário parnasiano.

P.286:

Nota MA: palavra sublinhada no v.19: “Reluz no saibro ou pedra a pisca de ouro,”; estudo do vocabulário parnasiano.

\*

P.287-288

PARTE IV (14 estrofes)

P.287-288:

Notas MA:

1. Traço à margem esquerda dos v.12-40;
2. Construção sublinhada no v.15

“E’ o mar na costa a bramir horrendo.

Talvez tu’alma nou tro tempo o ouvisse,  
Sem bem o ouvir, que andava de permeio  
A algazarra da tua meninice.

Se, ora assim quebra estortoroso e em cheio,  
E’ que em seu quarto a lua vae mudada,  
E o sul cursando, enfurecel-o veio.

Desde *Ponta aspérrima*, chamada  
Negra, por esta costa sem abrigo,  
Até ao Pharol do Cabo, estoura e brada.

Tange-o sudoeste rispido, inimigo,  
Responde logo com um bramido á affronta,  
Raivas protervo a mastigar comsigo.

Escarceos torvos a empinar sem conta,  
A’s praias se arremessa de seu leito,  
Leva a tudo o terror, tudo amedronta.

Como que então ha alli dois mares: feito  
Um de agua e outro de sons, um contra a plaga  
Tumido a espedaçar, mugindo, o peito;

Outro em echos rolando no ar; a vaga  
Liquida se desfaz, mas a sonora  
Leguas e leguas brame e se propaga.

Vae Aterrado e Palmital afora;  
Sobe ás rechans, vara pelas vertentes,  
Retumba ás vezes, outras vezes chora.

Estes os brados são intercadentes  
Que estás a ouvir’. A’ Barbara harmonia  
Demos uns passos mais, ambos trementes,

A alma anceando á emoção daquelle dia.

\*

P.289-291:

PARTE V (19 estrofes)

P.289:

Notas MA:

1. Título sublinhado por traço duplo:

“V”

2. Palavras sublinhadas nos v.2: “Baixas e tristes. O ogervão cá fora”, e no v. 3: “E a anileira e guaxima enleados crescem.”; estudo do vocabulário parnasiano.

P.290:

Notas MA:

1. Traço duplo à margem esquerda dos v.16-55;
2. Construção sublinhada no v.26;
3. Palavra sublinhada no v.45; estudo do vocabulário parnasiano:

“ – ‘E a casa onde nasci?!’ pergunto ao guia,  
Estranhando o lugar. Mostrou-me prestes  
O que, por encoberto, eu bem não via.

“Como a velha mendiga as rotas vestes  
Aconchegando está, quando a geada  
Cae, ou da chuva as bategas agrestes:

“Vi encolhida, e pobre, e erma, a arruinada  
A vivenda de outrora. Nem terreiro,  
Nem mais horta, pomar, engenho, nada!

“Ruira por terra o meu passado inteiro!  
Minha antiga chrysalida! meu ninho,  
Onde ensaiei meu gorgorejar primeiro,

“Vim morto achal-o á beira do caminho,  
Como acha morto o arbusto, onde nascera,  
Vindo de longe, um dia o passarinho!

“A minha boa casa! Ah! quem me déra  
Tornasse eu ao que fui e lhe tornasse  
O alegre sol da minha primavera!

“O tempo demudara a tudo a face;  
Já não luzia mais o claro muro  
Onde agora, apegado, o musgo nasce.

“Seu ledo coração, que foi tão puro,  
Como que o via, em tacito abandono,  
A negrejar pelo postigo escuro.

“A saudade, talvez, do antigo dono  
A escurecera, a dar-lhe agora o aspecto  
De um grande desalento e grande somno.

“Como sobre acabado antigo affecto  
Pesa funerea lapide sombria,  
Pesava o mundo aburacado tecto.

“E olhando a velha casa, eu lhe sentia  
A alma a espreitar dos vidros da vidraça,  
Meio enturvados de uma nevoa fria;

“Quando lesta por mim Natalia passa,  
Florido o seio de cecens singelas,  
Sôlto o cabelo ao sol, que ondêa e esvoaça.

“São novas borboletas amarellas  
Que a levam, corre, segue-as á distancia,  
Qual se fora, apressada, indo após ellas,

“A apparição fugaz de minha infancia.”

\*

P.293-294:

PARTE VII (7 estrofes)

P.293:

Nota MA: Traço duplo à margem esquerda dos v.5-12:

“Sôa o mar por estas bandas  
Com taes accentos de magua,  
Que o que chega e vae embora  
Leva os olhos rasos de agua.

“Ouve como elle se queixa,  
A voz sentida que tem!  
Tristezas que a terra sente  
O mar as sente também.”

P.294:

Nota MA: traço duplo à margem esquerda dos v.17-20:

“A terra está morta, morta,  
O mar lhe reza oração,  
Ou bate, a bater na costa,  
As tábuas do seu caixão.”

\*

P.295-296:

PARTE VIII (7 estrofes)

P.295:

Nota MA: estudo do vocabulário parnasiano:

1. Palavra sublinhada no v.2: “Aquele mar de voz lugente e rude” e anotação do significado na margem direita: “*plangente, lúgubre*”.
2. Palavras sublinhadas no v.4: “Lá, de uns penhascos negros – harta incude” e anotação do significado na margem direita: “*forte bigorna*”

P.296:

Nota MA: Palavra sublinhada no v. 16: “Rabido o sul uivasse, uivasse o norte,”; estudo do vocabulário parnasiano.

\*\*\*\*\*

PUFF & PUCK [GUIMARÃES PASSOS E BILAC, Olavo]    Bibl. MA: [A/II/f/38]  
*Pimentões (Rimas d'O Filhote)*. São Paulo: Livraria Magalhães, 1897.  
[Poesia]    IEB: MA 869.9749P289p

Nota da pesquisa: poesia satírica dos parceiros poetas publicada originalmente na Gazeta de Notícias do Rio de Janeiro, na seção O Filhote.

Notas MA a grafite.  
Brochura costurada.

Capa:  
Nota MA: anotação na margem superior direita:  
    a  
    *i*

Contra-capa:  
Nota MA: identificação dos pseudônimos:

“PUFF & PUCK”  
*Bilac + Guimarães Passos*

\*\*\*\*\*

BILAC, Olavo

Bibl. MA: A/II/d/53

*Poesias*. 4ª. ed. Rio de Janeiro/ São Paulo/ Belo Horizonte: Livraria Francisco

Alves, 1909.

[Poesia]

IEB: MA 869.9148B595p

Notas MA:

- a grafite: p.1, 3, 6, 9-16, 19-22, 25-26, 28-29, 31-32, 35-36, 39-41, 44, 46-49, 52, 55-73, 78, 80-81, 84, 86, 88, 91-92, 94, 102, 106-109, 111, 114-116, 122, 128, 131, 134-135, 146, 148, 150-152, 158-159, 161, 166-167, 170, 173-176, 178, 180-181, 193, 196-198, 200, 204, 211-212, 214-216, 221, 227, 232, 237-239, 241-242, 247, 260-261, 263-271;

- a grafite e lápis-tinta: p.17, 24, 33, 42-43, 45, 50-51, 53-54, 79, 82;

- a lápis-tinta: p. 119, 144, 186, 220.

Capa em couro bege.

Nota da pesquisa: MA refere-se a duas obras publicadas em 1914. Em nota ao poema “A ronda nocturna” à p. 29, transcreve trecho do livro *Conferências, 1912-1913*, de Amadeu Amaral, organizado pela Sociedade de Cultura Artística (São Paulo: Off. Cardozo Filho & C) e, na margem do poema DELENDIA CARTHAGO!, à p. 35, cita trecho d’ *A arte de fazer versos* de Osório Duque Estrada. Pode-se pensar que MA tenha lido e anotado *Poesias*, depois de 1914.

P. 1-6:

PROFISSÃO DE FÉ (31 estrofes)

P. 1:

Nota MA a grafite: cacofonia sublinhada no v. 4:

“Com o camartello.”

P.3:

Notas MA a grafite:

1. Traço à margem esquerda dos v.49-52:

“Assim procedo. Minha penna  
Segue esta norma,  
Por te servir, Deusa serena,  
Serena Fórma!”

2. Traços à direita dos v.57-58 destacando a construção e a sonoridade nas sílabas finais:

“Blasphemo, em grita surda e horrendo  
Impeto, o bando  
Venha dos Bárbaros crescendo  
Vociferando...”

P.6:

Nota MA a grafite: barra escandindo o v. 115; estudo da sonoridade:

“Tu/ as custodias esculpindo”

\*\*

P.7-36:

“Panoplias”

P.9-14:

A MORTE DE TAPIR

P.9-10:

PARTE I (1 estrofe)

P.9:

Nota MA a grafite: sublinhada a apresentação da natureza no espaço do poema no v.1-2:

“Uma columna de ouro e purpuras ondeantes  
Subia o firmamento. Accesos véos, radiantes”

P.10:

Notas MA a grafite:

1. Traço à margem esquerda dos v. 18-35; expoente (*I*) remetendo ao comentário no rodapé:

(*I*) “Incolume, vibrando os golpes, – insensível  
A’s preces, ao clamor dos gritos, surdo ao pranto  
Das victimas, – passou, como um tufão, o espanto,  
O exterminio, o terror atraz de si deixando!  
Quanta vez do inimigo o embate rechaçando  
Por si só, foi seu peito uma muralha erguida,  
Em que vinha bater e quebrar-se vencida  
De uma tribu contraria a onda medonha e bruta!  
Onde um pulso que, tal como seu pulso, á luta  
Costumado, um por um, ao chão arremessasse  
Dez combatentes? Onde um arco, que atirasse  
Mais celere, a zunir, a fina flecha hervada?  
Quanta vez, a vagar na floresta cerrada,  
Peito a peito lutou com as fulvas onças bravas,  
E as onças a seus pés tombaram, como escravas,  
Nadando em sangue quente, e, em roda, o echo infinito  
Despertando, ao morrer, com o derradeiro grito!...  
Quanta vez! E hoje velho, hoje abatido!”

## 2. Comentário no rodapé:

(1) *Todas essas ideias perdem muito da/ sua beleza pelo retorcido da frase.*

### P.10-11:

#### PARTE II (3 estrofes)

### P.11:

Notas MA a grafite:

1. Sublinha e barra escandindo o v.1;
2. Construção sublinhada nos v. 16-17;
3. Expoente (1) no v. 34, remetendo ao comentário no rodapé:

“E, a essa / hora, ao fulgor do derradeiro raio  
Do sol, que o disco de ouro, em lucido desmaio,  
Quasi no extremo céu de todo mergulhava,  
Aquella estranha voz pela floresta echoava  
Num confuso rumor entrecortado, insano...  
Como que em cada tronco havia um peito humano  
Que se queixava... E o velho, humido o olhar, seguia.  
[...]  
Juracy! Juracy! virgem morena e pura!  
Tu tambem! tu tambem desceste á sepultura!... (1)”

*“(1) Aqui, forma-se uma desagradável repetição/ de palavras que torna monótonos estes/ dois versos: Juraci! Juraci!/ Tu tambem! Tu tambem.../ São dois feios alexandrinos martelados...”*

### P. 12-13:

#### PARTE III (1 estrofe)

### P. 12:

Nota MA a grafite: sonoridade e síntese sublinhadas no v.22:

“Crescia a treva. A medo, entre as nuvens luzindo.”

### P.13-14:

#### PARTE IV (1 estrofe)

### P.13:

Notas MA a grafite:

1. Anáfora sublinhada no v.3:

“Acima o abysmo, abaixo o abysmo, o abysmo adiante...”

2. Rima sublinhada nos v. 16-17, estudo da sonoridade:

“Tudo passou! Não mais a fera inubia á bocca  
Dos guerreiros, Tapir, soa medonha e rouca.”

P. 14:

PARTE V (3 estrofes)

Notas MA a grafite:

1. Construção sublinhada nos v. 10-11; expoente (I) remetendo ao comentário no rodapé:

“Nesse momento,  
Apontava o luar no curvo firmamento.(I)”

*“É de grandíssimo efeito o voltar, depois/ de um drama forte e anciado, a uma/ descrição calma de uma particularidade/ da natureza. É uma aurea chave de profundo/ valor estético: é necessário e bom aos espíritos/ o acalmar-se, após terem desenvolvido em/ si sentimentos enérgicos. Soa como uma/ benção.”*

\*

P.15:

A GONÇALVES DIAS (soneto)

Notas MA a grafite:

1. Sublinha no v. 8, a assonância, seguida do comentário:

“Vives eterno em teu poema ingente.”

2. Comentário:  
(os ee...)
3. Enumeração sublinhada nos v. 9-12 e expoente (I) remetendo ao comentário no rodapé:

“Estes revoltos, largos rios, estas  
Zonas fecundas, estas seculares  
Verdejantes e amplissimas florestas

“Guardam teu nome (I): e a lyra que pulsaste  
Inda se escuta, a derramar nos ares  
O estridor das batalhas que contaste.”

*“(I) Belíssima enumeração revolucionando/ completamente cadencia e rima do verso...”*

\*

P.16:

GUERREIRA (soneto)

Notas MA a grafite:

1. Expoente (I) no v. 14, remetendo ao comentário na margem superior:

“É a incarnação do mal. Pulsa-lhe o peito  
Ermo de amor, deserto de piedade...  
Tem o olhar de uma deusa e o altivo aspeito  
Das cruentas guerreiras de outra idade.

“O labio ao rictus do sarcasmo affeito  
Crispa-se-lhe num riso de maldade,  
Quando, talvez, as pompas, com despeito,  
Recorda da perdida magestade.

“E assim, com o seio ancioso, o porte erguido,  
Córada a face, a ruiva cabelleira  
Sobre as amplas espaldas derramada,

“Faltam-lhe apenas a sangrenta espada  
Inda rubra da guerra derradeira,  
E o capacete de metal polido... (1)”

*“(1) Seria o ideal sem dúvida, aquele poeta/ que se permitisse o entremeiar dos ritmos /decassílabos segundo uma orientação prévia:/assim neste ultimo terceto, Bilac coloca/ entre dois versos de tônica dupla (na 4ª e 8ª sílabas) um verso com a tônica simples/ na sexta sílaba, dando-nos um desagrada-/ vel conjunto, prejudicando o soneto pela/ impressão que recebe o ouvido./O último terceto do soneto antecedente/ é dum gosto extraordinário: havendo dois/ versos seguidos de tônica dupla e um, fi-/ nal, de tônica na 6ª sílaba./O soneto nº 31 da Via-Láctea tem (para mim/ ao menos) a terminação ideal.../Se os poetas nisto precisassem, que harmonia/ profunda, que nova arte forte e magnífica,/ que estese sutil não resultaria?...”*

Nota da pesquisa: O soneto XXXI “Longe de ti, se escuto, porventura” está na p. 69 da parte “Via Lactea”, no livro.

\*

P.17:

PARA A RAINHA DONA AMELIA DE PORTUGAL (soneto)

Notas MA a grafite e lápis-tinta:

1. Traço duplo à margem esquerda do texto;
2. Rima sublinhada nos v. 5-7, estudo da sonoridade;
3. Expoente (1) no v.7, remetendo ao comentário no rodapé:

“Um rude resplendor, de rude brilho, touca  
E nimba o teu escudo, em que as quinas e a esfera  
Guardam, ó Portugal! a tua glória austera,  
Feita de louco heroísmo e de aventura louca.  
“Ver esse escudo é ver a Terra toda, pouca  
Para a tua ambição; é ver Affonso, á espera

Dos Mouros, em Ourique; e, em redor da galera (1)  
 Do Gama, ouvir do mar a voz bramante e rouca...  
 “Mas no vosso brasão, Borgonha! Aviz! Bragança!  
 De ouro e ferro, encerrando o orgulho da conquista,  
 Faltava a suavidade e o encanto de uma flor;  
 “E eis sobre elle pairando o alvo lirio de França,  
 Que lhe deu, flôr humana, alma gentil de artista,  
 Um sorriso de graça e um perfume de amor...”

“(1) Êsses três entroncamentos seguidos produzem/ uma desagradável impressão... Por esquecer completa-/mente a rima. Será talvez a única mancha/ desta jóia inestimável...”

\*

#### P. 18-20:

A UM GRANDE HOMEM (11 estrofes)

#### P. 19:

Notas MA a grafite:

1. Entroncamento sublinhado, expoente (1) e escansão dos versos v. 19-20, remetendo ao comentário no rodapé:

“E do alpestre rochedo, onde nascido  
Tinha, crespo, a rolar, descendo veio...(1)”

“(1) Estes versos tem o entroncamento mal feito;/ soam assim:/ ‘E do alpestre rochedo, onde nascido tinha, ...(12)/Crespo, a rolar, descendo veio...’.....(8)”

2. Palavra sublinhada no v.27, estudo do vocabulário parnasiano:

“Mas enturba-lhe a face o lodo ascoso...”

#### P. 20:

Notas MA a grafite:

1. Construção sublinhada no v. 45:

“Aos quatro ventos da celebridade!”

2. Traço duplo à margem esquerda dos v. 51-55:

“Mas, ah! nesses teus dias  
 De fausto, entre essas pompas luzidias,  
 – Rio soberbo e nobre!  
 Has-de chorar o tempo em que vivias  
 Como um arroio socegado e pobre...”

\*

P. 21:

A SEXTA DE NERO (SONETO)

Notas MA a grafite:

1. Sublinhadas as palavras “toro” e “estrágulo” nos v. 5-6; anotação do sinônimo nas entrelinhas: “leito” e “colcha/Tapete”; estudo do vocabulário parnasiano:

“Nero no tóro eburneo estende-se indolente...  
Gemma em profusão no estragulo custoso”

2. Alexandrinos sublinhados nos v. 9-11 e expoente (I), remetendo ao comentário no rodapé:

“Formosa ancilla canta. A aurilavrada lyra  
Em suas mãos soluça. Os ares perfumando.  
Arde a myrrha da Arabia (I) em recendente pyra.”

*defeituosamente*

“(I) Dois alexandrinos formados inesteticamente/ pelo enjambement”

\*

P.22:

O INCÊNDIO DE ROMA (soneto)

Notas MA a grafite:

1. Palavra sublinhada no v. 8, distinguindo a síncrize:

“Do incendio cingem, tudo esbrôa-se partido.”

2. Construção sublinhada no v. 10:

“Arde em chammas o Tibre e accende-se o horizonte...”

\*

P. 23-26:

O SONHO DE MARCO ANTONIO

P. 23-25:

PARTE I (10 estrofes)

P. 24:

Notas MA a grafite e lápis azul:

1. Quiasmo sublinhado nos v. 31-32:

“Ella é o céu... Que valor tem todo o mundo.  
Se os mundos todos seu olhar encerra?!”

2. Construção sublinhada no v. 36:

“Roma não vale um só dos beijos d’ella!...”

P. 25-26:

PARTE II (5 estrofes)

P. 25:

Nota MA a grafite: barra marcando escansão do v. 18, estudo da sonoridade:

“Colo opulento e sensu/al que oscilla.”

Nota da pesquisa: O vocábulo *sensual* possui um hiato (sen-su-al), que pode ser dividido na contagem das sílabas; MA reconhece o ícto, na diérese.

P. 26:

PARTE III (4 estrofes)

Notas MA a grafite:

1. Traço à margem esquerda dos v. 13-16 e expoente (1) no v.16, remetendo ao comentário no rodapé:

“E a noite foge. Em todo o firmamento  
Vão se fechando os olhos das estrelas:  
Só perturba a mudez do acampamento  
O passo regular das sentinellas.(1)”

“(1) Mesma observação que a última nota/ da “Morte de Tapir””

Nota da pesquisa: MA refere-se à própria nota no rodapé da p. 14.

\*

P. 28

MESSALINA (soneto)

Notas MA a grafite:

1. Decassílabos sublinhados nos v. 1-3 e expoente (1), remetendo ao comentário no rodapé:

“Recordo, ao ver-te, as epochas sombrias  
Do passado. Minh'alma se transporta  
À Roma antiga, (1) e da cidade morta  
Dos Cesares reanima as cinzas frias;”

“(1) Mais dois decassílabos espurios...”

\*

P. 29

A RONDA NOCTURNA (soneto)

Notas MA a grafite:

1. Título sublinhado; expoente (1), remetendo ao comentário na margem superior:

“A Ronda Nocturna (1)”

2. Comentário na margem superior:

*“(1) Pode-se aplicar a êste soneto o que disse/ A. Amaral sobre o soneto “Sozinha” de Raimundo./ ‘...o valor, puramente emotivo, é tão leve, tão/ melindroso que se esvairia com certeza na manipula-/ ção da forma, dentre mãos que não fossem tão/ ageis, tão brandas, tão sensíveis como as dêsse/ maravilhoso artífice’./ Tudo é silêncio e mistério: fugiram as vogais/ rumorosas e rutilantes do soneto antecedente/ e ecoam discretamente as rimas surdas e/ as palavras escuras./ O segundo quarteto é duma perfeição extraordi-/ nária.”*

3. Ritmo sublinhado nos v. 5-8, estudo da sonoridade:

“Dentro é tudo mudez. Flebil murmura,  
De espaço a espaço, emtanto, a voz do vento:  
E ha um rasgar de sudarios pela altura,  
Passo de espectros pelo pavimento...”

Nota da pesquisa: *Conferências, 1912-1913*, obra organizada pela Sociedade de Cultura Artística faz parte da biblioteca de MA no IEB-USP (São Paulo: Off. Cardozo Filho & C., 1914; MA 869.904S678c 1912-3). Reúne conferências de Amadeu Amaral (“Raymundo Corrêa”), Armando Prado (“Alvares de Azevedo”), Garcia Redondo (“Arthur Azevedo”), Pedro Lessa (“João F. Lisboa”), Oliveira Lima (“A nossa diplomacia”). O trecho da conferência de Amadeu Amaral (realizada em 26 de setembro de 1912) citado por MA está na p. 37 e não apresenta nota marginal.

\*

P.30 -36:

DELEND A CARTHAGO!

P. 30-31:

PARTE I (4 estrofes)

P. 31:

Notas MA a grafite:

1. Entroncamento sublinhado nos v. 35-37 e expoente (1), remetendo ao comentário no rodapé:

“Heroicas, abafando os soluços e as queixas,  
As mulheres, tecendo os fios das madeixas,  
Cortavam-n’as. (I)”

*“(1) Belíssimo exemplo de entroncamento.”*

P.32-35:

PARTE II (4 estrofes)

P.32-33:

Notas MA a grafite e lápis-tinta:

1. Traço duplo à margem esquerda dos v. 1-23 e expoente (I) no v. 23, remetendo ao comentário no rodapé:

“As machinas de guerra  
Movem-se. Treme, estala, e parte-se a muralha,  
Racha de lado a lado. Ao clamor da batalha  
Estremece o arredor. Brandindo o pilum, promptas,  
5 Confundem-se as legiões. Perdido o freio, ás tontas,  
Desboccam-se os corceis. Enrijam-se, esticadas  
Nos arcos, a ringir, as cordas. Aceradas,  
Partem settas, zunindo. Os dardos, sibillando,  
Cruzam-se. Eneos broqueis amolgam-se, resoando,  
10 Aos embates brutaes dos piques arrojados.  
Loucos, afuzilando os olhos, os soldados,  
Presa a respiração, torvo e medonho o aspeito,  
Pela ferrea squammata abroquelado o peito,  
Se encrúam no furor, sacudindo os macetes.  
15 Não param, entretanto, os golpes dos arietes,  
Não cançam no trabalho os musculosos braços  
Dos guerreiros. Oscilla o muro. Os estilhaços  
Saltam das pedras. Gira, inda uma vez vibrada  
No ar, a machina bruta... E, subito, quebrada,  
20 Entre o insano clamor do exercito e o fremente  
Ruido surdo da queda, – estrepitosamente  
Rúe, desaba a muralha, e a petrea mole roda,  
Róla, remoinha, e tomba, e se esphacela toda... (I)”

*“(1) Como se está longe da linguagem melíflua/ dos românticos! Como se está longe dos versos/ cadenciados dos clássicos! A língua é outra, entra-/ja-se de onomatopeas brilhantes, quebra-se o verso,/ a concordância mediata da ao alexandrino as/ proporções duma prosa gigantesca, sobrenatural,/ vindo de vez em quando descansar na cadên-/cia perfeita duma rima nobre. Os rr...troam/ sem cessar e vê-se atemorizado, que:/ ‘... a pétrea mole roda,/ ‘Rola, remoinha e tomba, e se esfacela toda...’”*

2. Imagem sublinhada no v. 26:

“As vagas encrespando acapelladas, brutas,”

P. 35:

Notas MA a grafite:

1. Construção sublinhada nos versos 78-79 e expoente (1), remetendo ao comentário no rodapé:

Rolos de sangue e pó, blasphemias e gemidos,

Precos e imprecações... (1). As próprias mães, emtanto,

*“(1) Duque Estrada notando que para os novos/ grandes poetas já não chega o alexandrino para/ conter a idea, cita um extraordinario exemplo/ de Luiz Delfino que tem como ritmo êstes mesmos versos de Bilac. Diz Luiz Delfino:/ ‘Como o sol quando paira abaixo do horisonte,/ ‘Que sobe e encontra o mar, que sobe e encontra o monte,/ ‘Que sobe e encontra o céu...’”*

Nota da pesquisa: A passagem citada pelo poeta leitor está na p. 154 de *A arte de fazer versos* (Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1914; com prefácio de Alberto de Oliveira), conforme se verifica em exemplar digitalizado desta obra no acervo do projeto BRASILIANA USP, disponibilizado na internet: [http://www.brasiliana.usp.br/bbd/bitstream/handle/1918/00879000/008790\\_COMPLETO.pdf](http://www.brasiliana.usp.br/bbd/bitstream/handle/1918/00879000/008790_COMPLETO.pdf) . O livro de Duque Estrada não faz parte da biblioteca de MA no patrimônio do IEB-USP; nela se localiza, do mesmo autor, *Luiz Delfino: conferência realizada em 6 de agosto de 1914*, na Associação dos Empregados no Commercio (Rio de Janeiro: Typo do Jornal do Commercio, 1915; MA 869.91092D349d), livro sem notas de leitura.

P. 35-36:

PARTE III (3 estrofes)

P. 36:

Notas MA a grafite:

1. Palavra sublinhada e acréscimo de interrogação no v.10, estudo do vocabulário parnasiano:

“Os alicerces bróca, e estrange ? tudo. Um rolo”

2. Traço duplo à margem esquerda dos v.21-30; desfecho do poema sublinhado nos v. 28-30 e expoente (1) no v.28, remetendo ao comentário no rodapé:

E’ que, – vendo rolar, num rapido momento,  
Para o abysmo do olvido e do anniquillamento  
Homens e tradições, revezes e victorias,  
Batalhas e trophéus, seis seculos de glorias  
Num punhado de cinza –, o general previa  
Que Roma, a invicta, a forte, a armipotente, havia  
De ter o mesmo fim da orgulhosa Carthago...  
E, perto, o crepitar estrepitoso e vago  
Do incendio, que lavrava e inda rugia activo,  
Era como o rumor de um pranto convulsivo... (1)

“(1) Mesmo ardil da “Morte de Tapir” de terminar o poema com uma ligeira frase descritiva.”

\*

P.37- 73:

“Via-Lactea” (sonetos)

P. 39:

I. “TALVEZ SONHASSE, QUANDO A VI. MAS VIA”

Notas MA a grafite:

1. Acréscimo de forma ao v.1: *Sereno*
2. Intensidade sonora indicada nos v. 1, 9;
3. Aliteração sublinhada no v. 8, 10-11, estudo da sonoridade;
4. Vocativo sublinhado no v. 12;
5. Variação de intensidade destacada nos v. 1, 11-12;
6. Andamento acrescentado ao v. 14:

I

*Sereno*

(pp.) “Talvez sonhasse, quando a vi. Mas via  
Que, aos raios do luar illuminada,  
Entre as estrellas tremulas subia  
Uma infinita e scintillante escada.  
“E eu olhava-a de baixo, olhava-a... Em cada  
Degrão, que o ouro mais limpido vestia,<sup>1</sup>  
Mudo e sereno, um anjo a harpa doirada,  
Resoante de supplicas, feria...”

(f) “Tu, mãe sagrada! vós também, formosas  
Illusões! sonhos meus! ieis por ella  
Como um bando de sombras vaporosas.

(cresc)

“E, ó meu amor! eu te buscava, quando  
Vi que no alto surgias, calma e bella,<sup>1</sup>  
O olhar celeste para o meu baixando ...”

*rall.....*

Nota da pesquisa: a gradação das intensidades na dinâmica musical, usadas por MA são:

*ppp* – molto pianíssimo ou pianississimo  
*pp* – pianissimo  
*p* – piano  
*fp* – forte-piano  
*mp* – mezzo-piano  
*mf* – mezzo-forte  
*pf* – piano-forte  
*f* – forte  
*ff* – fortissimo  
*fff* – molto fortissimo ou fortississimo

As Notas MA consignam também a variação da intensidade musical:

*cresc* (*crescendo* – aumento progressivo da intensidade de uma parte da música);  
*diminuendo* (diminuição gradativa da intensidade musical).

E demarcam o andamento:

*rall* (*ralentando* – passagem com desaceleração gradual do tempo),  
*mesto* (poética triste, melancólica),  
*allegretto* (andamento mais lento que o *allegro* (andamento rápido),  
*andante* (andamento moderado entre o adágio e o allegro),  
*andantino* (movimento um pouco mais rápido que o andante),  
*largo* (uma das indicações mais lentas da música clássica),  
*stringendo* (aceleração do tempo),  
*smorzando* (sonoridade que vai se extinguindo gradualmente).

A terminologia musical adotada por MA nestas suas notas corresponde a verbetes no *Hugo Riemann Musik Lexikon* (Berlim: M. Hesse, 1929; v. 1, p. 14, 30; 41, 354, 404, 997; v. 2, p. 1119, 1175, 1388-1389, 1464). O musicólogo alemão é referido por MA em seus comentários ao soneto XVII de “Via Lactea”, p. 55.

\*

P. 40:

II. “TUDO OUVIRÁS, POIS QUE, BONDOSA E PURA,”

Notas MA a grafite:

6. Ligadura nos v. 1,5;
7. Sublinhada aliteração no v.8: “pesadelos perseguido”, estudo da sonoridade;
8. Intensidade sonora indicada no v.12: “*f*”;
9. Andamento acrescentado aos v. 1, 9, 12:
10. Acréscimo de forma aos v.6, 14: *rouco, solene*

## II

### *Lento*

“Tudo ouvirás, pois que, bondosa e pura,<sup>)</sup>  
Me ouves agora com melhor ouvido:  
Toda a anciedade, todo o mal soffrido  
Em silencio, na antiga desventura...

“Hoje, quero,<sup>)</sup> em teus braços acolhido,<sup>)</sup>  
Revêr a estrada pavorosa e escura  
(*rouco*)

“Onde, ladeando o abysmo da loucura,  
Andei de pesadelos perseguido.

### *Allegretto*

“Olha-a: torce-se toda na infinita  
Volta dos sete circulos do inferno...  
E nota aquelle vulto: as mãos eleva,

*apressar*

*f* “Tropeça, cáe, soluça, arqueja, grita,  
Buscando um coração que foge, e eterno

*Solene* Ouvindo-o perto palpitar na treva.”

*rall.....*

\*

### P. 41:

### III. “TANTOS ESPARSOS VI PROFUSAMENTE”

#### Notas MA a grafite:

1. Acréscimo de andamento acima dos v. 1, 5, 9, 14;
2. Intensidade sonora indicada nos v.1 (*pp*), 5 (*mf*), 7 (*pp*);
3. Variação de intensidade destacada nos v. 2-3, 4, 13:

## III

### *Allegretto*

*pp* “Tantos esparsos vi profusamente  
Pelo caminho que, a chorar, trilhava!

Tantos havia, tantos! E eu passava  
Por todos elles frio e indifferente...

*rall.. ..*

*crescendo*

*mf*

“Emfim! emfim! pude com a mão tremente  
Achar na treva aquelle que buscava...

(*pp*) Porque fugias, quando eu te chamava,  
Cego e triste, tacteando, anciosamente?

*Andante*

“Vim de longe, seguindo de erro em erro,  
Teu fugitivo coração buscando  
E vendo apenas corações de ferro.

“Pude, porém, tocar-o soluçando...

) < > )

E hoje, feliz, dentro do meu o encerro,  
E ouço-o, feliz, dentro do meu pulsando.”

*Andantino*



\*

P. 42:

IV. “COMO A FLORESTA SECULAR, SOMBRIA,”

Notas MA:

- lápis-tinta:

1. Traço duplo à margem esquerda do texto;

- grafite:

1. Ligadura no final do v. 2;

2. Correção: acréscimo de vírgula no v. 14, isto é, de pausa;

3. Variação de intensidade nos v. 4-5;

4. Construção sublinhada no v. 6;

5. *Acréscimo de forma aos v.1, 9: solene irônico, claro, solene, mais rouco;*

6. Acréscimo de andamento acima dos v.5, 12,14;

7. Sonoridade sublinhada nos v.13-14;

8. Intensidade sonora indicada no v.14: *ff*

#### IV

*Solene ironico*

“Como a floresta secular, sombria,  
Virgem do passo humano e do machado,<sup>1</sup>  
Onde apenas, horrendo, echôa o brado  
Do tigre, e cuja agreste ramaria  
*cresc*

“Não atravessa nunca a luz do dia,  
Assim tambem, da luz do amor privado,  
Tinhas o coração ermo e fechado,  
Como a floresta secular, sombria...

*Solene mais rouco*

*Claro* “Hoje, entre os ramos, a canção sonora  
Soltam festivamente os passarinhos.  
Tinge o cimo das arvores a aurora...

*Extatico*

*ff* .....

*“É um soneto perfeito, duma perfeição admi-/rável. Não se lhe encontra o rebuscado da/ rima nem os qualificativos trombetas do parna-/sianismo: tudo é simples, tudo é delicado,/ tudo é sentimento; e a frase corredia brilha/ como um arroio mais poético sem dúvida/ que todos os amazonas.../ O primeiro e o oitavo verso são o mesmo./ Este artifício da ao soneto uma graça par-/ticular; erigido em sistema cansaria em/ breve, mas usado com discrição, nos sonetos/ mais líricos e delicados produz sempre uma/ graça extraordinária./ É um leit-motif empolgante”*

✱

## V. “DIZEM TODOS: “OUTR’ORA COMO AS AVES”

-lápis-tinta:

- grafite:

7. Fermata marcada no v.7;

9. Acréscimo de forma aos v.1, 9, 12: *familiar, aspero, enfático*.

10. Intensidade sonora indicada nos v. 1 (*p*), 12 (*f*):

V

p “Dizem todos: “Outr’ora como as aves  
Inquieta, como as aves tagarela,  
E hoje... que tens? Que sisudez revela  
Teu ar! que idéas e que modos graves!

Dizem. Mas no silêncio e na cautela

Ficas firme e trancada a sete chaves.

Aspero

“E um diz: “Tolices, nada mais!” Murmura

Outro: “Caprichos de mulher faceira!”

E todos elles afinal: “Loucura!”

Enfático

*f* “Cegos que vos canções a interrogar-a!

Vel-a bastava; que a paixão primeira

Não pela voz, mas pelos olhos fala.”

“(1) Um verso estúpido. Desmancha completamente/ a beleza extraordinária deste soneto. É uma/ noção terrível, prejudicando ~~comple~~ a joia./ Expressão pouco adequada ao lirismo sutil/ e a extrema graça melindrosa do soneto. Tenho/ para mim, que a produção está absolutamente/ prejudicada e que Olavo deveria te-la degradado/ se não pudesse modificar o verso.”

\*

P.44:

VI. “EM MIM TAMBEM, QUE DESCUIDADO VISTES”

Notas MA a grafite:

1. Intensidade sonora indicada no v.1: *mf*;
2. Acréscimo de forma aos v. 1, 9: *Triste. Cansado, doloroso*
3. Andamento do v. 9: *rall*
4. Construção sublinhada no v. 9;
5. Variação de intensidade nos v. 13, 14:

## VI

*Triste. Cansado*

*mf* “Em mim também, que descuidado vistes,  
Encantado e aumentando o próprio encanto,  
Tereis notado que outras cousas canto  
Muito diversas das que outrora ouvistes.

“Mas amastes, sem duvida... Portanto,  
Meditae nas tristezas que sentistes:  
Que eu, por mim, não conheço cousas tristes,  
Que mais afflijam, que torturem tanto.

*doloroso* *rall.....*

“Quem ama inventa as penas em que vive:  
E, em lugar de acalmar as penas, antes  
Busca novo pezar com que as avive.

“Pois sabeis que é por isso que assim ando:

> Que é dos loucos sómente e dos amantes  
Na maior alegria andar chorando.”

P. 45:

VII. “NÃO TÊM FALTADO BOCCAS DE SERPENTES”

Notas MA

- lápis-tinta:

1. Expressão sublinhada no v. 7 e expoente (1), remetendo ao comentário na margem superior;

- grafite:

1. Traço duplo à margem esquerda do texto;
2. Acréscimo de andamento nos v. 1, 7;
3. Acréscimo de forma aos v.5, 7, 9, 13: *Outra voz. Mais devagar, outra voz;*
4. Colchete à margem esquerda dos v. 4-8;
5. Intensidade sonora indicada nos v.1 (mf), 2 (ff), 13 (ff), 14 (ff);
6. Variação de intensidade no v. 14:
- 7.

## VII

*Allegretto*

*mf* “Não têm faltado boccas de serpentes,  
*ff* (D’essas que amam falar de todo o mundo,  
 E a todo o mundo ferem, maldizentes)  
 Que digam: “ Mata o teu amor profundo!

*Outra voz. Mais devagar....*

“Abafa-o, que teus passos imprudentes  
 “Te vão levando a um pélago sem fundo...

*outra voz*

*apressar* “Vaes te perder! “ E, arreganhando os dentes (1)  
 Movem para o teu lado o olhar immundo:

*outra voz*

“Se ella é tão pobre, se não tem belleza,  
 “Irás deixar a gloria desprezada  
 “E os prazeres perdidos por tão pouco?

“Pensa mais no futuro e na riqueza! ”

*outra voz*

*ff* E eu penso que afinal... Não penso nada:  
 Penso apenas que te amo como um louco!”

*ff*

8. Comentário na margem superior:

“(1) Alô! Rima, quantos crimes se cometem por tua causa/ nem os grandes se livram disso! No soneto V Olavo/ tranca a sete chaves a gentil dona para rimar com/ aves,

*agora a boca enorme do mundo arreganha/ desastradamente os dentes pois que é preciso/ rimar com serpentes e imprudentes! ... Olavo/ parece que se esquece do próprio culto: não sera impro-/prio colocar dois dentes de elefante, mesmo do mais/ puro marfim, a enfeitar um vaso de Becerril? ou cobrir/ com a pele fulva do leão uma estatueta de Tanagra?/ Não posso deixar de dizer que me irritam sobrema-/neira estas duas manchas do [ilegível] do verso/ nosso.”*

Nota da pesquisa: MA alude à “Profissão de fé”, de Olavo Bilac, em que o trabalho do poeta é comparado ao do ourives, na preocupação com a forma perfeita. Becerril: antigo artesão romano; Tanagra: antiga escultura de terracota, reproduzindo principalmente mulheres.

9. Comentário no rodapé:

*“(1) Que expressão pouco propria para um/ soneto d’amor. Já no V soneto diz Olavo/ Bilac que a moça estava... fechada a sete/ chaves!...”*

\*

P. 46:

VIII. “EM QUE CÉOS MAIS AZUES, MAIS PUROS ARES”

Notas MA a grafite:

1. Intensidade sonora indicada no v.1;
2. Acréscimo de andamento nos v. 1, 12, 14;
3. Construção sublinhada no v. 8;
4. Variação de intensidade nos v. 12-13:

VIII

*Em surdina*

*pp* “Em que céos mais azues, mais puros ares,  
Vôa pomba mais pura? Em que sombria  
Moita mais nívea flôr acarícia,  
Á noite, a luz dos limpidos luares?

“Vives assim, como a corrente fria,  
Que, intemerata, aos tremulos olhares  
Das estrellas e á sombra dos palmares,  
Corta o seio das mattas, erradia.

“E envolvida de tua virgindade,  
De teu pudor na candida armadura,  
Foges o amor, guardando a castidade,

*Tre corde*

“– Como as montanhas, nos espaços francos

Erguendo os altos pincaros, a alvura  
Guardam da neve que lhes cobre os flancos”

*rall* ..... \_\_\_\_\_

\*

P. 47:

IX. “DE OUTRAS SEI QUE SE MOSTRAM MENOS FRIAS”

Notas MA a grafite:

1. Traço duplo à margem esquerda do texto;
2. Acréscimo de forma ao v. 1: *inquieto*;
3. Acréscimo de andamento no v. 14;
4. Palavras sublinhadas nos v. 4, 8;
5. Intensidade sonora indicada nos v. 1 (*p*), 9 (*mf*, *p*), 10 (*pp*, *p*), 12 (*f*, *pp*, *mf*), 13 (*f*, *pp*);
6. Pleonasma sublinhado no v.14:

## IX

*Inquieto*

*p* “De outras sei que se mostram menos frias,  
Amando menos do que amar pareces.  
Usam todas de lagrimas e preces:  
Tu de acerbas risadas e ironias.

“De modo tal minha atenção desvias,  
Com tal pericia meu engano teces,  
Que, se gelado o coração tivesses,  
Certo, querida, mais ardor terias.

*mf*

*p* “Olho-te: cega ao meu olhar te fazes...

*pp*

*p* Falo-te – e com que fogo a voz levanto! –  
Em vão... Finges-te surda às minhas frases..

*pp*

*mf*

*f* “Surda: e nem ouves meu amargo pranto!

*f* *pp*

Cega: e nem vês a nova dôr que trazes

*Lento* A’ dôr antiga que doía tanto!”

\*

P. 48:

X. “DEIXA QUE O OLHAR DO MUNDO EMFIM DEVASSE”

Notas MA a grafite:

1. Traço duplo à margem esquerda do texto;
2. Acréscimo de forma ao v. 1, 14: *familiar, sorrindo*;
3. Acréscimo de andamento nos v. 9, 12, 14;
4. Variação de intensidade nos v. 3, 7;
5. Intensidade sonora indicada nos v. 1 (*pp*), 9 (*f*), 12 (*pp*):

X

*Familiar*  
*pp* “Deixa que o olhar do mundo emfim devasse  
Teu grande amor que é teu maior segredo!  
*cresc* Que terias perdido, se, mais cedo,  
Todo o affecto que sentes se mostrasse?  
  
“Basta de enganar! Mostra-me sem medo  
Aos homens, affrontando-os face a face:  
*cresc* Quero que os homens todos, quando eu passe,  
Invejosos, apontem-me com o dedo.  
*Allegro*  
*f* “Olha: não posso mais! Ando tão cheio  
D’este amor, que minh'alma se consome  
De te exaltar aos olhos do universo...  
*Tempo de minuete*  
*pp* “Ouço em tudo teu nome, em tudo o leio:  
E, fatigado de calar teu nome,  
Quasi o revelo no final de um verso.”  
*sorrindo* *piu rit*

\*

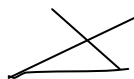
P. 49:

XI. “TODOS ESSES LOUVORES, BEM O VISTE,”

Notas MA a grafite:

1. Cruzeta na margem superior da página;
2. Acréscimo de andamento nos v. 1, 14;
3. Acréscimo de forma aos v. 9, 12: *meditando, humilde*;
4. Variação de intensidade nos v. 6, 14;
5. Palavra sublinhada e ligadura no final do v.7;
6. Acréscimo de vírgula no v.8;
7. Intensidade sonora indicada nos v.9 (*mf*), 12 (*pp*), 14 (*ppp*):

# XI



## Mesto

“Todos esses louvores, bem o viste,  
Não conseguiram demudar-me o aspecto:  
Só me turbou esse louvor discreto  
Que no volver dos olhos traduziste...

“Inda bem que entendeste o meu affecto  
E, atravez d’estas rimas, presentiste  
Meu coração que palpitava, triste,  
E o mal, que havia dentro em mim , secreto.

## Meditando

*mf* “Ai de mim, se de lagrimas inuteis  
Estes versos banhasse, ambicionando  
Das nescias turbas os applausos futeis!

## Humilde pp

“Dou-me por pago, se um olhar lhes déres:  
Fil-os pensando em ti, fil-os pensando  
Na mais pura de todas as mulheres.”

< > *rall* .....  
*ppp* .....

## 2. Comentário na margem superior:

“A poética de Olavo tem todas as modalidades./ a simplicidade magnífica dêstes versos/ encanta... Nêles o maior segredo é um vago sendal/ de tristeza envolvendo um sentimento puro.../ É romantismo puro.”

\*

## P. 50:

XII. “SONHEI QUE ME ESPERAVAS. E, SONHANDO”

## Notas MA:

- lápis-tinta:

1. Traço duplo à margem esquerda do texto;

-a grafite:

1. Acréscimo de forma ao v. 1, 12-13: *sorrindo, outra voz languida, familiar;*
2. Acréscimo de andamento nos v.8;
3. Intensidade sonora indicada no v.1 (*p*), 5(*p*), 8 (*pp*):
4. Variação de intensidade nos v. 3,7;
5. Oralidade sublinhada nos versos 5, 8:

## XII

*sorrindo*

		<p><i>p</i> “Sonhei que me esperavas. E, sonhando, Sahí, ancioso por te ver: corria...</p>
		<p><i>cresc</i> E tudo, ao ver-me tão depressa andando, Soube logo o lugar para onde eu ia.</p>
		<p style="text-align: center;"><i>p</i></p> <p>“E tudo me falou, tudo! Escutando Meus passos, atravez da ramaria,</p>
		<p><i>cresc</i> Dos despertados passaros o bando:</p>
		<p><i>rápido pp</i> ‘<u>Vae mais depressa! Parabens!</u>’ dizia.</p>
		<p style="text-align: center;"><i>Outra voz</i></p> <p>“Disse o luar: “Espera! que eu te sigo: Quero tambem beijar as faces d’ella! “ E disse o aroma: ‘Vae, que eu vou contigo!’</p>
		<p style="text-align: center;"><i>Outra voz languida</i></p> <p>“E cheguei. E, ao chegar, disse uma estrella:</p>
		<p><i>familiar</i> ‘Como és feliz! como és feliz, amigo, Que de tão perto vais ouvil-a e vel-a!’ ”</p>

\*

P. 51:

XIII. “ORA (DIREIS) OUVIR ESTRELLAS! CERTO”

Notas MA

- lápis-tinta:

1. Traço triplo à margem esquerda do texto;

- a grafite:

1. Palavra sublinhada no v. 4;

2. Metáfora sublinhada nos v. 5-7;

3. Ligadura no final do v.7;

4. Sublinha destacando a sonoridade nas sílabas finais,

5. Rima sublinhada nos v. 9-10 e expoente (1) remetendo ao comentário no rodapé;

6. Acréscimo de forma aos v. 1-2, 12: *conversando, outra voz/ solene*;

7. Acréscimo de andamento nos v. 5;

8. Construção sublinhada no v.14:

## XIII

*Conversando*

		<p>““Ora (direis) ouvir estrelas! Certo</p>
		<p style="text-align: center;"><i>Outra voz e serio</i></p>
		<p>Perdeste o senso!” E eu vos direi, no emtanto,</p>
		<p>Que, para ouvil-as, muita vez desperto</p>
		<p>E abro as janellas, <u>pallido</u> de espanto...</p>
		<p style="text-align: center;"><i>Largo</i></p>
		<p>“E conversamos toda a noite, <u>/emquanto</u></p>

A vi ( a-lactea, como um pallio aberto,  
Scintilla ) . E, ao vir do sol, saudoso e em pranto,)

*pp*

Inda as procuro pelo céu deserto.

“Direis agora: ‘Tresloucado amigo!  
Que conversas com ellas? Que sentido (1)’  
Tem o que dizem, quando estão comtigo?’

*Outra voz        solene*

“E eu vos direi: ‘Amae para entendel-as!  
Pois só quem ama póde ter ouvido  
Capaz de ouvir e de entender estrellas.’ ”

*“(1) Duque Estrada critica êstes versos de Olavo,/ e com razão, pela sua homofonia... as mesmas/ vogais dão-lhes o sentido dúbio de uma só/ rima repetida muitas vezes. Certamente, não/ é bom criticar-se cousa consagrada e o soneto/ é sem dúvida sobrexelente, mas... como/ é tão fraquinho aquêlo “pálido de espanto”./ Realmente, não vae empalidecer por tão/ pouco! Mas isto não será defeito.”*

Nota da pesquisa: MA lembra, *A arte de fazer versos* de Duque Estrada (Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1914). No exemplar facsimilado, à p. 139, o autor discute a questão homofonia, exemplificando-a com Olavo Bilac.

\*

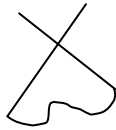
P. 52:

XIV. “VIVER NÃO PUDE SEM QUE O FEL PROVASSE”

Notas MA a grafite:

1. Cruzeta na margem superior da página;
2. Traço à margem esquerda dos v. 1-4;
3. Acréscimo de forma aos v. 1, 2, 9, 14: *Doloroso, Monoto[no], sem inflexões, tremulo, a tempo, monotono;*
4. Intensidade sonora indicada nos v. 3 (*mf*), 5-8 (*f, ff*), 14(*f*).;
5. Variação de intensidade de palavra sublinhada no v. 12;
6. Construção sublinhada no v.14:

# XIV



*Doloroso*

*Monoto[no], sem inflexões*

*Tremulo* | “Viver não pude sem que o fel provasse  
*mf* | D’esse outro amor que nos perverte e engana:’  
 Porque homem sou, e homem não ha que passe  
 Virgem de todo pela vida humana.

*cresc molto*

*f* “Porque tanta serpente atra e profana  
 Dentro d'alma deixei que se aninhasse? *ff*

*cresc molto*

*f* Por que, abrazado de uma sêde insana,  
 A impuros labios entreguei a face? *ff*

*A tempo*

“Depois dos labios sofregos e ardentes,  
 Senti – duro castigo aos meus desejos –  
 O gume fino de perversos dentes...

< >

“E não posso das faces polluidas  
 Apagar os vestigios d’esses beijos  
 E os sangrentos signaes d’essas feridas!”

*f. monotono*

\*

P. 53:

XV. “ÍNDA HOJE, O LIVRO DO PASSADO ABRINDO”

Notas MA

- lápis-tinta:

1. Palavra sublinhada no v. 8;

- grafite:

1. Traço duplo à margem esquerda do texto;
2. Construção sublinhada no v. 4;
3. Acréscimo de forma aos v. 1 e 9: *Cansado e triste, num murmúrio, Imediatamente o verso se-/guinte;*
4. Intensidade sonora indicada no v.2 (*pp*), 12 (*p*) , 13 (*f*), 14 (*ff*) ;
5. Variação de intensidade de palavras dos v. 11-12:

## XV

*Cansado e triste, num murmúrio*

*pp* “Inda hoje, o livro do passado abrindo,  
Lembro-as e punge-me a lembrança d’ellas;  
Lembro-as, e vejo-as, como as vi partindo,  
Estas cantando, soluçando aquellas.

“Umas, de meigo olhar piedoso e lindo,  
Sob as rosas de neve das capellas;  
Outras, de labios de coral, sorrindo,  
Desnudo o seio, lubricas e bellas...

“Todas, formosas como tu, chegaram, *Imediatamente o verso se-/guinte*  
Partiram... ē, ao partir, dentro em meu seio  
Todo o veneno da paixão deixaram.

< > < >

< > *cresc*

*p* “Mas, ah! nenhuma teve o teu encanto,  
*f* Nem teve olhar como esse olhar, tão cheio  
*f* De luz tão viva, que abrazasse tanto!”

*ff*

\*

P. 54:

XVI. “LÁ FÓRA, A VOZ DO VENTO ULULE ROUCA!”

Notas MA

- lápis-tinta:

1. Traço duplo à margem esquerda do texto;
2. Rima sublinhada nos v. 1, 4;
3. Sinônimo anotado no v.7;

- grafite:

1. Aliteração e assonância sublinhadas no v.1;
2. Intensidade sonora indicada nos v.1(*f*), 2 (*p*), 12 (*pp*);
3. Acréscimo de forma aos v.1, 2, 5, 9, 12: *rouco, claro, extase, extase crescente, solene mais devagar*;
4. Acréscimo de andamento nos v. 14;
5. Imperativo sublinhado no v. 10;
6. Barras marcando ritmo no v. 12:

## XVI

<i>Rouco</i>		<i>f</i> “ <u>Lá fóra</u> , a voz do vento ulule rouca!
<i>Claro p</i>		Tu, a cabeça no meu hombro inclina, E essa bocca vermelha e pequenina Approxima, a sorrir, de minha <u>bocca</u> !
<i>Extase</i>	<i>hibernal</i>	“Que eu a fronte repouse anciosa e louca Em teu seio, mais alvo que a neblina Que, nas manhãs <u>hiemaes</u> , humida e fina, Da serra as grimpas verdejantes touca!
<i>Extase crescente</i>		“Sólta as tranças agora, como um manto! <u>Canta!</u> Embala-me o somno com teu canto! E eu, aos raios tranquillos d’esse olhar,
<i>cresc</i>	<i>pp</i>	<i>solene mais devagar</i>
		“Possa dormir / sereno, / como o rio Que, em noites calmas, socegado e frio, Dorme aos raios de prata do luar!...”
		<i>rall</i> . . . . .

\*


P. 55:

XVII. “POR ESTAS NOITES FRIAS E BRUMOSAS”

Notas MA a grafite:

1. Cruzeta no na margem superior da página;
2. Intensidade sonora indicada nos v.1 (*mf*), 2(*pp*), 5(*pp*), 9(*ff*), 12(*f*), 14(*ff*);
3. Acréscimo de forma aos v. 1: *calmo*;
4. Acréscimo de andamento nos v. 5, 9, 10, 12, 14;
5. Variação de intensidade no v. 1, 9-10;
6. Sonoridade sublinhada para além da rima nas sílabas finais dos v.9-10:

## XVII

<i>Calmo</i>		
<i>mf</i>		“Por estas <u>noites frias</u> e brumosas
	<i>pp</i>	É que melhor se póde amar, querida! Nem uma estrella pallida, perdida Entre a nevoa, abre as palpebras medrosas...

*pp Rapidissimo*

“Mas um perfume calido de rosas  
Corre a face da terra adormecida...  
E a nevoa cresce, e, em grupos repartida,  
Enche os ares de sombras vaporosas:

*Preste*

*ff* “Sombras errantes, corpos nús, ardentes  
*cresc*

Carnes lascivas... um rumor vibrante  
De attritos longos e de beijos quentes...

*Allegro f*

“E os céos se estendem, palpitando, cheios  
Da tepida brancura fulgurante

*ff* De um turbilhão de braços e de seios.”

*Tempo de marcha*

2. Comentário no rodapé:

“Reparar na observação de Riemann sobre agógica.”

Nota da pesquisa: O termo *agógica* designa as variações do tempo praticadas durante a interpretação de uma obra musical com o objetivo de torná-la mais expressiva. Termo usado a 1ª vez por Hugo Riemann. Em sua biblioteca, MA possui estas obras do musicólogo alemão: *Hugo Riemann musik lexikon* (1929 – IEB: MA r780.3R556m v. 1 e 2 [F/II/d/19 e 20]), um dicionário musical, *Fraseo musical* (1928 – IEB: MA 781.65 R556f [B/III/h/31]) *Musikgeschichte in beispielen* (1925 – IEB: MA 780.9R556m [F/II/d/4]), conjunto de partituras para estudo; *Handbuch des Klavierspiels* (1916 – IEB: MA 786.3R556h); *Grundriss der kompositonsleheremusikalische formenleeher* (1920 – IEB: 781.61R556g v.1 e 2); *L Van Beethoven samtliche klavier=solosonatenasthetische und formal=technische analyse mit historichen notizen* (1920 – IEB: MA 780.92B415r v.1 e 3); *Handbuch des musik-diktats: (systematische Gehörsbildung)* (1916 – IEB: MA 781R556h); *Elementos de estética musical* (1914 – IEB: MA 780.1R556e); *Dictionnaire de musique* (1913 – IEB: MA r780.3R556d); *Storia universali della musica* (1912 – IEB: MA 780.9R556s); *Handbuch der fugen = komposition* (19-? – IEB: MA 786.42R556h v. 1 e 3); *Handbuch der musikinstrumente: kleine instrumentalehre* (19-? – IEB: MA 785R556h); *Vademecum der fhrasierung* (19-? – IEB: MA 781.65R556v); *Handbuch der orgel: orgellehre* (19-? – IEB: MA 786.6R556h); *Abriss der musikgeschichte* (19-? – IEB: MA 780.9R556a v.1 e 2).

\*

P. 56:

XVIII. “DORMES... MAS QUE SUSSURRO A HUMEDECIDA”

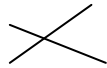
Notas MA a grafite:

1. Traço triplo à margem esquerda do texto;
2. Cruzeta na margem superior da página;
3. Acréscimo de forma aos v. 1, 5, 14: *num êxtase, num sonho, aspero*;

4. Síntese sublinhada no v. 5;
5. Variação de intensidade do v. 7:
6. Acréscimo de colchete no v.7;
7. Intensidade sonora indicada na margem superior da página (*ppp*), nos v.1(*p*), 14(*mf*):

## XVIII

*ppp*



*Num extase*

*pp* “Dormes... Mas que sussurro a humedecida  
Terra desperta? Que rumor enleva  
As estrelas, que no alto a Noite leva  
Presas, luzindo, á tunica estendida?

*Num sonho*

“São meus versos! Palpita a minha vida  
Nelles, phalenas que a saudade eleva

< >

De meu seio, e que vão, [ rompendo a treva,  
Encher teus sonhos, pomba adormecida!

“Dormes, com os seios nús, no travesseiro  
Solto o cabelo negro... e eil-os, correndo,  
Doucejantes, subtis, teu corpo inteiro...

“Beijam-te a bocca tepida e macia,  
Sobem, descem, teu halito sorvendo...  
Por que surge tão cedo a luz do dia?!...”

*Aspero mf*

\*

P. 57:

XIX. “SAE A PASSEIO, MAL O DIA NASCE”

Notas MA a grafite:

1. Traço duplo à margem esquerda do texto;
2. Intensidade sonora indicada no v.1(*mf*), 5 (*mf, p*), 9 (*ppp*), 12 (*f*);
3. Acréscimo de forma aos v. 1, 12: *contando, claro*;
4. Variação de intensidade dos v. 9, 14:

## XIX

### *Contando*

*mf* “Sae a passeio, mal o dia nasce,  
Bella, nas simples roupas vaporosas;  
mostra ás rosas do jardim as rosas  
Frescas e puras que possúe na face.

*mf*  
*p* “Passa. E todo o jardim, por que ella passe,  
Atavia-se. Ha falas mysteriosas  
Pelas moitas, saudando-a respeitosas...  
É como se uma sylphide passasse!

*ppp* —————  
“E a luz cerca-a, beijando-a. O vento é um choro...  
Curvam-se as flores tremulas... O bando  
Das aves todas vem saudal-a em côro...

*f Claro*  
“E ella vai, dando ao sol o rosto brando,  
Ás aves dando o olhar, ao vento o louro  
Cabello, e ás flores os sorrisos dando...”

—————

\*

### P. 58:

XX. “OLHA-ME! O TEU OLHAR SERENO E BRANDO”

### Notas MA a grafite:

1. Acréscimo de forma aos v. 1, 14: *Sensual – abafado e morno, claro e místico;*
2. Variação de intensidade do v. 9:

## XX

### *Sensual – abafado e morno*

“Olha-me! O teu olhar sereno e brando  
Entra-me o peito, como um largo rio  
De ondas de ouro e de luz, limpido, entrando  
O ermo de um bosque tenebroso e frio.

“Fala-me! Em grupos doudejantes, quando  
Falas, por noites calidas de estio,

————— —————  
As estrellas accendem-se, radiando,  
Altas, semeadas pelo céu sombrio.

“Olha-me assim! Fala-me assim! De pranto  
Agora, agora de ternura cheia,  
Abre em chispas de fogo essa pupilla...

E enquanto eu ardo em sua luz, enquanto  
Em seu fulgor me abraço, uma sereia  
Soluce e cante nessa voz tranqüilla!”

*Claro e místico*

3. Comentário no rodapé:

“Notar a habilidade e a beleza do entrocamento/ de tais versos.”

\*

P. 59:

XXI. “SEI QUE UM DIA NÃO HA E ISSO É BASTANTE”

Notas MA a grafite:

1. Título circulado;
2. Traço duplo à margem esquerda do texto;
3. Texto rabiscado:

XXI

*A minha mãe.*

“Sei que um dia não ha (e isso é bastante  
A esta saudade, mãe!) em que a teu lado  
Sentir não julgues minha sombra errante,  
Passo a passo a seguir teu vulto amado.

“– Minha mãe! minha mãe! – a cada instante  
Ouves. Volves, em lágrimas banhado,  
O rosto, conhecendo soluçante  
Minha voz e meu passo costumado.

“E sentes alta noite no teu leito  
Minh'alma na tua alma repousando,  
Repousando meu peito no teu peito...

“E encho os teus sonhos, em teus sonhos brilho,  
E abres os braços tremulos, chorando,  
Para nos braços apertar teu filho!”

\*

P. 60:

XXII. “QUANDO TE LEIO, AS CENAS ANIMADAS”

Notas MA:

1. Título circulado;
2. Texto rabiscado;
3. Expoente (1) no v. 6, remetendo ao comentário no rodapé;
4. Decassílabo sublinhado nos v. 6-7:

XXII

*A Goethe*

“Quando te leio, as cenas animadas  
Por teu genio, as paisagens que imaginas,  
Cheias de vida, avultam repentinas,  
Claramente aos meus olhos desdobradas...”

“Vejo o céu, vejo as serras coroadas  
De gelo, (1) e o sol, que o manto das neblinas  
Rompe, aquecendo as frígidas campinas  
E iluminando os vales e as estradas.

“Ouço o rumor soturno da charrúa,  
E os rouxinóis que, no carvalho erguido,  
A voz modulam de ternuras cheia:

“E vejo, á luz tristíssima da lua,  
Hermann, que scisma, pallido, embebido  
No meigo olhar da loura Dorothéa.”

“(1) Um decassílabo”

\*

P. 61:

XXIII. “LAURA! DIZES QUE FABIO ANDA OFFENDIDO”

Notas MA:

1. Título circulado;
2. Traço duplo à margem esquerda do texto;
3. Texto rabiscado:

“Laura! dizes que Fabio anda offendido  
 E, apesar de offendido, namorado,  
 Buscando a extincta chamma do passado  
 Nas cinzas frias avivar do olvido.

“Vá que o faça, e que o faça por perdido  
 De amor... Creio que o faz por despeitado:  
 Porque o amor, uma vez abandonado,  
 Não torna a ser o que já tinha sido.

“Não lhe creias nos olhos nem na bocca,  
 Inda mesmo que os vejas, como pensas,  
 Mentir carícias, desmentir tristezas..

“Porque finezas sobre arrufos, louca,  
 Finezas podem ser; mas, sobre offensas,  
 Mais parecem vinganças que finezas.”

2. Comentário no rodapé:

*“Olavo aqui não é Olavo. O soneto tem sabor leve-/mente clássico da-nos uma lembrança de/ Camões.”*

\*

P. 62:

XXIV. “VEJO-A, CONTEMPLO-A COMMOVIDO... AQUELLA”

Notas MA a grafite:

1. Título circulado;
2. Texto rabiscado;
3. Escansão e expoente (1) no v.10, remetendo ao comentário no rodapé:

XXIV

A Luiz Guimarães

“Vejo-a, contemplo-a comovido... Aquella  
Que amaste, e, de teus braços arrancada,  
Desceu da morte a tenebrosa escada,  
Calma e pura aos meus olhos se revela.

“Vejo-lhe o riso placido, a singela  
Feição, aquela graça delicada,  
Que uma divina mão deixou vasada  
No eterno bronze, eternamente bella

“Só lhe não vejo o olhar sereno e triste:  
– Céu, (I) po / eta, onde as azas, suspirando,  
Chorando e rindo loucamente abriste...

“– Céu povoado de estrelas, onde as hordas  
Dos archanjos cruzavam-se, pulsando  
Das lyras de ouro as gemedoras cordas.”

*“Bilac conta excepcionalmente poeta/ com 3 pés”*

\*

P.63:

XXV. “TU, QUE NO PEGO IMPURO DAS ORGIAS”

Notas MA a grafite:

1. Título circulado;
2. Texto rabiscado;
3. Traço triplo à margem direita e esquerda dos v. 1-4:

XXV

*A Bocage*

“Tu, que no pego impuro das orgias  
Mergulhavas ancioso e descontente,  
E, quando á tona vinhas de repente,  
Cheias as mãos de perolas trazias;

“Tu, que do amor e pelo amor vivias,  
E que, como de limpida nascente,  
Dos lábios e dos olhos a torrente  
Dos versos e das lágrimas vertias;

“Mestre querido! viverás, enquanto  
Houver quem pulse o magico instrumento,  
E preze a língua que prezavas tanto:

“E enquanto houver num ponto do universo  
 Quem ame e sofra, e amor e sofrimento  
 Saiba, chorando, traduzir no verso.”

\*

P.64:

XXVI. “QUANDO CANTAS, MINH'ALMA DESPREZANDO”

Notas MA a grafite:

1. Acréscimo de andamento nos v. 1;
2. Acréscimo de forma aos v.9, 12: *outro som lento, triste e galante*;
3. Assonância sublinhada nos v. 2-3;
4. Inversão sublinhada no v. 4;
5. Sonoridade sublinhada no v.5;
6. Variação de intensidade dos v. 1, 2, 9, 11
7. Intensidade sonora indicada nos v. 1(pp), 9 (pp):

## XXVI

*Andantino*

*pp* “Quando cantas, minh'alma desprezando

O envolucro do corpo, ascende ás bellas  
Altas espheras de ouro, e, acima d'ellas,  
Ouve archanjos as citharas pulsando.

“Corre os paizes longes, que revelas  
 Ao som divino do teu canto: e, quando  
 Baixas a voz, ella tambem, chorando,  
 Desce, entre os claros grupos das estrellas.

*pp* Outro som lento

“E expira a tua voz. Do paraíso,  
 A que subira ouvindo-te, cahido,  
 Fico a fitar-te pallido, indeciso...

*Triste e Galante*

“E enquanto scismas, sorridente e casta,  
 A teus pés, como um passaro ferido,  
 Toda a minha alma tremula se arrasta...”

\*

P. 65:

XXVII. “HONTEM – NESICIO QUE FUI! – MALICIOSA”

Notas MA a grafite:

1. Acréscimo de andamento nos v. 1, 5;
2. Acréscimo de forma aos v.3, 9, 12: *inocente, suspirando aspero, amuado*;
3. Intensidade sonora indicada nos v.1 (*p, mf*), 8 (*p*), 14 (*p*);
4. Variação de intensidade do v. 14:

XXVII

*Tempo de minuete*

*p*                      *mf*                      *p*  
“Hontem – nescio que fui! – maliciosa  
Disse uma estrella, a rir, na immensa altura:

*Inocente*

‘Amigo! uma de nós, a mais formosa  
De todas nós, a mais formosa e pura,  
*cresc*  
“Faz annos amanhã... Vamos! procura  
A rima de ouro mais brilhante, a rosa  
De côr mais viva e de maior frescura! ’  
E eu murmurei commigo: ‘Mentirosa!

*Suspirando*                      *p aspero*  
“E segui. Pois tão cego fui por ellas,  
Que, emfim, curado pelos seus enganoses,  
Já não creio em nenhuma das estrellas...

*amuado*

“E – mal de mim! – eis-me, a teus pés, em pranto...  
Olha: se nada fiz para os teus annos,  
Culpa as tuas irmãs que enganam tanto!”

══════════ *p* ══════════

\*

P. 66:

XXVIII. “PINTA-ME A CURVA D’ESTES CÉOS... AGORA”

Notas MA a grafite:

1. Traço duplo à margem esquerda do texto;
2. Acréscimo de andamento nos v. 1, 4, 12,14;
3. Acréscimo de forma aos v.5, 9: *sem pausa luminoso, sem pausa*;
4. Ligaduras ao final dos v. 1, 6 e no meio dos v. 2, 6;
5. Variação de intensidade do v. 3, 6;
6. Construção sublinhada no v. 8;
7. Intensidade sonora indicada nos v. 1(*mf*), 4 (*ff*), 5(*f*), 9 (*f*):

## XXVIII

### *Andantino*

*mf* “Pinta-me a curva d’estes céos... Agora, <sup>’</sup>  
Erecta, <sup>’</sup> ao fundo <sup>’</sup>, a cordilheira apruma:  
*cresc* Pinta as nuvens de fogo de uma em uma,  
E alto, entre as nuvens, *ff* o raiair da aurora

### *Sem pausa*

### *luminoso*

*f* “Sólta, ondulando, os véos de espessa bruma,  
E o valle pinta, e, <sup>’</sup> pelo valle em fóra, <sup>’</sup>

< >

A correnteza turbida e sonora

Do Parahyba, em torvelins de espuma.

### *Sem pausa*

*f* “Pinta *f*; mas vê de que maneira pintas...  
Antes busques as côres da tristeza,  
Poupando o escriptorio das alegres tintas:

### *Andante*

“ – Tristeza singular, estranha magua  
De que vejo coberta a natureza,  
Porque a vejo com os olhos rasos d’agua.”

*rall* .....

\*

### P. 67:

XXIX. “POR TANTO TEMPO, DESVAIRADO E AFFLICTO”

### Notas MA a grafite:

1. Traço duplo à margem esquerda do texto;
2. Cruzeta na margem superior;
3. Ligadura no meio do v. 1 e ao final do v. 2;
4. Intensidade sonora indicada nos v. 1(*f*), 7 (*mf*);
5. Palavra sublinhada e fermata no v. 6;
6. Acréscimo de forma aos v. 1, 5-6, 8-9,12: *monotono, rouco, claro, rouco, religioso, claro mas doloroso*;
7. Personificação sublinhada no v. 9;
8. Escansão dos decassílabos marcada nos v. 12-13;
9. Hipérbole sublinhada no v.14:

## XXIX



### *Monotono*

*f* “Por tanto tempo, ’ desvairado e afflicto,  
Fitei naquella noite o firmamento, ’  
Que inda hoje mesmo, quando acaso o fito,  
Tudo aquillo me vem ao pensamento.

### *Rouco*

*Claro* “Sahi, no peito o derradeiro grito  
*mf* Calcando a custó, sem chorar, violento...  
*Rouco* E o céu fulgia placido e infinito,  
E havia um choro no rumor do vento...

### *Religioso*

“Piedoso céu, que a minha dôr sentiste!  
A aurea esfera da lua o occaso entrava,  
Rompendo as leves nuvens transparentes;  
*Claro mas doloroso*  
“E sobre mim, silenciosa e triste, /  
A vi/a-lactea se desenrolava  
Como um jorro de lagrimas ardentes.”

\*

P. 68:

XXX. “AO CORAÇÃO QUE SOFRE, SEPARADO”

Notas MA a grafite:

1. Traço duplo à margem esquerda do texto;
2. Acréscimo de forma ao v.1: *familiar*;
3. Acréscimo de andamento nos v. 8;
4. Inversão sublinhada no v. 2;
5. Intensidade sonora indicada nos v. 1(*p*), 9 (*mf*), 12 (*f*), 14 (*ff*);
6. Variação de intensidade do v. 5, 9, 14;
7. Palavras sublinhadas nos v. 7, 13-14:

XXX

*Familiar*

*p* “Ao coração que sofre, separado  
Do teu, no exílio em que a chorar me vejo,  
Não basta o affecto simples e sagrado  
Com que das desventuras me protejo.

“Não me basta saber que sou amado,  
Nem só desejo o teu amor: desejo  
Ter nos braços teu corpo delicado,  
Ter na bocca a doçura de teu beijo.

*cresc* *ral*

*mf* “E as justas ambições que me consomem  
Não me envergonham: pois maior baixeza  
Não ha que a terra pelo céu trocar;

*f* “E mais eleva o coração de um homem  
Ser de homem sempre e, na maior pureza,  
Ficar na terra e humanamente amar.”

*ff*

\*

P. 69:

XXXI. “LONGE DE TI, SE ESCUTO, PORVENTURA,”

Notas MA a grafite:

1. Intensidade sonora indicada no v. 1 (*pp*);
2. Acréscimo de forma ao v. 1: *simples*;
3. Acréscimo de andamento nos v. 9, 12;
4. Palavra sublinhada no v. 5;
5. Variação de intensidade do v. 14:

XXXI

*Simples*

*pp* “Longe de ti, se escuto, porventura,  
Teu nome, que uma bocca indifferente  
Entre outros nomes de mulher murmura,  
Sobe-me o pranto aos olhos, de repente...

“Tal aquelle, que, miserio, a tortura  
Soffre de amargo exilio, e tristemente

A linguagem natal, maviosa e pura,  
Ouve falada por estranha gente...

*Cresc , mais rapido*

“Porque teu nome é para mim o nome  
De uma patria distante e idolatrada,  
Cuja saudade ardente me consome:

*A tempo*

“E ouvil-o é ver a eterna primavera  
E a eterna luz da terra abençoada,  
Onde, entre flores, teu amor me espera.”



\*

P.70:

XXXII. “LEIO-TE: – O PRANTO DOS MEUS OLHOS ROLA: –”

Notas MA a grafite:

1. Título circulado;
2. Texto rabiscado:

XXXII

*A um poeta*

“Leio-te: – o pranto dos meus olhos rola: –  
– Do seu cabelo o delicado cheiro,  
Da sua voz o timbre prazenteiro,  
Tudo do livro sinto que se evola...”

“Todo o nosso romance: – a doce esmola  
Do seu primeiro olhar, o seu primeiro  
Sorriso, – neste poema verdadeiro,  
Tudo ao meu triste olhar se desenrola.”

“Sinto animar-se todo o meu passado:  
E quanto mais as paginas folheio,  
Mais vejo em tudo aquelle vulto amado.”

“Ouço junto de mim bater-lhe o seio,  
E cuido vel-a, placida, a meu lado,  
Lendo commigo a pagina que leio.”

\*

P. 71:

XXXIII. “COMO QUISESSE LIVRE SER, DEIXANDO”

Notas MA a grafite:

1. Acréscimo de forma nos v. 1, 12: *simples, contando, amoroso*;
2. Intensidade sonora indicada nos v. 6 (*mb*), 7 (*f*), 8 (*f*), 12 (*p*), 13 (*mf*);
3. Fermata nos v. 7-8;
4. Palavra sublinhada no v. 10;
5. Variação de intensidade do v. 14:

### XXXIII

*Simples, contando*

“Como quisesse livre ser, deixando  
As paragens nataes, espaço em fóra,  
A ave, ao bafejo tepido da aurora,  
Abriu as asas e partiu cantando.

“Estranhos climas, longes céos, cortando  
Nuvens e nuvens, percorreu: e, agora *mb*  
*f* Que morre o sol, suspende o vôo, e chora,  
*f* E chora, a vida antiga recordando...

*rit.....*

“E logo, o olhar volvendo compungido  
Atraz, volta saudosa do carinho,  
Do calor da primeira habitação.

*Amoroso*

*p* “Assim por largo tempo andei perdido:  
*mf* – Ah! que alegria ver de novo o ninho,  
Ver-te, e beijar-te a pequenina mão!”

< >

\*

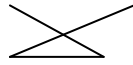
P. 72:

XXXIV. “QUANDO ADIVINHA QUE VOU VEL-A, E Á ESCADA”

Notas MA a grafite:

1. Cruzeta na margem superior;
2. Acréscimo de andamento nos v. 1, 7-9;
3. Construção sublinhada nos v. 7-8;
4. Acréscimo de parênteses destacando metáfora nos v. 10-11;
5. Variação de intensidade do v. 12;
6. Palavra sublinhada no v. 12:

# XXXIV



*Tempo de minuete*  
*Allegretto mf* “Quando adivinha que vou vel-a, e á escada  
 Ouve-me a voz e o meu andar conhece,  
 Fica pallida, assusta-se, estremece,  
 E não sei porque foge envergonhada.

“Volta depois. Á porta, alvoroçada,  
 Sorrindo, em fogo as faces, apparece:  
*surdo* | E talvez entendendo a muda prece  
*Mais lento* | De meus olhos, adianta-se apressada.

*Stringendo* *a tempo*  
 “Corre, delira, multiplica os passos;  
 ( E o chão, sob os seus passos murmurando,  
 Segue-a de um hymno, de um rumor de festa... )  
 < >  
 “E ah! que desejo de a tomar nos braços,  
 O movimento rapido sustando  
 Das duas azas que a paixão lhe empresta!”

\*

P.73:

XXXV. “Pouco me peza que mofeis sorrindo”

Notas MA a grafite:

1. Traço duplo à margem esquerda do texto;
2. Adjetivos sublinhados no v. 2;
3. Ênfase destacada no v. 6;
4. Período sublinhado no v. 9,
5. Reiteração sublinhada no v. 11;
5. Ligadura no v. 12;
6. Palavras sublinhadas nos v. 12, 14;
7. Variação de intensidade no v. 1, 14:

XXXV

*Desdenhoso*

*mf* “Pouco me peza que moeis sorrindo

*pp*

D’estes versos puríssimos e santos:

Porque, nisto de amor e íntimos prantos,

Dos louvores do público prescindo.

*Enfático*

*simples*

“Homens de bronze! um haverá, de tantos,

*p*

(Talvez um só) que, esta paixão sentindo,

Aqui demore o olhar, vendo e medindo

O alcance e o sentimento d’estes cantos.

*Aspero simples*

*smorzando.....*

“Será esse o meu público. E, decerto,

Esse dirá: ‘Pode viver tranquilo

Quem assim ama, sendo assim amado!’

“E, tremulo, ) de lágrimas coberto, )

Há de estimar quem lhe contou aquilo

Que nunca ouviu com tanto ardor contado.”

< >

\*\*\*

P.75-139:

“Sarças de fogo”

P. 77-78:

O JULGAMENTO DE PHRYNÉA (7 estrofes)

P.78:

Notas MA a grafite:

1. Palavra sublinhada no v. 32: “Leva ao lar a sizânia (1) e as famílias enluta!”; estudo do vocabulário parnasiano; expoente (1), remetendo ao comentário no rodapé:

“Sizânia ou cizânia = rixa, desarmonia”

\*

P. 79:

MARINHA (3 estrofes)

Notas MA:

- grafite:

1. Título sublinhado:

“Marinha”

- lápis-tinta:

1. Traço duplo à margem esquerda do texto:

“Sobre as ondas oscilla o batel docemente...  
Sopra o vento a gemer. Treme enfunada a véla.  
Na agua mansa do mar passam tremulamente  
Aureos traços de luz, brilhando esparsos nella.

“Lá desponta o luar. Tu, palpitante e bella,  
Canta! Chega-te a mim! Dá-me essa bocca ardente!  
Sobre as ondas oscilla o batel docemente...  
Sopra o vento a gemer. Treme enfunada a véla.

“Vagas azues, parae! Curvo céu transparente,  
Nuvens de prata, ouvi! – Ouça na altura a estrella,  
Ouça de baixo o oceano, ouça o luar albente:  
Ella canta! - e, embalado ao som do canto d’ella,  
Sobre as ondas oscilla o batel docemente.”

\*

P. 80-81:

SOBRE AS BODAS DE UM SEXAGENARIO (4 estrofes)

P.80:

Nota MA a grafite: quiasmo sublinhado no v. 8:

“Quem te estendeu a vida, estendendo-te os braços?”

P. 81:

Notas MA a grafite:

1. Escansão marcada no alexandrino do v. 23:

“So/ar de instante a instante um passo mal seguro”

2. Palavra sublinhada no v. 34: “Riça (*l*) a juba, e, abalando a solidão nocturna,” estudo do vocabulário parnasiano; expoente (*l*), remetendo ao comentário no rodapé:

“Riçar: tornar riço (*crêspo*), encaracolar, encarapinhar/ o cabelo; Fazer arrepiar cabelo.”

\*

P.82:

ABYSSUS (soneto)

Notas MA

- lápis-tinta:

1. Traço duplo à margem esquerda do texto;

- grafite:

1. Sonoridade sublinhada no v. 10:

“Bella e traidora! Beijas e assassinas...  
Quem te vê não tem forças que te oponha:  
Ama-te, e dorme no teu seio, e sonha,  
E, quando acorda, acorda feito em ruínas...  
“Seduzes, e convidas, e fascinas,  
Como o abysmo que, perfido, a medonha  
Fauce apresenta flórida e risonha,  
Tapetada de rosas e boninas.  
“O viajor, vendo as flores, fatigado  
Foge o sol, e, deixando a estrada poenta,  
Avança incauto... Subito, esbroado,  
“Falta-lhe o solo aos pés: recúa e corre,  
Vacilla e grita, luta e se ensanguenta,  
E rola, e tomba, e se espedaça, e morre...”

\*

P. 83-85:

PANTUM (13 estrofes)

P. 84:

Nota MA a grafite: sublinha destacando sonoridade no v. 20:

“Vi lá em baixo o teu vulto que passava”

\*

P. 86:

NA THEBAIDA (soneto)

Nota MA a grafite: título sublinhado:

“Na Thebaida”

\*

P. 87-89:

MILAGRE (14 estrofes)

P.88:

Nota MA a grafite: sonoridade sublinhada para além da rima nos v. 21-22:

“Estrella de ouro calma e bella,  
Que, abrindo a lucida pupilla,”

\*

P. 91-92:

SUPPLICA (5 estrofes)

P. 91:

Nota MA a grafite: título sublinhado:

“Supplica”

P.92:

Nota MA: cacófato sublinhado no v. 22:

“Com a flor não me contento”

\*

P.94:

RIO ABAIXO (soneto)

Nota MA a grafite: traço duplo à margem esquerda do texto:

“Treme o rio, a rolar, de vaga em vaga...  
Quasi noite. Ao sabor do curso lento  
Da agua, que as margens em redor alaga,  
Seguimos. Curva os bambuaes o vento.

“Vivo ha pouco, de purpura, sangrento,  
Desmaia agora o occaso. A noite apaga  
A derradeira luz do firmamento...  
Rola o rio, a tremer, de vaga em vaga.

“Um silencio tristissimo por tudo  
Se espalha. Mas a lua lentamente  
Surge na fimbria do horizonte mudo:

“E o seu reflexo pallido, embebido  
Como um gladio de prata na corrente,  
Rasga o seio do rio adormecido.”

\*

P. 102-104:

UM TRECHO DE TH. GAUTIER (5 estrofes)

P. 102:

Nota MA a grafite: palavra sublinhada no v. 5: “Cheia de emanções mephiticas, repleta”; estudo do vocabulário parnasiano:

\*

P.106-108:

PARAPHRASE DE BAUDELAIRE (4 estrofes)

P. 106-108:

Notas MA a grafite:

1. Anotação na margem esquerda, remetendo comentário no rodapé:

*“Vide nota ao fim”*

2. Alexandrinos sublinhados nos v. 3-4, 6, 16, 22, 26, 30, 33, 36, 48, separados por barra no sextissílabo e numerados de 1-10:

“Assim! Quero sentir sobre a minha cabeça  
O peso d’essa noite embalsamada e espessa...  
1 Que suave calor./ que volupia divina  
2 As carnes me penetra / e os nervos me domina!  
Ah! deixa-me aspirar indefinidamente  
3 Este aroma subtil, / este perfume ardente!  
Deixa-me adormecer envolto em teus cabellos!...  
Quero sentil-os, quero aspira-los, sorvel-os,  
E nelles mergulhar loucamente o meu rosto,  
Como quem vem de longe, e, ás horas do sol posto,  
Acha a um canto da estrada uma nascente pura,  
Onde mitiga ancioso a sêde que o tortura...  
Quero tel-os nas mãos, e agital-os, cantando,  
Como a um lenço, pelo ar saudades espalhando..  
Ah! se pudesses ver tudo o que neles vejo!  
4 – Meu desvairado amor!/ meu insano desejo!...  
“Teus cabellos contêm uma visão completa:  
– Largas aguas, movendo a superficie inquieta,  
Cheia de um turbilhão de velas e de mastros,  
Sob o claro docel palpitante dos astros;  
Cava-se o mar, rugindo, ao peso dos navios  
5 De todas as nações / e todos os feitios. 5  
Desenrolando no alto as flammulas ao vento,  
E recortando o azul do limpo firmamento,  
Sob o qual ha uma eterna, uma infinita calma.  
6 “E prevê meu olhar / e presente minh’alma 6  
Longe, – onde, mais profundo e mais azul, se arqueia

O céu, onde ha mais luz, e onde a atmospha, cheia  
 De aromas, ao repouso e ao divagar convida, –  
 7 Um paiz encantado, / uma região querida, 7  
 Fresca, sorrindo ao sol, entre fructos e flores:  
 – Terra santa da luz, do sonho e dos amores...  
 8 Terra que nunca vi, / terra que não existe, 8  
 Mas da qual, entretanto, eu, desterrado e triste,  
 Sinto no coração, ralado de anciedade,  
 9 Uma saudade eterna, / uma fatal saudade! 9  
 Minha patria ideal! Em vão estendo os braços  
 Para teu lado! Em vão para teu lado os passos  
 Movo! Em vão! Nunca mais em teu seio adorado  
 Poderei repousar meu corpo fatigado...  
 Nunca mais! nunca mais!  
 “ Sobre a minha cabeça,  
 Querida! abre essa noite embalsamada e espessa!  
 Desdobra sobre mim os teus negros cabellos!  
 Quero, soffrego e louco, aspiral-os, mordel-os,  
 E, bebedo de amor, o seu peso sentindo,  
 Nelles dormir envolto e ser feliz dormindo...  
 Ah! se pudesses ver tudo o que nelles vejo!  
 10 Meu desvairado amor! / Meu insano desejo!”

P. 108:

Nota MA a grafite: comentário no rodapé:

*“O alexandrino de Bilac tem por vezes,/ para quem conhece os segredos da/ métrica e os seus artifícios de elo-/quência e beleza, o safado sabor de/ um prato quotidiano. Não é absoluta-/mente uma regra quasi geral como/ acontece com o impossível Guerra Jun-/queiro, que Bilac é mesmo muito grande; mas ás vezes prejudica a nobre beleza de/ seus versos. Vede por exemplo os alexan-/drinos simetricamente divididos em/ dois sextissílabos nesta poesia. São/ dez versos exactamente iguais, numa/ poesia que só tem 48./ A monotonia é notória.”*

\*

P. 109:

RIOS E PANTANOS (soneto)

Notas MA a grafite:

1. Traço à margem esquerda dos v. 1-8; metáfora sublinhada no v. 1; anotação ao final do v.8:

“Muita vez houve céu dentro de um peito:  
 Céu coberto de estrelas resplendentes,  
 Sobre rios alvissimos, de leito  
 De fina prata e margens florescentes...”

“Um dia veio, em que a descença o aspeito  
 Mudou de tudo: em turbidas enchentes,  
 A agua um manto de lodo e trevas feito  
 Estendeu pelas veigas recendentes.” *“Há muitos ee”*

## 2. Comentário no rodapé:

*“Os dois quartetos estão repletos de e que /lhe dão muita monotonia. Castilho da o/ e como representativo de tibieza e limpidez.”*

Nota da pesquisa: No comentário, MA faz referência a Antonio Feliciano de Castilho. Em sua biblioteca encontramos o livro *Tratado de metrificação portuguesa*, de 1907 (Pelotas: Echenique Irmãos – IEB: MA 469.6 C352t). Este livro, que possui Notas MA, traz à p. 60 o estudo da sonoridade da letra “e”.

\*

### P.110-113:

DE VOLTA DO BAILE (19 estrofes)

#### P. 111:

Nota MA a grafite: aliteração sublinhada nos v. 31-32, estudo da sonoridade:

“Revoltas nuvens de fitas,  
 Nuvens de rendas revoltas.”

\*

#### P.114:

SAHARA VITAE (soneto)

Nota MA a grafite: parequema sublinhado no v. 11, estudo da sonoridade:

“Sobre si mesma roda e exausta tomba...”

\*

### P.115-118:

BEIJO ETERNO (10 estrofes)

#### P.116:

Notas MA a grafite:

1. Colchete à margem direita e exclamações nos v. 26-28 destacando a sonoridade; expoente (*I*) no v. 28, remetendo ao comentário no rodapé:

<p>“Suceda a treva á luz!          Vele a noite de crepe a curva do horizonte;          Em véos de opala a madrugada aponte          Nos céos azues, (<i>I</i>)”</p>		!!!
--	--	-----

2. Expoente (2) no v. 39, remetendo ao comentário no rodapé:

“Limpo, e o sol scintillante, e a neve (2), e a chuva, e o vento?”

3. Comentários no rodapé:

(1) *Bilac rimar luz com azues é falta e/ grave falta; Saiu-lhe desta vez o rubi falso.*

(2) *É um desastre poetas brasileiros falarem/ em neve... Porquê neve?*

\*

P. 119:

POMBA E CHACAL (soneto)

Nota MA a lápis-tinta: traço duplo à margem esquerda do texto:

“O’ Natureza! ó mãe piedosa e pura!  
O’ cruel, implacavel assassina!  
– Mão, que o veneno e o balsamo propina  
E aos sorrisos as lagrimas mistura!

“Pois o berço, onde a bocca pequenina  
Abre o infante a sorrir, é a miniatura  
A vaga imagem de uma sepultura,  
O germen vivo de uma atroz ruina?!

“Sempre o contraste! Passaros cantando  
Sobre tumulos... flores sobre a face  
De ascosas aguas putridas boiando...

“Anda a tristeza ao lado da alegria...  
E esse teu seio, de onde a noite nasce,  
E’ o mesmo seio de onde nasce o dia...”

\*

P.122:

NO CARCERE (soneto)

Nota MA a grafite: traço duplo à margem esquerda do texto:

“Porque hei-de, em tudo quanto vejo, vel-a ?  
Porque hei-de eterna assim reproduzida  
Vel-a na agua do mar, na luz da estrella,  
Na nuvem de ouro e na palmeira erguida ?

“Fosse possível ser a imagem d’ella  
 Depois de tantas maguas esquecida!...  
 Pois acaso será, para esquecel-a,  
 Mister e força que me deixe a vida ?  
  
 “Negra lembrança do passado! lento  
 Martyrio, lento e atroz! Porque não ha-de  
 Ser dado a toda magua o esquecimento ?  
  
 “Porque ? Quem me encadeia sem piedade  
 No carcere sem luz d’este tormento,  
 Com os pesados grilhões d’esta saudade ?”

\*

P. 128-130:

A CANÇÃO DE ROMEU (13 estrofes)

P.128:

Nota MA a grafite: título sublinhado:

“A canção de Romeu”

\*

P.131-139:

A TENTACÃO DE XENOKRATES

P.131-133:

PARTE I (7 estrofes)

P.131:

Notas MA a grafite:

1. Palavra sublinhada com traço duplo no v. 4: “As aléas de platanos, – dizia”; estudo do vocabulário parnasiano.
2. Aliteração sublinhada no v. 12, estudo da sonoridade:

“A lamina bigumea do dilemma”

P. 133-134:

PARTE II (9 estrofes)

P. 134:

Nota MA a grafite: traço à margem esquerda dos v. 33-35, estudo da sonoridade:

“E os generaes indomitos, vencidos  
 Vendo-a, sentem por baixo das couraças  
 Os corações de subito feridos.”

P. 134-136:

PARTE III (11 estrofes)

P. 135:

Notas MA a grafite:

1. Traço à margem esquerda dos v. 10-12; sonoridade sublinhada nos v. 10-13, 15:

“Pendientes no ar, em nuvens densas, varios  
Quentes incensos indicos queimando,  
Oscillavam de leve os incensarios.

“Tibios flautins finissimos gritavam:  
E, as curvas harpas de ouro acompanhando,  
Crótalos claros de metal cantavam...”

2. Comentário na lateral esquerda dos v 10-12  
*“Tudo onomatopeia!”*

3. Comentário ao final do v. 13:  
*“(belíssima onomatopea)”*

4. Comentário ao final do v.15:  
*“(continua a/ onomatopea)”*

\*\*

P. 141-227:

“Alma Inquieta”

P. 143-144:

A AVENIDA DAS LAGRIMAS (8 estrofes)

P. 144:

Nota MA a lápis-tinta: traço duplo à margem esquerda dos v. 31-32:

|| “ – Porque purificou a torpeza da terra  
|| Quem deixou sobre a terra uma lagrima e um verso.”

\*

P. 146-147:

MIDSUMMER`S NIGHT`S DREAM (4 estrofes)

P.146:

Nota MA a grafite: título sublinhado com traço duplo:

“Midsummer’s night’s dream”

\*

P. 148:

MATER (4 estrofes)

Nota MA a grafite: título sublinhado com traço duplo:

“Mater”

\*

P. 150:

SONHO (4 estrofes)

Nota MA a grafite: versos alexandrinos sublinhados nos v. 7-8:

“De cada estrella de ouro um anjo se debruça,  
E abre o olhar espantado, ao ver passar minha alma.”

\*

P.151:

PRIMAVERA (soneto)

Nota MA a grafite: título sublinhado com traço duplo:

“Primavera”

\*

P.152-153:

DORMINDO (1 estrofe)

P. 152:

Nota MA a grafite: anáfora sublinhada nos v. 14-16:

“Dorme... Rimas febris, podeis febris voar...  
Como ella, num livor de nevoas mysteriosas,  
Dorme o céo, campo azul semeado de rosas;  
E dois anjos do céo, alvos e pequeninos,  
Vêm dormir nos dois céos dos seus olhos divinos...”

\*

P.158:

VIRGENS MORTAS (4 estrofes)

Notas MA a grafite:

1. Expoente (1) no v. 1 sublinhado, remetendo ao comentário no rodapé:

“Quando uma virgem morre, uma estrella apparece,. (1)”

“Antonio Corrêa de Oliveira diz nas “Parabolas” pg 145/ ‘A cada rosa que tomba,/ nasce no ceu uma estrela’”

Nota da pesquisa: MA marca a apropriação: refere-se aos v.50-51, da p. 145 do poema “A morte avòsinha” (p.143-146), em *Parábolas*, de Antonio Corrêa de Oliveira (Lisboa: Ferreira & Oliveira, 1905 – IEB: MA 869.169 O481p), obra na biblioteca de MA no IEB-USP. À p. 145 estão Notas MA: 1. Traço duplo à margem esquerda dos versos citados e comentário no rodapé: (1) *Bilac- Virgens mortas*.

\*

P.159-160:

O CAVALLEIRO POBRE (POUCHKINE) (8 estrofes)

P. 159:

Nota MA a grafite: título sublinhado com traço duplo:

“O cavalleiro pobre”

\*

P.161:

IDA (soneto)

Nota MA a grafite: construção sublinhada nos v.13-14:

“Como fica distante aquelle ninho,  
Que as mães adoram... mas amaldiçoam!”

P.162:

Marca arredondada de folha de árvore

\*

P.166:

VANITAS (soneto)

Nota MA a grafite: título sublinhado:

“Vanitas”

\*

P.167-169:  
TERCETTOS

P.167:  
Nota MA a grafite: título sublinhado:

“Tercettos”

\*

P.170-171:  
IN EXTREMIS (6 estrofes)

P. 170:  
Nota MA a grafite: título sublinhado:

“In Extremis”

\*

P.172-173:  
A ALVORADA DO AMOR (5 estrofes)

P. 173:  
Notas MA a grafite:

1. Imagem sublinhada no v. 25:

“Que importa? o Amor, botão apenas entreaberto,”

2. Paronomásia sublinhada no v. 26, estudo da sonoridade:

“Ilumina o degredo e perfuma o deserto!”

\*

P.174:  
VITA NUOVA (soneto)

Nota MA a grafite: construção sublinhada no v.7:

“Ha numa vida humana cem mil vidas,”

\*

P.175-176:  
MANHÃ DE VERÃO (9 estrofes)

P.175:

Nota MA a grafite: repetição da palavra “rio” circulada no v.2:

“Já, com o vir da manhã, do(rio)se levantam.”

P.176:

Nota MA a grafite: escansão marcada no v.32:

“E a agua, cheia de sons e de flocos de espuma,”

\*

P.177-179:

DENTRO DA NOITE (6 estrofes)

P. 177:

Nota MA a grafite: título sublinhado com traço duplo:

“Dentro da noite”

P. 178:

Nota MA a grafite: traço à margem esquerda dos v. 21-24:

“E é tanta essa luz, é tanta  
Essa musica sem par,  
Que nem sei se é a luz que canta,  
Se é o som que vejo brilhar.”

\*

P.180-181:

CAMPO SANTO (4 estrofes)

P. 180:

Nota MA a grafite: título sublinhado com traço duplo:

“Campo Santo”

P. 181:

Nota MA a grafite: Metáfora sublinhada nos v.19-20:

“Sonhos mortos de amor despertam e palpitam,  
Cadaveres de sonhos...”

\*

P.186:

VINHA DE NABOTH (4 estrofes)

Nota MA a lápis-tinta: traço duplo à margem esquerda do texto:

“Maldito aquelle dia, em que abriste em meu seio,  
Cruel, esta paixão, como, ampla e illuminada,  
Uma clareira verde, aberta ao sol, no meio  
Da espessa escuridão de uma selva cerrada!

“Ah! trez vezes maldito o amor que me avassala,  
E me obriga a viver dentro de um pesadelo,  
Louco! por toda a parte ouvindo a tua fala,  
Vendo por toda a parte a cor do teu cabelo!

“De teu colo no valle embalsamado e puro  
Nunca descansarei, como num paraíso,  
Sob a tenda aromal d’esse cabelo escuro,  
Olhando o teu olhar, sorrindo ao teu sorriso.

“Desvairas-me a razão, tiras-me a calma e o somno!  
Nunca te possuirei, bella e invejada vinha,  
Ó Vinha de Naboth que tanto ambiciono!  
Ó alma que procuro e nunca serás minha!”

\*

P. 193:

PECCADOR (soneto)

Nota MA a grafite: traço duplo à margem esquerda do texto:

“Este é o altivo peccador sereno,  
Que os soluços affoga na garganta,  
E, calmamente, o copo de veneno  
Aos labios frios sem tremer levanta.

“Tonto, no escuro pantanal terreno  
Rolou. E, ao cabo de torpeza tanta,  
Nem assim, miseravel e pequeno,  
Com tão grandes remorsos se quebranta.

“Fecha a vergonha e as lagrimas comsigo...  
E, o coração mordendo impenitente,  
E, o coração rasgando castigado,

||“Aceita a enormidade do castigo,  
||Com a mesma face com que antigamente  
||Aceitava a delícia do peccado.”

\*

P. 196:  
SO (soneto)

Nota MA a grafite: construção sublinhada nos v. 7-8:

“Sente, cressa, crescer a selva retorcida  
Dos pensamentos mãos, filhos da solidão.”

\*

P. 197-202:  
A UM VIOLINISTA

P. 197:  
Nota MA a grafite: título sublinhado:

“A um violinista”

P. 197-200:  
PARTE I (17 estrofes)

P. 198:  
Nota MA a grafite: traço à margem esquerda dos v.33-36:

“A Primavera rindo esfolhava as capellas,  
E entornava no chão as amphoras cheirosas:  
E a canção acordava as rosas e as estrellas,  
E enchia de desejo as estrellas e as rosas.”

P.200-202:  
PARTE II (10 estrofes)

P. 200:  
Notas MA a grafite:

1. Traço à margem esquerda dos v.5-8; expoente (*I*), remetendo ao comentário no rodapé:

“Tambem d’esse instrumento ás quatro cordas de ouro,  
O Desespero, o Amor, a Colera, a Piedade,  
– Tu, nobre alma, chorando accrescentaste o choro  
Eterno e a eterna dôr da corda da Saudade. (*I*)”

*“(1) Magnifica a idea que enche o quarteto,/ mas o último verso está com a sonoridade/ prejudicadissima pela freqüência abusiva do/ dd: dor da corda da saudade. Como ficaria/ melhor se Bilac dissera: “o chôro / Eterno e a eterna dor doutra corda: a saudade”*

\*

P. 204-209:

BALLADAS ROMÂNTICAS

P. 204:

Nota MA a grafite: título sublinhado:

“Balladas romântica”

\*

P. 210-212:

VELHA PAGINA (16 estrofes)

P.211:

Nota MA a grafite: traço à margem esquerda do v.27:

| “Já me tardava este espinho!”

P. 212:

Nota MA a grafite: imagem sublinhada no v.55:

“Na jaula azul do meu verso?”

\*

P. 213-217:

WILFREDO – LENDA DO RHENO, GRANDMOUGIN

P.213-214:

I – O CASTELLO (4 estrofes)

P.214:

Nota MA a grafite: colchete à margem direita marcando a sonoridade do v.14:

“Sobre o qual paira e pesa um sonho sobrehumano.”

\*

P.215-216:

III – O REMORSO (7 estrofes)

P.215:

Nota MA a grafite: aliteração sublinhada nos v.1-2, estudo de sonoridade:

“Delira. Mas, depois do delirio sublime.  
O remorso, immortal, nasce com o arrebol.”

P. 216:

Nota MA a grafite: hiato sublinhado no v.27, estudo de sonoridade:

“É em vão que Wilfredo implora o esquecimento”

\*

P. 220:

VELHAS ARVORES (soneto)

Nota MA a lápis-tinta: traço duplo à margem esquerda do texto:

“Olha estas velhas arvores, mais bellas  
Do que as arvores novas, mais amigas:  
Tanto mais bellas quanto mais antigas,  
Vencedoras da idade e das procellas...

“O homem, a fêra e o insecto, á sombra dellas  
Vivem, livres de fomes e de fadigas;  
E em seus galhos abrigam-se as cantigas  
E os amores das aves tagarellas.

“Não choremos, amigo, a mocidade!  
Envelheçamos rindo! envelheçamos  
Como as arvores fortes envelhecem:

“Na gloria de alegria e da bondade,  
Agazalhando os passaros nos ramos,  
Dando sombra e consolo aos que padecem!”

\*

P. 221

MALDIÇÃO (soneto)

Notas MA a grafite:

1. Expoente (1) no final do v. 2, remetendo ao comentário no rodapé:

“Deixei dormir a minha maldição, (1)”

“(1) A consonância em ão, geralmente de efeito/ desagradável e pesado, está aqui em toda a/ sua virilidade e violência.”

\*

P. 227:  
ÚLTIMA PÁGINA (soneto)

Nota MA a grafite: título sublinhado:

“Última página”

\*\*

P.229-255:  
“As viagens”

P. 232:  
II – OS PHENICIOS (soneto)

Nota MA a grafite: palavra sublinhada no v. 10: “Conta as barcas de cedro, atupidas de fardos” e anotação do sinônimo: *entupidas*; estudo do vocabulário parnasiano.

\*

P. 237:  
VII – AS CRUZADAS (soneto)

Notas MA a grafite:  
1. Título sublinhado:

“As Cruzadas”

2. Palavra sublinhada nos v.1: “Fulge-te o morrião sobre o cabelo louro,” e v.8: “Nobre: - em campo de blau sete besantes de ouro” e anotação do sinônimo: *Capacete antigo sem viseira com tope/ enfeitado e azul/ moeda sem marca figurada nos braços*; estudo do vocabulário parnasiano.

\*

P.238:  
VIII – AS ÍNDIAS (soneto)

Nota MA a grafite: traço à margem esquerda do texto:

“Se a atracção da ventura os sonhos te arrebatá,  
Conquistador, ao largo! A tua alma sedenta  
Quer a gloria, a conquista, o perigo, a tormenta?  
Ao largo! saciarás a ambição que te mata!

“Bella, verás surgir, da agua azul que a retrata,  
Cathay, a cujos pés o mar em flôr rebenta;  
E Cypango verás, fabulosa e opulenta,  
Apunhalando o céu com as torres de ouro e prata.

“Pisarás com desprezo as perolas mais bellas!  
De myrrha, de marfim, de incenso carregadas,  
Se arrastarão, arfando, as tuas caravellas.

“E, a acclamar-te Senhor das Terras e dos Mares,  
Os regulos e os reis das ilhas conquistadas  
Se humilharão, beijando o solo que pisares...

\*

P. 239:

IX – O BRASIL (soneto)

Nota MA a grafite: traço à margem esquerda do texto:

“Pára! Uma terra nova ao teu olhar fulgura!  
Detem-te! Aqui, de encontro a verdejantes plagas,  
Em caricias se muda a inclemencia das vagas...  
Este é o reino da Luz, do Amor e da Fatura!

“Treme-te a voz affeita às blasphemias e ás pragas,  
Ó nauta! Olha-a, de pé, virgem morena e pura,  
Que aos teus beijos entrega, em plena formosura,  
– Os dous seios que, ardendo em desejos, afagas...

“Beija-a! O sol tropical deu-lhe á pelle doirada  
O barulho do ninho, o perfume da rosa,  
A frescura do rio, o esplendor da alvorada...

“Beija-a! é a mais bela flor da Natureza inteira!  
E farta-te de amor nessa carne cheirosa,  
O’desvirginador da Terra Brasileira!”

\*

P. 241:

XI – O POLO (soneto)

Notas MA a grafite:

1. Sinal de destaque sob o título:

O polo //

2. Traço à margem esquerda do texto:

“ ‘Pára, conquistador intemorato e forte!  
‘Pára! que buscas mais que te enobreça e eleve?  
‘É tão alegre o sol! a existencia é tão breve!  
‘E é tão fria essa tumba entre os gelos do Norte!

“Dorme o céu. Numa ronda esqualida, de leve,  
‘Erram fantasmas. Reina um silencio de morte.  
‘Phocas de vulto informe, ursos de estranho porte  
‘Morosamente vão de rastros sobre a neve...”

“Em vão!... E o gelo cresce, e espedaça o navio.  
E elle, subjugador do perigo e do medo,  
Sem um gemido cáe, morto de fome e frio.

“E o Mysterio se fecha aos seus olhos serenos...  
Que importa? Outros virão devassar-lhe o segredo!  
Um cadaver demais... um sonhador de menos...”

\*

P. 242:

XII – A MORTE (soneto)

Nota MA a grafite: reiteração sublinhada no v.13:

“A conquista melhor é a conquista da Calma.”

\*

P.247:

SAGRES (43 estrofes)

Nota MA a grafite: acréscimo da letra “a” no último vocábulo do v. 82, correção a erro tipográfico:

“De tudo! – em tua franquez” a

\*

P.257-271:

“O CAÇADOR DE ESMERALDAS (ESPISODIO DA EPOPEA SERTANISTA NO XVII SEculo)”

P.259-262:

PARTE I (11 estrofes)

P. 260:

Notas MA a grafite:

1. Palavra sublinhada no v. 16: “Das abras e da foz dos tumultuosos rios,” estudo do vocabulário parnasiano.
2. Construção sublinhada no v.30:

“Despojos da ambição, cadáveres de naus...”

P.261:

Notas MA a grafite: comparação sublinhada no v. 42:

“Como a sombra recua ante a invasão do sol”

P.261-262:

Nota MA a grafite: traços duplos à margem esquerda dos v. 48-65:

“Mas além, por detraz das broncas serranias,  
Na cerrada região das florestas sombrias,  
Cujos troncos, rompendo as lianas e os cipós,  
Alastravam no céu leguas de rama escura;  
Nos mattagaes, em cuja horrível espessura  
Só corria a anta leve e uivava a onça feroz;

“Além da aspera brenha, onde as tribus errantes  
Á sombra maternal das arvores gigantes  
Acampavam; além das socegadas águas  
Das lagoas, dormindo entre aningaes floridos;  
Dos rios, acachoando em quedas e bramidos,  
Mordendo os alcantis, roncando pelas fraguas;

“– Ahi, não ia echoar o estrupido da luta...  
E, no seio nutriz da natureza bruta,  
Resguardava o pudor teu verde coração!  
Ah! quem te vira assim, entre as selvas sonhando,  
Quando a bandeira entrou pelo teu seio, quando  
Fernão Dias Paes Leme invadiu o sertão!”

\*

P. 262-265:

PARTE II (14 estrofes)

P.263:

Notas MA a grafite:

1. Palavra sublinhada no v. 36: “Contra esse adarve bruto em vão rodavam no ar e anotação do sinônimo: *Muro de fortaleza/ Rua que corre sobre o muro da fortaleza*, estudo do vocabulário parnasiano.

2. Traço duplo à margem dos v. 37-42; palavra sublinhada no v. 38, estudo do vocabulário parnasiano:

“Dentro, no frio horror das balseiras escuras,  
Viscosas e oscillando, humidas colgaduras  
Pendiam de cipós na escuridão nocturna;  
E um mundo de reptis silvava no negrume;  
Cada folha pisada exhalava um queixume,  
E uma pupilla má chispava em cada furna.”

P.264:

Nota MA a grafite: palavras sublinhadas nos v.56: “Vinham os lamarões, as leziras funestas,” v.64: “Uma frecha, subtil, silva e zarguncha.. É a guerra!” e v.69: “Inchando em macaréos o seio destruidor,”; estudo do vocabulário parnasiano.

P.265:

Nota MA a grafite: palavra sublinhada no v.71: “No esto da alluvião estremecendo os ares,” e anotação do sinônimo: *preamar/ enchente/ ruido*; estudo do vocabulário parnasiano.

P.266-268:

PARTE III (11 estrofes)

P. 266:

Notas MA a grafite:

1. Traço duplo à margem esquerda dos v. 1-6:

“Fernão Dias Paes Leme agoniza. Um lamento  
Chora longo, a rolar na longa voz do vento.  
Mugem soturnamente as aguas. O céu arde.  
Trasmonta fulvo o sol. E a natureza assiste,  
Na mesma solidão e na mesma hora triste,  
Á agonia do heróe e á agonia da tarde.”

2. Comparação sublinhada no v. 16:

“Esse olhar, que sáe como um beijo da pupilla.”

P.267:

Notas MA a grafite:

1. Traço duplo à margem esquerda dos v. 25-30:

“Noites de outr`ora!... Enquanto a bandeira dormia  
Exhausta, e aspero o vento em derredor zunia,  
E a voz do noitibó soava como um agouro,  
– Quantas vezes Fernão, do cabeça de um monte,  
Via lenta subir do fundo do horizonte  
A clara procissão d`essas bandeiras de ouro!”

2. Semelhança de construção sublinhada no v.33 e expoente (1), remetendo ao comentário no rodapé:

“Ninhos cantando no ar! suspensos gynecêos (1)”

*“(1) No “Tapir” Bilac já disse, pior-/mente: ‘ninhos no ar suspensos’”*

P.268:

Notas MA a grafite:

1. Ritmo sublinhado no v. 54, estudo da sonoridade:

“Sem ter quem te conceda a extrema-uncção de um beijo!”

2. Cacofonia sublinhada no v. 62, estudo da sonoridade:

“Fernão Dias se esváe, numa syncope lenta...”

P.269-271

PARTE IV (10 estrofes)

P. 269:

Notas MA a grafite:

1. Palavra sublinhada e acréscimo de exclamação no v. 16 apontando para extensão do vocábulo, estudo da sonoridade; expoente (1), remetendo ao comentário no rodapé:

“Contra a (1) destruição ! se aferra á vida, e luta,”

*“(1) Destruição com 4 sílabas!!!”*

P.270-271:

Nota MA a grafite:

1. Traço duplo à margem esquerda dos v.19-54; expressão sublinhada no v.26:

““Morre! morrem-te ás mãos as pedras desejadas,  
“Desfeitas como um sonho, e em lodo desmanchadas...  
“Que importa? dorme em paz, que o teu labor é findo!  
“Nos campos, no pendor das montanhas fragosas,  
“Como um grande collar de esmeraldas gloriosas,  
“As tuas povoações se estenderão fulgindo!

““Quando do acampamento o bando peregrino  
“Sahia, ante manhã, ao sabor do destino,  
“Em busca, ao norte e ao sul, de jazida melhor,  
“– No comoro de terra, em que teu pé poisára,  
“Os colmados de palha aprumavam-se, e clara  
“A luz de uma lareira espancava o arredor.

“Nesse louco vagar, nessa marcha perdida,  
 “Tu foste, como o sol, uma fonte de vida:  
 “Cada passada tua era um caminho aberto!  
 “Cada pouso mudado, uma nova conquista!  
 “E enquanto ias, sonhando o teu sonho egoísta,  
 “Teu pé, como o de um deus, fecundava o deserto!

“Morre! tu viverás nas estradas que abriste!  
 “Teu nome rolará no largo choro triste  
 “Da água do Guaycuhy... Morre, Conquistador!  
 “Viverás quando, feito em seiva o sangue, aos ares  
 “Subires, e, nutrido uma árvore, cantares  
 “Numa ramada verde entre um ninho e uma flor!

“Morre! germinarão as sagradas sementes  
 “Das gotas de suor, das lágrimas ardentes!  
 “Hão-de fructificar as fomes e as vigílias!  
 “E um dia, povoada a terra em que te deitas,  
 “Quando, aos beijos do sol, sobrarem as colheitas,  
 “Quando, aos beijos do amor, crescerem as famílias,

“Tu cantarás na voz dos sinos, nas charrúas,  
 “No esto da multidão, no tumultuar das ruas,  
 “No clamor do trabalho e nos hinos da paz!  
 “E, subjugando o olvido, atraves das idades,  
 “Violador de sertões, plantador de cidades,  
 “Dentro do coração da pátria viverás!””

2. Assonância sublinhada no v. 55 e sonoridade sublinhada no v. 57, estudo da sonoridade:

“Cala-se a estranha voz. Dorme de novo tudo.  
 Agora, a deslizar pelo arvoredo mudo,  
Como um choro de prata alente o luar escorre.”

3. Comentário à margem direita do v. 55:

“*Que silêncio! / Que escuridão / nesta frase / sem vogais claras!*”

4. Comentário à margem direita do v. 57:

“*Notar a onomatopeia / desta frase*”

\*\*\*\*\*

BILAC, Olavo e PASSOS, Guimarães

Bibl [A/II/c/54]

*Tratado de versificação*. Segunda edição. Rio de Janeiro/ São Paulo/ Belo Horizonte: Livraria Francisco Alves, 1910.

[Crítica literária]

IEB: MA 869.9109 B595t

Notas MA a grafite.

P.5-33:

A POESIA NO BRAZIL

P. 30:

Nota MA: informação sublinhada:

“A crítica e o povo divergem da opinião de Sylvio Romero, que dá a primazia ao auctor dos *Dias e Noites*. ”

P. 35-92:

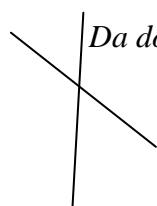
A MÉTRICA

P.65:

Nota MA: Cruzeta à margem esquerda do parágrafo:

“De dez syllabas

Chamamol-o italiano, ou heróico ou ainda decasyllabo; é o mais bello da língua portugueza, presta-se à expressão de todas as idéias, e é susceptível da maior variedade. Vejam de quantos modos é possível dividil-o:

 *Da doce luz do plenilúnio de ouro*  
1 2  
Da do  
1 2  
ce luz  
1 2 3 4  
do plenilú  
9 10  
nio de ouro”

P.87:

Nota MA: traço à margem esquerda:

| “Não falamos das estrophes de 7 versos, hoje antiquadas, se bem que engenhosas.”

P.93-

GENEROS POÉTICOS

P.174:

Nota MA: introdução de colchetes em adjetivos do soneto de Adelino Fontoura:

“É tão divina a angélica aparência  
e a graça que ilumina o rosto dela,  
que eu concebera o tipo de inocência  
nessa criança [ imaculada e bela].  
[...]  
Tem a [celeste e ingênua] formosura  
e a luminosa auréola sacrossanta  
de uma visão do céu, [cândida e pura].”

P.175:

Nota MA: introdução de colchetes em adjetivos do soneto de Osorio Duque Estrada:

“O mesmo aroma que [envenena e mata !]”

P.175:

Nota MA: introdução de colchetes em adjetivos do soneto de Luiz Guimarães:

“Meu amor! meu amor! [hirta, gelada],  
Dormes o somno que [amedronta e aterra]:  
Oh meu franzino bogary da serra!  
Oh minha rosa [pálida e magoada]!”

P.176:

Nota MA: introdução de colchetes em adjetivos do soneto de Emilio de Menezes:

“Noite de chuva [tétrica e presaga]”  
“Da última estrella a restea [ínfima e vaga]”

P.178:

Nota MA: introdução de colchetes em adjetivos do soneto de Valentim Magalhães:

“E do alvo collo,[ amargurado e exangue]”

P.178:

Nota MA: introdução de colchetes em adjetivos do soneto de Medeiros e Albuquerque:

“Dos seus mais [simples e banaes] acenos!”

P.179:

Nota MA: introdução de colchetes em adjetivos do soneto de Machado de Assis:

“Contemplou, suspirosa, a fronte [amada e bella]...”

P.180:

Nota MA: introdução de colchetes em adjetivos do soneto de Luiz Guimarães:

“Cabello [puro e annellado]”

\*\*\*\*\*

BILAC, Olavo

Bibl. MA [A/I/f/75]

Tarde. Rio de Janeiro/ São Paulo/ Belo Horizonte: Livraria Francisco Alves, 1919.  
[Poesia]

IEB: MA 8699148B59st (1919)

Notas MA a grafite.

Brochura

Nota da pesquisa: a Nota MA referente ao soneto SALUTARIS PORTA, à p. 157, data uma possível releitura deste livro de Bilac: “*É um dos mais belos sonetos do mundo./ 20-XI-925*”.

Contra capa:

Nota MA: Comentário na margem superior:

*“fins iguais / enumerações:”*

\*

P. 22-23:

CHAOS (soneto)

P. 23:

Nota MA: construção sublinhada no v. 14:

“A incerteza e a alvorada do meu povo!”

\*

P.24-35:

DIZIAM QUE...

P. 26-27:

PARTE I – OS MONSTROS (soneto)

P.27:

Nota MA: imagem sublinhada no v. 14:

“E os maus se afogarão na propria lama!”

P. 32-33:

PARTE IV – OS CURINQUEANS (soneto)

P. 33:

Notas MA:

1. Adjetivos sublinhados no v. 13;
2. Imagem sublinhada no v.14:

“Sois sempre os mesmos Curinqueans de antanho:  
Vastos e estereis, ôcos e sonoros,  
Unicamente grandes no tamanho!”

\*

P. 36-37:  
O VALLE (soneto)

P. 36:  
Notas MA:

1. Construção com polissíndeto sublinhada nos v. 5-6 e expoente (*l*) no v. 5:, remetendo ao comentário no rodapé:

“E’pobre a minha messe. E’ nevoa e espuma (*l*)  
Toda a gloria e o trabalho em que eu ardia...”

2. Comentário no rodapé:  
“(1) *Bem aplicavel ao Bilac desta fase*”

\*

P. 50-51:  
CREPÚSCULO NA MATA (soneto)

P. 50:  
Nota MA: aliteração sublinhada no v. 8; estudo da sonoridade:

“– Tudo vozeia e estala em estos de plethora”

\*

P. 62-63:  
DEFESA (soneto)

P. 62:  
Nota MA: título sublinhado:

“Defesa”

\*

P. 66-67:  
PESADELO (soneto)

P.66:  
Notas MA: Construção sonora sublinhada no v. 5:

“Um mundo torpe nos teus sonhos anda:”

\*

P. 72-73:

BENEDICITE! (soneto)

P. 72:

Nota MA: adjetivo grifado e dois pontos de exclamação no v. 3; comentário irônico, denunciando inadequação semântica no intuito de obter rima para “tecto”:

“Bemdito o que, na terra, o fogo fez, e o tecto;  
E o que uniu a charrua ao boi paciente e amigo;  
E o que encontrou a enxada; e o que, do chão abjecto !!  
Fez, aos beijos do sol, o ouro brotar do trigo;”

\*

P. 74-75:

SPERATE, CREPERI! (soneto)

P. 74:

Nota MA: sinal de destaque sob o título:

“Sperate, Creperi!”

P. 75:

Nota MA: período sublinhado no v. 14:

“Mas, porque espero, – espero, e fico mudo.”

\*

P. 92-93:

NO TRONCO DE GOA (soneto)

P. 93:

Nota MA: antítese sublinhada no v. 14:

“Orgulho de ser grande na desgraça.”

\*

P.94-101:

EDIPO

P. 96-97:

PARTE II – ESPHINGE (soneto)

P. 96:

Notas MA: aliteração sublinhada no v. 8, estudo da sonoridade:

“Fluido filtro, estllando um perflido yeneno”

\*

P. 130-131:

REMORSO (soneto)

P. 130:

Notas MA:

1. Título sublinhado:

“Remorso”

2. Traço à margem esquerda dos v. 3 e 4, destacando construção:

“Scismo e padeço, neste outono, quando  
Calcuro o que perdi na primavera.”

\*

P. 140-141

SAMARITANA (soneto)

P. 141:

Nota MA: correção ao erro tipográfico do v. 12:

“Maior do que o da vêde, este tormento,” /s

\*

P. 150-151

OS AMORES DA ABELHA (soneto)

P. 150:

Nota MA: sinal de destaque sob o título:

“Os amores da abelha”

\*

P. 156-157

SALUTARIS PORTA (soneto)

P. 156:

Nota MA: sinal de destaque duplo sob o título:

“Salutaris porta”

“Para conter aquella immensa chamma,  
Os nossos corações eram pequenos:  
Tivemos medo da paixão... E ao menos  
Não vimos tanto ceu mudado em lama!

“O velario correu-se antes do drama...  
E não houve perfidias nem venenos  
Entre os nossos espiritos serenos,  
Que a saudade do prologo embalsama.

“Bemdigamos o amor que foi tão curto,  
O sonho vago que expirou tão cedo,  
Sossobrado no porto antes do surto!

“Feliz o idyllio que não teve história!  
Salvando-nos do tédio, o nosso medo  
Foi uma porta de ouro para a gloria!”

P. 157:

Nota MA: comentário datado no rodapé:

*“É um dos mais belos sonetos do mundo./ 20-XI-925”*

\*

P. 170-171

O COMETA (soneto)

P. 170:

Nota MA: sinal de destaque duplo sob o título:

“O cometa”

\*

P. 186-187

ESTUARIO (soneto)

P. 186:

Nota MA: sinal de destaque sob o título:

“Estuario”

\*

P. 190-191

PENETRALIA (soneto)

P. 191:

Nota MA: inversão sublinhada nos v. 9-10:

“Não proclamei os nomes, que, baixinho,  
Rezava... E ainda hoje, tímido, mergulho  
Em funda sombra o meu melhor carinho,”

\*\*\*\*\*

CARVALHO, Vicente de

*Versos da mocidade*. 3ª. ed. aumentada. Porto: Livraria Chardron, 1912.

[Poesia]

Bibl. MA: [A/II/d/70]

IEB: MA 869.9149C3295v

Notas MA a grafite.

Sem capa.

### P.I

Folha de rosto

Nota MA: esboço de poema na margem superior:

*“São meus versos enfim, nada me acalma  
mais do que lê-los no viver que trilho  
São o reflexo ardente de minha alma  
Estes meus versos sem valor sem brilho  
São pálidos, [convictas] gotas  
São maus, mas são um bálsamo [um conforto]  
Quando neles transponho no papel a dor que choram!  
Um pedaço da vida que eu transporto  
São pálidos embora eu [ilegível]  
Deixe oh mundo que eu ria e sonhe em verso  
As ilusões que a vida não suporta  
E enquanto eu percorrer-te o teu trilho adverso  
São eles maus, não pálidos que importa!  
Deixe oh mundo que eu ria e sonhe em versos  
Os sonhos dourado que eu tracei na terra  
Foram-se uns após outros pouco a pouco sem cessar”*

V. ANDRADE, Mário de. *Poesias completas* Edição de texto apurado, anotada e acrescida de documentos por Tatiana Longo Figueiredo e Telê Ancona Lopez. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013, p. 221.

\*

### P.III

Folha de rosto

Nota MA: Comentário na margem superior:

- (1) Lembrar grifo p.11 quando aconse/ lho ao poeta não fazer mais/ versos. A morte esperada de man/ sinho não é mais a morte na luta. Esta “enrija o cora-/ cão, da força ao braço”.
- (2) Quando falar dos versos soltos recor/ dar que já nas ardentias (Canto de/ corsários) o poeta os fazia regulares. ~~não/ pre/~~ Ah! snr. V. de C. “E é bem melhor a/ morte etc pg 13

\*\*\*

### P.1-54

“Ardentias”

P.3-4

MADRUGADA PAGÃ (soneto)

P.3:

Nota MA: título sublinhado:

“Madrugada pagã”

P.4:

Nota MA: barra marcando escansão do v. 10; estudo da sonoridade:

“A voz de Pan, que se esco/ar parece”

Nota da pesquisa: O vocábulo *escoar* possui hiato (es-co-ar), que pode ser dividido na contagem das sílabas.

\*

P.5-8

FOLHA SOLTA (12 estrofes)

P.5:

Nota MA: traço duplo à margem esquerda dos v. 6-10:

|| “E’ o mesmo o banco de pedra  
|| Onde assentados nós dois  
|| Falámos de amor um dia...  
|| Lembras-te? Então, que alegria!  
|| E que tristeza depois!...”

P.6:

Notas MA:

1. Construção sublinhada no v. 17:

“Quanta ilusão multicôr!”

2. Traço duplo à margem esquerda dos v. 23-25:

|| “Cada lagrima caída  
|| Era uma folha da vida  
|| Que eu desfolhava a teus pés”

3. Rima sublinhada nos v. 28-30; estudo da sonoridade:

“E de minh’alma, alto e dôce,  
Foi-se afastando... e calou-se  
O último som de tua voz...”

P.7:

Nota MA:

1. Neologismo sublinhado no v. 42, transformando a categoria gramatical:

“Seu esplendor festival”

2. Comentário ao final do v. 42:  
*qualificativo?*

\*

P.9-14

CANTO DOS CORSARIOS (PARÁFRAZE DE BYRON) (15 estrofes)

P.11:

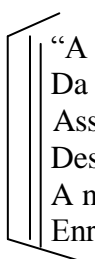
Nota MA:

1. Sublinhada acentuação no v. 33, seguida do comentário irônico:

“Chão movediço onde nem ficam pégadas...” !

2. Correção ao v. 33:  
*É pegádas*

3. Traço triplo à margem esquerda dos v. 41-46 e expoente (1), remetendo ao comentário específico na folha de rosto:

(1)  “A morte, vista frente a frente, a meio  
Da aceza furia do combate, certo  
Assusta o mole coração dos fracos,  
Descóra o rosto anciozo do cobarde...  
A nós, porém, aviva o sangue e os olhos,  
Enrija o coração, dá força ao braço.”

4. Comentário na folha de rosto p. III:

(1) *Lembrar grifo p.11 quando aconse/ lho ao poeta não fazer mais/ versos. A morte esperada de man/ sinho não é mais a morte na luta. Esta “enrija o cora-/ ção, da força ao braço”.*

P.12:

Nota MA: metáfora da morte sublinhada no v. 52:

“Vemol-a tal qual é, tal qual se mostra:  
Continuação do descuidado sono”

P.13:

Notas MA:

1. Traço duplo à margem esquerda dos v.73-76;
2. Imagem sublinhada nos v. 73-74:

||“E é bem melhor a morte quando fere  
||De chofre, em cheio, o peito de um valente  
||Do que quando se achega rastejante  
||Do solitario leito de um enfermo”

\*

P.15-16

VERSOS A ALGUEM (6 estrofes)

P. 15:

Notas MA:

1. Palavra sublinhada no v. 4, contagem de sílaba poética; estudo da sonoridade:

“Tua vida é um arrebol, meu destino é uma sombra”

2. Palavra sublinhada no v. 6, contagem de sílaba poética; estudo da sonoridade:

“O sorrizo floresce em rozas na tua boca...”

3. Apontado erro tipográfico no v. 7:

“E hasde sacrificar a este amor sem futuro”

P.16:

Nota MA: quiasmo sublinhado no v. 20:

“Menos padecerei, padecendo sózinho”

\*

P.17-19

CANÇÃO (10 estrofes)

P. 17:

Nota MA: título sublinhado:

“Canção”

\*

P.21

DONA FLOR (soneto)

P.21:

Nota MA: traço duplo à margem esquerda dos v. 3-4:

|| “Treme a ternura, como sobre um rio  
|| Treme a sombra de um bosque silencioso”

\*

P.23-25

VELHA CANÇÃO (IMITADO DE VICTOR HUGO) (8 estrofes)

P.23:

Nota MA: título sublinhado:

“Velha canção”

P.24:

Notas MA:

1. Contagem de sílaba, observando a métrica, no v. 13;
2. Barra apagada no v. 13;
3. Imagem sublinhada no v. 14:

| “Insinuando-se | entre a emaranhada alfombra,  
| Um córrego rolava espumas furta-cor.”

4. Barra marcando escansão no v. 20:

“Vi | um pé pequenino alvejar, muito branco...”

P.25:

Notas MA:

1. Metáfora sublinhada no v. 28:

“Um suspiro atravez das rozaz de um sorriso”

2. Redação de verso, como alternativa ao v. 28:

*Na tentação do diabo/ ... entreabriram-se as rosas de um/ sorriso*

\*

P.31

SPLEEN (soneto)

P.31:

Nota MA: Imagem sublinhada no v. 6:

“Velo. Sinto-me como insulado da vida”

P.32:

Nota MA: correção: substituição de “do” por “de”:

“Invejo-te a expansão livre do temporal;”  
*de*

\*

P.33-39

TUMULO DE UMA ALMA (22 estrofes)

P.38:

Nota MA: traço à margem esquerda dos v. 94-97:

“Deus, por certo, creou-te  
Para inspirar arrojados de lirimo:  
Os teus olhos, escuros como a noute,  
Têm atrações de abismo”

P. 39:

Nota MA: traço à margem esquerda dos v. 110-117:

“E se tudo perdi de quanto tive,  
E só me resta a flor que tu me deste,  
Desta mizera flor minh’alma vive  
Qual da seiva de um tumulo um cipreste.  
  
Beijo-a. Beijo-a chorando... Ouve, perjura:  
Esquece, embora! O teu passado é meu:  
Esta flor murcha é como a sepultura  
De tu’alma, que amei e que morreu.”

\*

P.41-42

NEVER MORE (4 estrofes)

P.42:

Nota MA: anáfora sublinhada nos v. 13-14:

“Não volta ao galho a flor que desprendeste da haste,  
Não volta a minha fé. Tu, coração travesso”

\*

P.43-45

GÉLIDA (8 estrofes)

P.44:

Nota MA: traço à margem esquerda dos v. 11-15:

“Os esqueletos brancos das montanhas  
Sob o veu transparente das neblinas  
Vão dezenhando aparições estranhas...  
Têm a tristeza vaga das ruínas  
Os esqueletos brancos das montanhas.”

\*

P.47-48

SOBRE UMA CRIANÇA MORTA (7 estrofes)

P.47:

Nota MA: título sublinhado:

“Sobre uma criança morta”

\*

P.49-51

PRIMAVERA (8 estrofes)

P.50:

Nota MA: traço à margem esquerda dos v. 17-20:

“Borboletas, roçando apenas, de aza incerta,  
A florescência rôxo-azul dos manacás,  
Depunham de corola em corola entreaberta  
O seu beijo voraz.”

\*\*

P.55- 124

“Relicário”

P.61

ERA UM TRONCO SOMBRIO (7 estrofes)

P.61:

Nota MA: cruzeta destacando o v.1:

✕ “Era um tronco sombrio,  
Morto de sede á beira da corrente...”

\*

P.65-66

AETERNUM CARMEN

P. 65:

PARTE I – UMA FLOR (6 estrofes)

Nota MA: metáfora sublinhada no v.2:

“A noute se dilue numa poeira dourada.”

P.67-68

PARTE II - UM PÁSSARO (5 estrofes)

P.68:

Nota MA: metáfora sublinhada no v. 12:

“O uivo dos matagais... Apavorada, tonta,”

P.71-72

PARTE IV – UM POETA (2 estrofes)

P. 72:

Nota MA: Imagem sublinhada no v. 13:

“O sonho, o proprio sonho, é uma fonte de magua!”

\*

P.73-74

RACHEL (soneto)

P.73:

Nota MA: título sublinhado:

“Rachel”

\*

P.75-78

SETEMBRO (18 estrofes)

P.76:

Nota MA: traço à margem esquerda dos v. 17-20:

“Ar domingueiro tudo assume;  
Tornam-se, á luz do claro dia,  
As flores – cheias de perfume,  
As almas – loucas de alegria.”

\*

P. 79-82

AOS QUINZE ANNOS (14 estrofes)

P.80:

Nota MA: inversão sublinhada nos v. 23-24:

“Eu seguia-lhe os passos, distraído;  
E ela sempre a chilrear! Dessa maneira,  
De cada flor dizendo-me o apelido,  
la explicando a primavera inteira”

P.82:

Nota MA: comentário no rodapé:

*A primeira versão é a melhor/ M*

\*

P.83-86

A UM VELHO (7 estrofes)

P. 83:

Nota MA: título sublinhado:

“A um velho”

P.84:

Nota MA: traço à margem esquerda dos v. 25-28:

“Deve ser triste olhar para os caminhos  
Da vida, e ver, na troca das idades,  
Flores transfiguradas em espinhos,  
Esperanças mudadas em saudades.”

P.85:

Nota MA: traço à margem esquerda dos versos 37- 40, 47- 48:

“Ai, corremos atraz de uma miragem,  
De olhos postos no azul do firmamento,  
Para alcançar no termo da viagem  
A morte, e antes da morte o dezalento  
[...]  
“E a nós não volta uma perdida folha,  
Uma ilusão que o dezekano sóta”

\*

P.87-98

UMA NOUTE DE D. JUAN (diálogo)

P. 91:

Nota MA: imagem e sonoridade sublinhadas nos v. 69-71:

“Tu que em meu braço repouzas,  
Olha: o crepusculo etereo  
E’ como um veu de misterio  
Cobrindo todas as couzas.”

P.97:

Nota MA: sonoridade sublinhada nos v.147-149:

“– Bemdita a luz deste dia  
Que emfim começa a raiar...  
Rompe a manhã de repente:  
Nem sei se é do sol nascente,  
Se é da luz do teu olhar...  
Vamos!”

\*

P.99-101

NA SOMBRA (7 estrofes)

P.100:

Nota MA: aliteração sublinhada no v. 14; estudo da sonoridade:

“Sonoriza a garganta aos gaturamos”

P.107-109

“A’S VEZES SE ME ARRANCA” (9 estrofes)

P.108:

Nota MA: traço à margem esquerda dos v. 25-28:

“O mesmo claro raio  
Que às rozas dá fulgor,  
Pouza sobre o desmaio  
Da mais humilde flor”

\*

P.111-113

MALGRE TOI (13 estrofes)

P.112:

Nota Ma: imagens sublinhadas nos v. 15-16:

“ – Sob as rozas de um sorriso  
O espinho de uma tristeza”

\*

P.119-124

MARINHA

Nota MA: título sublinhado:

“Marinha”

\*

P.119-120:

PARTE I

P. 119:

Nota MA: palavra sublinhada no v. 5, formação do vocabulário:

“Crepusculeja ainda a aurora, mas quem pesca”

\*\*

P.125-199

“Avulsas”

P.127-135

TRES AMORES

P.127:

Nota MA: título sublinhado:

“Tres amores”

\*

P.130-132

PARTE II (6 estrofes)

P.130:

Nota MA:

1. Sinal de destaque sob o título:

“II”  
/

2. Repetição sublinhada nos v. 3-4:

“Nem posso dizer que fosse  
Tudo céu naquele céu...”

3. Antítese sublinhada nos v.11-12:

“Quem não perdoa um espinho  
Pelos encantos da flor?”

P.131:

Nota MA: traço duplo à margem esquerda dos v. 17-24:

|| “Temi esse amor tão grande,  
|| Tão forte, tão exclusivo,  
|| Que me tornava cativo  
|| Dos teus caprichos sem lei.  
|| Tentei do seio arrancar-o;  
|| Mas vejo, por minhas penas,  
|| Que ele não foi, foi apenas  
|| Meu coração que arranquei.”

\*

P.133-135 (13 estrofes)

PARTE III

P.133:

Nota MA:

1. Sinal de destaque sob o título:

III  
/

2. Imagens sublinhadas nos v. 7-8:

“E em torno do botão de roza de tua boca  
Palpitava o faminto enxame dos meus beijos...”

P.134:

Nota MA: inversão sublinhada nos v. 27-28:

“Surges diante de mim, fantasma forajido  
A’ tua sepultura e ao meu esquecimento?”

\*

P.137-139

Ó CORAÇÃO, CORCEL BRAVIO (7 estrofes)

P.137:

Nota MA: risco na margem superior.

\*

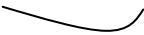
P.145-146

ALMA FEITA DE AMOR E BONDADE (soneto)

P.145:

Nota MA:

1. Risco na margem superior da página;
2. Rima sublinhada nos v.1,4; estudo da sonoridade;
3. Rima sublinhada nos v. 5,8;
4. Acréscimo de interrogação no v.5 mostrando estranhamento:

  
“Alma feita de amor e de bondade,  
Corpo cheio de encanto e de carinho,  
Não tentes desfolhar no meu caminho  
A ingenua flor da tua mocidade

“Arréda-te de mim... Não te apiede \_\_\_\_\_ ?  
A voz de magua, a queixa, o murmurinho  
De alguns versos em que eu, ave sem ninho,  
Canto as melancolias da saudade”

\*

P.147-150

RIMANCE (14 estrofes)

P.147:

Nota MA: comentário em meio ao v.12, ironizando a acentuação proparoxítona no adjetivo:

“Ou um misântropo | inglez.”  
| *Misântropo?!*

\*

P.151-156

CANTIGAS

P.153-154

PARTE II (6 estrofes)

P.153:

Nota MA: traço à margem esquerda dos v.1-4:

| “Sobe o sol? A noute déce?  
| Dia ou noute são-me iguais:  
| Quando chegas, amanhece,  
| Fica noute se te vais”

P. 154:

Nota MA: traço duplo à margem esquerda dos v. 21-24:

| | “Seja Abril ou Junho, quando  
| | Eu estou à tua espera,  
| | Assim que tu vens chegando  
| | Principia a primavera...”

\*

P.155-156

PARTE III (5 estrofes)

P.156:

Nota MA: traço à margem esquerda dos v. 13-16:

| “Perdição de minha vida  
| Amor que me vais levando,  
| Terá fim esta decida?  
| Hade ter... Mas onde? e quando?”


\*

P.157-159

DEIXA QUE EU TE FALE, DEIXA (10 estrofes)

P.157:

Nota MA: cruzeta na margem superior:

  
“Deixa que eu te fale, deixa  
Que o meu verso dolorido  
Vá murmurar-te uma queixa  
No ouvido”

\*

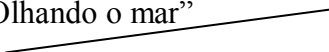
P.167-171

OLHANDO O MAR (18 estrofes)

P.167:

Nota MA:

1. Sinal de destaque sob o título:

“Olhando o mar”  


2. Rima sublinhada nos v. 1-2; estudo da sonoridade:

“Anoutecera apenas...  
O céu azul cobrira-se de estrelas”

P.169: Recorte do soneto “Felizes”, publicado sob o pseudônimo Hamlet, guardado dentro do livro:

FELIZES

(Deus escreve direito por linhas tortas)

“Em orações febris ella pedia  
Que Deus puzesse um fim a seus tormentos.  
À noite confiava, aos céus e aos ventos,  
A magua de viver sem alegria.

“Mas ninguém escutava taes lamentos:  
Aquelle a quem amava lhe sorria  
Com desprezo, tornando mais sombria  
A vida de supplicios incruentos.

“Neste duro martyrio commovente,  
Um desastre da *Light* attinge a bella,  
Que logo indemnizada do accidente,

“Não mais chorou, em ancias, á janella...  
É coxa, mas é rica e *elle* consente,  
Só por piedade, em se casar com ella”

P.170:

Nota MA: Rima sublinhada nos v. 42, 44; estudo da sonoridade:

“No mar que canta à luz dos astros de ouro!  
Subito, vês-te mergulhada em trevas,  
Batida de ondas, afogada em choro...”

\*

P.173-176

MADRIGAL (12 estrofes)

P.173:

Nota MA: título sublinhado:

“Madrigal”

\*

P.177-178

QUE NÃO DÉSSEIS OUVIDOS AOS MEUS AIS (soneto)

P.177:

Nota MA: traço na margem superior:

—  
“Que não désseis ouvidos aos meus ais,  
Vá lá; cousa é sabida e lei antiga:  
Não raro o dezamor a amor castiga  
Pois ser amado e amar não são iguais.

“Mas vós, minha senhora, inda levais  
Mais lonje o cazo: em voz que me fustiga,  
Em voz cheia de tédio e de fadiga,  
De que vos importuno vos queixais.

“Tomai quanto vos cabe: o vosso é vosso,  
Desdenhai-me á vontade... O que não posso  
E’consentir que me esbulheis do meu:

“Caiba a queixa a quem sofre o maior dano;  
Tendes o enfado, eu tenho o dezengano...  
E se vós vos queixais, que farei eu?”

\*

P.179-180

QUANDO PARTISTE, EM PRANTO, DESCORADA (soneto)

P.179:

Notas MA:

1. Estrela desenhada na margem superior;
2. Traço acima do soneto.

—  
“Quando partiste, em pranto, descorada  
a face, o lábio trêmulo...confesso:  
arrebato-me um verdadeiro acesso  
de raivosa paixão desatinada.

“Ia-se nos teus olhos, minha amada,  
a luz dos meus; então, como um possesso,  
quis arrojá-me atrás do trem expresso  
e seguir-te correndo pela estrada...

“Nem há dificuldade que não vença  
tão forte amor!’ pensei. Ah! como pensa  
errado o vão querer das almas ternas!

“Com denodo, atirei-me sobre a linha...  
Mas, ao fim de uns três passos, vi que tinha  
para tão grande amor, bem curtas pernas...”

\*

P.181-182

SENHORA MINHA, POIS QUE TÃO SENHORA (soneto)

P.181:

Notas MA:

1. Cruzeta margem superior da página;
2. Quiasmo e sonoridade sublinhados nos v.1-2:

~~—~~  
“Senhora minha, pois que tão senhora  
Sois, e tão pouco minha, eu bem entendo”

\*

P.183-184

MEDIEVAL (soneto)

P.183:

Notas MA:

1. Sinal de destaque sob o título:

“Medieval”  
/

2. Rima toante sublinhada nos v. 1-2:

“Noute, alta noute. Solitaria, a lua  
Vai pelo ceu lonjinho errando á toa \_\_\_\_  
Como Ofelia boiando, loura e nua,  
Na agua plácida e azul de uma lagoa”

\*

P.185-186

O ÚLTIMO CIUME (soneto)

P. 185:

Notas MA:

1. Sinal de destaque sob o título:

“O último ciúme”  
/

2. Traço duplo à margem esquerda dos v. 13-14:

“Esse corpo gentil negado ao meu desejo  
|| Guardaste-o, puro da mácula do meu beijo,  
|| Para servir de pasto á fome de um cipreste...”

\*

P.197-199

O ORGULHO DA ÁGUIA

P. 197:

Nota MA: Sinal de destaque sob o título:

“O orgulho da águia”  
/

\*

P.208

4ª capa

P.208:

Nota MA: esboço de verso:

*“E se esgueiram depois na volta do caminho”*

\*\*\*\*\*

CARVALHO, Vicente de

Bibl. MA [A/II/c/38]

*Poemas e canções*. 3ª. Edição aumentada. São Paulo: O Pensamento, 1917.

[Poesia]

IEB: MA 8699149C3295p

Notas MA a grafite.

Capa em couro preto.

P.V-XXII

Prefácio “Antes dos versos”, por Euclides da Cunha; Rio de Janeiro, 30 de Setembro de 1908.

P. de anterosto:

Desenho de vinheta: losango em torno do título do livro.

Verso p. das epígrafes, não numerada: pequeno arabesco à direita.

P. 1-7

VELHO TEMA

P.1:

PARTE I (soneto)

Notas MA:

1. Rima intercalada sublinhada nos v.1-2; estudo da sonoridade:

“Só a leve esperança, em toda a vida,  
Disfarça a pena de viver, mais nada;  
Nem é mais a eziestencia, resumida,  
Que uma grande esperança malograda.”

2. Rima intercalada sublinhada nos v.9-10 e expoente (*I*), remetendo ao comentário na margem superior:

“Essa felicidade que supomos, (*I*)  
Arvore milagroza que sonhamos  
Toda arreada de dourados pomos”

*“(1)Aqui, tem-se a visão de que o poeta, com notar a concordancia defeituosa das rimas/ dos quartetos, repeliu-a nos tercetos para que/ se a imagine propositada. Mas as rimas/ continuaram de ser defeituosas, sem to-/ davia empecer a beleza sobrenatural do poema.”*

3. Expoente (2) no v.14, remetendo ao comentário na margem superior:

“E nunca a pomos onde nós estamos” (2)

“(2) Disse Julia Lopes de Almeida que “/para adorar esse soneto basta ter gosto/ e intuição artística.”

Nota da pesquisa: o trecho citado está em “Dois dedos de proza”, de Julia Lopes de Almeida, integrado ao Apêndice da 2ª edição de *Poemas e Canções*, de Vicente de Carvalho (Porto: Livraria Ohardron, 1909, p. 221-223). Artigo publicado no periódico carioca *O Paiz*, a. 25, nº 8825, em 1º de dezembro de 1908, p.1. Não há títulos de Julia Lopes de Almeida na biblioteca de MA no patrimônio do IEB-USP.

\*

P. 2:

PARTE II (soneto)

Notas MA:

1. Sublinhada a paródia do v. 1 do soneto de Camões “Eu cantarei de amor tão docemente”; expoente (1), remetendo ao comentário na margem:

“Eu cantarei de amor tão fortemente (1)”

“(1) Vicente esculpa-se no fim do livro, em/ nota apenas, do apropriar-se do verso de/ Camões; e pune-se do delito transcrevendo/ o soneto célebre... Mas para os poetas/ da envergadura do A não ha tal precisão/ de muletas. Bastassem-lhe as pernas/ válidas.”

Nota da pesquisa: o soneto “Eu cantarei de amor tão docemente”, de Camões, está à p. 186-187 das *Obras Completas de Luis de Camões – Volume I: Redondilhas e sonetos* (Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1946), com prefácio e notas do Prof. Hernani Cidade.

\*

P.3:

PARTE III (soneto)

Notas MA:

1. Traço à margem esquerda dos v. 1-8:

“Belas, airozas, palidas, altivas,  
Como tu mesma, outras mulheres vejo:  
São rainhas, e segue-as num cortejo  
Estensa multidão de almas cativas.

“Têm a alvura do marmore; lascivas  
Fórmãs; os lábios feitos para o beijo;  
E indiferente e desdenhozo as vejo  
Belas, airozas, palidas, altivas...”

2. Métrica sublinhada e seguida de barra no v.11, estudo da sonoridade:

“Um detalhe/ sutil, um quase nada:”

\*

P.4:

PARTE IV (soneto)

Notas MA:

1. Supressão da cacofonia causada pelo artigo “a” no v.11; estudo da sonoridade:

“Toda ~~X~~esperança de alcançar-vos nego.”

2. Correção por meio do acréscimo de vírgulas no v. 13; sublinha criando ênfase:

“Conto-lhe o mal que vejo, e ele , que é cego,”

\*

P.5:

PARTE V (soneto)

Nota MA: Comentário na margem superior:

*“A forma destes admiráveis sonetos – sem/ que se recomende por castiça e intemerata – traz consigo um dos mais fortes encan-/tos de tais versos. A ideia ressalta pura/ e limpa, sem brocados custosos e rendilhados,/ que as vezes por ventura mais imitam/ andrajos que brocados. Antes, reveste-se ela/ do puro brial de seda branca; e é mais/ bela assim.”*

\*

P. 6-7:

PARTE VI (4 estrofes)

Notas MA:

1. Decassílabo sublinhado no v.12; traço duplo sob as sílabas 4<sup>a</sup>. e 7<sup>a</sup>. tônicas, estudo da sonoridade; expoente (1), remetendo ao comentário na margem superior:

“O teu mesquinho, o teu unico bem” (1)

*“(1) Aqui V. acentua o verso nas 4<sup>a</sup> e 7<sup>a</sup> sila-/bas, a não ser que se queira acentuar desmesuradamente o segundo teu, des-/locando a acentuação natural da/ frase. Concordo porem com o verso do A., nem sou daquelles que reconhecem/ apenas os ritmos preestabelecidos por/ larga usança, senão creio que ha, e deve/ procurar-se, ritmos novos ou em desuso, susceptíveis de trazer maior variedade e/ um novo esplendor á arte dos versos.”*

\*

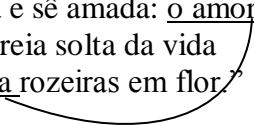
P. 9-10:

MENINA E MOÇA (8 estrofes)

P. 10:

Nota MA: sujeito e verbo sublinhados e ligados por traço nos v. 18 e 20:

“Meiga, formosa, querida,  
Ama e sê amada: o amor  
Na areia solta da vida  
Brota rozeiras em flor.”



\*

P.11-14:

PEQUENINO MORTO (12 estrofes)

P.11:

Nota MA: Comentário na margem superior:

*“No “Pequenino morto” descortina-se uma nova/ faceta do lirismo de Vicente. A piedade e o amor/ paternal que promanam desta sublime elegia/ são novos no estro do A. O amor em Vicente/ nunca é sentidamente apaixonado ou mistura-/do de adoração, ha mesmo quasi sempre nele/ como que um leve fundo de ironia ou scepticismo./ Outras vezes é panteísta. E com que arte ele/ escolhe o ritmo e distribue a decadência destas/ ~~rimas~~ palavras repetidas! É uma obra-prima inconfun-/dível.”*

P. 13:

Notas MA:

1. Métrica sublinhada no v.44 e expoente (1), remetendo ao comentário no rodapé:

“Tu|a mã!... Num éco de sua voz piedoza, ” (1)

*“(1) Num mesmo verso V. conta o ~~possessivo~~ ora com uma, ora com duas sílabas, o que/ não poderá dizer-se que seja a própria arte”*

P.14:

Nota MA: Comentário no rodapé:

*“Alfredo de Carvalho diz que V. no “Pequenino/ Morto” tem a piedade meiga do Guerra Junqueiro/ d’Os simples. Não sei porque evocar Junqueiro, com/ seus ritmos de castanhola e tan-tans, arte ante esta/arte toda nova e elegíaca, tam diversa da do/ poeta português. A simpleza de V. é outra si ambos foram movidos pela piedade, quasi / diversa é a piedade destes versos religiosos da/ piedade enfaticamente realista de Junqueiro!”*

Nota da pesquisa: A crítica por Alfredo de Carvalho, “Poemas e canções de Vicente de Carvalho”, está às p. 251-256 do livro, acompanhada de nota indicativa da primeira publicação do texto no *Jornal do Recife*, em 1908.

Na biblioteca de MA estão, de Alfredo de Carvalho, *Toponymia pernambucana*. Recife: Imprensa Oficial, 1931 (MA 918.1224M528t); *Aventuras e aventureiros no Brasil*. Rio de Janeiro: Paulo, Pongetti & c, 1929 (MA 981C329a); *Bibliotheca exótico-brasileira*. Rio de Janeiro: Pongetti, 1920-1930 (MA r016.981C329b v. 1-4). Não se acha, contudo, a *Bio-biografia de Vicente de Carvalho*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional/ Academia Brasileira de Letras, 1943, escrita com Afonso de Carvalho e Maria da Conceição Carvalho.

\*

P. 15-22:

SUJEITOS DO CREPUSCULO

P.15-16

PARTE I (5 estrofes)

P.15:

Notas MA:

1. Aliteração sublinhada e circulada no v. 8, estudo da sonoridade; expoente (I) no v.7, remetendo ao comentário no rodapé:

“Aumenta, alastra e dece pelas  
Rampas dos morros, pouco a pouco,  
O ermo de sombra, vago e lóco, (I)  
Do céu sem sol e sem estrelas.”

*“Vicente é um pouco desleixado, e é preciso/ que se o inculpe por isso. Muitos dos seus/ versos são frouxos – e o casticismo por vezes/ periclita.”*

P.17-18:

PARTE II (8 estrofes)

P.18 :

Notas MA:

1. Traço à margem esquerda dos v.13-16:

“Torvo gigante repellido  
Numa paixão lasciva e louca,  
É todo fúria: em sua boca  
Blasfema a dôr, mora o ruído.”

2. Período sublinhado no v.17:

“Sonha a nudez: brutal e impuro,”

3. Comentário no rodapé:

*“É de notar-se a beleza sublime dêstes versos e/ dos que seguem. Nunca V. se acha tam lírico/ e admirável que quando fala do mar.”*

\*

P. 19-20:

PARTE III (7 estrofes)

P. 19:

Nota MA: barra marcando escansão do v. 6, estudo da sonoridade:

“Varrendo a noute, enchendo o | ar,”

P.20:

Notas MA:

1. Traço à margem esquerda dos v.17-20:

“De quando em quando, um tenue risco  
De chama vem, da sombra em meio...  
E o mar recebe em pleno seio  
A cutilada de um corisco.”

2. Traço à margem esquerda dos v.25-28:

“Donas do campo, as ondas rujem;  
E o monstro impando de ouzadia,  
Pragueja, insulta, desafia  
O céu, cuspindo-lhe a salsujem.”

\*

P. 23-25:

A ARTE DE AMAR (6 estrofes)

P.25:

Nota MA: Comentário no rodapé:

*“Nota-se que nos versos mais modernos/ V. acendra cada vez mais sua ironia e/ scepticismo. Em livros como o “Poemas e Canções”/ tam cheios de exaltado entusiasmo e rara beleza,/ trechos como êste são defeitos.”*

\*

P. 27-45:

A VOZ DO SINO

P. 27-34:

PARTE I (estrofes)

P.27:

Notas MA:

1. Aliteração sublinhada no v.2; estudo da sonoridade:

“De vila de beira-mar.”

2. Barra marcando a escansão do v.6, estudo da sonoridade:

“De uns restos de sol po|ente;”

3. Alteração da pontuação nos v. 8-9:

“– Do morro a que fica rente –  
Dece uma sombra tranquila ʔ”

P.28:

Notas MA:

1. Correção: barra cortando vírgula no v.21; expoente (1), remetendo ao comentário no rodapé:

“Como que/interrompida, (1)”

“(1) Os versos frouxos e até incorretos aparecem”

P.29:

Notas MA:

1. Barra marcando escansão no v.25 e expoente (1), remetendo ao comentário na margem superior:

“Vi|olentemente o ar.” (1)

“(1) Realmente o A permite-se nos seus últimos poemas versos tão frouxos e/ mancos, que de muita culpa grave/ se faz seu.”

P.32:

Notas MA:

1. Palavra sublinhada no v.84, estudo do vocabulário parnasiano e expoente (1), remetendo à definição no rodapé:

“Quem? Algum camaroeiro (1)”

“(1) O que pesca camarões”

2. Expoente (2) no v.86, remetendo à definição no rodapé:

“A seguir para o pesqueiro? (2)”

“(2) Lugar habitual de peixes”

P.33:

Notas MA:

1. Lusitanismo sublinhado no v. 90:

“Vai a maré a vazar”

2. Barra marcando escansão e acréscimo de interrogação no v.96:

“Com o remo e o puçá ? no /hombro”

P. 35-45

PARTE II (35 estrofes)

P.37:

Notas MA:

1. Traço à margem esquerda dos v.53-54 e expoente (1), remetendo ao comentário no rodapé:

“A primeira Ave, Maria  
Quem a rezou foi Jesus. (1)”

*“(1) Este trecho é sublime, desta aliás lin-/díssima poesia. Mas a beleza da inspira-/ção alia-se a segurança dos versos firmes,/ cheios, simples mas perfeitos”*

P.41:

Nota MA: traço à margem esquerda dos v.97-107:

“Errei, confesso-o... Perdoa,  
Ó sino humilde da vila,  
Que assim badalas, badalas,  
Na paz da tarde tranquila;  
Ó sino, que também rezas,  
Ó sino, que tanto falas  
À terra, toda asperezas,  
Como ao céu, todo luar,  
Chamando, com o mesmo zelo  
Cada infeliz – a rezar,  
Nossa Senhora – a atendel-o.”

P.45-46:

Nota MA: comentário no rodapé:

*“Nota-se ainda a mão que traçou/ as “Sugestões do luar” e inda outras/ estrofes em redondilhas das mais/ belas e cantantes da língua. Mas a/ mão envelheceu e a pena já não/ distila só luz. Nesta linda composi-/ção, dum ideal tam lírico, tam/ profundamente piedoso, ha descaidas/ de imaginação e principalmente na/ factura dos versos, que a enfeiam/ sobremaneira. - /á pag 30 o quarto verso é todo condenável/ “De ramagens, folhas, flores” alem de/ ser desagradavel de dizer-se, é duma/ abundância*

*desnecessária. Aqui, rama-/gens e fôlhas são uma redundância/ ~~de~~ apenas permissível em versos de/ primeiro facto. Uma segunda leitura/ atenta bastaria para o poeta expurgar/ o poema do aleijão. Não é preciso ser/ grande para corrigir-se: “De ramagens e/ flores” ou o que valha.*

—  
“Esperta-~~me~~ êste dorminhoco;  
Que ou êle acordando, abala,  
Ou fica dormindo – pg 31

*Quem tal diria? É verdade a há La Palisse alem da aspereza do primeiro dos/ versos “... porta este dor”/- / E outros senões ha que com um pouco/ de mais trabalho Vicente expulsaria/ dos seus versos, sem com tais nodoas/ envelhecer a mocidade eterna dos/ seus “Poemas e Canções”. A concepção/ e a inspiração desta magnifica poesia/ valem, por si, um trono.”*

\*

P. 47-66:

FUJINDO AO CATIVEIRO

P. 47-51:

PARTE I (16 estrofes)

P. 47:

Nota MA: círculo e traço à margem esquerda dos v. 1-9:

○ { “Horas mortas. Inverno. Em plena mata. Em plena Serra do Mar.  
Em cima, ao lonje, alta e serena,  
A ampla curva do céu das noutes de geada:  
Como a palpitação vagamente azulada  
De uma poeira de estrelas...  
  
Negra, imensa, disforme,  
Enegrecendo a noute, a desdobrar-se pelas  
Amplidões do horizonte, a cordilheira dorme.”

P. 49:

Nota MA: círculo e traço à margem esquerda dos v. 52-61:

○ { “Na confusão da noute, a confusão do mato  
Géra alucinações de um pavor insensato,  
Aguça o ouvido ansioso e a vizão quase estinta:  
Lembra - e talvez abafe - urros de onça faminta  
A mal ouvida voz da tremula cascata  
Que salta e foge e vai rolando aguas de prata.

Rujem sinistramente as moutas sussurrantes.  
 Acoutam-se traições de abismo numa alfombra.  
 Penedos traçam no ar figuras de gigantes.  
 Cada ruido ameaça, e cada vulto assombra.

P. 50:

Notas MA:

1. Círculo e traço à margem esquerda dos v. 62-71:

○ “Uns tardos caminantes  
 Sinistros, meio nús, esboçados na sombra,  
 Passam, como vizões vagas de um pezadelo. . .  
 São cativos fujindo ao cativoiro. O bando  
 É numerozo. Vêm de lonje, no atropelo  
 Da fuga perseguida e cançada. Hezitando,  
 Em recúos de susto e avançadas afoutas,  
 Rompendo o mato e a noute, investindo as ladeiras,  
 Improvizam o rumo ao acazo das moutas.  
 Vão arrastando os pés chagados de frieiras...”

2. Círculo e traço à margem esquerda dos v. 58-66:

○ “Vão andrajozos, vão famintos, vão morrendo.  
 Incita-os o terror, alenta-os a esperança:  
 Fica-lhes para traz, para lonje, o tremendo  
 Cativoiro... E atravez desses grotões por onde  
 Se arrastam, do sertão que os esmaga e os esconde,  
 Da vasta escuridão que os cega e que os ampara,  
 Do mato que obsta e apaga os seus passos furtivos,  
 Seguem, almas de hebreus, rumo do Jabaquara  
 - A Canaan dos cativos.”

P.51-52:

Notas MA:

1. Círculo e traço à margem esquerda dos v. 79-86 e expoente (1) no v. 86, remetendo ao comentário no rodapé:

○ “E a longa fila segue: a passo, vagaroza,  
 Galga de fraga em fraga a montanha fragoza,  
 Bem mais fragoza, bem mais alta que o Calvario...  
 Um, tropeçando, arrima o pai octojenario:

Os mais valentes dão apoio aos mais franzinos;  
 E Mães, a agonizar de fome e de canção,  
 Levam com o coração mais do que com o braço  
 Os filhos pequeninos: ” (1)

“Este principio do “Fujindo ao cativoiro” é sem dúvida/ um dos trechos mais perfeitos de poesia na/ língua portuguesa, não se lê uma descrição de/ mata, penetra-se na própria mata. O verso tor-/ na-se elastico, alastra-se; despenha-se, imita,/ sugestiona, e a ferocidade desta selva avulta-se/ à musica dum tal versejar. É de notar-se a/ multiplicação dos versos entrozados que atingem/ aqui poreventura uma mais alta perfeição que/ em Alberto, que dentre os nossos parnasianos fez/ dêles maior uso. É perfeito e é sublime./ (1) Antonio Correa de Oliveira diz à pg. 68 do seu livro/ “Parábolas” 1905: “Uma pobre mãe levando” vide pg seguinte/ “pela mão/ “o filho que, pelo amor,/“levava em seu coração.”

Nota da pesquisa: MA marca a apropriação: refere-se aos versos 26-31 do poema “Menino-Deus”, p. 68, do livro *Parábolas*, de Antonio Corrêa de Oliveira (Lisboa: Ferreira & Oliveira, 1905 – IEB: MA 869.169 O481p), obra na biblioteca de MA. À p.68 estão estas Notas MA: 1.Traço à margem esquerda dos versos citados e 2. Comentário no rodapé: (1) V. de Carvalho (*Fujindo ao cativoiro*).

#### P. 52-55

##### PARTE II (15 estrofes)

#### P. 52:

Nota MA: círculos à margem dos v. 87-96:

“Eil-o, por fim, o termo dezejado  
 Da subida: a montanha avulta e crece  
 ○ De um vale escuro ao ceu todo estrelado;  
 E o seu cume de subito aparece  
 De um resplendor de estrelas aureolado.

Mas ai! Tão lonje ainda! ... E de permeio  
 A vastidão da sombra sem caminhos,  
 Um fundo vale, tenebrozo e feio,  
 ○ E o mato, o mato das barrocas, cheio  
 De fantasmas, de estrepitos, de espinhos.”

#### P.56-60:

##### PARTE III (16 estrofes)

#### P. 56:

Nota MA: círculo e traço à margem esquerda dos v.162-171:

“Aponta a madrugada:  
 Da turva noute esgarça o humido veu,  
 E espraia-se rizonha, alvoroçada,

○ Rozando os morros e dourando o ceu.  
 A caravana tropega e ancioza  
     Chega ao tope da Serra...  
     O olhar dos fujitivos  
 Descança enfim na terra milagroza  
     Na abençoada terra  
     Onde não ha cativos.”

P. 57:

Nota MA: círculo e traço à margem esquerda dos v.180-191:

○ “O dia de ser livre, tão sonhado  
 Lá do fundo do escuro cativoiro,  
 Amanhece por fim, leve e dourado,  
     Enchendo o ceu inteiro.  
 Uma esploção de jubilo rebenta  
 Desses peitos que arquejam, dessas bocas  
 Famintas, dessa turba macilenta:  
 Um borborinho de palavras loucas,  
 De frases soltas que ninguém escuta  
 Na vasta solidão se ergue e se espalha,  
 E em pleno seio da floresta bruta  
 Canta vitoria a meio da batalha.”

P. 59:

Nota MA:

1. Círculo e traço à margem esquerda dos v. 224-239 e expoente (*I*), remetendo ao comentário no rodapé:

○ “Decem rindo, a cantar... Seguem, felizes,  
 Sem reparar que os pés lhes vão sangrando  
 Pelos espinhos e pelas raizes;  
 Sem reparar que atraz, pelo caminho  
 Por onde fojem como alegre bando  
 De passarinhos da gaiola escapo  
     – Fica um pouco de trapo em cada espinho  
 E uma gota de sangue em cada trapo.

Decem rindo e cantando, em vozeria  
 E em confusão. Toda a floresta, cheia  
 Do murmurio das fontes, da alegria

○ Deles, da voz dos passaros, gorjeia.  
 Tudo é festa. Severos e calados,  
 Os velhos troncos, placidos ermitas,  
 Os proprios troncos velhos, remoçados,  
 Riem no rizo em flor das parasitas. (1)”

“O Terre!/ *L’homme est ton dernier né; dans les fleurs tu lui ris*”/ S. Prudhomme/  
*Sonnet sur le Tremblement de Terre de C.*

Nota da pesquisa: MA refere-se ao *Sonnet sur le Tremblement de Terre de Casamicciola*, do paransiano francês Sully de Prudhomme, que está à p.78 de *Poésies Vol. 5 (1879-1888)*, obra na Biblioteca Municipal de Araraquara, enviada por MA à cidade, na década de 1940, junto de outros 600 livros sob a forma de doação. Não há notas neste texto:

“Quelle estime fais-tu de ton chef-d’oeuvre, o Terre?  
 L’homme est ton dernier né; dans les fleurs tu lui ris,  
 De tes sucres les meilleurs longtemps tu le nourris,  
 Et tu filtres tes eaux pour qu’il s’y désaltère;  
 “Puis, pendant qu’il se fie à ton sein tutélaire,  
 L’écrasant tout à coup, brute sourde à ses cris,  
 Tu changes pour ton fils en tombeau ses abris,  
 Ta douceur prévoyante en aveugle colère.  
 “Quand tu jettes ce traître et cruel désarroi  
 Dans les travaux savants de sa main créatrice,  
 Sans craindre que l’artiste avec l’oeuvre périsse,  
 “Lui veux te rappeler par un subit effroi  
 Qu’il reste par faveur une fière nourrice  
 Dont, malgré son génie, il n’est jamais le roi ?”

\*

P.61-66:

PARTE IV(30 estrofes)

P. 61-62:

Nota MA: círculo e traço à margem esquerda dos v.260-296:

○ “De repente, como um agouro e uma ameaça,  
 Um alarido de vozes estranhas passa  
 Na rajada do vento...  
 Estacam.  
 Como um bando  
 De ariscos caitetés farejando a matilha,  
 Imoveis, alongado o pescoço, arquejando,  
 Preza a respiração, o olhar em fogo, em rilha  
 Os dentes, dilatada a narina, cheirando  
 A aragem, escutando o silencio, espreitando

A solidão; assim, num alarma instintivo,  
Estaca e põe-se álferta o bando fujitivo.

Nova rajada vem, novo alarido passa...

Como, topando o rastro inda fresco da caça,  
Uiva a matilha enquanto inquire o chão agreste,  
E de repente, em furia, alvoroçada investe  
E vai correndo e vai latindo de mistura;  
Rosna ao dar-lhes na pista a escolta que os procura,  
E morro abaixo vem ladrando-lhes no encalço.

Grita e avança em triunfo a soldadesca ufana.

E os frangalhos ao vento, em sangue o pé descalço,  
Alcateia uzurpando a f3rma e a face humana,  
Almas em desespero arfando em corpos gastos,  
M3is aflitas levando os filhinhos de rastos,  
Homens com o duro rosto em lagrimas, velhinhos  
Esfarrapando as m3os a tactear nos espinhos;  
Toda essa aluvi3o de caça perseguida  
Por um clamor de furia e um tropel de batida,  
Foje... Rompendo o mato e rolando a montanha,  
Foje... E, moutas a dentro e barrocaes a f3ra,  
Arrasta-se, tropeça, esbarra, se emaranha,  
Arqueja, hezita, afrouxa, e desanima, e chora...

P3ram.

Perto, bramindo, a escolta o passo estuga.

Os fujitivos, nesse aproximar da escolta  
Sentem que vai chegando o epilogo da fuga:  
A gargalheira, a aljema, as angustias da volta..."

P. 63:

Nota MA: c3rculo e traço à margem esquerda dos v.312-314:

○ { "Agrupam-se, vencidos,  
A tremer, escutando o tropel e os ruídos  
Da escolta cada vez mais em furia e mais perto."

P.63-64 :

Nota MA: c3rculo e traço à margem esquerda dos v.318-333:

○ “Destaca-se do grupo um fujitivo. Lança  
Em torno um longo olhar tranquilo, de esperança,  
E diz aos companheiros:

‘Fuji, correi, saltai pelos despenhadeiros;  
A varzea está lá em baixo, o Jabaquara é perto...  
Deixai-me aqui sosinho.  
Eu vou morrer, de certo...  
Vou morrer combatendo e trancando o caminho.

A morte assim me agrada:  
Eu tinha de voltar p’ra conservar-me vivo...  
E é melhor acabar na ponta de uma espada

○ Do que viver cativo’.

E enquanto a caravana  
Desanda pelo morro atropeladamente,  
Ele, torvo, figura humilde e soberana,  
Fica, e a pé firme espera o inimigo iminente.”

P.65-66 :

Nota MA: círculo e traço à margem esquerda dos v.345-375:

○ “Erguendo o braço, ele ergue a fouce: a fouce volta,  
E rola sobre a terra uma cabeça solta.  
Sobre ele vem cruzar-se o gume das espadas...  
‘Ah, prendel-o, jamais!’ respondem as fouçadas  
Turbilhonando no ar, e ferindo, e matando.

De lado a lado o sangue espirra a jorros... Ele,  
Ajil, possante, ouzado, heroico, formidando,  
Faz frente: um contra dez, defende-se e repele.

E não se entrega, e não recúa, e não fraqueja.  
Tudo nele, alma e corpo ajustados, peleja:  
O braço luta, o olhar ameaça e desafia,  
A coragem reziste, a agilidade vence.

E, coriscando no ar, a fouce rodopia.

Afinal um soldado, ebrio de covardia,  
Recúa; vai fugir... Recúa mais; detem-se:  
Fóra da luta, sente o gosto da chacina;

E vagarosamente alçando a carabina,  
Viza, desfecha.

O negro abria um passo á frente,  
Erguêra a fouce, armava um golpe...

De repente  
Estremece-lhe todo o corpo fulminado.

Cái-lhe das mãos a fouce, inerte, para um lado,  
Pende-lhe, inerte, o braço. Impotente, indefeço  
Ilumina-lhe ainda a face decomposta  
Um derradeiro olhar de afronta e de desprezo.

Como enxame em furor de vespas assanhadas,  
Assanham-se-lhe em cima os golpes sem resposta,  
E retalham-n'ó á solta os gumes das espadas...

E retalhado, ezausto, o lutador vencido  
Todo flameja em sangue e espira num rujido.”

\*

#### P. 93-95

A INVENÇÃO DO DIABO (13 estrofes)

#### P. 93:

Nota MA: musicalidade sublinhada nos v. 6 e 8, estudo da sonoridade:

“Tomando para si todo o imenso tezouro  
Da Bondade e da Luz, do Amor e da Harmonia,  
Póde o Senhor fazer esbanjamantos de ouro  
Nas estrelas da noute e no esplendor do dia.”

#### P.94:

Notas MA:

1. Sublinhas marcando contagem de sílabas no v.14;
2. Traço marcando ritmo no v. 16;
3. Imagem sublinhada no v. 18;
4. Barra marcando escansão e sonoridade sublinhada no v. 19:

“A Satanaz, porém, coube em partilha a treva,  
O ódio como prazer, como covil um poço;  
E ele lá no seu reino escuro a vida leva  
De um cão magro a que dão muita pancada e um osso.

E, enquanto a mão de Deus, abrindo-se semeia  
Astros de ouro no céu, messes de ouro no pó,  
Satanaz~~f~~ furioso/, a mão sacode, cheia  
De lepra e maldição como o punho de Job.”

5. Acréscimo de parênteses no v.23:

“Quando, (acazo), ao sair do seu covil estreito,”

P.95:

Notas MA:

1. Imagem sublinhada no v. 33 e anotação: *Ondulante*;
2. Adjetivos sublinhados no v. 34;
3. 4ª e 7ª sílabas poéticas assinaladas no v.38;
4. Metáfora sublinhada no v.44;
5. Metáfora sublinhada nos v.47-50:

“Sobre um macio chão todo em musgos e rozas,  
Eva | formosa e nua, adormecera ao luar:  
E sobre a alva nudez dessas formas graciosas  
Satan deixou cair um desdenhozo olhar...

Mas num sonho talvez de coisas ignoradas,  
Num ~~de~~bejo sem ~~al~~vo, imperfeito e indecizo,  
Eva os lábios abriu – e abriram-se orvalhadas  
De um suspiro de amor, as rozas de um sorriso.

Espantado, Satan viu que esse mármore era  
Animado e gentil, ardente e encantador;  
Como um rezumo viu de toda a primavera  
Na frescura sem par daquela boca em flor.

E foi sómente então que o Príncipe da Treva  
Imaginou o Amor furioso e desganhado,  
E resolveu fazer dos rozeos lábios de Eva  
O cálix consagrado às missas do Pecado.

Labios feitos de mel, de rozas ao sereno,  
De céu do amanhecer franjado em rozicler...  
Entreabriu-os Satan; e enchendo-os de veneno,  
Sorriu. Tinha inventado o beijo da mulher.”

\*

P. 141-143

ORAÇÃO PAGÃ (12 estrofes)

P.142:

Nota MA:

1. Barra marcando escansão e expoente (I) no v.15, remetendo ao comentário no rodapé:

“(I) Ha | um olhar, tão distraído,”

“(I) Vicente que se presa de ser parnasiano/ não faz todavia a elisão: haum. Mas/ a melodia sobreeleva assim o verso.”

\*

P. 149 – 161:

A PARTIDA DA MONÇÃO

P. 149-150:

PARTE I (6 estrofes)

P. 149:

Nota MA: círculo à margem esquerda dos v. 13-16:

- “Eil-as, as toscas naus de borda rastejante  
A´ flôr das aguas, naus de estreitos rios quietos;  
Eil-as, prestes a abrir para o sertão distante  
O seu vôo, arrastado e sem gloria, de insetos.”

P.151-152

PARTE II (6 estrofes)

P. 152:

Nota MA: círculo à margem esquerda dos v. 25-28, 33-36:

- “Em todo o curso, a terra ao lado, seio amigo,  
Companheira constante e proteção fiel,  
Pondo o socorro à mão nas ancias do perigo,  
Dando ao gozo do olhar delicias de um verjel.”

[...]

- “E o rio, manso, manso... a embalal-as, decendo,  
No balanço sutil da mole ondulação,  
E a arrastal-as, de leve, assim, para o tremendo,  
Para o lonjinho, vago, infinito sertão...”

P.153-154

PARTE III (5 estrofes)

P. 153:

Nota MA: círculo à margem esquerda dos v. 1-12:

- “Hão de em breve surgir, pelas margens sinuosas
- Florestas virjens de onde um confuzo rumor  
Sóbe de solidões profundas, misteriosas,  
Como um uivo agourento, um uivo ameaçador.
- Voz sem eco, a não ser na alma de quem a escuta,  
Surdo resfolegar de monstro provocado
- Que de repente acorda e, prestes para a luta,  
Abre a guela de sombra, e espera, socegado.
- Socegado, seguro, apercebido, espera  
Os que lhe vêm trazer, fanatica oblação,
- Corações para a flexa e sangue para a fera,  
Carniça para o abutre e ossadas para o chão.”

P. 155-156

PARTE IV (4 estrofes)

P. 155:

Nota MA: círculo à margem esquerda dos v. 5-12:

- “Paira, grassa em redor, toda a melancolia
- De uma paizajem morta, igual, dezerta e imensa,  
Pondo nos olhos e nas almas que enfastia  
Um pezo ainda maior que a dôr, a indiferença.
- Desanimado, absorto, ante essa indefinida  
Solidão que se espraia além, além... o olhar
- Tem a impressão que faz a tristeza da vida:  
De ir seguindo, seguindo... e nunca mais voltar.”

P.157-158

PARTE V (6 estrofes)

P.157-158:

Nota MA: círculo à margem esquerda dos v.1-24:

- “De repente, uma flexa alijera sibila.
- De onde veio? Da sombra. E a sombra, de repente,  
— Traição da cascavel numa alfombra tranquila —  
Principia a silvar com silvos de serpente.

- “Por toda parte a larga escuridão se anima
- Desse leve rumor que espalha a morte, e sai  
Do chão e voador, ou vem rastejante, ou, de cima,  
Salpicado, vivaz, como um granizo, cá...
- “Bruscamente borbulha em fantasmas a margem
- Ajetada do rio. O clarão da metralha  
Responde á sombra. E de eco em eco a imensa varjem  
Reboa de um fragor de guerra e de batalha.
- Eis o caminho aberto ao triunfo e á conquista.
- — Como a corça ferida escapa e foge em voador,  
Deixando atraz, deixando, humida e fresca, a pista  
De seu flanco rasgado e sangrando no chão;
- “Fujitiva e dispersa, a turba dos vencidos
- Atrai, guia, conduz para a tribo distante,  
Para a perdida paz de seus lares traídos,  
A guerra, o cativo, a morte: o bandeirante.
- “Ferve a luta. De serra a serra voador o rouco
- Som da inubia, acordando ecos e leijões;  
Ouriço monstruoso, o sertão, pouco a pouco  
Todo se errija das flexas de cem nações...”

P.159-160

PARTE VI (6 estrofes)

P.159-160:

Nota MA: círculo à margem esquerda dos v. 1-20:

- “Eil-as, as toscas naus de borda rastejante,
- A' flôr das aguas, naus de estreitos rios quietos;  
Eil-as, prestes a abrir para o sertão distante,  
Para assombros de gloria, o seu vôo de insetos.
- “Apinhem-se na praia os velhos, derramando
- De encarquilhadas mãos inúteis para mais  
A benção dos que já se sentem bruxoleando  
Aos que lhes vão tornar os nomes imortais.
- “Mães, deixai que, sonhando, a vista embevecida
- De vossos filhos pouze, e se ilumine, e aprenda  
Nessa formosa folha em que o livro da vida  
Tem estrofes de poema e proporções de lenda.

“Noivas, com os corações envoltos na penumbra  
○ Indeciza do amor que se orgulha e se dói,  
Vinde trazer-lhes vosso olhar de que resumbra  
Saudade pelo amante e enlevo pelo herói...”

“Ao largo, enfim ! Clarins e buzinas atroam.  
○ E as canoas, na luz da manhã côm de rosa,  
Pairam por um momento em pleno rio; aprôam  
Para o sertão. E rompe a marcha vagaroza.

“Nos barrancos, até rente d’água investidos  
De filhos a sorrir e de mais a chorar,  
Lancem as frouxas mãos e os olhos comovidos  
O derradeiro adeus e o derradeiro olhar...”

#### P.161

PARTE VII (1 estrofe)

#### P.161:

Nota MA: círculo à margem esquerda dos v.1-4:

“Lonje, na solidão do campo undoso e verde,  
○ O rio serpenteia. Em cada contorção  
Mais se afasta. E a fugir, pouco a pouco se perde  
No majestoso, vago, infinito sertão...”

\*

#### Anverso da p. de guarda final:

Nota MA: anotação na margem superior:

*“Em flor pg 6 - 3 verso/ pg 10 - 2ª estrofe/ pg 18 - 2ª estrofe/ pg 18 - 3ª estrofe”*

Nota da pesquisa: os versos indicados por MA são:

- ✓ P. 6, v. 3: “De quanto vê pelo caminho em flôr”, parte VI de VELHO TEMA;
- ✓ P. 10, v. 20: “Brota rozeiras em flor”, MENINA E MOÇA;
- ✓ P. 18, v. 36-37: “E virjinal da terra em flôr”/ “Debalde a terra em flôr, com o fôr”, parte II de SUJESTÕES DO CREPÚSCULO.

\*\*\*\*\*

II

A ESPHINGE

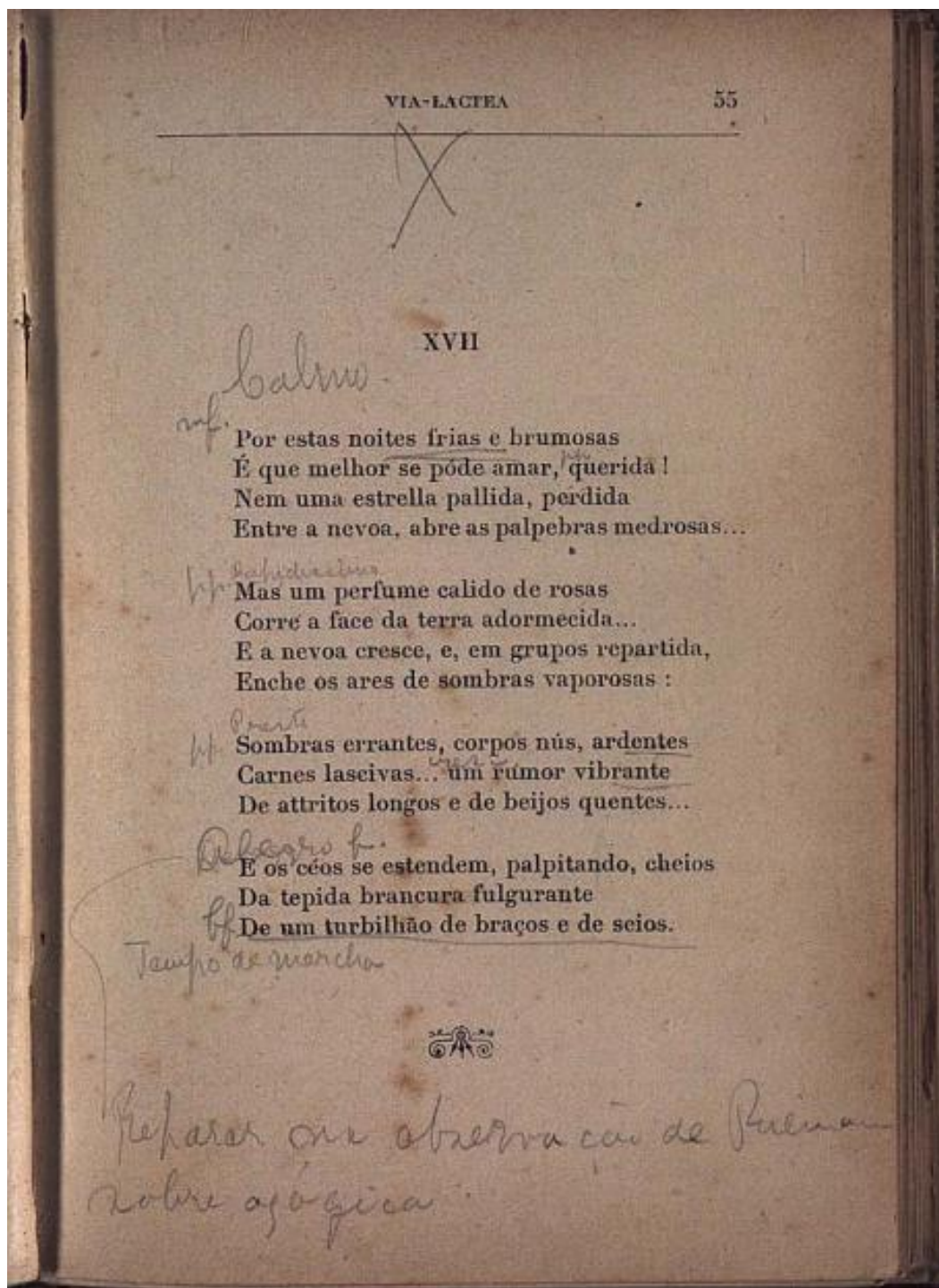
"Bemvindo sejas á cidade de Cadmo, nosso libertador  
e nosso rei, que, com a tua penetração de espirito e o au-  
xilio divino, levantaste o tributo de sangue que pagavamos  
á cruel Esphinge!"

(SOPHOCLES. Edipo-Rei.)

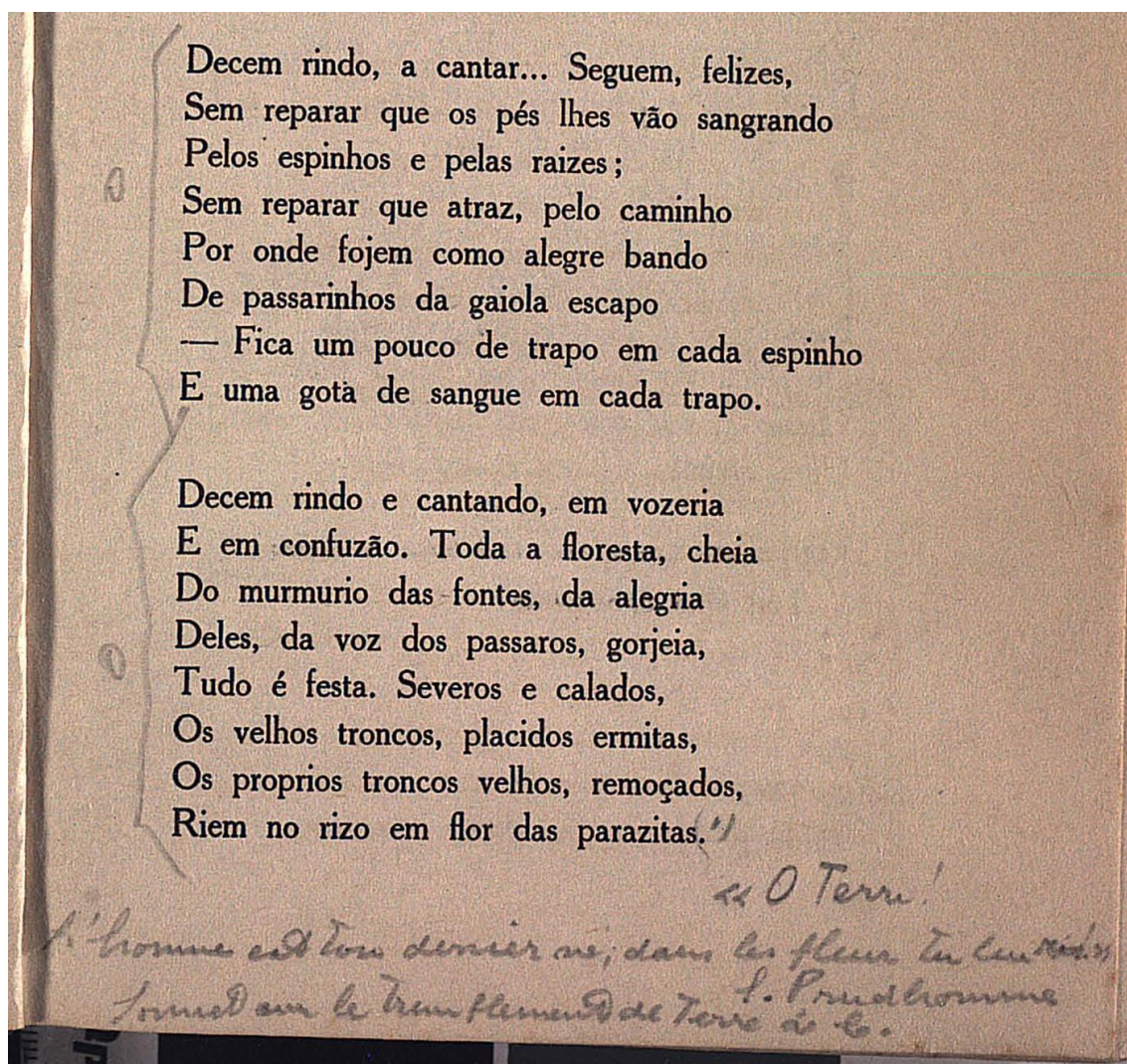
Perto de Thebas, junto a um monte, sobre o Ismeno,  
Agua e mulher, serpente e abutre, deusa e harpia,  
Tapando a estrada, á espera, — aterrava e sorria  
O monstro seductor, horrivel e sereno:

"Devoro-te, ou decifra!" Era fascinio o aceno;  
A voz, morna e sensual, tinha affecto e ironia,  
Graça e repulsa; e a luz dos olhos escorria  
Fluido filtro, estillando um perfido veneno.

O leitor, atento à sonoridade, sublinha a aliteração no v. 8 de "A esphinge", poema de Olavo Bilac (*Tarde*. Rio de Janeiro/ São Paulo/ Belo Horizonte: Livraria Francisco Alves, 1919, p. 96).



O lápis do leitor registra a dinâmica musical em “XVII. Por estas noites frias e brumosas”, de Olavo Bilac (*Poesias*. Rio de Janeiro/ São Paulo/ Belo Horizonte: Livraria Francisco Alves, 1909, p. 55). No rodapé, anota sua fonte de pesquisa: “Reparar na observação de Riemann/ sobre agógica”.



Mário de Andrade desenha traços e círculos na margem esquerda do poema. No rodapé, o comentário: “O Terra!/ L’homme est ton dernier né ; dans les fleurs tu lui ris’ / S. Prudhomme/ Sonnet sur le Tremblement de Terre de C. » , em *Poemas e canções*, de Vicente de Carvalho (São Paulo: O Pensamento, 1917, p.59).

CVII

Voltaire, dando com o pé n'uma caveira, ria...

(GOMES LEAL).

Juncto a esta cruz os ossos dum asceta  
Jazem... Do claustro as frias solidões  
Amou, e, em vez da truculenta e inquieta  
Vida, a paz, o cilício e as orações ;

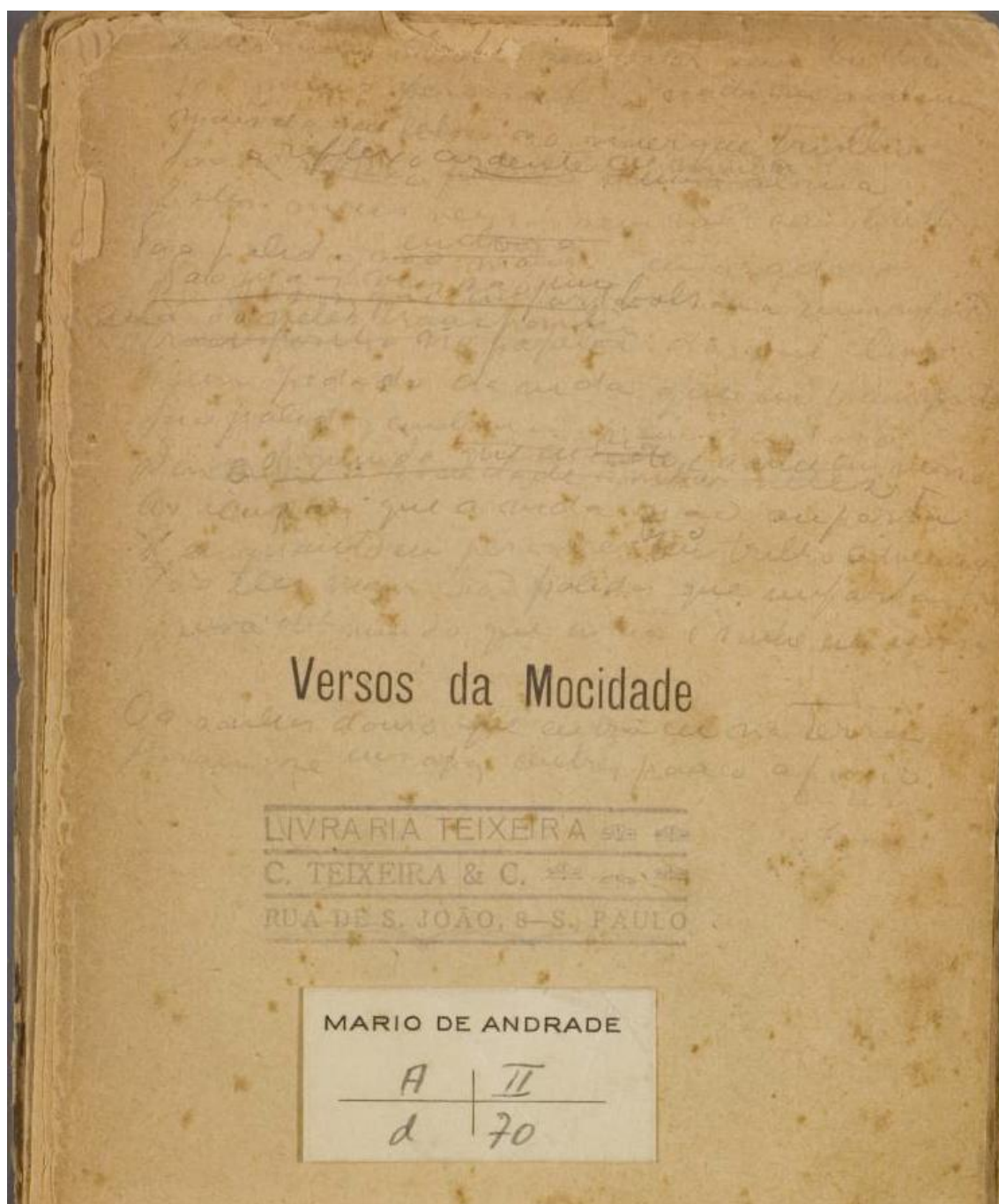
E do mundo, afogando toda a abjecta  
Concupiscencia e todas as paixões,  
Illeso emfim sahiu, como o propheta  
Daniel, da caverna dos leões.

Hoje no eterno céu, mysticamente,  
Gosa a face do Altissimo... E' sómente  
Depois da morte, que se faz a luz.

A cruz é da Verdade o emblema santo...  
Mas... se assim é, de que se ri, no entanto,  
Esta caveira immunda aos pés da cruz ?...

*Mau verso para um par/nasiano!*

O leitor escande o v.8 e anota: "Mau verso para um par/nasiano!", em *Poesias, de Raimundo Corrêa*. (Lisboa: Livraria Antonio Maria Pereira, 1910, p. 210).



Na folha de falso rosto de *Versos da Mocidade*, obra de Vicente de Carvalho, o leitor poeta cria seu poema parnasiano (Porto: Livraria Chardron, 1912).

## COMPLEMENTO

### Mestres doados

A Biblioteca Pública Municipal de Araraquara – criada em 23 de outubro de 1942, com o incentivo de Mário de Andrade, conforme o *Correio da Tarde* informa à cidade no dia seguinte – conserva uma parcela das obras parnasianas que pertenceram ao autor de *Há uma gota de sangue em cada poema*, as francesas. As temporadas passadas na Chácara Sapucaia e na Fazenda São Francisco, ao lado dos primos Pio Lourenço Corrêa e a mulher dele, Zulmira, assim como na companhia de outros primos residentes nessa cidade do interior paulista, motivaram a doação. Pio, fazendeiro e intelectual de província, linguista e dono de uma notável biblioteca foi um dos maiores correspondentes de Mário, mantendo com ele diálogo constante sobre folclore, literatura e a língua portuguesa<sup>193</sup>.

Em Araraquara, desde 1939, a comunidade fazia doações de livros à Prefeitura no intuito de estimular a criação de uma biblioteca municipal. A troca de cartas entre o prefeito, Camilo Gavião de Souza Neves, e Mário de Andrade, iniciada em março de 1942, discute a organização de uma biblioteca pública e a aquisição de obras e dicionários<sup>194</sup>. Na data acima citada, o Departamento de Municipalidades autoriza o funcionamento e a biblioteca começa a funcionar em uma sala do Palacete São Bento, sede da Prefeitura.

Mário de Andrade, entusiasmado, solicitou aos amigos escritores que doassem obras para começar o acervo ao qual ele ofereceu 600 títulos de sua coleção particular mais 13 exemplares de livros de sua autoria. As obras enviadas pelos amigos – Manuel Bandeira, Cecília Meireles, Lasar Segall, Vinicius de Moraes, entre outros – foram 34. Em novembro de 1943, expedidas pelo escritor, as obras chegaram de trem em nove grandes caixas.

Dispostos nas estantes pelos funcionários, os títulos circularam até 1997, quando a bibliotecária Fátima Aparecida Zampiero Ramos, notando o valor particular da coleção, principalmente pelos livros com marginália, sugeriu à diretoria que sustasse o

---

<sup>193</sup> V. ANDRADE, Mário de; CORRÊA, Pio Lourenço. *Pio & Mário – Diálogo da vida inteira*. Traços biográficos: Antonio Candido; introdução: Gilda de Mello e Souza; estabelecimento de texto e notas: Denise Guaranha; estabelecimento do texto, das datas e revisão ortográfica: Tatiana Longo Figueiredo. São Paulo: Ouro sobre azul / Edições SESC-SP, 2009.

<sup>194</sup> Cartas conservadas na correspondência passiva de Mário de Andrade no Arquivo do IEB/ USP.

empréstimo desses exemplares e os agregasse ao acervo de Pio Lourenço Corrêa, doado pela esposa, em 1957. Não houve, contudo, um tombamento rigoroso, ao que pude constatar em novembro de 2013. As solicitações dos consulentes eram e ainda são atendidas com o auxílio de duas listagens datilografadas sem qualquer critério em termos de biblioteconomia. Ao lado de correspondência a respeito da criação da entidade, foram encaminhadas à bibliotecária Maria Lúcia Amaral Galvão pela Sra. Maria de Lourdes Andrade Camargo em 5 de agosto de 1957, 12 anos após a morte do irmão Mário.

S.Paulo, 5 de Agosto de 1957

A' Senhorinha  
MARIA LUCIA AMARAL GALVÃO  
M.D.Bibliotecária da "BIBLIOTECA MARIO DE ANDRADE"  
R.Padre Duarte - Araraquara

Saudações.

Conforme prometido quando aí estive, em dias do mês passado, tenho prazer de juntar duas relações de livros enviados por meu irmão Mário, em novembro de 1943, para começo e formação da Biblioteca dessa cidade, que hoje tem o seu nome.

Da primeira lista são 600 livros, por êle mesmo escolhidos de sua biblioteca e remetidos para aí em 9 caixões; da segunda lista são 47 livros, sendo que 34 de procedencia de amigos, gentilmente doados por seu intermedio e 11 (de numeros 35 a 47) livros de sua autoria, como "Poesias", "Os Filhos da Candinha", etc.

Junto vai tambem copia da correspondencia trocada entre Mário e a Prefeitura de Araraquara a propósito desta doação, com cartas tambem trocadas no mesmo sentido pelo seu então Secretário José Bento Faria Ferraz. Devo dizer, para seu governo e informação, que os originais das copias que V.S.terá agora em mãos foram remetidos em 2 de abril de 1957 ao dr.José Romeu Ferraz, atual Presidente do Tribunal de Contas, a seu pedido, por intermedio do nosso comun amigo, dr.Helio Silveira.

E' o que me cumpre informar, no presente momento.

Aqui continuando ao seu dispôr, subscrevo-me com elevado apreço e consideração,

De V.S.mui atentamente,  
*Maria de Lourdes Andrade Camargo*  
R.Lopes Chaves, 546 - S.Paulo.

Atualmente, os livros permanecem em uma sala para acervos especiais, com visita controlada. Devido à circulação por mais de cinquenta anos, nem todos os títulos doados permanecem, ainda que a biblioteca tivesse contado, durante um bom período, com o trabalho do Sr. Bonavina, agente de segurança e zelador. Dedicava-se a inspecionar cada volume no momento da devolução e a cuidar dos atrasos. Os funcionários da Biblioteca Pública Municipal, que acrescentou à sua designação o nome Mário de Andrade<sup>195</sup>, lembram-se ainda do Sr. Bonavina montado em sua bicicletinha, procurando os usuários com empréstimos em atraso. A afeição dele pelos livros era tão grande que, certa vez, encontraram-no apagando margens anotadas: não estava certo fazer isso! Obras não podiam ser rabiscadas! Sabe-se lá quantas anotações aquela borracha ceifou... O escritor Reinaldo Polito retrata o empenho de Bonavina:

“Como eu gostava de ficar com os livros que lia, relutava muito em devolvê-los.[...] Para me pôr na linha entrava em ação um personagem fabuloso, o velho e simpático Bonavina. Transcorridos alguns dias sem que eu tomasse a iniciativa de devolver os livros emprestados, lá estava ele com sua inseparável bicicleta para levar as obras de volta, numa boa. [...] Parece que entendia bem meu amor pelos livros.”<sup>196</sup>

A coleção de livros doada por Mário de Andrade guarda, hoje, 441 volumes, com e sem anotações de leitura. O conjunto traz a marca do polígrafo na variedade de áreas e assuntos. A literatura é a área com maior número de títulos: romances, contos, poesia, estudos críticos. Quanto aos idiomas, além do português, há obras em francês, italiano, inglês e espanhol.

As duas listagens de livros são aqui transcritas conservando os problemas da datilografia original. Apenas adicionei fundo cinza aos títulos da doação que continuam nas estantes da Biblioteca Pública Mário de Andrade. A primeira listagem arrola os 600 títulos que o escritor tirou de sua biblioteca particular; a segunda registra os 34 livros doados por seus amigos e os 13 títulos da autoria dele:

---

<sup>195</sup> A Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade ganhou essa extensão no seu título cinco meses após a morte do escritor, em 25 de fevereiro de 1945.

<sup>196</sup> POLITO, Reinaldo. “O gosto pela leitura”. In: *O que a vida me ensinou: para não deixar a conquista escapar pelos dedos*. São Paulo: Editora Saraiva/ Versar, 2009, p. 76-77.

1ª RELAÇÃO DE LIVROS DOADOS À BIBLIOTACA MUNICIPAL DE ARARAQUARA POR INTERMÉDIO DE MÁRIO DE ANDRADE

[FORAM 647 LIVROS, MAS HOJE APENAS 441 CONTINUAM NA BIBLIOTECA]

- 1) MENOTTI DEL PICCHIA. *Moysés*.
- 2) FONTES, Martins. *Volúpia*.
- 3) CARRERO, Porto. *A psicologia profunda ou psicanalise*.
- 4) ALMEIDA, José Américo de. *O Boqueirão*.
- 5) \_\_\_\_\_. *Coiteiros*.
- 6) CARNEIRO, Souza. *Furundungo*.
- 7) ISGOROGOTA, Judas. *Divina mentira*.
- 8) TOUSSAINT. *Les tapis de jasmins*.
- 9) RIOS, Carlos. *Bric-a-brac*.
- 10) SÉCHÉ, Alphonse. *Malherbe*.
- 11) FRANCA, S.J.Leonel. *A Igreja, a reforma e a civilização*.
- 12) BELLO, José Maria. *A questão social e a solução brasileira*.
- 13) MEYER, Vinicius. *Poemas caboclos*.
- 14) SCHMIDT, Affonso. *Zanzalás*.
- 15) AMARAL, Amadeu. *Memorial de um passageiro de bonde*.
- 16) GUIMARÃES, Moreira. *No extremo oriente: O Japão*.
- 17) OLIVEIRA, Martins de. *Pátria morena*.
- 18) ORNELLAS, Manoelito de. *Vozes de Ariel*.
- 19) ELLIS JUNIOR, Alfredo. *Jaraguá*.
- 20) RIBEIRO, Aquilino. *Filhas de Babilonia*.
- 21) LOBATO, Monteiro. *O choque*.
- 22) Estante Classica. *Moraes*.
- 23) JIMÉNEZ, Max. *Revenar*.
- 24) DANNUNZIO. *Les lions rouges*.
- 25) LIMA, Alice Leonardos Silva. *Ouvindo estrelas*.
- 26) LEGREIN, G. *Louqsor sans les pharaons*.
- 27) OVIDIO. *Arte de amar*.
- 28) ASSUNÇÃO, Pereira. *Ritmos diversos*.
- 29) RICHEPIN, Jean. *Miarka*.
- 30) LOTI, Pierre. *Le roman dun Spahi*.
- 31) HÁLEVY, L. *La famille Cardinal*.
- 32) COLETTE. *Mitsou*.
- 33) BENJAMIN, René. *Gaspard*.
- 34) FLEUBERT, G. *Salambô*.
- 35) BAURRÉS, Maurice. *Dunsang, de la volupté e de la mort*.
- 36) PRÉVOST, Marcel. *Lettres a Françoise*.

- 37) HERMANT, Abel. *Les transatlantiques*.
- 38) DAUDET, Alphonse. *Le peti chose*.
- 39) FRANCE, Anatole. *Histoire comique*.
- 40) GONCOURT, Edmond de. *La fille Elisa*.
- 41) RICHEPIN, Jean. *La glun*.
- 42) BALZAC. *Éugénie Grandet*.
- 43) CLARETIE, Jules. *Le petit Jacques*.
- 44) POE, Edgard. *Contes étranges*.
- 45) VIGNY, Alfred. *La canne de jong*.
- 46) Estante Classica. *Francisco de Castro*.
- 47) \_\_\_\_\_. *Carneiro Ribeiro*.
- 48) \_\_\_\_\_. *Machado de Assis*.
- 49) \_\_\_\_\_. *Ruy Barbosa*.
- 50) MORAES FILHO, Mello. *Patria Selvagem*.
- 51) MONIZ, Heitor. *O 2º reinado*.
- 52) RANGEL, A. *Quando o Brasil amanhecia*.
- 53) STADEN, Hans. *Meu captiveiro entre os selvagens do Brasil*.
- 54) MAGALHÃES, Brasilio. *O folk-lore no Brasil*.
- 55) LOBATO, Monteiro. *Mister slang e o Brasil*. (S)
- 56) ELLIS JUNIOR, Alfredo. *Confederação ou separação*. (S)
- 57) FUNCK, Brentano. *L'ele de la Tortue* (S)
- 58) JUNQUEIRO, Guerra. *Os simples*.
- 59) \_\_\_\_\_. *A morte de D.João*.
- 60) Vários. *Fala a RAF*.
- 61) BASTOS, Alves. *Palmo a palmo*.
- 62) RICHEPIN, Jean. *La chanson de Gueux*.
- 63) DANTAS, Julio. *Nada*.
- 64) ROSTAND, Edmond. *L'Aiglon*.
- 65) PACHECO e SILVA. *Direito e saúde*.
- 66) LEVY, Jean de. *História de uma viagem à terra do Brasil*. (S)
- 67) OLIVEIRA, Xavier de. *Espiritismo e Loucura*.
- 68) SILVA, João Pinto da. *História Literária do Rio Grande do Sul*. (S)
- 69) CALMON, Pedro. *O crime de Antonio Vieira*. (S)
- 70) ELLIS, Alfredo. *Raça de gigantes*. (S)
- 71) BRANDENBURGER. *Lendas dos nossos índios*.
- 72) SALGADO, Plínio. *O esperado*.
- 73) MIKLÓS. *La Hongrie pittoresque*.
- 74) HICHENS, Robert. *The spell of Egypt*.
- 75) FALCÃO, Luis Annibal. *Babioles*.
- 76) BERVEILLER, Michel. *A tradição religiosa na tragédia grega*.
- 77) SANT'ANA, Nuto. *A Bernarda de Francisco Ignacio*.
- 78) LANTEUIL, Henri. *Pages Brésiliennes*.
- 79) SCHAKL, Gustav. *Nordisch-Germanische Götter-und Heldensagen*.

- 80) Vários. *Instruções de emergência para oficiaes.*
- 81) GIDE, André. *Os moedeiros falsos.*
- 82) FIGUEIREDO, Jackson de. *Aevum.*
- 83) SANT'ANA, Nuto. *Santa Cruz dos enforcados.*
- 84) ROSTAND, E. *La princesse lointaine.*
- 85) VILLARES, Laura. *Vertigem.*
- 86) VILLAS BOAS, M.C. *Pedaços de São Paulo.*
- 87) BARROS, João de. *Oração à Pátria.*
- 88) TAGORE, R. *A lua crescente.*
- 89) Estante Classica. *Castilho.*
- 90) RENAN, E. *Vie de Jesus.*
- 91) CHEZE. *Myriam de Magdala.*
- 92) PIRANDELLO. *Il fu Mattia Pascal.*
- 93) D'ANNUNZIO. *Laus Vitae.*
- 94) \_\_\_\_\_. *Delle laudi.*
- 95) \_\_\_\_\_. *Delle laudi. (Merope)*
- 96) NERY, Adalgisa. *Poemas.*
- 97) VERONA, Guido da. *Sciogli la treccia, Maria Madalena.*
- 98) DINIZ, Almachio. *Zoilos e esthetas.*
- 99) SHAW, Augusto. *Salomé.*
- 100) GUY-GAY. *Dicionário do futebol.*
- 101) GOMES, Perillo. *Ensaio de critica doutrinaria.*
- 102) LOBO, T. Souza. *O Brasil confederado.*
- 103) LIMA, Oliveira. *O movimento da Independencia,*
- 104) Vários. *Conferências: A era de Martim Afonso.*
- 105) VIEIRA, Celso. *Anchieta.*
- 106) MARCONDES, Moisés. *Documentos para a História do Paraná.*
- 107) \_\_\_\_\_. *O Brasil, sua civilização e seu comércio.*
- 108) CALÓGERAS, Pandiá. *A política exterior do Império.*
- 109) ELLIS JUNIOR, Alfredo. *O bandeirismo paulista e o recuo do meridiano.*
- 110) RIBEIRO, Manoel Olimpio. *São Paulo e Minas na economia nacional.*
- 111) LIMA, Oliveira. *O Império brasileiro.*
- 112) MORAND, Paul. AOF, *De Paris a Tombouctou.*
- 113) CARVALHO, Austregliano de. *Brasil Colônia e Brasil Império, Tomo I e II.*
- 114) Item vazio
- 115) RIBEIRO, João. *As nossas fronteiras.*
- 116) EÇA, Matias Aires Ramos da Silva de. *Reflexões sobre a vaidade dos homens.*
- 117) TAUNAY, Afonso. *Grandes vultos da independência brasileira.*
- 118) VALLENTIN, Berthold. *Napoleon.*
- 119) TAUNAY, Afonso. *Leonor de Avila.*

- 120) GUIMARÃES, Bernardo. *A Escrava Isaura*.
- 121) ROCHA, Dr.Franco da. *O pansexualismo na doutrina de Freud*.
- 122) FONTES, Martins. *Arlequinada*.
- 123) TESCHAUER, Carlos. *Novo vocabulário nacional*.
- 124) BAHIANA, Henrique Paulo. *O grande Japão*.
- 125) CANTONI, C. *Psicologia*.
- 126) SILVEIRA, Dionísio. *Revolução contra a imprensa*.
- 127) MURTA, Guerreiro. *Como se aprende a conversar*.
- 128) TORRES, Antonio. *Verdades indiscretas*.
- 129) ZBINDEN, Dr.H. *Conseils aux nerveux*.
- 130) SPERRY, Lyman B. *Palestras com os moços*.
- 131) BELLO, José Maria. *Ruy Barbosa e escritos diversos*.
- 132) BRANDÃO, Mario. *Almas do outro mundo*.
- 133) AUSTREGÉSILO, A. *O mal da vida*.
- 134) GRAVE, João. *Último fauno*.
- 135) RIBEIRO, Aquilino. *Terras do demo*.
- 136) \_\_\_\_\_. *A via sinuosa*.
- 137) SCOTT, Walter. *Ivanhoé*.
- 138) KIPLING. *The Jungle Book*.
- Sequência
- 140) SCOTT, Walter. *The pirate*.
- 141) CENDRARO, Balise. *Les confessions de Dan Yaek*. (S)
- 142) CORBIER, Désire. *Anthologie des plus beaux poemes du monde*. (S)
- 143) PLINIAK, Boris. *La Volga se jette dans la Caspienne*. (S)
- 144) PENNA, Belisário. *Saneamento do Brasil*.
- 145) \_\_\_\_\_. *Feira Literária*.
- Sequência
- 157) MARIANO, Olegário. *O enamorado da vida*.
- 158) MARTINS, Fran. *Pôço dos Paus*.
- 159) CASTRO, Ferreira de. *A Selva*.
- 160) ALMEIDA, Fialho de. *Os gatos*.
- Sequência
- 166) RABAIYAT. *De Omar Khayyam*.
- 167) SILVEIRA, Tasso. *Tendências do pensamento contemporâneo*.
- 168) RUYSMANS, J.K. *Trois églises, et trois primitifs*.
- 169) NABUCO, Joaquim. *Pensées détachées*.
- 170) Vários. *Machado de Assis*.
- 171) DANTAS, Julio. *Espadas e rosas*.
- 172) GUIMARÃES, Luis. *Sonetos e rimas*.
- 173) PACHECO, Felix. *Poesias*.
- 174) OVIDIO. *L'art de aimer*.
- 175) FRANCE, Anatole. *La rotisserie de reine Pédauque*. (S)
- 176) \_\_\_\_\_. *L'orme du mail*.(S)

- 177) MAETERLINCK. *L'oiseau bleu*.
- 178) BOUGET, Paul. *Le disciple*.
- 179) \_\_\_\_\_. *Le démon de Midi.- Vol.2*
- 180) \_\_\_\_\_. *Le démon de Midi – Vol.1*
- 181) FRANCE, Anatole. *Les dieux ont soif*. (S)
- 182) \_\_\_\_\_. *Balthasar*. (S)
- 183) \_\_\_\_\_. *Le petit Pierre*. (S)
- 184) \_\_\_\_\_. *L'étui de nacre*. (S)
- 185) \_\_\_\_\_. *Sur la pierre blanche*. (S)
- 186) \_\_\_\_\_. *La révolte des anges*. (S)
- 187) \_\_\_\_\_. *Pierre Nozière*. (S)
- 188) \_\_\_\_\_. *Le crime de Sylvestre Bonnard*. (S)
- 189) \_\_\_\_\_. *Le livre de mon ami*. (S)
- 190) \_\_\_\_\_. *Le puits de Sainte Claire*. (S)
- 191) \_\_\_\_\_. *Les sept femmes de la Barbe-Bleue*. (S)
- 192) TOLSTOI, Leon. *Ressurreição*.
- 193) SCHURÉ, Edouard. *Les prophètes de la Renaissance*.
- 194) QUINCEY, Thomas de. *Confissões de um comedor de ópio*.
- 195) GRASSET. *Biologie Humaine*.
- 196) MIRANDA, Veiga. *Mau olhado*.
- 197) GUÉRIN, Charles. *Le cœur solitaire*.
- 198) MOREUX, Abbé Th. *La science mystérieuse des Pharaons*.
- 199) IBSEN, Henrik. *Quando nous nous réveillerons*.
- 200) PALEOLOGUE, Maurice. *Rome*. (S)
- 201) MORAND, Paul. *Boudha vivent*. (S)
- 202) FOGAZZARO, Antonio. *Il Santo*.
- 203) GAFIRE. *Inquisition et Inquisitions*.
- 204) MESSÉN, August. *Emmanuel Kants leben un philosophie*.
- 205) AUSTREGÉSILO, A. *Cura dos nervosos*.
- 206) MAUPASSANT, G. *Le rosier de Mme. Hussont* (S)
- 207) GOBINEAU, Comte de. *La Renaissance*.
- 208) MARQUES DA CRUZ. *Oração a Portugal*.
- 209) FIGUEIREDO, Antero de. *Leonor Teles*.
- 210) FOGAZZARO, A. *Daniel Cortis*.
- 211) SOUZA, Leal de. *Bosque sagrado*.
- 212) PITIGRILLI. *Cocaina*.
- 213) MAUCLAIR, C. *Princes de l'esprit*.
- 214) LUDWIG, Emil. *Guillaume*. (S)
- 215) MOREAS, Jean. *Poemes et Sylves*.
- 216) OLIVEIRA, Martins de. *O banquete*.
- 217) PADOVAN, Adolfo. *L'uomo di gênio come poeta*.
- 218) \_\_\_\_\_. *I figli della gloria*.
- 219) VEUILLOT, Louis. *La vie de N.S. Jesus Christ*.

- 220) MORTILLET. *La préhistoire.*
- 221) MOREX, Abbé. *Pour comprendre Einstein !*
- 222) CONSTANTIN. *Origine de la vie sur le globe.*
- 223) AUSTREGÉSILO, A. *Pequenos males.*
- 224) ALBUQUERQUE, Matheus de. *O homem entre duas mulheres.*
- 225) TRAD, Michel. *As evasões célebres da cadeia pública de São Paulo.*
- 226) COELHO NETO. *Falando...*
- 227) FLAUBERT, G. *Par les champs et par les greves.*
- 228) \_\_\_\_\_. *L'éducation sentimentale.*
- 229) STENDHAL. *La Chartreuse de Parme.*
- Sequência
- 231) BEAUMARCHAIS. *Théâtre.*
- 232) PRÉVOST, Abbé. *Manon Lescault.*
- 233) PEIXOTO, Afrânio. *As razões do coração.*
- 234) FONTES, Martins. *As cidades eternas.*
- 235) FORT, P. *Vivre em Dieu.*
- 236) SEIXAS, Aristeu. *Pôr de Sol.*
- 237) MAETERLINCK. *La vie des abeilles.*
- 238) L'ISLE, Adam. *Axel.*
- 239) CORBIERE, Tristan. *Les amours jaunes.*
- 240) ANDALÓ. *Il folle arciera.*
- 241) NOAILLES, Comtesse de. *Les vivants et les morts.*
- 242) GALLI, Amentore. *Piccolo lessico del musicista.*
- 243) WILDE, Oscar. *Lord Arthur Savile's crime.*
- 244) HESSE, Hermann. *O lobo das estepes.*
- 245) AUSTREGÉSILO, A. *Psiconeuroses e sexualidade.*
- 246) ORICO, Osvaldo. *Os mitos ameríndios.*
- 247) LEOPOLDO, D. Duarte. *O clero e a independência.*
- 248) BIANCHI, Enrico. *La Grecia.*
- Sequência
- 250) Campoamor. *Obras completas.*
- Sequência
- 252) WILD, Oscar. *A Woman of no importance.*
- 253) TWAIND, Mark. *The adventure of Tom Sawyer.*
- 254) Campoamor. *Obras completas.*
- 255) KIPLING. *The captaine courageous.*
- 256) Lobato, Monteiro. *Mundo da Lua.*
- 257) FONTES, Hermes. *Epopéia da vida.*
- 258) \_\_\_\_\_. *Microcosmo.*
- 259) SILVA TELLES, Goffredo. *O mar da noite.*
- 260) EVELYN. *Antichi pittori italiani.*
- 261) BUTTI. *Il castelo Del sogno.*
- 262) POLILLO. *Dansa do fogo.*

- 263) SULLY PRUD'HOMME. *Poesies*.  
Sequência
- 265) ARAÚJO, Oscar Egídio. *Uma pesquisa de padrão de vida*.
- 266) RECALDE, Francisco. *Vocábulos designativos de relações e contatos sociais nas línguas tupi ou guarani*.
- 267) AMADO, Gilberto. *A suave ascensão*.
- 268) ANDRADE, Goulart de. *Poesias*.
- 269) COELHO, Henrique. *Joaquim Nabuco*.
- 270) FONTES, Martins. *A dança*.
- 271) LENORMAND, H.B. *Théâtre complet*.
- 272) NEGRI, ADA. *Fatalité*.
- 273) SULLY PRUDHOMME. *Poesies*.  
Sequência
- 276) AMBROSOLI, S. *Atene*.
- 277) FIGUEIREDO, A. de. *D. Pedro e D. Inês*.
- 278) MEDEIROS E ALBUQUERQUE. *Páginas de crítica*.
- 279) VERHAEREN, Emile. *Les ailes rouges de la guerre*.
- 280) NEUPARTH, J. *Os grandes períodos da música*.
- 281) HUGO, Vitor. *Marion de Lorne*.
- 282) \_\_\_\_\_. *La fin Du Satan*.
- 283) \_\_\_\_\_. *Les quatre vents de l'esprit*.
- 284) \_\_\_\_\_. *Odes et Ballades*.
- 285) \_\_\_\_\_. *Ran d'Islande*.
- 286) \_\_\_\_\_. *Les feuilletes d'automne*.
- 287) \_\_\_\_\_. *Toute la lyre*.
- 288) \_\_\_\_\_. *Toute la lyre*.
- 289) \_\_\_\_\_. *Les chansons*.
- 290) \_\_\_\_\_. *Les contemplations*.
- 291) \_\_\_\_\_. *L'art d'être grand père*.
- 292) \_\_\_\_\_. *La légende des siecles*.  
Sequência
- 295) \_\_\_\_\_. *Les châtiments*.
- 296) FRANCE, Anatole. *Jocaste*.
- 297) FORT, P. *Le romand de Louis XI*.
- 298) HUYSMANS. *En route*.
- 299) MAETER LINCK. *Oeuvres*.
- 300) BONToux. *L'au-dela*.
- 301) LOBATO, Monteiro. *Cidades Mortas*.
- 302) \_\_\_\_\_. *Negrinha*.
- 303) WELLS. *The History of Mr. Polly*.
- 304) SHAW, Bernard. *Back to Methuselah*.
- 305) \_\_\_\_\_. *Three plays for puritans*.
- 306) WILDE, Oscar. *Lady windermere's fan*.

- 307) WELLS. *Twelve stories and a dream.*
- 308) GONÇALVES, Ricardo. *Ipês.*
- 309) AMADO, Gilberto. *Aparências e realidades.*
- 310) FONTES, Hermes. *Apotheoses.*
- 311) CAMPOS, Humberto de. *O conceito e a imagem na poesia brasileira.*
- 312) ALMEIDA, Julia Lopes de. *A isca.*
- 313) PACHECO, Felix. *Lírios brancos.*
- 314) BONToux. *Louis Veillot...*
- 315) \_\_\_\_\_. *Louis Veillot...*
- 316) EYMIEU. *La part dès coyants dans les progres de la science au XIX siècle.*
- Sequência
- 318) PONS, Mgr. *Jésus chez les Juifs d'hier...*
- 319) CHAVIGNY. *Organisation du travail intellectuel.*
- 320) POMPÊO, A. *Ideias, Homens e Livros.*
- 321) MOREAUX, Abbé. *Les confins de la science et de la foi.*
- 322) CHEZE. *Narrations françaises.*
- 323) NOSLIN. *Ce qu'il feut que tout jeune homme sache.*
- 324) MARTERLINCK. *Le trésor des numbles.*
- 325) SAMAIN, Albert. *Oeuvres.*
- 326) DRIoux. *Nouveau cours d'Ecriture Sainte. (2Vols.)*
- Sequência
- 328) SAMAIN, Albert. *Le chariot d'or.*
- 329) SOULIER, A. *As grandes aplicações da eletricidade.*
- 330) HUYSMANS. *A rebours.*
- 331) VIGNY, Alfred de. *Oeuvre.*
- 332) GIRAUDoux, Jean. *Siegfried et le Limousin.*
- 333) VERNE, Julio. *L'étonnantes aventure de la Mission Barsac.*
- 334) CARCIATTO. *Gramática da língua italiana.*
- 335) LASKER. *Curso de Ajedrex.*
- 336) COSTA, Mário. *Novos trocadilhos humorísticos.*
- 337) ALBALAT. *Le travail du style.*
- 338) \_\_\_\_\_. *A formação do estilo.*
- 339) \_\_\_\_\_. *A arte de escrever.*
- 340) SOUZA, Claudio de. *De Paris ao Oriente.*
- 341) DESCHANEL. *Gambetta.*
- 342) GAUTIER, Theophile. *Emaux et camées.*
- 343) VIGNY, Alfred. *Théâtre.*
- 344) AYROSA, Plinio. *Termos tupis no português do Brasil.*
- 345) \_\_\_\_\_. *Os Nomes das partes do corpo humano pela língua do Brasil...*
- 346) BELMONTE. *No tempo dos Bandeirantes.*
- 347) RENÉ, M. *La guerre trop courte.*

- 348) GENEVOIX, Maurice. *La derniere harde*.
- 349) Vários. *Ici des poetes canadiens vous parlant du Canadá*.
- 350) SERTILLANGES. *Ce que Jesus voyait du haut de la Croix*.
- 351) GOYAN. *O Christo*.
- 352) FARRERE, Claude. *La marche funebre*.
- 353) COLETTE. *Cheri*.
- 354) PRÉVOST, Marcel. *La retraite ardente*.
- 355) FAYARD. *Mal d'amour*.
- 356) MAUROIS. *Histoire d'Angleterre*.
- Sequência
- 358) WEYGAND. *Turenne*.
- 359) MAURIAC. *Le Jeudi-Saint*.
- 360) GIDE, André. *La porte étroite*.
- 361) FRANCO, Afonso Arinos Melo. *Dirceu e Marília*.
- 362) LIMA, Alves. *Pátria re florida*.
- 363) ARANHA, GRAÇA. *El viaje maravilloso*.
- 364) ANDRADE, Maia. *Índice-catálogo médico brasileiro*.
- 365) FERREIRA, Barros. *Terra sem mulheres*.
- 366) MOREIRA, Albertino. *Introdução à Legislação social*.
- 367) PINHEIRO, Maria. *Serviço Social*.
- 368) COLLIER, D.M.B. *Marconi, senhor do espaço*.
- 369) GIL, Luis E.A. *La amante amarga*.
- 370) QUESADA, Aristides. *3 charlas em Mexico*.
- 371) STRACHEY, Lytton. *A rainha Elisabeth*.
- 372) SOUZA CAMPOS, Prof. Ernesto de. *Japão*.
- 373) CAMPOS, Humberto de. *Fragmentos de um diário*.
- 374) Coletanea. *Prudente de Moraes*.
- 375) ANDRADE MAIA. *Índice catálogo médico paulista*.
- 376) BAILLY, G.A. *Legislação sobre propriedade industrial*.
- 377) \_\_\_\_\_. *Brazil-1938*.
- 378) HORDER. *A volta de Vivanti*.
- 379) WALLACE. *Os ases vermelhos*.
- 380) MAULNIAR. *Au dela du nationalisme*.
- 381) FERREIRA, Ascenso. *Canna Caianna*.
- 382) DEHILLOTTE. *Gestapo*.
- 382) FLEIUX, Max. *Dom Pedro II*.
- 383) FREYRE, Gilberto. *Atualidade de Euclides da Cunha*.
- 384) TAVORA, Juarez. *La organizacion econômica del Brasil*.
- 385) COSTA, Renato. *Sínteses de uma vida: Mauá*.
- 386) BARRÉS, Maurice. *Les diverses familles spirituelles de la France*.
- 387) SEGHER, Ana. *A sétima cruz*.
- 388) MURA. *Água nascente*.
- 389) União Cultural Brasil-Estados Unidos – *Vida intelectual nos E.U.*

- 390) MARTINS, Cyro. *Enquanto as águas correm*.
- 391) GIUPPONI, Henrique. *O cirurgião ao espelho*.
- 392) FERRAZ, Sampaio. *Campos do Jordão*.
- 393) Anais do Primeiro Congresso da Língua Nacional Cantada.
- 394) MAUPASSANT, Guy. *Pierre et Jean*.
- 395) ZOLA. *Therese Raquin*.
- 396) BARLETTA. *Como naufragou el capitan Olssen*.
- 397) GILBERTO. *Biografia do embrião*.
- 398) WASHINGTON. *Memórias de um negro*.
- 399) CRONIN. *Sob a luz das estrelas*.
- 400) ALMEIDA JUNIOR. *Paternidade*.
- 401) TAGORE. *O jardineiro*.
- 402) \_\_\_\_\_. *O'Gitain Jali*.
- 403) JERGER, Joseph. *Doutor, aqui está o seu chapéu*.
- 404) KELLER, Helena. *A história de minha vida*.
- 405) FREYRE, Gilberto. *Ingleses*.
- 406) HILTON, James. *Adeus Mr. Chips*.
- 407) COSTA, Rubens Menna Barreto. *Alimentação e Saúde*.
- 408) MAJOCCHI. *Memórias de um cirurgião*.
- 409) PEREIRA, Lafaiete Rodrigues. *Vindiciae*.
- 410) STEVENSON. *O príncipe Otto*.
- 411) CONRAD. *A flecha de ouro*.
- 412) KIPLING. *A luz que se apaga*.
- 413) HILL. *Pense e fique rico*.
- 414) HARDING. *A coroa fantasma*.
- 415) CRONIN. *Noites de Vigília*.
- 416) MAUROIS. *Estados Unidos*.
- 417) ALEXANDER. *O navio fantasma*.
- 418) CHRISTIE. *O caso dos 10 negrinhos*.
- 419) Prefeitura de São Paulo. *Consolidação das disposições*.
- 420) LUDWIG. *Memórias de um caçador de homens*.
- 421) FRAPIÉ. *La maternelle*.
- 422) BAPTISTA MARTINS. *Código do Processo civil*.
- 423) BELBENOIT. *A ilha do diabo*.
- 424) ZWEIG. *Romain Roland*.
- 425) MILLIET, Sérgio. *Índice das constituições Federal e dos Estados Unidos*.
- 426) Secretaria da Agricultura. *O valle do Parahyba*.
- 427) CULBERTSON. *O bridge ao alcance de todos*.
- 428) HEIDEN. *Hitler*.
- 429) HITLER. *Minha luta*.
- 430) LUDWIG. *Schliemann*.
- 431) COLETTE. *La fin de chéri*.

- 432) ROSTAND. *Cirano de Bergerac*.
- 433) DU CARD, Roger Martin. *Jean Barois*.  
Sequência
- 435) COURTELINE. *Messieurs les Ronds-de-cuir*.
- 436) BORDEAUX, Henry. *Yamilé sous les cedres*.
- 437) COLETTE. *L'envers du music-hall*.
- 438) DAUDET, A. *Sapho*.
- 439) DONNAY, Maurice. *La vie amoureuse d'Alfred de Musset*.
- 440) LACRETELLE, Jacques. *Silbermann*.
- 441) REVES, Emery. *Manifesto democrático*.
- 442) GILLET. *Dante*.
- 443) BILLY. *Introibo*.
- 444) VERLAINE. *Choix de pésies*.
- 445) MAUROIS. *A máquina de ler pensamentos*.
- 446) \_\_\_\_\_. *Arte de viver*.
- 447) LINS, Ivan. *A idade média*.
- 448) CARNEIRO, David. *Evolução grega*.
- 449) ATHAYDE, Tristão de. *Política*.
- 450) CORRÊA FILHO. *Mato grosso*.
- 451) DEKOBRA. *A madona dos trens noturnos*.
- 452) FREITAS, Newton. *Brasil-Argentina*.
- 453) LAUNAY, Pierre Jean. *A bem amada*.
- 454) WEINIGER. *Diário íntimo*.
- 455) GRUNWALD. *Portrait de la Hongrie*.
- 456) \_\_\_\_\_. *Justiça para a Hungria*.
- 457) TOLSTOI. *O quinhão da mulher*.
- 458) FOLDES. *Caso-me*.
- 459) MALHEIRO. *Um homem de 50 anos*.
- 460) ERIZZO, Pierluigi. *O romance do advogado*.
- 461) ARNAU. *A cadeia fechada*.
- 462) TÓTH. *Cristo e os problemas do nosso tempo*.
- 463) \_\_\_\_\_. *Cristo e a juventude*.
- 464) DIMNET. *A arte de pensar*.
- 465) GIANNATONI. *Gabriele D'Annunzio*.
- 466) STRACHEY. *A rainha Vitória*.
- 467) XXX. *O problema universitário brasileiro*.
- 468) XXX. *A terra que o facismo arrazou*.
- 469) VON BERNEGG. *Plantas tropicais e sub-tropicais da economia brasileira*.
- 470) CASTRO, Josué de. *Science et technique*.
- 471) Ministério da Fazenda. *Finanças do Brasil*.
- 472) Ministério da Fazenda. *Finanças do Brasil*.
- 473) XXX. *Les chantiers de la jeunesse*.

- 474) ALBUQUERQUE, Tenório de. *A linguagem de Ruy Barbosa*.
- 475) ANSELMO, Manuel. *A poesia de Jorge de Lima*.
- 476) SILVA, Pereira da. *Vícios da imaginação*.
- 477) MOURA, Eros de. *O homicídio por paixão*.
- 478) DAVIDOVITH, Elias. *Uns homens que eram deuses*.
- 479) REMARQUE. *Três camaradas*.
- 480) GALLEGOS, Romulo. *Dona Barbara*.
- 481) CELLINI. *Vida escrita por ele mesmo*.

Sequência

- 483) FRANCOVICH. *Os ídolos de Bacon*.
- 484) ARNAU, Frank. *Tiros dentro da noite*.
- 485) PEREIRA, A. *Machado de Assis*.
- 486) MALLEA. *Adios a Lugones*.
- 487) GOMES, Teixeira. *Maria Adelaide*.
- 488) IOLOVITCH. *Numa clara manhã de abril*.
- 489) ALVES, Isaias. *Educação e brasilidade*.
- 490) MAGALHÃES, Adelino. *Os marcos da emoção*.
- 491) MACHADO, Matta. *Pequenos quadros da vida brasileira*.
- 492) PICAÇO. *Lucio*.
- 493) SCHWEYER. *Como cayó el Presidente Machado*.
- 494) BUONAIUTI. *Jesus*.
- 495) BERTONI. *Dante*.
- 496) MENDOZA. *Aventura de Lazarillo de Tormes*.
- 497) BERNANOS. *Diário de um pároco de aldeia*.
- 498) QUENTAL, Antero de. *Sonetos completos*.
- 499) ALMEIDA, Fialho de. *Os gatos*.
- 500) QUEIROZ E ORTIGÃO. *As farpas*.

Sequência

- 502) RIBEIRO, W.Fontenelle. *Os problemas do ensino secundário*.
- 503) SANTIAGO. *Da palavra*.
- 504) ROHMER, Sax. *O romance da feitiçaria*.
- 505) GIDE. *Sinfonia Pastoral*.
- 506) SILVA, De Placido. *Ódios da cidade*.
- 507) MARTI, José. *Páginas escolhidas*.
- 508) XXX. *Itália contra o nazismo*.
- 509) MARTINS, Arídio. *Peritos e perícias médico-legais*.
- 510) BATISTA. *Ideário*.
- 511) NOBREGA, Melo. *Olavo Bilac*.
- 512) DORNAS FILHO. *Bagana apagada*.
- 513) FERREIRA, Barros. *Maria dos Tojos*.
- 514) LUZ FILHO. *Cooperativas escolares*.
- 515) SARAIVA. *Labaredas*.
- 516) TIMON. *Coloquios aldeões*.

- 517) MARTINEZ. *Juarez, o impassível.*
- 518) MELO, Batista de. *Organização Judiciária e aplicação da Lei.*
- 519) QUEIROZ, Amadeu de. *Provérbios e ditos populares.*
- 520) BREVES, Yolanda Jordão. *Fuga.*
- 521) WALLACE. *A inteligência de Mr. Reeder.*
- 522) \_\_\_\_\_. *Os 4 homens justos.*
- 523) \_\_\_\_\_. *A pista da vela dobrada.*
- Sequência
- 525) ROHMER. *Tóxico.*
- 526) PACKARD. *As aventuras de Jimmie Dale.*
- 527) PETRONIO. *Satiricon.*
- 528) WALLACE. *O terror.*
- 529) \_\_\_\_\_. *Máscara branca.*
- 530) MORENO, J.F. *Fichários de documentação jurídica.*
- 531) XXX. *Anais do 2º.Congresso Nacional de Estudantes.*
- 532) LINS, Mário. *Espaço-tempo e relações sociais.*
- 533) Secretaria do Interior de Minas Gerais – *Catálogo da biblioteca.*
- Sequência
- 535) VENANCIO FILHO. *Contribuição americana à educação.*
- 536) CUNHA, Nobrega da. *A imprensa americana.*
- 537) MACHADO, Anibal M. *O cinema e sua influência na vida moderna.*
- 538) CALMON, Pedro. *Influências americanas nas letras brasileiras.*
- 539) FAIRBANKS JUNIOR, Douglas. *O papel das artes na América.*
- 540) GRILLO, Heitor. *A ciência à serviço da agricultura americana.*
- 541) MEYER, Augusto. *Literatura e poesia.*
- 542) ANDRADE, Drummond de. *Alguma poesia.*
- 543) PENAFIEL. *Geração decisiva.*
- 544) STEINEN, Von Den. *Entre os aborígenes do Brasil Central.*
- 545) JUCÁ FILHO. *A pronúncia brasileira.*
- 546) MESQUITA, Alfredo. *Em família.*
- 547) ROLLAND, Romain. *Jean Cristophe.*(3º.vl.).
- 548) LEWINNISON, Richard. *Os aproveitadores da guerra.*
- 549) LIMA, Jorge de. *O anjo.*
- 550) FOURNIER, Alain. *Le Grand Meaulnes.*
- 551) MELO FRANCO, Afonso Arinos de. *Política cultural pan-americana.*
- 552) FREYRE, Gilberto. *Uma cultura ameaçada.*
- 553) FIGUEIREDO, Fidelino. *Anthero.*
- 554) MICHELET, René. *Ocaso em Ethakof.*
- 555) GREEN, Julien. *Léviathan.*
- 556) BOLTIN, Rudolf. *Dicionário grego-português.*
- 557) VIANA, Gonçalves. *Vocabulário.*
- 558) DUARTAIN, Luc. *Suite brasileira.*
- 559) XXX. *Catálogo da Exposição Portinari.*

- 560) CALDEIRA FILHO. *Hino da Independência e Hino Nacional*.
- 561) XXX. *Pintura contemporânea norte-americana*.
- 562) ALMEIDA, João Mendes de. *Dicionário geográfico da Província de São Paulo*.
- 563) HILTON, James. *Não estamos sós*.
- 564) LUZ, Clemente. *Ombros caídos*.
- 565) CLAUDEL. *L'Annonce faite á Marie*.
- 566) NAPOLEÓN. *Vues politiques*.
- 567) GASQUET, Marie. *Ce que les femmes disent des femmes*.
- 568) TYNAIRE, Marceline. *L'ennemie intime*.
- 569) NATHAN, Robert. *Journey of Tapiola*.
- 570) \_\_\_\_\_. *Tapiola's brave regiment*.
- 571) ALVARENGA, Oneida. *Cateretês do Sul de Minas Gerais*.
- 572) TAUNAY. *História da cidade de São Paulo no século XVIII (3º.vl.)*
- 573) XXX. *XX e Siecle (ns. 2 e 3)*.
- 574) XXX. *Arte gráfica do Hemisfério Ocidental (2 vols.)*
- Sequência
- 576) SANT'ANA, Nuto. *São Paulo Histórico. (vl.II)*
- 577) Secretaria da Educação. *A situação educacional e cultura dos Estados*.
- 578) GENTA, Eduardo. *La Amazonia*.
- 579) XXX. Portinári. *His life and art*.
- 580) GAXOTTE, Pierre. *La Révolution Française*.
- Sequência
- 582) FERRO, Antonio. *Árvore de Natal*.
- 583) MISTRAL, Frederico. *Calendal*.
- 584) VILAR. *Princípio e fim do nazismo*.
- 585) COELHO NETO. *Balladilhas*.
- 586) MALRAUX. *Esperança*.
- 587) VARELA. *Evangelho nas Selvas*.
- 588) REBOUX, Paul. *La Maison des dansses*.
- 589) GENEVOIX. *Raboliot*.
- 590) DESOUCHET. *Mauá el el Rio de la Plata*.
- 591) MITRE, Adolfo. *Una voz y la angustie del mundo*.
- 592) BASTOS, Humberto. *O açúcar em Alagoas*.
- 593) XXX. *Aspectos do Brasil moderno*.
- 594) VASCONCELOS, Artur de. *Tretas e Letras*.
- 595) XXX. *Estudos para a aplicação do Sistema de Transportes Planaéreos*.
- 596) XXX. *Cinquant'Anni di lavoro degli italiani in Brasile. (vl.I)*
- 597) MAURIAC. *Le noeud de viperes*.
- 598) LESOURD, Paul. *Histoire de l'eglise*.
- 599) LOTI. *Aziyadé*.
- 600) BARING, Maurice. *Darby et Joan*.

2ª RELAÇÃO DE LIVROS DOADOS À BIBLIOTACA MUNICIPAL DE  
ARARAQUARA POR INTERMÉDIO DE MÁRIO DE ANDRADE

[34 livros doados por amigos e 13 livros da autoria de MA]

- 1) CAVALHEIRO, Edgar. *As obras primas do conto brasileiro*.
- 2) BANDEIRA, Manuel. *Crônicas da província do Brasil*.
- 3) \_\_\_\_\_. *Poesias completas*.
- 4) MELO, Rodrigo Franco de Andrade. *Velórios*.
- 5) MORAES, Vinicius. *Elegias*.
- 6) BESOUCHET, Lidia e Newton Freitas. *Diez escritores de Brasil*.
- 7) FREITAS, Newton. *Ensayos americanos*.
- 8) CAVALHEIRO, Edgard. *Fagundes Varella*.
- 9) MEIRELLES, Cecília. *Viagem*.
- 10) QUEIROZ, Amadeu de. *Praga do amor*.
- 11) \_\_\_\_\_. *A voz da terra*.
- 12) \_\_\_\_\_. *O senador José bento*.
- 13) FREITAS, Octavio de. *Medicina e costumes do Recife antigo*.
- 14) \_\_\_\_\_. *Animaes na medicina e na higiene*.
- 15) \_\_\_\_\_. *Horas de trabalho*.
- 16) \_\_\_\_\_. *De calouro a médico*.
- 17) \_\_\_\_\_. *Os nossos médicos e a nossa medicina*.
- 18) \_\_\_\_\_. *Ideias e conceitos*.
- 19) \_\_\_\_\_. *Dietas e remédios*.
- 20) \_\_\_\_\_. *Meus doentes, meus clientes...*
- 21) \_\_\_\_\_. *Vida Médica*.
- 22) \_\_\_\_\_. *Discurso de recepção na Academia Pernambucana de Letras*.
- 23) FREITAS JUNIOR, Octavio de. *Ensaio de critica e poesia*.
- 24) MACHADO, P. Matta. *Pequenos quadros da vida brasileira*.
- 25) FIGUEIREDO, Guilherme de. *30 anos sem paisagem*.
- 26) ALMEIDA, Renato. *História da música brasileira*.
- 27) FERRAZ, José Bento Faria. *“Catálogo Dicionário”, aplicado a uma discoteca*.
- 28) BANDEIRA, Antonio Rangel. *Meditações sobre o sentido metafísico da História*.
- 29) ALVARENGA, Oneyda. *A menina boba*.
- 30) FREITAS JUNIOR, Octavio. *Curso sumário de psicologia*.
- 31) SEGALL, Lasar. *Catálogo de Exposição de Pintura*.
- 32) SEGALL, Jenny Klabin. *Goethe – Fausto*.
- 33) SILVEIRA, Miroel. *Bonecos de engonço*.
- 34) CARNEIRO, Cecílio J. *A fogueira*.
- 35) ANDRADE, Mário de. *Poesias*.
- 36) \_\_\_\_\_. *Os filhos da Candinha*.

- 37) \_\_\_\_\_. *Macunaíma.*
- 38) \_\_\_\_\_. *Música, Doce Música.*
- 39) \_\_\_\_\_. *O Losango Cáqui.*
- 40) \_\_\_\_\_. *Belazarte.*
- 41) \_\_\_\_\_. *Remate de Males.*
- 42) \_\_\_\_\_. *Clan do Jaboti.*
- 43) \_\_\_\_\_. *Paulicea Desvairada*
- 44) \_\_\_\_\_. *Música do Brasil.*
- 45) \_\_\_\_\_. *A escrava que não é Isaura*
- 46) \_\_\_\_\_. *Primeiro Andar.*
- 47) \_\_\_\_\_. *Os compositores e a língua nacional.*

## BIBLIOGRAFIA

### Obras de Mário de Andrade

ANDRADE, Mário de. *Poesias completas*. Edição preparada por Telê Ancona Lopez e Tatiana Longo Figueiredo. São Paulo: Nova Fronteira, 2013.

\_\_\_\_\_. *Obra imatura*. Edição coordenada por Telê Ancona Lopez e texto estabelecido por Aline Nogueira Marques. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

\_\_\_\_\_; CORRÊA, Pio Lourenço. *Pio & Mário – Diálogo da vida inteira*. Traços biográficos: Antonio Candido; introdução: Gilda de Mello e Souza; estabelecimento de texto e notas: Denise Guaranha; estabelecimento do texto, das datas e revisão ortográfica: Tatiana Longo Figueiredo. São Paulo: Ouro Sobre Azul / Edições SESC-SP, 2009.

\_\_\_\_\_. *Macunaíma*. Edição preparada por Telê Ancona Lopez e Tatiana Longo Figueiredo. Rio de Janeiro: Agir, 2007.

\_\_\_\_\_. *De São Paulo: cinco crônicas de Mário de Andrade*. Edição preparada por Telê Ancona Lopez. São Paulo: Editora SENAC, 2004.

\_\_\_\_\_. *Vida literária*. Edição preparada por Sônia Sachs. São Paulo: Edusp/Hucitec, 1993.

\_\_\_\_\_. “Manuel Bandeira”. In: ANCONA LOPEZ, Telê (org.). *Manuel Bandeira: verso e reverso*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1987.

\_\_\_\_\_. *O Turista aprendiz*. Introdução e notas Telê Ancona Lopez. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1983.

\_\_\_\_\_. *Mário de Andrade: entrevistas e depoimentos*. Edição preparada por Telê Ancona Lopez. São Paulo: T. A. Queiroz, 1983.

\_\_\_\_\_. *O empalhador de passarinho*. São Paulo: Livraria Martins, 1972.

\_\_\_\_\_. *Aspectos da literatura brasileira*. São Paulo: Livraria Martins, 1965.

\_\_\_\_\_. *Música, doce música*. São Paulo: Livraria Martins, 1963.

### Obras sobre Mário de Andrade

ALVARENGA, Oneyda. *Mário de Andrade, um pouco*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1974.

ALVES, Henrique. *Mário de Andrade*. São Paulo: Editora do Escritor, 1973.

ANCONA LOPEZ, Telê. “Os manuscritos na marginália de Mário de Andrade”. In: NITRINI, Sandra (Org.). *Tessituras, interações, convergências*. São Paulo: HUCITEC/ABRALIC, 2011, p. 409-424.

\_\_\_\_\_. *Mariodeandrando*. São Paulo: Editora Hucitec, 1996.

ANTELO, Raúl (org.). *Cartas de Mário de Andrade a Murilo Miranda*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

COELHO, Nelly Novaes. *Mário de Andrade para a jovem geração*. São Paulo: Saraiva, 1970.

ESCOREL, Lílían. *L’Esprit Nouveau nas estantes de Mário de Andrade*. São Paulo: Humanitas/ FAPESP, 2012.

FERES, Nites Therezinha. *Leituras em francês de Mário de Andrade: seleção e comentários com fundamento na marginália*. São Paulo: IEB, 1969.

MAIA, Carlos da. “Nos corredores do Municipal: um dilúvio de cartas – Retificações e esclarecimentos – A cultura artística – porque não restaura as conferências literárias? – Talentos oratórios que se estão perdendo – O “futurismo” do Sr. Mário de Andrade – O conde de Gouvarinho e o conselheiro Accacio” . *A Gazeta*, s/nº, São Paulo, 17 ago. 1921.

MORAES, Marcos Antonio. *Orgulho de jamais aconselhar: a epistolografia de Mário de Andrade*. São Paulo: EDUSP, 2007.

\_\_\_\_\_. (organização, introdução e notas). *Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira*. 2ª ed. São Paulo: Edusp/IEB, 2001.

\_\_\_\_\_. “Os postais”. Caderno de Cultura. *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 13/10/1990.

PAULA, Rosângela Asche de. *O expressionismo na biblioteca de Mário de Andrade*. Tese de doutorado. Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Telê Ancona Lopez. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2007.

PAULINO, Ana Maria. “Os livros”. Caderno de Cultura. *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 13/10/1990.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Vira e Mexe, nacionalismo: paradoxos do nacionalismo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SANTIAGO, Silviano. (org. e notas). *Carlos e Mário – Correspondência de Carlos Drummond de Andrade & Mário de Andrade*. Rio de Janeiro: Bem-te-vi, 2002.

SANTOS, Paulo Sérgio Malheiros dos. “Mestres do passado”. In: *Músico, doce músico*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

SENNA, Homero (org.). *República das letras*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

### Obras de crítica genética

ANCONA LOPEZ, Telê. “A biblioteca de Mário de Andrade: seara e celeiro da criação”. In: ZULAR, Roberto (org.). *Criação em processo: Ensaios de crítica genética*. São Paulo: FAPESP/ Iluminuras/ CAPES, 2002.

\_\_\_\_\_. “Manuscritos: Dimensões”. In: *Manuscrita: Revista de crítica genética*, nº 7. São Paulo, 1998.

BELLEMIN-NOËL, Jean. *Le texte et l'avant texte*. Paris: Larousse, 1972.

GRÉSILLON, Almuth. *Eléments de critique génétique*. Paris: Presses Universitaires de France, 1994.

SALLES, Cecília Almeida. *Crítica genética: uma (nova) introdução*. São Paulo: Educ, 2000.

\_\_\_\_\_. “Poder de descobertas”. In: *Manuscrita: Revista de crítica genética*, nº 7. São Paulo, 1998.

\_\_\_\_\_. *Gesto inacabado. Processo de criação artística*. São Paulo: Annablume, 1998.

WILLEMART, Philippe. *Proust, poeta e psicanalista*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000.

\_\_\_\_\_. *Bastidores da criação literária*. São Paulo: FAPESP/Iluminuras 1999.

\_\_\_\_\_. *Universo da criação literária*. São Paulo: Edusp, 1993.

\_\_\_\_\_. “O nascimento do texto e o conceito de criação”. In: *Manuscrita: Revista de crítica genética*, nº 2. São Paulo, APML, 1992.

Obras pertencentes à biblioteca de Mário de Andrade – IEB/ USP

APOLLINAIRE, Guillaume. *L'enchanteur pourrissant*. Paris : Ed. De la nouvelle Revue française, 1921.

BILAC, Olavo. *Tarde*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1919.

\_\_\_\_\_. *Poesias*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1909.

CARRÀ, Carlo. *Pittura metafísica*. Firenze: Vellocchi Editore, 1919.

CARVALHO, Vicente. *Poemas e canções*. São Paulo: O Pensamento, 1917.

\_\_\_\_\_. *Versos da mocidade*. Porto: Livraria Chardon, 1912.

CENDRARS, Blaise. *La fin du monde*. Paris: Ed. de la Sirène, 1919.

CORREA, Raimundo. *Poesias*. Lisboa: Antonio Pereira, 1910.

HEREDIA, José-Maria. *Les trophées*. Paris: Alphonse Lemerre Éditeur, 18??.

LAFORGUE, Jules. *Poësies*. Paris: Mercure de France, 1919.

LECONTE DE LISLE. *Oeuvres: poèmes tragiques*. Paris: Alphonse Lemerre Éditeur, 18??.

MORÉAS, Jean. *Les stances*. Paris : Mercure de France, 1917.

OLIVEIRA, Alberto. *Poesias: 3ª série*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1913.

\_\_\_\_\_. *Poesias: 1ª série*. Rio de Janeiro: Garnier, 1912.

\_\_\_\_\_. *Poesias: 2ª série*. Rio de Janeiro: Garnier, 1912.

\_\_\_\_\_. (org.). *Páginas de Ouro da poesia brasileira*. Rio de Janeiro: Garnier, 1911.

PUFF & PUCK. *Tratado de versificação*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1910.

\_\_\_\_\_. *Pimentões: rimas d' O filhote*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1897.

SILVA, Francisca Julia da. *Esphinges*. Porto: Bentley Junior & Comp, 1903.

SWINBURNE, Charles. *Poems and ballads*. London: William Heinemann, 1918.

Obras parnasianas francesas na Biblioteca de Araraquara,  
doadas por Mário de Andrade

GAUTIER, Théophile. *Émaux et Camées*. Paris : Bibliothèque-Charpentier, 1910.

PRUD'HOMME, Sully. *Poésies* v. 2 (1866-1872) : *Les épreuves/ Les Écuries d'Augias/ Croquis italiens/ Les solitudes/ Impressions de la guerre*. Paris: Alphonse Lemerre, s/d.

\_\_\_\_\_. *Poésies* v. 3 (1872 – 1878) : *Les vaines tendresses/ La France/La revolte des fleurs/ Poesies diverses/ Les destins/ Le Zenith*. Paris: Alphonse Lemerre, s/d.

\_\_\_\_\_. *Poésies* v. 4 (1878 – 1879) : *Lucrèce : De la nature des choses/ La justice*. Paris : Alphonse Lemerre, s/d.

\_\_\_\_\_. *Poésies* v. 5 (1879 – 1888) : *Le prisme/ Le bonheur*. Paris : Alphonse Lemerre, s/d.

VILLIERS DE L'ISLE-ADAM, Auguste. *Axël*. Paris: J.M. Dent et Fils, coleção Gallia, s/d.

Obras que discutem Parnasianismo, Modernismo, Poesia – Contextualização

ANCONA LOPEZ, Telê. “Carta-aberta a Alberto de Oliveira – resposta a Mário de Andrade”. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, nº 23. São Paulo: IEB-USP, 1981.

ANDRADE, Oswald. “A exposição de Anita Malfatti”. *Jornal do Comércio*. São Paulo, 11 de janeiro de 1918.

ANTONIO CANDIDO. “Poesias”. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, nº 36. São Paulo, 1994.

AZEVEDO, Sânzio de (org.). *Roteiro da poesia brasileira: parnasianismo*. São Paulo: Global, 2006.

\_\_\_\_\_. *O parnasianismo na poesia brasileira*. Fortaleza: Ed. UFC/ Sobral edições UVA, 2004.

BANDEIRA, Manuel. *Apresentação da poesia brasileira*. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

\_\_\_\_\_. *Antologia poética*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1977.

\_\_\_\_\_. *Antologia dos poetas brasileiros da fase parnasiana*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1938.

BOAVENTURA, Maria Eugenia (org.). *22 por 22: a Semana de Arte Moderna vista pelos seus contemporâneos*. São Paulo: EDUSP, 2008.

BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo da poesia*. 6ª ed., São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

\_\_\_\_\_. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1994.

BOSI, Viviana. “Contradição e unidade em Baudelaire”. In: *Literatura e sociedade*. Departamento de Teoria literária e literatura comparada. São Paulo: USP/ FFLCH/ DTLLC, 1996.

BRITO, Mário da Silva. *História do modernismo brasileiro. I - Antecedentes da Semana de Arte Moderna*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/INL-MEC, 1971.

BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil em 1900*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1960.

BÜRGER, Peter. *Teoria da vanguarda*. São Paulo: Cosacnaify, 2008.

CAMARGOS, Márcia. *Villa Kyrial: crônica da Belle Époque paulistana*. São Paulo: SENAC, 2001.

CARVALHO, José Murilo (et al.). *Sobre o pré-modernismo*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1988.

COMPAGNON, Antoine. *O trabalho da citação*. Trad.: Cleonice P. B. Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.

CORTINES, Júlia. *Versos, Vibrações*. Edição preparada por Gilberto Araújo. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2010.

FARGE, Arlette. *O sabor do arquivo*. Trad.: Fátima Murad. São Paulo: EDUSP, 2009.

GALARD, Jean. *A beleza do gesto: uma estética das condutas*. Trad. Mary Amazonas Leite de Barros. São Paulo: EDUSP, 2008.

GONÇALVES, Marcos Augusto. *1922: a semana que não terminou*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

HAMBURGER, Michael. *A verdade da poesia*. Trad.: Alípio Correia de Franca Neto. Rio de Janeiro: Cosac & Naïf, 2007.

LEFEBVRE, Henri. *Introdução à modernidade*. Trad.: Jehovanira Souza. São Paulo: Paz e Terra, 1969.

MARTINO, Pierre. *Parnasse et symbolisme*. Paris: Librairie Armand Colin, 1970.

MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempos de república, São Paulo (1890-1922)*. São Paulo: EDUSP/ FAPESP, 2008.

MONTEIRO LOBATO. “Paranóia ou mistificação?”, n’ *O Estado de S. Paulo* em 20 de dezembro de 1917.

PAZ, Octávio. *A outra voz*. Trad.: Wladyr Dupont. São Paulo: Siciliano, 1993.

\_\_\_\_\_. *Os filhos do barro: do romantismo à vanguarda*. Trad.: Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

\_\_\_\_\_. *O arco e a lira*. Trad.: Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

PIMENTA, Alberto. *O silêncio dos poetas*. Portugal: Livros cotovia, 2003.

POLITO, Reinaldo. *O que a vida me ensinou: para não deixar a conquista escapar pelos dedos*. São Paulo: Editora Saraiva/ Versar, 2009.

RÓNAI, Paulo. *Não perca o seu latim*. 2ª. ed. revista por Aurélio Buarque de Holanda. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

TELLES, Gilberto Mendonça (Org.). *Vanguarda europeia e modernismo brasileiro. Apresentação e crítica dos principais manifestos vanguardistas*. Rio de Janeiro: Vozes, 1972.

VAN TIEGHEM, Philippe. *História da literatura francesa*. Trad.: Jacinto do Prado Coelho. Lisboa: série História ilustrada das grandes literaturas, Estúdio Cor, 1955.

VASCONCELLOS, Eliane. Intimidade das confidências. *Teresa: revista de literatura brasileira* – nº 8/9. São Paulo: Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira da FFLCH-USP/ Editora 34, 2008, p. 372-389.